

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Fábio Gleiser Vieira Silva

**A Igreja Católica e a Comunicação na Sociedade Mdiatizada:
Formação e Competência**

São Paulo

2010

FÁBIO GLEISER VIEIRA SILVA

**A Igreja Católica e a Comunicação na Sociedade Midiatizada:
Formação e Competência**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero: requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes.

São Paulo

2010

FÁBIO GLEISER VIEIRA SILVA

**A Igreja Católica e a Comunicação na Sociedade Mdiatizada:
Formação e Competência**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero: requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação.

Data da Aprovação

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Joana Terezinha Puntel
Faculdade Paulus de Comunicação – FAPCOM

Prof. Dra. Ângela Cristina Salgueiro Marques
Faculdade Cásper Líbero

Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes
Faculdade Cásper Líbero

São Paulo

2010

Dedico esta pesquisa a meus pais,
comunicadores do colo e das histórias
que deram rumo à minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao começar o mestrado, perguntei-me, inúmeras vezes, como poderia tratar a temática religiosa em um ambiente acadêmico que, até então, me pareciam antagônicos e desafiadores. As respostas foram construídas, ao quebrar o silêncio dos preconceitos que sem saber cultivava em mim mesmo, reforçando palavras silenciosas que não ecoam. Percebi que havia uma jornada a ser percorrida, parecia longa não em distância geográfica, mas no duro, penoso, exigente e irrenunciável percurso de mudança de paradigmas. Encarei o desafio, apropriei-me e parti! Passo a passo, palavra a palavra, teoria a teoria, discussão a discussão, face a face, tudo era comunicação. Voltei, então, ao princípio: “No primeiro dia Deus disse: “Faça-se...” O amor fez-se palavra comunicada, a palavra ecoou, e o caos foi feito vida, e a vida tornou-se realidade estimuladora. Então eu disse: toda comunicação é muito boa!

... A Dom Alberto Taveira Corrêa, que me permitiu fazer o curso.

... À Prof. Dra. Ir. Joana T. Puntel que acreditou e incentivou minha formação e deu à minha banca duas vezes a notoriedade eloqüente da fé que dialoga com a cultura.

...Ao Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes, que acreditou e apostou no meu projeto de pesquisa e fez da orientação partilha de caminhos.

... À Prof. Dra. Ângela Marques que se mostrou interessada pelo meu percurso acadêmico e acreditou em mim.

... Ao SEPAC, sua diretora, professores e alunos que cooperaram com as entrevistas, depoimentos e questionários.

Ao Cardeal Arcebispo Dom Odilo que me acolheu em sua arquidiocese.

A Dom Tarcísio Scaramussa, que me acolheu na Região Sé.

À PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO que me acolheu em São Paulo.

Ao Cônego Raphael que generosamente abriu espaço para mim em sua casa e na paróquia.

... A todos minha gratidão pela presença, compreensão, insistência e pelo apoio.

SILVA, Fábio Gleiser Vieira. **A Igreja Católica e a Comunicação na Sociedade Midiatizada: Formação e Competência.** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

RESUMO

Esta dissertação analisa a progressiva insistência na formação e competência para a comunicação como eixos fundamentais no pensamento e na prática da Igreja Católica, na sociedade midiaticizada. Sintetiza historicamente o processo pelo qual a Igreja Católica entrou em contato com o universo da comunicação, problematizou sua própria atuação nesse cenário e verifica se a instituição eclesial formulou uma resposta concreta acerca da comunicação e sua função social. A pesquisa investiga se a Igreja Católica, de fato, ingressou no mundo da comunicação, não apenas como usuária dos meios tecnológicos, mas como sujeito social que pensa os processos comunicacionais e propõe uma nova perspectiva para a comunicação como mecanismo de formação transformadora para os indivíduos e para a sociedade. Esse processo é estudado em diálogo, de modo especial, com os pesquisadores Joana T. Puntel, Ismar de Oliveira Soares e Romeu Dale, que tratam da mesma temática, e com autores como Stuart Hall, Manuel Castells e Harry Pross, que ajudam a compreender as relações entre processos de comunicação e cultura. Como demonstração de todo esse processo de progressiva insistência na formação e competência escolheu-se como estudo de caso o SEPAC – Serviço à Pastoral da Comunicação, um centro de formação teórico-conceitual e laboratorial que, numa perspectiva cristã, favorece a integração da ação pastoral da Igreja no ambiente da cultura comunicacional.

Palavras-chave: Formação. Comunicação. Igreja Católica. Cultura Midiática. Ciberespaço. Sepac.

SILVA, Fábio Gleiser Vieira. **A Igreja Católica e a Comunicação na Sociedade Mediatizada: Formação e Competência.** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

ABSTRACT

This essay analyzes the progressive insistence in the formation and competence for the communication as fundamental mainstream in the thought and practice of the Catholic Church in the mediated society. The research seeks to synthesize the process through which the Catholic Church got in touch with the universe of communication, problematized its own performance in this scenery and verifies whether the church institution stated a concrete response concerning the communication and its social function. The research investigates if the Catholic Church indeed joined the communication world not only as a user of the technological means, but as a social subject which thinks the communicational processes and is willing to cooperate in the sense of proposing a new perspective for the communication as a mechanism of processing transformation for the individuals and for the society. This process is appreciated dialoguing, in a special way, with the researchers Joana T. Puntel, Ismar de Oliveira Soares and Romeu Dale as the main point of reference for developing the same thematic. Besides the dialogue with authors such as Stuart Hall, Manuel Castells and Harry Pross, that help to understand the relationships between communication processes and culture. As a demonstration of this whole process of progressive insistence in the formation and competence, it was chosen as a case study the SEPAC – *Serviço à Pastoral da Comunicação* (Communication Pastoral Service), a theoretical-conceptual and laboratory formation center which, in a christian perspective, enables the integration of the pastoral action of the Church in the environment of the communicational culture.

Key-words: Formation. Communication. Relationship. Catholic Church. Media Culture. Cyberspace. Sepac.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Capítulo 1. As transformações do entendimento da comunicação em diferentes fases de afirmação da Igreja. Primeira fase – Séc. XV – XIX.	16
1.1 Ameaças à hegemonia do conhecimento	16
1.2 Inocêncio VIII e a reação da hierarquia.....	21
1.3 Uma oportunidade perdida	23
1.4 A difícil arte de entender a linguagem dos tempos novos	25
1.5 Leão XIII. 1878 – 1903	31
Capítulo 2. Da Ordem imutável aos processos mutacionais. Segunda fase 1900 - 1950	38
2.1 A Igreja e a construção do diálogo com a modernidade.....	38
2.2 Um mundo a ser conquistado: abrem-se as cortinas, a vida é um Espetáculo	40
2.3 <i>Vigilanti Cura</i> - Carta Encíclica sobre o cinema. Desconfiando, dialogando e apropriando-se do cinema	45
2.4 <i>Miranda Prorsus</i>	51
2.5 Cinema	56
2.6 O rádio	58
2.7 A televisão.....	58
Capítulo 3. Novas Linguagens. Terceira Fase 1960 – 2009	64
3.1 Novas linguagens para novos tempos.....	64
3.2 Um olhar sobre a pós-modernidade.....	66
3.3 Uma sociedade tecnocratizada.....	67
3.4 Novas tecnologias, mudanças e novas relações: Exigência de novas reflexões.....	68
3.5 Ecossistemas comunicativos: convivência dos velhos e novos meios.....	69
3.6 Inovações tecnológicas, Comunicação e processo sociais	71
3.7 E a pós-modernidade disse: façamos o Homem à nossa imagem e semelhança.....	74
A vida <i>light</i>	74
O homem <i>light</i>	75
Uma leveza insustentável	76
Do Código ao Consumo.....	78
Livres ou liberais?.....	79

3.8 Repensando um conceito	83
3.9 O Concílio Vaticano II. 1962- 1965.....	84
3.10 <i>Inter Mirifica</i>	90
3.11 <i>Communio et Progressio</i>	95
3.12 <i>Evangelii Nuntiandi</i>	98
3.13 <i>Redemptoris Missio</i> : entrar na nova cultura	101
3.14 A comunicação humana, dom de Deus.....	111
3.15 Meios de comunicação social e sacerdócio ministerial.....	112
3.16 <i>Aetatis Novae</i>	116
3.17 Igreja e internet	118
3.18 Ética na internet	121
3.19 O Rápido Desenvolvimento.....	123

Capítulo 4. SEPAC - Serviço à Pastoral da Comunicação..... 125

4.1 Contextualização histórica.....	126
4.2 SEPAC: nasce uma resposta	130
4.3 - Um especial destaque.....	134
4.4 Parceria com o ITESP- Instituto São Paulo de Estudos Superiores	135
4.5 Parceria com o <i>Studium Theologicum</i> de Curitiba	136
4.6 SEPAC, uma experiência de comunicação em progresso	137
4.7 Desafios a vencer	139
4.8 Concretização na prática e perspectiva dos alunos sobre o SEPAC.....	140

Capítulo 5. Considerações Finais

REFERÊNCIAS..... 148

ANEXOS..... 154

1. INTRODUÇÃO

Desde que a Igreja Católica assumiu, a partir da queda do Império Romano Ocidental, um papel de referência na vida social, política e econômica, em parte devido à sua estrutura organizacional estável com uma hierarquia estabelecida, a sua experiência histórica, ao longo dos séculos se relacionou com a própria história das sociedades ocidentais. Essa experiência relacional tornou-se importante cenário para o desenvolvimento e a vivência da comunicação. Tendo a instituição eclesial por base a experiência relacional, desenvolveu seu pensar comunicacional ao longo de um processo de conflitos e compreensões, até a assimilação do valor e da importância da Comunicação e seu papel nas sociedades. Nesse processo, a Igreja vai gestando e sedimentando uma proposta de comunicação, marcada pela progressiva insistência na formação e competência para a comunicação como eixos fundamentais no pensamento e na prática da Igreja Católica na sociedade midiaticizada.¹

Seja nos primórdios, ou nos dias atuais, a Igreja experimenta de modo processual a necessidade de inserir-se no ambiente das comunicações sociais. Vivendo um processo comunicacional às margens das sociedades judaica, grega e romana em que nasce e se desenvolve, a Igreja vive fortemente a experiência de uma comunicação marcada pela inserção cultural, como um decisivo aliado para a expansão de sua mensagem, a adesão de novos membros, e sustentação dos mesmos nos momentos de dispersão. A experiência comunicacional da Igreja dos primórdios é marcadamente primária, na qual a proximidade

¹Essa primeira parte da pesquisa baseia-se de modo especial nos autores **Joana Terezinha Puntell** que pertence à Congregação das Irmãs Paulinas. É jornalista, mestra em comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, doutora em Comunicação Social pela *Simon Fraser University* (Vancouver, Canadá), e pós-doutora pela *The London school of Economics and Political Science* (Londres). Coordenadora e orientadora pedagógica do SEPAC, professora de comunicação no Instituto Teológico São Paulo (São Paulo) e no *Studium Theologicum* (Curitiba). Professora na Fapcom (Faculdade *Paulus* de Tecnologia e Comunicação). Membro da Equipe de Reflexão sobre Comunicação na CNBB. Autora de várias obras literárias publicadas. **Ismar de Oliveira Soares** Possui graduação em Filosofia pela Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena (1965), graduação em Comunicação pela Faculdade Casper Líbero (1970), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1980), doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1986) e pós-doutorado pela *Marquette University Milwaukee Wisconsin* (2000). Atualmente é professor titular da Universidade de São Paulo, Vice-Presidente da *World Council For Media Education*, Presidente da *Union Catholique Internationale de La Presse*, Presidente da *Unión Católica Latinoamericana de Prensa*, Membro do Pontifício *Consiglio Delle Comunicazioni Sociali*, Membro de Comitê da Prefeitura do Município de São Paulo. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação e Educação. Atuando principalmente nos seguintes temas: Comunicação e Educação, comunicação. **Frei Romeu Dale** começou a vida como estudante em escola técnica de agricultura (Viçosa), depois passou à Faculdade de Direito. Fez os estudos de Teologia em *Saint-Maximin* e no Instituto Católico de *Toulouse*, concluindo o doutoramento na Universidade Santo Tomás de Aquino (*Angelicum*), em Roma. Retornando ao Brasil, radicou-se no Rio de Janeiro, dedicando-se ao Movimento Economia e Humanismo do Pe. Lebrez e à Ação Católica, especialmente a JUC (Juventude Universitária Católica). Dirigiu o jornal *O São Paulo*. Redator da revista *SEDOC*. Concomitantemente, interessou-se pelo ecumenismo e pelos meios de comunicação social; desenvolveu intensa colaboração seja com a Editora Vozes (Petrópolis), seja com a CNBB. Convocado o Concílio, foi nomeado perito pelo Papa João XXIII.

dos interlocutores viabiliza o compartilhamento de experiências. É a partir desse modo de fazer e vivenciar a comunicação, que a Igreja possibilita aos interlocutores conhecer sua mensagem e o seu modo de vida, tendo como resultado a adesão de novos membros e a expansão de sua mensagem. De acordo com Ismar de Oliveira Soares,

É importante lembrar que o cristianismo, em seus primórdios, assentava-se sobre a convicção de que somente pela coesão e pelo testemunho de fraternidade entre os membros das comunidades é que se alcançaria a expansão da fé (SOARES, 1988:29).

Essa comunicação primária, pessoal, do face a face entre as pessoas que, pela oralidade e, sobretudo pelo testemunho do que experimentavam lança as bases da comunicação eclesial. Toda essa trajetória consolidou-se em dois modos de comunicação: uma direta, pessoal e comunitária que estabelecia laços fortes de comunhão e iniciava uma alternativa para a vida social. Outra que assegurava a narrativa dessa mesma experiência e acelerava a comunicação da mensagem, sua expansão e perpetuação, o texto escrito.

Essa experiência de comunicação de um texto escrito, no caso os textos bíblicos, marcará posteriormente, após a invenção da tipografia, uma comunicação linear que, ao longo do tempo, vai se configurar como uma linguagem marcadamente argumentativa ou racional presente na vivência da Igreja e que dificultará a sua adequação às novas modalidades de comunicação que surgirão ao longo dos séculos. “O grande instrumento de comunicação, nestes primeiros tempos, foi, sem dúvida, a própria comunidade cristã que se diferenciava no contexto sociocultural do mundo romano” (SOARES, 1988:30).

É preciso considerar ainda que todo processo cultural desenvolvido pelo homem emerge no seio de sociedades concretas e esbarra sempre com os limites de competência dos sujeitos sociais que atualizam ou inviabilizam novos processos impulsionadores e dinamizadores da história. Assim, considera-se dado cultural a ação e reação das diversas forças constitutivas da sociedade, no processo de redesenhar o imaginário humano e de reconstrução dos mapas de seu universo.

A Igreja Católica exerceu e exerce, na sociedade, papel de importância singular cuja atuação, desde os seus primórdios, tem colaborado no direcionamento da sociedade. É possível e salutar que nem todos estejam de acordo com o conjunto dos pensamentos da Igreja, o que não inviabiliza a perspectiva de uma identidade específica com uma proposta concreta, no que se refere à comunicação como processo relacional que engloba pessoas, instituições e meios tecnológicos. O tema Igreja Católica e Comunicação na Sociedade

Mediatizada: Formação e Competência, busca sintetizar o processo pelo qual a Igreja entrou em contato com o universo da comunicação, problematizou sua própria atuação nesse cenário e as etapas de formulação de uma resposta concreta acerca da comunicação e sua função social.

É a partir das grandes transformações sócio-político-econômicas, ocorridas nas sociedades ocidentais nas proximidades do século XV, que o pensamento da Igreja sobre os meios de comunicação social marcará fortemente o início de um diálogo conturbado, que somente ao longo de alguns séculos explicitará o pensamento eclesial sobre as comunicações sociais e a contribuição desse mesmo pensamento para a sociedade. A isso refere-se Soares da seguinte maneira,

Sob o signo da autoridade, que dita normas e fixa padrões de comportamento, é que a comunicação deve ser estudada quando se tem em frente os documentos da igreja, produzidos desde sua estruturação como sociedade de fiéis até os tempos modernos (SOARES, 1988:30).

Nesse sentido, a atenção dada nessa pesquisa à relação da Igreja com a comunicação, foca-se no processo comunicacional eclesial, atendo-se à sua progressiva insistência na formação e competência para a comunicação. Não faz parte deste trabalho emitir juízo de valores sobre as práticas político-econômico-sociais das quais a Igreja tomou parte, mas pretende-se identificar o modo como esse eixo: formação e competência, foi delineando-se ao longo do processo de inserção da Igreja na sociedade e na cultura comunicacionais.

A sociedade atual, chamada pós-moderna, é o ambiente de uma cultura nova marcada fortemente pela comunicação e interfere decisivamente na vida das pessoas, resultando numa profunda transformação, na percepção de vida e na prática comportamental. Essa nova cultura toca nas instituições sociais e provoca acelerada remodelação para adequar-se ao novo modelo comportamental, dinamizado pela cultura midiática.

A Igreja Católica, inserida nesse quadro social de profundas transformações, intensifica seu interesse pelo universo comunicacional e busca aprofundar-se nas reflexões conceituais sobre a comunicação e ainda busca dinamizar sua prática comunicacional, ora como questionadora das funções sociais da comunicação, ora como usuária dos meios para a propagação de seus princípios e valores. Aqui, reside a pertinência da temática pesquisada e do recorte escolhido, cuja originalidade concentra-se sobre o tema específico, traduzido com a seguinte formulação: a progressiva insistência na formação e competência para a comunicação como eixos fundamentais no pensamento e na prática da Igreja Católica na sociedade mediatizada. Nisso difere-se o conteúdo dessa pesquisa de outros que têm sido

valorosamente desenvolvidos, mas que insistem na relação da Igreja com a comunicação no viés do uso dos meios.

Há um eixo que permite identificar um modelo de comunicação eclesial que pode contribuir largamente para o universo das comunicações e a formação do sujeito que habita esse mesmo universo. Com o olhar voltado para a pessoa e disposta aos meios de comunicação, a Igreja empenha-se em inserir-se no universo da cultura comunicacional e desloca sua perspectiva para a formação de sujeitos capazes de promover o diálogo entre fé e cultura, superando a prática de uma comunicação voltada exclusivamente para a censura e posteriormente para o uso dos meios.

Desse modo objetiva-se nesse trabalho apresentar o ingresso da Igreja Católica no mundo da comunicação, não apenas como usuária dos meios tecnológicos, mas como sujeito social que pensa os processos comunicacionais e dispõe-se à cooperação no sentido de propor nova perspectiva para a comunicação, como mecanismo de formação transformadora para os indivíduos e para a sociedade.

O presente trabalho investiga a comunicação, interessando-se mais pelo processo comunicacional na Igreja Católica, do que especificamente pela questão da mídia, voltando-se então, particularmente, para a trajetória da construção de um pensar comunicacional na Igreja Católica, fazendo o caminho da progressiva insistência na formação e competência para a comunicação.

Pretende-se refletir sobre a atuação comunicacional da Igreja Católica na perspectiva de interação com as mediações que envolvem os próprios processos comunicacionais e, portanto, desloca-se do viés de uma comunicação eclesial reduzida ao uso dos meios, para uma ação formadora e transformadora que coopere na preparação do sujeito para atuar na sociedade midiática, recuperando a essência do diálogo entre fé e cultura. Isso permite afirmar que a presença da Igreja Católica no universo comunicacional distingue-se de uma prática exclusivamente proselitista. O processo pelo qual a Igreja insere-se no mundo das comunicações, não permite a manutenção de uma linguagem voltada para si mesma, mas aberta ao mundo novo e à nova cultura.

Esta pesquisa apóia-se em obras, cujo conteúdo trata de forma específica o tema Igreja e comunicação, as mudanças sociais e dos paradigmas da comunicação, incluindo as novas tecnologias comunicacionais.

O **primeiro capítulo** apresenta elementos da história do séc.XV ao séc. XIX, destacando personagens e acontecimentos que, segundo critério do pesquisador, tiveram maior significado e mais contribuíram para desenvolvimento do processo cuja concretização

pretende-se demonstrar. Assim, desde a tipografia de Gutenberg no séc. XV até a primeira entrevista coletiva de um papa, no caso Leão XIII, a um grupo de jornalistas, verifica-se um longo período de conflitos e incompreensões entre a Igreja e diversas outras presenças sociais que, de certo modo, contribuíram para o desenvolvimento e expansão da comunicação no cenário social de então.

No **segundo capítulo**: séc. XX. Trata-se das primeiras cinco décadas desse século, especificamente dos pontificados de Pio XI e Pio XII e nele aborda-se dois importantes documentos *Vigilanti Cura* do papa Pio XI que trata especificamente do cinema, publicado em 1936 e o *Miranda Prorsus*, do papa Pio XII, que trata do cinema, do rádio e da televisão, publicado em 1957. Busca-se inserir esses documentos no contexto das transformações sociais e nas conquistas técnico-científicas da época. Contudo, a atenção não é dada à tecnologia senão que ao processo de compreensão, assimilação e participação da Igreja Católica no ambiente da comunicação social. Ainda nesses dois documentos empenhou-se em destacar o caráter formativo da comunicação percebido pela Igreja, em cuja direção seu pensar comunicacional vai se estruturar.

No **terceiro capítulo**: subdivide-se o conteúdo em duas partes. Na primeira trata-se do período que vai da década de 1960, partindo do Concílio Vaticano II, até meados da década de 1970, destacando o documento *Inter Mirífica* de singular importância para inserção da Igreja no ambiente da comunicação social. Nesse documento, a Igreja aceita e recomenda oficialmente o uso da comunicação midiática no trabalho pastoral.

Ainda nesse capítulo, busca-se fazer um panorama da sociedade pós-moderna, destacando a fluidez social e situando a reflexão e a prática comunicacionais da Igreja e sua progressiva insistência na formação e competência para a comunicação.

O capítulo três: situa-se a Igreja na chamada pós-modernidade e acena para seu ingresso no mundo do ciberespaço no qual se desenvolvem as relações virtuais. A internet passa a ser assumida pela Igreja Católica como um continente virtual que deve servir de cenário para a evangelização. Nesse capítulo, ainda pretende-se apresentar a maturidade da Igreja na compreensão da comunicação social e a percepção que ela mesma passa a ter do universo comunicacional superando a idéia de uma comunicação vinculada estritamente aos meios e seu uso. Nessa nova perspectiva, a Igreja entende a comunicação como um ambiente no qual nova cultura se desenvolveu, a cultura midiática e insistentemente propõe a formação e a competência como eixos essenciais para que a própria comunicação se concretize na

sociedade midiaticizada².

Numa linha de formação e competência para a comunicação, a Igreja insiste em que essa nova cultura não deve estar sob o domínio de uma elite detentora de sua posse nem tão pouco a serviço exclusivo do lucro e do consumo. Mas, na perspectiva da Igreja a comunicação deve ater-se à formação das pessoas e de uma sociedade justa e fraterna. A ambiência comunicacional torna-se um grande desafio para a Igreja e sua ação no mundo de hoje.

Por fim **o quarto capítulo** trata do SEPAC, Serviço à Pastoral da Comunicação, como resposta à progressiva insistência na formação e competência para a comunicação como eixos fundamentais no pensamento e na prática da Igreja Católica na sociedade midiaticizada. O SEPAC propõe-se a conjugar tanto a dimensão teórico-conceitual com profundidade, como também o contato com o aparato tecnológico da comunicação, sem abandonar o viés salutar de uma boa comunicação primária, essencial contributo para o estabelecimento das relações interpessoais.

Segue, no final do trabalho, uma série de anexos com informações por meio das quais torna-se possível avaliar o conjunto da pesquisa.

² Por sociedade midiaticizada, entende-se que a vivência de nossos tempos passa pela reconfiguração de uma ecologia comunicacional. A sociedade percebe e se percebe a partir do fenômeno da mídia, agora, ampliado para além dos dispositivos tecnológicos tradicionais. Ou seja, a comunicação centralizada, unidirecional e vertical é transformada, especialmente pela ambiência proporcionada pelas redes sociais. A mídia deixa de ser um campo fechado em si, de utilidades apenas instrumentais, e passa à condição de produtora dos sentidos sociais, sob a égide de mediações e interações baseadas em dispositivos teleinformativos. Usando as mídias comunicacionais, hoje, “novas” formas de agir e interagir são criadas. (Pesquisa baseada em MORAES, Denis de (org.). *Sociedade Midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

Capítulo 1. As transformações do entendimento da comunicação em diferentes fases de afirmação da Igreja. Primeira fase – Séc. XV – XIX

Nessa primeira fase do entendimento da comunicação por parte da Igreja, não se pretende fazer levantamento histórico rigoroso e detalhado dos acontecimentos da Igreja nem tão pouco da sociedade do período abordado. Mas, apenas, destacar os momentos considerados para essa pesquisa, cruciais de aproximação e conflito entre a Igreja e os processos de comunicação. Sendo assim, não serão abordadas todas as iniciativas da hierarquia católica, dando destaque a alguns membros cuja atuação singularizou esse processo.

1.1 Ameaças à hegemonia do conhecimento.

Diagnostica-se um mundo decadente em últimos suspiros. Esse é o ambiente de uma sociedade cuja organização agonizava e com ela toda uma significação de mundo e de comportamentos. O mundo feudal já não era suficiente para responder às novas aspirações do homem e não podia conter as novas instituições gestadas em seu interior. As mudanças sociais, econômicas, intelectuais e políticas anunciavam mudança de época e um avassalador processo de ruptura de mundos.

O mundo feudal estático, com uma ordem estamental³ foi o ambiente adequado para o desenvolvimento de uma comunicação linear. A aparente harmonia com que todas as coisas aconteciam, a submissão do homem que não se reconhecia como indivíduo autônomo, mas como parte de uma engrenagem cuja dinâmica dependia da manutenção dos estamentos sociais favoreceu um modo linear de pensar, falar, e informar. Nesse cenário, a Igreja alcançou a estatura institucional que refletia a ordem e a segurança da sociedade. Era, então, a grande guardiã e disseminadora da verdade cuja autoridade sobrepunha-se ao poder dos monarcas. Sob aparente tranquilidade, que, durante muitos séculos, caracterizou uma espécie de “*pax ecclesiae*”⁴ a ordem social prosseguia seus processos de conflitos e disputas.

No final da Idade Média, esse mundo começou a desmoronar, e o resultado foi a avalanche da ordem, dos valores, das instituições, da política, da economia e do pensamento

³Sistema sócio-econômico predominante na Idade Média. Organizada em estamentos sociais rígidos que dificultam a mobilidade social.

⁴Essa expressão nesse trabalho é de uso do autor, pretende indicar o controle da Igreja sobre a sociedade ocidental.

feudais. Sendo uma força protagonista desse período da história ocidental a Igreja, cujas estruturas de poder eram suficientes para o mundo feudal, insistiu na tentativa de manter vivo o agonizante feudalismo, mas seus esforços não foram capazes de manter o mundo feudal, então em ruínas.

Dois grandes eventos daquele período explicitam a impossibilidade de manutenção da hegemonia da Igreja no controle da sociedade e o seu monopólio sobre o conhecimento e sua difusão. Contemporâneos, a Reforma Protestante e a invenção da tipografia de Gutenberg aceleraram a ruptura da unidade social na Europa Ocidental. Enquanto a Reforma Protestante explicitava a fissura da autoridade universal do papado no campo religioso, a imprensa acelerava a difusão das idéias contrárias à tradição cristã católica e dava acesso à literatura, minando decisivamente o controle hegemônico da Igreja sobre a produção e distribuição do conhecimento. Esses eventos estão inseridos no contexto de profundas transformações pelas quais passavam as sociedades ocidentais e conseguiram concretizar os anseios que circulavam entre as diversas forças da sociedade que se agitavam na tentativa de promover mudanças.

Enquanto os livros manuscritos eram produzidos para públicos específicos e sob encomendas, o que contribuía decisivamente para a especificação do que seria produzido como conhecimento e a especialização do público a que se dirigia, qualificando nas sociedades os privilegiados com acesso ao conhecimento, a tipografia realizou uma proeza, pois o conhecimento a partir de então não foi impresso segundo a escolha de alguém ou de um grupo que especificava o que devia ser impresso. Ao contrário, a produção literária tipográfica teve por destino qualquer pessoa. Não se tratava mais da publicação de um conhecimento encomendado, mas a partir de então era uma vasta possibilidade de saberes que passavam a circular em uma velocidade ainda não prevista, e em custo marcadamente menor do que aquele exigido pelo trabalho do copista.⁵ De acordo com Antônio F. Costela,

O invento de Gutenberg barateou o livro, tornando as informações acessíveis a maior número de pessoas. Os livros manuscritos eram caríssimos, principalmente porque exigiam sempre o mesmo trabalho, o mesmo tempo de feitura, a mesma mão-de-obra enfim, qualquer que fosse o número de exemplares produzidos. Ao copiar cada livro, o copista era obrigado a reescrevê-lo da primeira até a última página (COSTELA, 2002:58).

Uma vez que a tipografia barateou o livro, alargou-se a possibilidade de acesso ao

⁵Indivíduo especializado em reproduzir manualmente, antes da invenção da tipografia, os textos ou os livros que eram reproduzidos a partir de um exemplar geralmente encomendados com assuntos específicos.

conhecimento e acelerou-se o processo de disseminação de idéias novas que contribuíram para grandes transformações nas sociedades ocidentais. Essa velocidade, associada ao fato de que o produto tipográfico não era resultado de uma encomenda feita por um grupo específico, o que também daria especificidade ao conhecimento disseminado, fez surgir um público indeterminado de leitores para uma diversidade de conhecimentos ofertados de modo rápido, barato e em larga escala. Esse fato contribuiu para o surgimento de um mercado aberto de produção literária e um mercado consumidor igualmente aberto. “Por uma questão de elementar lógica comercial, o tipógrafo procurou atender essa multiplicidade de gostos e, assim, garantiu a multiplicação de temas à disposição dos leitores”(COSTELA, 2002:59).

A tipografia, que parece aos dias de hoje algo rudimentar, caracterizou-se como um estopim dinamizador do desmoronamento das estruturas da sociedade feudal que agonizava em seus últimos tempos como cenário da gênese, desenvolvimento e consolidação das relações sociais, da criação de instituições e modelo de controle de todos os elementos dinamizadores ou ocupantes da ordem então vigente.

O controle da escrita não era apenas o controle das letras, da decodificação, mas especialmente era o controle do conteúdo do conhecimento, e eleição de quem deveria ter acesso ao conhecimento, e singularmente manter a hegemonia do poder. Tratava-se de estabelecer uma mentalidade, um modo de pensar e de agir: a tutela do saber.

A invenção da tipografia por Gutenberg não ilustra um simples e modesto meio dinamizador da escrita, mas foi algo de grande impacto, que, além de dinamizar a produção dos textos, permitindo uma rápida divulgação do pensamento, interrompeu uma história secular da eleição, controle da gênese, desenvolvimento e divulgação do conhecimento. Soares ao tratar da tipografia diz que,

O novo invento se insere num movimento cultural que se vinha caracterizando por uma preocupação pela “notícia”, pela “informação de atualidade”. E igualmente pelos folhetos manuscritos, os ‘*libelli*’, “que guardam quase sempre aparências piedosas, mas que espalham muitas vezes uma mensagem de reforma, até mesmo de rebelião (SOARES *apud* DALE, 1973: 33).

Com tais características e com tal dinâmica, é compreensivo que a tipografia tenha tão rapidamente se espalhado em tantas sociedades, o que ainda nos permite compreender a impossibilidade da Igreja conseguir barrar esse processo.⁶

A contestação à autoridade universal e absoluta do papado no ocidente já fazia parte

⁶Verificar no anexo 1, o quadro da expansão da imprensa, com datas e localidades.

do ambiente europeu o que foi intensificado com a emergência de novos atores sociais e um novo dinamismo, cuja gênese encontrava-se no seio do feudalismo, e cujo movimento apontava para o fim de uma sociedade e a emergência de um novo modo de perceber, organizar e dinamizar as relações entre os homens, a cultura e as instituições sustentadoras dessas duas realidades.

Habituada a uma dinâmica de controle da sociedade, a Igreja, monopolizando o poder espiritual e o poder secular, via-se questionada e buscava na tradição eclesiástica os fundamentos de sua autoridade. De acordo com Soares,

É necessário recordar, ainda, os documentos que, defendendo a independência da Igreja na produção cultural frente ao poder civil, lançaram os fundamentos da doutrina dos dois poderes distintos e autônomos, o civil e o religioso, sob a hegemonia deste último (BARAGLI. *In*: SOARES, 1988:32).

É certo que, num primeiro momento, a própria Igreja percebeu o valor da imprensa e verificou a possibilidade de expansão do conhecimento. Em relação ao novo invento, a Igreja não teve segundo afirma Soares, num primeiro momento uma atitude oficial de rejeição e condenação. O problema vem em seqüência, como se abordará a seguir.

O novo invento, em si, não era uma ameaça, mas um contributo, o que permite, de certo modo, afirmar que a Igreja não fez oposição ao meio de comunicação em questão aqui. Segundo Romeu Dale,

Recebida com entusiasmo tanto pelo Papa como pelos bispos, a nova invenção passou bem cedo a ser utilizada por todos os movimentos da época, que chamaríamos hoje de “contestatários”. A tal ponto que começou a alarmar os bispos da Alemanha, onde mais se multiplicavam as tipografias: Mogúncia, Colônia, Warsburgo (DALE, 1973:33).

O problema começou, quando o novo meio de comunicação passou a ser usado sem o controle da Igreja. Isso, sim, constituiu grave problema, uma vez que permitiu a circulação de idéias contestadoras da ordem, apontando diretamente para a Igreja, então detentora da autoridade e do poder.

Diante desse quadro, a Igreja assumiu postura conservadora que expressava rejeição e repressão à imprensa. A livre circulação de uma literatura diversa que veiculava idéias que questionavam a autoridade papal, as estruturas do poder da Igreja e o monopólio da verdade, fazia com que se acirrassem os conflitos sociais.

Mas, não somente a partir da tipografia o controle da informação foi uma preocupação

da Igreja. Desde o séc. XIII, muitos furos se manifestaram nesse controle, pois os que sabiam ler tinham acesso aos manuscritos que circulavam e facilitavam o contato com as informações, pois eram produzidos na língua vernácula, então considerada língua vulgar. As redes de informação já eram uma realidade na Europa, ainda que a Igreja pretendesse controlar a produção e circulação de informação. De acordo com Soares,

Apesar do esforço da Igreja para manter sua ascendência sobre toda a sociedade europeia através do controle dos processos de divulgação e comunicação, forças políticas, econômicas e culturais emergentes conseguiram, com relativa facilidade, romper o cerco cultural (SOARES, 1988:33).

A Igreja, porém, percebeu que a nova invenção tecnológica, a tipografia, além de dinamizar a publicação de livros e divulgação literária, contribuía para a rápida divulgação das idéias, isto é, de conteúdos, também adversos à doutrina cristã da qual se declarava guardiã e legítima intérprete. Essa foi uma grande preocupação da Igreja: assegurar a unidade do pensamento e a supremacia do cristianismo em tempos de cristandade. Mas havia um interesse mais preocupante que impulsionava a forte reação da Igreja. O que estava em jogo naquele momento eram a manutenção do controle eclesiástico sobre a produção de conhecimento, sua divulgação e o seu juízo sobre a produção literária religiosa e não religiosa.

É preciso ter em mente que aquele era um momento de transição de mundos e de modos de pensar. Era um período em que a idéia de autonomia percorria as vias do pensamento e ecoava nas vozes da época.

Frente à ameaça que nascia com o uso indiscriminado da tipografia que então servia não apenas à produção eclesial, mas abria-se a todo tipo de produção literária, a reação da Igreja foi controlar o que seria então publicado e que seria possível ao acesso dos católicos. É preciso ainda recordar que a imprensa tornara-se instrumento poderoso para os combatentes do poder papal e à tentativa de enfraquecimento das estruturas da Igreja. O uso da autoridade e da força não foi dispensado.

Arrogando-se o dever e o poder do “bem das almas” e a missão do ministério universal do Papa, a Igreja inicia relação de conflito e confronto com a imprensa. Aqui, inclui a informação e a notícia. Passaria pelo juízo da Igreja os conteúdos que deveriam ser ou não publicados e, para isso, logo foi estruturando-se um aparato judiciário e repressor. Foi, assim, o período de forte censura à produção e distribuição literária cujo aval da Igreja era imprescindível, e agir sem ele, implicava em grandes penas, desde o pagamento de multas,

castigos físicos, excomunhão e, não raras vezes, a reincidência resultava na pena capital. Foi o uso da força que instaurou o terror que ficou especialmente conhecido: o período da inquisição.

Apoiada no poder universal do papa, a reação da Igreja atuou na tentativa de interromper um processo que já estava fora do seu controle. É possível perceber que essa ação repressora acelerou a expansão das forças que se opunham à Igreja. Enquanto as autoridades eclesiais tentavam impedir a expansão da informação e buscavam recuperar o controle da produção do conhecimento e da literatura, a instituição eclesial, obcecada pela repressão, não se deu conta que ela mesma abria os caminhos e rompia as fronteiras para que seu maior inimigo, a Reforma Protestante, conquistasse adesão dos nobres e ganhasse espaço social. Nesse modo de relacionar-se com a imprensa, revelou-se uma estratégia equivocada por parte da hierarquia retardando o seu envolvimento com os meios de comunicação, o que lhe custaria bem caro no futuro. Assim, enquanto a Igreja se ocupava com a repressão da imprensa, o reformador Martinho Lutero servia-se dela para acelerar a divulgação de suas idéias.

Segundo Soares - “é importante notar que o papa buscava, como justificativa para seus atos coercitivos, argumentos calcados na divisão maniqueísta⁷ entre o bem e o mal, característica da filosofia medieval” (Soares, 1988:37). A escolástica⁸ predominou no pensamento filosófico da Igreja durante toda a Idade Média.

A reação eclesiástica foi imediata, dando início a um longo período de censura, proibições, perseguições e punições que marcaram tragicamente esses primeiros tempos de relação entre a Igreja e as forças que passavam a ocupar espaço no cenário social. Até o séc. XIX, uma sucessão de confrontos marcará o processo de desenvolvimento das relações da Igreja com a comunicação.

1.2 Inocêncio VIII e a reação da hierarquia

Nesse contexto de fortes conflitos e confrontos, surge em 17 de novembro de 1487, o primeiro documento oficial da Igreja sobre a imprensa, a constituição *Inter multiplices*, do Papa Inocêncio VIII. Esse documento traz forte caráter proibitivo, insistindo na autoridade da Igreja sobre o conhecimento.

Nessa constituição, verifica-se a presença de elementos que indicam, ao mesmo

⁷Filosofia dualística que divide o mundo entre Bem, Mal, relacionados em muitas culturas como Deus e o Demônio.

⁸Corrente da filosofia medieval de acentos notadamente cristãos, surgida da necessidade de responder às exigências da fé cristã católica.

tempo, uma preocupação pastoral da Igreja que olhava com rigor a ameaça ao bem espiritual dos fiéis católicos decorrentes das publicações então consideradas pela Igreja como heréticas e verifica-se ainda sua grande preocupação com o controle da produção do saber e da cultura possibilitada pelo advento da nova tecnologia. Dale nos recorda o pensamento do papa apresentando-nos assim seu discurso,

Assim, a imprensa se apresenta como uma invenção muito proveitosa quando ela facilita a difusão de livros úteis e aprovados. Ela seria, ao contrário, muito condenável se essa técnica fosse empregada de maneira perversa, para difundir, por todos os lados, escritos perniciosos. É preciso, por conseguinte, recorrer a medidas oportunas, a fim de obrigar os impressores a cessar a reprodução de tudo aquilo que seja contrário ou oposto à fé católica ou suscetível de provocar escândalo no espírito dos fiéis (INOCÊNCIO VIII, *Inter Multiplice*. In: DALE, 1973: 35).

A partir de Inocêncio VIII, tem início o período em que a Igreja se serviu da censura e da repressão: instrumentos para conter o avanço das idéias nocivas ao bem espiritual dos fiéis e igualmente nocivas à sua hegemonia sobre a produção de conhecimento. Segundo Joana Terezinha Puntel,

A atenção da Igreja volta-se para os meios de comunicação impressos, depois da introdução da imprensa. Em 1487, Inocêncio VIII publica o *Inter Multiplices*, no qual define o pensamento da Igreja sobre os meios de comunicação escritos e como abordá-los (PUNTEL, 1994: 32).

A experiência da Igreja com a Inquisição⁹, como resposta às inúmeras dissidências à visão eclesial e ao seu corpo doutrinário, já fazia parte do modo de agir eclesial. Primeiramente houve a ação da hierarquia que intervinha na condenação explícita por parte de papas e bispos. Mas foi por iniciativa do Papa Lúcio III, em 1184, que a intervenção da Igreja contra os assim chamados hereges assume um aspecto oficial que será a partir de então conhecida como Inquisição.

Concomitante ao período do surgimento e desenvolvimento da imprensa, intensificava-se também o uso da inquisição, instrumento que servia tanto à Igreja quanto ao Estado, braço secular, como uma tentativa de conter a imprensa chamada perniciosa, controlando dentre outras coisas, a produção literária. A grande questão era a fidelidade dos autores e de quem publicava os livros, à ortodoxia católica. Franco Pierine propõe que,

⁹Instituição jurídica dedicada à investigação, direta e sistemática, das heresias e dos hereges, tendo em vista a sua identificação e a tomada de providências pastorais a respeito do assunto.

O aspecto mais nefasto da prática inquisitorial, justificada no início pela periculosidade não só religiosa, mas também social de certos hereges – como os cátaros ou albigenses -, foi o de ter implantado de maneira cada vez mais decidida e indiscriminada a luta contra a dissidência, que se tornou perseguição contra qualquer ideologia diferente e intolerância em relação ao legítimo pluralismo ideológico (PIERINI, 1997: 117).

O poder do Santo Ofício fazia valer os efeitos da Inquisição e não conhecia limites. A capacidade de intervir em todos os países da cristandade era assegurada pela ação conjunta entre Igreja e Estado. Para tanto, era fundamental a parceria do braço secular com a perspectiva teológica defendida pela Igreja.

A inquisição tinha o poder de proibir a produção de livros, os quais, a partir de então, precisavam passar pelo crivo da censura exercida pela Igreja, através do Santo Ofício. As obras publicadas consideradas perniciosas e promotoras de danos às almas eram queimadas em praça pública. Os autores eram advertidos e caso persistissem nos mesmos pensamentos sofriam punições das mais diversas. O papado de Inocêncio VIII foi um período marcado por intensa censura à imprensa e forte violência como meio de conter a sua expansão. De acordo com Soares,

Frente aos judeus confinados, frente aos protestantes ativos em sua propaganda, bem como a todos os hereges e ‘infiéis’, os batizados que seguiam sob a liderança e autoridade do papado eram considerados, na nomenclatura vigente, a “Igreja Militante”. Foi este estado de alerta geral – que colocou Roma em permanente estado de defesa (SOARES, 1988:43).

1.3 Uma oportunidade perdida

Entre 1503 e 1513, com a eleição de do Papa Júlio II, uma oportunidade singular abriu-se para a Igreja em plena Renascença, mas que não foi percebida, ou pelo menos não foi considerada pela hierarquia eclesiástica. Dessa vez, não como oposição, mas como uma percepção por parte de inúmeros católicos, que diante do quadro social de forte contestação, manifestavam a necessidade de que a Igreja promovesse profunda reforma, que envolvesse todos os seus membros. A mentalidade da hierarquia, porém permanece firme na idéia de opor-se à imprensa e censurá-la.

Enquanto o papa Júlio II oscilava entre ouvir os apelos por reforma e manter-se determinado na mesma linha de ação do papa Inocêncio VIII, o rei da França Luiz XII, preparava-se para convocar um Concílio a ser instalado em Pisa. Diante dessa ameaça que era

uma explícita afronta a sua autoridade, o papa convoca o V Concílio¹⁰ de Latrão para o dia 19 de abril de 1512, cujo primeiro resultado foi impossibilitar o Concílio de Pisa, liderado pelo rei Luiz XII da França. A grande expectativa era que esse fosse um concílio disposto a fazer grande reforma na Igreja, o que poderia dar um novo encaminhamento para a sua ação, permitindo-lhe inserir-se no novo contexto social.

O V Concílio de Latrão realizou-se em meio à efervescência das idéias renascentistas que então impulsionavam o desejo de mudanças. O papa Júlio II morreu em 1513, sem realizar as reformas esperadas nesse Concílio. Eleito sucessor de Júlio II, Leão X, passa a presidir o concílio. Seguindo a mesma linha de pensamento dos predecessores, o papa não promoveu reformas, e o concílio limitou-se a outros assuntos administrativos da Igreja. Uma grande frustração para os que acreditavam em reformas vindas da hierarquia e uma falta de visão dos participantes do Concílio. O uso da força continuaria, e as conseqüências seriam péssimas. Segundo Romeu Dale,

Todavia, sob um ponto de vista global, cumpre verificar que o Concílio não procurou reprimir os piores abusos... sem o que não era possível introduzir mudanças... Na 11ª. Sessão, a propósito da pregação, foi discutido o problema da censura de livros, tendo sido decididas algumas determinações, entre elas a censura prévia e universal. Foi promulgada por Leão X na sua constituição *Inter Sollicitudines*, de 4 de maio de 1515 (DALE, 1973:38).

Enquanto o V Concílio de *Latrão* concluía seus trabalhos sem as reformas esperadas, e a hierarquia mantinha postura defensiva diante das publicações consideradas heréticas e insistindo numa política de censura, a Igreja abriu espaço para a ação de Martinho Lutero que usou a imprensa como meio eficiente e eficaz para a publicação de suas obras e a publicação da Bíblia em língua vernácula. Na mesma velocidade em que as impressoras se espalhavam pela Europa, as idéias luteranas de oposição à Igreja Católica espalhavam-se e aguçavam os ânimos dos contestadores. Lutero soube, com grande habilidade, servir-se não só do momento histórico e das transformações pelas quais passava a Europa, como também se serviu da agitação dos contestadores que criaram um clima de liberdade e independência em relação à autoridade da Igreja sobre a formulação, impressão e difusão do conhecimento. O que Lutero propunha adequava-se à efervescência de mudanças sociais, econômicas e políticas que emergiam na decadente sociedade feudal européia.

Intensificando, ao longo de séculos desde o séc. XV, a Igreja reage com grande

¹⁰Reunião de autoridades eclesiásticas com o objetivo de discutir e deliberar sobre questões pastorais, doutrinárias, fé e costumes morais. Os concílios podem ser ecumênicos, plenários, diocesanos segundo a sua abrangência.

dificuldade para o diálogo. É o longo e dificultoso período dos “contra”. A todo acontecimento percebido pela Igreja como nocivo à integridade da fé e ao bem das almas dos fiéis, bem como à autoridade da Igreja, incrementado na sociedade de então é dada uma contra resposta que marcará uma fase *dos contra*. Contra o pluralismo religioso, contra as ações sociais reivindicatórias ou revolucionárias, contra as liberdades pessoais, contra a liberdade de consciência e de opinião. Tudo o que transparecesse modernidade, transformação dos costumes até então vigorantes era rejeitado pela hierarquia católica. Segundo Puntel,

A Inquisição – nome dado ao tribunal eclesiástico encarregado de punir todas as pessoas consideradas culpadas de ofensas contra a ortodoxia católica – tinha o direito de proibir os livros que julgasse perniciosos. As pessoas que se recusassem a mudar suas crenças eram condenadas a morrer na fogueira. Livros suspeitos eram também destruídos pelo fogo¹¹ (PUNTEL, 1994:32).

Enquanto a sociedade acelerava seu processo de transformação, a Igreja insistia numa tentativa de conter o que irremediavelmente consolidava nova face para a sociedade. Essa atitude da hierarquia retardou o ingresso eclesiástico no processo de modernização pelo qual vinha passando a sociedade e manteve na Igreja uma perspectiva negativa em relação às inovações da comunicação social.

1.4 A difícil arte de entender a linguagem dos tempos novos

Desde o século XV, a Igreja manifestou seu pensamento sobre a imprensa prescrevendo o comportamento dos católicos frente à produção literária denominada herege. Embora a Igreja estivesse imersa numa onda de censura e perseguição à imprensa, fez intenso uso da mesma para propagar a fé. Isso permite verificar aqui um aspecto importante a ser considerado no relacionamento da hierarquia com a comunicação naquele momento. De acordo com João Evangelista Terra,

Na catequese os missionários também recorriam constantemente à Sagrada Escritura. Rastreamento das frequentes citações da Escritura nos escritos de Anchieta foi possível detectar qual foi o texto da *Vulgata*¹² usado por ele. Num artigo, publicado no meu livro “A Bíblia na Evangelização do Brasil” (São Paulo, 1988), seguindo as pegadas do PE. J. B. Kipper, demonstrei que

¹¹ Informações sobre o *Index librorum prohibitorum*. Instituído por Paulo IV em 1559, aprovado por Pio IV durante o Concílio de Trento. Confirmado pelo Concílio de Trento 1545 - 1563 e revogado por Paulo VI em 1966.

¹² Tradução da Bíblia do grego para o latim feita por São Jerônimo

ele usava a Bíblia Lovaniense, publicada em 1547, anterior à Bíblia Sixto-Clementina (1592)¹³ (TERRA, 2000:115).

Abria-se uma perspectiva de formação, pois tanto a imprensa, como o teatro e outras iniciativas foram muito usadas como meio para a difusão da doutrina católica, e isso aconteceu de um modo estratégico. Enquanto os jesuítas atuavam fortemente nos ambientes acadêmicos para uma rígida educação das elites da época, a fim de influenciá-las, a mesma Companhia de Jesus¹⁴ atuava junto aos nativos do Novo Mundo catequizando-os. Isso também dinamizou o uso da imprensa, por parte da Igreja numa perspectiva de formação. Ainda que a intenção fosse manter a hegemonia eclesial sobre a produção cultural, também se pode perceber o uso da imprensa e outros meios de comunicação para dinamizar a reação da Igreja Católica diante da Reforma Protestante e das outras iniciativas de caráter cultural que se espalhavam pela Europa. De acordo com Terra,

Anchieta, nas suas excursões missionárias, usava uma Bíblia com imagens para a evangelização dos índios (cf. a Carta de 8-1-1565). Frequentemente recorria também a outros recursos audiovisuais: cantos, músicas, representações teatrais para tornar conhecida a Sagrada Escritura. A presença dominadora da Sagrada Escritura na evangelização do Brasil se manifestava na liturgia, sobretudo nas homilias dominicais, e de um modo muito mais eficaz na arte, no teatro, isto é, nos Autos ou Mistérios, na música e na pintura... Conforme as várias festas religiosas usavam-se diferentes recursos audiovisuais para representar os episódios bíblicos. Assim, por ocasião do Natal “se armavam presépios ou lapinhas, e diante delas diziam ingenuamente seus cantos singelos (TERRA, 2000:116-117).

Ainda que se possa questionar os métodos e a intenção dessa ação formativa da Igreja, é preciso considerar o ambiente cultural no qual todas essas coisas estavam acontecendo. O fato é que pretende-se abordar, nesse trabalho, o processo através do qual a Igreja Católica foi inserindo-se no ambiente da comunicações, mas sempre numa perspectiva de insistência progressiva na formação e competência para a comunicação. Por essa razão, busca-se aqui evidenciar que embora a opção de reprimir a liberdade na produção livre do conhecimento e sua difusão, por parte da Igreja seja um dado real, não se pode omitir que suas iniciativas produziram um vasto conteúdo literário sobre a imprensa e a comunicação que lhe permitirá posteriormente reivindicar o uso dos meios, sua apropriação e numa etapa seguinte ir além do uso dos meios como modo de inserir-se na sociedade midiaticizada e buscar o diálogo entre fé e

¹³Edição da Bíblia Vulgata publicada sob o pontificado de Clemente VIII em 1592 na tipografia do Vaticano confirmando a lista dos livros sagrados que a Igreja aceita como inspirados por Deus.

¹⁴Ordem religiosa fundada por Santo Inácio de Loyola em 1534 que atuou no sentido de reafirmar a autoridade papal e expandir a fé católica.

cultura. De acordo com Soares,

... O direcionamento dado por Inácio de Loyola aos membros de sua “companhia”: a uns foi confiada a tarefa de educar com rigor as elites européias. A outros, o dever de expandir, com relativa criatividade, a fé entre os pagãos das terras novas; a terceiros, a obrigação de produzir, no campo da teologia, das ciências e das letras. O jesuíta Pedro Canísio, por exemplo, foi o organizador do catecismo de Trento, que conseguiu a proeza de 400 edições entre 1558 e 1650 (SOARES, 1988: 43 – 44).

A repressão eclesiástica sobre a imprensa promoveu nova função para a comunicação que se tornou um forte veículo de propaganda, que serviu para ridicularizar as figuras clericais, promovendo sempre mais a antipatia à Igreja, bem como serviu aos interesses dos reformadores que perceberam na imprensa um aliado forte e eficiente.

A dificuldade da hierarquia para compreender o momento histórico que estava desenvolvendo-se revelava-se nos documentos eclesiais cada vez mais severos e repressores. Pode-se constatar isso observando o teor dos documentos oficiais de então. Segundo Soares, a *Inter sollicitudines*, do Papa Leão X revela bem essa realidade,

Foi justamente para conter este clima de racionalismo e contestação que Leão X divulgou sua constituição sobre a imprensa. O resultado não poderia ter sido mais desastroso para a unidade que Roma queria preservar. Cinco anos depois de promulgada a *Inter Sollicitudines*, Lutero arrastava consigo quase toda a nobreza alemã e boa parte de seus súditos. A desestabilização custará ao papado a perda de influência sobre vastas áreas geográficas, tanto na Europa quanto nas terras americanas, sob colonização inglesa e holandesa (SOARES, 1988:41).

Enquanto se fechava num circuito hermético, a Igreja oportunizava a expansão da imprensa que, a passos não lentos, ia conquistando os espaços sociais que sugeriam liberdade e expansão do pensamento pluralista. Uma vez que Lutero conseguiu romper as tentativas romanas de conter a expansão das idéias contrárias à ortodoxia católica, o que implicou seriamente no enfraquecimento da autoridade papal, o processo de expansão da informação não poderia mais ser interrompido.

A mistura de razões teológicas, econômicas, políticas e sociais marcou fortemente essa primeira fase das relações da Igreja com a comunicação social; relações ainda mais tempestuosas dado que não somente se tratava de um confronto de idéias que se opunham. Além disso, o mundo ocidental era cenário do ruir de uma civilização e o surgimento de outra. A insistência de uma nova sociedade querendo emergir, e a luta persistente de um mundo que lutava determinado a não desaparecer e pretendendo impor suas estruturas, então inadequadas

ao impulso da história que começava a ser escrita em outras superfícies, desenhando novos mapas sociais.

O ambiente era da censura. Um tempo de verdadeira caça às bruxas que em lugar de vassouras, usavam a imprensa, em lugar de porções mágicas usavam os textos, em lugar de fórmulas misteriosas usavam a língua vernácula. Em tudo isso a comunicação dos opositores da Igreja se mostrava mais eficiente e mais eficaz. A tudo isso se contrapunha o ambiente feudal e suas instituições cujas práticas sucumbiriam com o inevitável processo de transformação.

A sucessão de papas que conduziram a Igreja, nesses séculos de intensa agitação na sociedade, conservará a mesma atitude. Alguns, com maior rigor, outros numa perspectiva de tolerância pouco visível, mas real. Avançando, às vezes retrocedendo, a Igreja vai tecendo seu caminho e sua identidade no universo das comunicações. Verificam-se, então, ações como a do Papa Gregório XV, que em 1622, criou a Congregação para a *Propaganda Fide*,¹⁵ que deveria ocupar-se com a educação sustentada na ortodoxia da ação evangelizadora da Igreja. Segundo Antonio da Silva Rego,

Em 1568, o geral da Companhia de Jesus, Pe. Francisco de Borgia, e o embaixador de Portugal em Roma, D. Álvaro de Castro, tiveram uma entrevista com o Papa Pio V e pediram-lhe a criação de uma comissão de cardeais que tomasse à sua conta a orientação da obra missionária. Pouco depois, com efeito, surgiu uma comissão cardinalícia que se reuniu ocasionalmente, desde o pontificado de Gregório XIII (1572-1585)... Foi só em 1622 que o Papa Gregório XV criou a nova Congregação de *Propaganda Fide*, cuja primeira reunião se realizou em 6 de janeiro deste mesmo ano. A *Inscrutabili Dei*, que a fundou oficialmente, tem a data de 22 de junho de 1622, seis meses após a citada reunião. Mas foi só no tempo de Urbano VIII (1623-1644), seu sucessor, que a nova Congregação se desenvolveu extraordinariamente. Fundou-se então, o *Colégio Urbano*, em memória deste pontífice, destinado aos seminaristas vindos de todos os campos missionários, sendo logo entregue à Propaganda (REGO, 1961: 172).

Ainda que a Santa Sé se mantivesse informada de todos os acontecimentos resultantes das ações político-religiosas que envolviam as missões da Igreja em outros territórios: as missões portuguesas, por exemplo, estavam mais controladas por Lisboa do que por Roma. Embora na Europa se estivesse vivendo uma grande turbulência de conflitos que envolviam diretamente a Igreja e ameaçava seus interesses, a hierarquia avançava com sua ação evangelizadora para outros povos e outros territórios.

¹⁵Congregação da Santa Sé fundada em 1622 pelo Papa Gregório XV, com o duplo objetivo de levar o cristianismo católico em áreas onde a mensagem cristã ainda não tinha chegado e de defender a ortodoxia da fé católica. Desde 1988, passou a ser chamada de Congregação para a Evangelização dos Povos.

Na questão das disputas entre Santa Sé e Portugal no controle das missões sob o padroado português, a *Propaganda Fide*, atuava eficazmente na defesa dos interesses da Igreja, à qual caberia manifestar sua legítima autoridade na expansão da fé cristã e, por conseguinte no controle autônomo das missões. A *Propaganda Fide* atuou como um poderoso braço da Igreja também na solução dos conflitos que cercavam a questão das missões e o direito do papa sobre as mesmas. Nesse sentido a *Propaganda Fide*, inseria-se no contexto das disputas entre o poder temporal dos reis e o poder temporal do papa. Ao passo que reafirmava o primado da Igreja e sua responsabilidade com a ortodoxia dos textos bíblicos, dava um significativo passo na estruturação de um pensamento voltado para uma progressiva insistência na formação e competência para a comunicação. Isso implicou para a Igreja tomar parte no então, deflagrado processo de aceleração na produção e disseminação da informação.

Mas ainda que esse período tenha sido, marcado de censura e proibições, promoveu uma vasta produção de documentos na Igreja sobre a comunicação, especificamente nesse período, sobre a imprensa. E precisamente a partir dessa produção que a Igreja percorrerá um caminho longo no universo das comunicações que resultará em sua inserção no universo da cultura comunicacional. Esse caminho obedecerá, segundo Puntel () quatro fases do processo de compreensão e participação da Igreja no ambiente das comunicações, que serão apresentadas ao longo desse trabalho.

Uma atenção especial deve ser dada ao pontificado de Pio IX (1846 – 1878). Um período fortemente conturbado e indicador de que as modernidades tão tenazmente combatidas pela Igreja ao longo de séculos, era então, uma realidade concreta e a ordem tão veementemente defendida pela Igreja já não tinha lugar na modernidade instalada no cenário social. Não se tratava mais de uma disputa pelo poder do conhecimento, pelo controle da informação.

No pontificado de Pio IX, o poder temporal do papa não somente foi questionado, mas definitivamente desconectado do novo cenário político. Nesse período, a unificação do Estado italiano requisitará da Igreja o “Patrimônio de São Pedro”¹⁶, que passou a integrar o território italiano. O papa prosseguiu combatendo o mal da modernidade e intensificando a responsabilização dos danos à sociedade ao domínio do racionalismo que, segundo Pio IX, negava a religião cristã. Este conteúdo foi apresentado por ele na Encíclica *Qui Pluribus*. Segundo Soares,

¹⁶Os Estados Pontifícios, conjunto territorial governado pela Igreja. Basicamente no centro da Península Itálica, que se mantivera como Estado independente entre os anos 756 e 1870, sob a autoridade civil dos papas. Sua capital era Roma.

A ruptura com o mundo moderno tornou-se inevitável a partir do momento em que os interesses temporais do papa foram feridos com a queda dos Estados Pontifícios nas mãos dos patriotas de Cavour, em 1870. O papa tornando-se prisioneiro no Vaticano passou a ser o símbolo do “bem”, amordaçado por tudo o que representava o “mal”. Foi como se a religião tivesse sido encurralada por todos os demônios do mundo. A solidariedade dos católicos com o papa colocou a Igreja, mais uma vez, na defensiva. Os gestos do sucessor de Pio IX, buscando, inicialmente, um diálogo com o povo de sua própria Igreja, foram significativos. Nem se poderia ter esperado mais; assim como não se poderia ter esperado mais dos antecessores de Leão XIII (SOARES, 1988:62-63).

Ainda que tivesse a mesma perspectiva conservadora, marcada pela reprovação e censura, dos predecessores, o que pode ser verificado na Encíclica *Nostis et Nobiscum* de 1849, Pio IX dinamizou a imprensa na ação eclesial ao propor uso das mesmas e eficientes armas, os livros, para combater os infiéis. Mas, a exortação que o papa fez explicitamente aos bispos insistia não somente na publicação de livros, mas que fossem obras escritas por pessoas do clero confiáveis. É plausível vislumbrar aqui a sugestão de formação e competência por parte dos eclesiásticos para combater de igual para igual na produção literária. Segundo Puntel, citando José Marques de Melo,

Nesse sentido, a Igreja começou a proclamar a fé cristã através dos meios ao seu dispor, como vias alternativas para difundir sua missão. A postura eclesial era a de usar as tecnologias dos meios de comunicação como um campo de batalha. A Igreja raciocinou do seguinte modo: se a sociedade estava utilizando os meios de comunicação social para difundir o mal, então a Igreja também deveria usar esses mesmos recursos para difundir a boa mensagem, de modo a combater esse mal¹⁷ (PUNTEL, 1994:33).

Pio IX, ao mesmo tempo em que se fechou ao mundo novo que estava estabelecido, o que se explicitou na Encíclica *Quanta Cura* de 1864, na qual apresentava os erros mais graves do seu tempo, mantendo aqui a mesma linha de pensamento dos seus antecessores deu passos significativos no relacionamento da Igreja com a imprensa.

Dentre os 27 documentos sobre a imprensa escritos por Pio IX, destaca-se para esse trabalho, a preocupação do papa ao dirigir-se aos bispos, recordando-lhes a necessidade de formar os fiéis para que estivessem prontos a enfrentar a então chamada imprensa perniciosa. Não se tratava, então, de formar os eclesiásticos de modo competente para a publicação de obras suficientes para combater os infiéis, mas explicita-se a preocupação com a formação dos fiéis, leigos católicos, para que sejam capazes diante das obras consideradas perniciosas

¹⁷SPOLETINI, Benito. A missão num mundo em mudanças. São Paulo, Paulinas 1983.

pela Igreja. Essa é uma dupla novidade no pensamento da Igreja, que anteriormente condenava até mesmo a leitura das obras nocivas. No pontificado de Pio IX uma das preocupações é preparar, qualificar, formar de modo competente para lidar com a nova realidade e a diversidade de imprensa.

Foi, ainda, nesse pontificado conturbado e cheio de novidades que o papa incentivou a ação dos jesuítas com a revista *Civiltà Cattolica*. No dia 1º. De julho de 1861 circulou o primeiro número do jornal *L'osservatore Romano*. De acordo com Soares, ambos destinados a combater a chamada imprensa perniciosa e defender o romano pontífice. Soares diz que,

Com o aparecimento do *Osservatore Romano*, a Igreja se preparava para uma significativa mudança de táticas. Leão XIII, sucessor de Pio IX, caracterizará seu relacionamento com o mundo liberal com atitudes mais agressivas, ao inspirar e promover o uso da “boa imprensa” por parte dos clérigos e leigos (SOARES, 1988:60).

Sem dúvida, o pontificado de Pio IX, caracterizou-se por um caminho ascendente entre duas etapas diferentes do pensamento e da prática da Igreja no que se refere à comunicação social. O papa preparou o caminho para as inovações que seriam iniciadas na Igreja a partir do séc. XIX, pelo seu sucessor o papa Leão XIII.

O pontificado de Leão XIII será uma síntese dessa primeira fase de construção de um pensar sobre a comunicação social no seio da Igreja, e o impulsionador de um novo tempo, que virá com grande atraso e marcará uma longa corrida para recuperar o tempo perdido.

1.5 Leão XIII. 1878 – 1903

No pontificado de Leão XIII, com início em 1878, é possível verificar passos mais consistentes da Igreja rumo à sociedade moderna dos primeiros anos do século XX. A constatação da derrocada do Antigo Regime e com ela a definitiva e não mais discutida perda do poder temporal do papa, movimentaram a Igreja, que vagarosamente foi deixando uma atitude saudosista e insistentemente invocadora de uma ordem não mais possível no novo cenário das relações sócio-político-econômicas. A instituição mais significativa da sociedade ocidental desde a queda do império romano ocidental, lenta e tardiamente rompe, parcialmente, com os paradigmas de um mundo contestado e superado pelo movimento da história que consolidava nova ordem. Dale insiste que,

Leão XIII (1878 – 1903) constitui certamente no papado contemporâneo o início de uma abertura de novos rumos para a Igreja em quase todos os setores, sendo que em alguns foi mesmo pioneiro: com as suas encíclicas sociais tanto quanto as doutrinárias; pedindo ao episcopado e aos católicos de França que aceitassem a República como um fato consumado (DALE, 1973:74).

Não é demais afirmar que nos pontificados de Pio IX, e mais visivelmente de Leão XIII, com um longo período de atraso, as reformas esperadas para o V Concílio de Latrão timidamente foram contempladas. Isso distanciou muito a Igreja do processo de transformação da sociedade. Por isso, julga-se de grande e significativa importância, esses dois pontificados para a transição da Igreja ao mundo moderno.

Leão XIII percebe que as empresas de informação já começavam a organizar-se e a consolidar-se. O inusitado foi o papa usar a imprensa para falar ao público uma vez que estava confinado no Vaticano. Esse evento revela a percepção de que a hierarquia eclesial adquiriu em relação ao poder da imprensa para informar e comunicar. Embora esse papa conservasse a mesma linha de pensamento dos seus antecessores, do ponto de vista de uma doutrina conservadora em relação às transformações da modernidade, assume linha de ação surpreendentemente nova em relação à sociedade da época..

Não somente no tocante à questão da comunicação social, como nas questões políticas, econômicas e sociais. Ainda que essa inovação tenha sido marcada de um resquício beligerante do passado, combater o inimigo usando suas armas, o processo de encontro entre a Igreja e a modernidade dava um significativo e consistente passo. No cenário social de então eclodiram as inúmeras Pias Sociedades¹⁸, que por iniciativa do papa Leão XIII dinamizaram a presença e atuação da Igreja no meio da sociedade. Isso mostrava uma Igreja em ação, em marcha, reforçando a idéia beligerante com que se aproximava e relacionava-se com os meios de comunicação.

Com alguns séculos de atraso, os meios de comunicação e seu uso passam a fazer parte do universo eclesial católico. Puntel sugere que, a postura eclesial era a de usar as tecnologias dos meios de comunicação como um “campo de batalha”. A Igreja raciocinou do seguinte modo: se a sociedade estava utilizando os meios de comunicação para difundir o mal, então, a Igreja também deveria usar esses mesmos recursos para difundir a boa mensagem, de modo a combater esse mal.¹⁹ Pode-se verificar isso diante da convocação que o papa faz da imprensa para uma coletiva,

¹⁸Organismos da Igreja católica com finalidade de dinamizar a evangelização incentivadas pelo Papa Leão XIII.

¹⁹SPOLETINI, Benito. *A missão num mundo em mudanças*. In PUNTEL, JoanaTerezinha. *A Igreja e a democratização da comunicação*. Paulinas. São Paulo 1994. P. 33-34

Grande alegria e suave gozo da alma nos penetram hoje por vossa visita e número, filhos queridos, varões ilustres, que viestes de todas as partes da terra para nos apresentar o obséquio de vossa fé e de vosso amor, em seu próprio nome e no dos jornalistas de todas as publicações católicas, quando iniciamos o segundo ano de nosso pontificado (LEÃO XIII. Audiência a jornalistas. 22 de fevereiro de 1879).

É possível, então, vislumbrar, não uma ruptura com os antecessores que agiram em tenaz oposição a tudo o que era moderno, mas um passo seguinte. A edição de um capítulo que faltava nesse longo e penoso processo de disputas entre a Igreja e a nova ordem social emergente. Enquanto os antecessores de Leão XIII, insistentemente buscavam assegurar a manutenção do poder espiritual e temporal do papa, e a hegemonia do catolicismo, Leão XIII, sem negligenciar o “primado da Igreja Católica”²⁰, assume postura de abrir as possibilidades para um novo tempo eclesial.

Tempo de diálogo com o novo mundo e o reconhecimento das novas instituições sociais, políticas e econômicas, que então definiriam a nova ordem das coisas e novas modalidades de relações sociais. Coube, assim, a Leão XIII, a síntese do processo que ao longo de quatro séculos, a Igreja vinha experimentando na sua relação com a comunicação e a nova ordem social e estabelecer a ponte que permitisse à Igreja passar de uma página à outra da história que estava sendo escrita sem a tutela eclesial. De acordo com Puntel,

Embora Leão XIII, mantivesse o padrão de seus sucessores quanto a seus ensinamentos, ele avançou em busca de um diálogo. Porém, o que mais caracterizou Leão XIII foi sua abordagem que ia além das lamentações oficiais do passado. Ele enfatizou o fato de que era necessário opor “escrito a escrito, publicação a publicação”²¹, e falou muitas vezes desta postura aos bispos de diferentes regiões (PUNTEL, 1994:33).

A percepção do Papa para o fato de que a Igreja estava ficando às margens de todo o processo das novidades modernas, impulsionou uma série de transformações nas linhas de ação da Igreja. Leão XIII, fez com que os olhos da Igreja se voltassem para o mundo e para o presente da sociedade, que para a Igreja era ainda um futuro a ser desbravado, conhecido e não mais conquistado, senão compartilhado. Conforme Dale,

A encíclica *Officiarum ac Munerum*, de fevereiro de 1897, revê o Índice dos

²⁰Princípio doutrinário segundo o qual a Igreja Católica é a Igreja fundada por Jesus Cristo.

²¹Leão XIII. Encíclica *Immortale Dei*. 1885. In Joana Terezinha Puntel. A Igreja e a democratização da comunicação. Paulinas. São Paulo 1994. P. 33

Livros Proibidos²² e dá nova redação às regras que o justificam e especificam. O capítulo VIII do título I refere-se aos jornais: artigo 21. Os jornais, folhetos e publicações periódicas, que ataquem sistematicamente a religião ou os bons costumes, são proibidos não somente por direito natural, mas também por direito eclesiástico. Os ordinários terão cuidado, onde se tornar necessário, de advertir a esse respeito os fiéis dos perigos e dos efeitos perniciosos de tais leituras. Art. 22. Os católicos e, sobretudo os eclesiásticos não escreverão coisa alguma nestes jornais, folhetos ou publicações, sem motivo justo e razoável (LEÃO XIII. *Officiarum ac Munerum*. In: DALE, 1973:77-81).

Inicia-se, nesse pontificado, um processo de recuperação do tempo perdido. Mas não será um movimento uniforme; idas e vindas, avanços e retrocessos serão verificados nos sucessores de Leão XIII, até que a hierarquia católica se convença definitivamente da importância da comunicação social e da urgência do diálogo entre elas. Quase um século ainda foi necessário para que a Igreja mudasse sua estratégia, não opondo fé e comunicação, mas propondo um diálogo entre fé e cultura, preparando-se cautelosamente trabalhando para inserir-se na cultura comunicacional.

Com a queda do Antigo Regime e o surgimento da República, a Igreja viu-se diante de um novo panorama político e social. Com o Estado republicano laico, a hierarquia católica já não podia mais contar com a proteção dos governos, e isso obrigou uma nova estratégia na ação da Igreja, tanto na evangelização como em sua influência nos ambientes sociais. Essa nova realidade dinamizou internamente a Igreja através da percepção do papa que via nos leigos católicos a grande possibilidade para uma atuação eclesiástica mais próxima e mais eficaz na sociedade. Nesse período, uma grande efervescência da ação do laicato dará à Igreja forte dinâmica tanto na ação como no incremento de iniciativas no campo das comunicações.

A organização dos católicos, em frentes de ação, com estratégias e dinâmicas que atualizavam a inserção da Igreja no processo comunicacional e, também, no âmbito político e social foi útil para aproximar a Igreja dos tempos modernos dos quais vinha distanciando-se. Isso exigiu ainda formação e competência do clero e do laicato católicos. Porém, esse era apenas o início de um longo processo que especialmente na segunda metade do séc. XX tomará forte consistência na vida da Igreja que assumirá uma postura significativa no processo e no desenvolvimento da comunicação social, especialmente com a Ação católica²³. Segundo Rego,

²²Relação dos livros condenados e proibidos pela Igreja para publicação e leitura. (cf. *Index librorum prohibitorum*).

²³Conjunto de movimentos da Igreja no século XX, visando ampliar a presença da Igreja na sociedade através da inclusão de específicos do laicato baseando-se na Doutrina Social da Igreja

A Ação Católica é uma organização de leigos “com tarefas executivas próprias e responsáveis”. É por isso que são os leigos quem preenche os quadros diretivos. Isto supõe a formação de homens capazes de imprimir às diferentes associações o ímpeto apostólico e de assegurar o seu melhor funcionamento. Portanto os homens e mulheres que se tornaram dignos de que a hierarquia lhes confiasse a direção central ou periférica das associações devem apresentar a mais ampla garantia de formação cristã, intelectual e moral solidíssima, em virtude da qual possam “infundir, nos outros, o que eles com a ajuda da divina graça, já possuem” (REGO, 1961:515).

Mas no pontificado de Leão XIII, no tocante aos jornalistas católicos, a Igreja exigia sua proximidade com os princípios apregoados pela hierarquia, o que caracteriza, de certa maneira, a tentativa de um controle sobre a imprensa. Obviamente, não se poderia esperar algo diferente. É salutar recordar que esse é um tempo de transição e revisão de muitos elementos do discurso e da prática eclesial no tocante à comunicação social. Mas, com tudo isso, é lícito afirmar que nesse período ocorre uma transformação na postura da Igreja em relação aos tempos modernos. É nesse período que a voz do papa ecoa tocando nos assuntos do proletariado, apreguando a defesa da dignidade e dos direitos dos trabalhadores. Considerando que, no final do séc. XIX, a questão do proletariado era assunto do socialismo, o discurso do papa seguramente não era pensado por essa temática. Segundo Soares, “o papa fez, também, sucessivos apelos à organização do povo católico, abandonando de vez a esperança de contar, novamente, com o apoio dos governantes, lançando as sementes da futura Ação Católica, regulamentada por Pio X e consolidada por Pio XI” (SOARES, 1988:65).

Um homem que viveu dois tempos cronológicos e dois tempos ideológicos com o olhar para o novo em que se constituía o cenário da realidade que a Igreja devia enfrentar a partir de então e o olhar institucional que o pressionava a manter ainda forte o discurso desconfiado sobre os meios de comunicação, parece ter sido o drama do Papa Leão XIII. Assim, desconfiando dos meios de comunicação e apropriando-se deles numa instrumentalização beligerante a Igreja lentamente vai inserindo-se no universo das comunicações sociais, com a percepção no séc. XX da necessidade de usar os meios de comunicação. A Igreja compreendeu o uso das mídias como modo de evangelizar, mas trazia também um resquício de um modo beligerante de pensar: se o mundo usa os meios para o mal, então cabe à Igreja usá-los para o bem.

Foi, ainda, em seu pontificado que Leão XIII presenciou avanços nas tecnologias de comunicação e vergonhosa exploração dos trabalhadores. Texto escrito, sons, propagação da voz no espaço, imagens fotográficas e imagens em movimento e exploração trabalhista; tudo apontava para um futuro emergente cujo curso a Igreja não podia mais simplesmente ignorar.

O pontificado de Leão XIII provocou na Igreja novos olhares e novas respostas. Era preciso ler os sinais dos tempos e integrar-se ao novo processo social. De acordo com Soares,

O que irá caracterizar Leão XIII, e aqui sua contribuição ao discurso dos bispos brasileiros sobre a imprensa até os meados do século XX, é sua tomada de consciência de que não bastava lastimar o passado: era necessário “opor escrito a escrito”, “publicação a publicação.” Neste sentido são numerosas as exortações do papa aos vários episcopados do mundo, como ao Francês (1884), ao português (1891), Ao austríaco (1891), ao italiano (1892), ao húngaro (1893), ao brasileiro (1899) entre outros (SOARES, 1988: 65).

Levar a Igreja para o século XX foi o grande legado do Papa Leão XIII, que não obstante tenha conservado a mesma linha dos seus antecessores nos conteúdos de seus documentos no tocante às modernidades e à comunicação, assumiu atitudes inovadoras no modo de falar e agir da Igreja, inserindo-a na dinâmica das estruturas da nova ordem social. O olhar da Igreja para as questões sociais reclamando a defesa do operariado, sem dúvida marca um olhar para fora, fazendo com que as preocupações da Igreja atuassem para além dos muros do Vaticano, tratando de assuntos não estritamente religiosos, mas que tocavam nas feridas sociais que então enfermavam a sociedade, muito singularmente nas questões do operariado. Esse olhar do Papa Leão XIII evidencia passos significativos por parte da Igreja no sentido de abrir-se ao diálogo com o que Habermas chamou de o mundo da vida.

Ao tocar nas situações concretas dos indivíduos, a Igreja deixava de transitar apenas no mundo dos sistemas e esse novo modo de pensar denota mudança de perspectiva no Magistério católico acerca da comunicação e do modo de comunicar-se. Nas palavras de Schutz e Luckmann “O mundo da vida é o mundo intersubjetivo, a estrutura fundamental de sua realidade é a de que ele é compartilhado por nós”. E continuam, “O mundo da vida é aquela realidade na qual o entendimento recíproco é possível”.²⁴ E isso já é, por si, uma grande novidade posto que o assunto dos trabalhadores fosse sensivelmente tratado pelos socialistas e talvez essa fosse a temática menos esperada num discurso papal no final do séc. XIX e início do séc. XX.

Com esse olhar para o período que vai do séc. XV ao séc. XIX, cujo objetivo não é estudar detalhadamente cada um dos pontífices, mas apenas passar por aqueles que foram mais expressivos para o processo comunicacional da Igreja, e tomando os dois últimos pontífices do séc. XIX, como responsáveis pelo ingresso da Igreja no séc. XX, inaugurando um tempo em que a Igreja vai atuar no mundo das comunicações, passa-se ao segundo

²⁴ Cf Schutz e Luckmann, 1973:4; Schutz e Luckmann, 1973: 9 e 35.

capítulo desse trabalho que pretende apresentar a sociedade em processo de midiaticização, que a Igreja encontrou ao entrar no séc. XX.

No séc. XX, a Igreja se encontrará num cenário de grandes transformações tecnológicas que promoveram grandes modificações na sociedade. Frente a essa nova realidade, verificou a necessidade de preparar-se para esse novo contexto social. Decorre daqui a percepção de preparar-se na formação e competência no mundo das comunicações em uma sociedade em forte processo de midiaticização.

O objetivo então será apresentar os acontecimentos sociais, as inovações tecnológicas dos meios de comunicação de então e as respostas da Igreja nesse cenário, das Comunicações Sociais.

Capítulo 2. Da Ordem imutável aos processos mutacionais. Segunda fase 1900 - 1950

2.1 A Igreja e a construção do diálogo com a modernidade

Nesse segundo capítulo pretende-se apresentar a experiência da Igreja no novo ambiente social, cultural e econômico, marcado pela diversidade em todos os níveis, a nova sociedade midiaticizada, cuja dinâmica a instituição eclesial buscará assimilar e nela vai elaborar seu caminho comunicacional marcado pela progressiva insistência na formação e competência para a comunicação.

O objetivo então será situar os acontecimentos sociais, as inovações tecnológicas dos meios de comunicação, e a participação da Igreja nesse processo mediante os seus questionamentos, respostas e propostas elaborados nesse novo cenário que caracterizará o séc. XX, cenário da sociedade midiaticizada.

No segundo capítulo, tratar-se-á da inserção da Igreja na sociedade midiaticizada e as respostas por ela elaboradas à medida que for se deparando com os novos desafios frente aos avanços tecnológicos. Para essa pesquisa, interessam especificamente as novas tecnologias de comunicação.

Esse capítulo será constituído do estudo dos documentos *Vigilanti Cura e Miranda Prorsus*, do magistério católico promulgado nas décadas de 1900 a 1950 e que tratará especificamente do cinema, do rádio e da televisão. Contudo, não é objetivo dessa pesquisa deter-se na apreciação dos meios, mas tratar da evolução do pensamento da Igreja no tocante à comunicação social, vislumbrando seu enfoque na formação e competência como eixos fundamentais para a comunicação.

Nessa fase a Igreja é possível perceber que não era mais eficaz manter a mesma postura dos séculos anteriores em relação aos meios de comunicação. É então marcadamente visível a mudança do pensamento e de algumas práticas comunicacionais na hierarquia católica. Ainda que o olhar seja de desconfiança, não se pode afirmar que seja de rejeição e condenação aos meios.

Marcada pela mentalidade de Leão XIII, a idéia de combate através dos meios se faz presente, mas com outra tônica em relação àquela do passado. Ao contrário de perseguição e condenação, a nova tática é usar os meios de comunicação para os fins que a hierarquia de então julgava corretos. Pode-se perceber, então, progressiva insistência na formação e

competência para a comunicação.

Um período de muitas críticas, diálogos com os produtores de conteúdos, e intenso uso dos meios de comunicação. Mas, segundo Puntel, embora a Igreja comece nova fase de percepção da comunicação como uma realidade concreta na sociedade, “o exercício do controle sobre a imprensa, a vigilância sobre o cinema, rádio marcaram a trajetória da Igreja nessa época” (PUNTEL, 1994: 35).

Embora essa mentalidade persistisse na prática da Igreja, a rapidez característica da sociedade moderna que vivia transformações aceleradas, não permitia mais a sobrevivência de um pensar dessa natureza. O modo como a sociedade de então percorria novos rumos e estruturava processos tecnológicos de grandes transformações, impunha à Igreja a necessidade de um olhar aberto que lhe permitisse dialogar com a diversidade.

Assim, como constatara o fim irreversível do Antigo Regime, constatou-se também a inevitável necessidade de adequação de sua linguagem e de sua prática comunicacional no cenário da nova sociedade que se constituía num universo desconhecido da Igreja, e cuja decodificação era vital. Não se tratava simplesmente de mudar palavras ou acrescentar novos vocábulos ao código de linguagem eclesial, mas da maneira como o universo simbólico da Igreja passa a ser comunicado à sociedade midiática traduzindo nos princípios e valores por ela defendidos, plataformas em que se apoiem os sujeitos construtores do diálogo. Isso é importante, porque confirma a Igreja no universo das mediações, de modo que não mais se apresenta com a pretensão de ser a única voz da verdade, mas mostra-se parceira na produção do diálogo. De acordo com Herrero, “a linguagem é uma mediação por meio da qual nos expressamos em busca de um entendimento intersubjetivo a respeito de algo real” (HERRERO, 1982: 83).

Nesse sentido, a formação e a competência que a Igreja propõe como eixos fundamentais para a comunicação na sociedade midiaticizada viabilizam a instauração do processo de reflexão sobre a linguagem que é mediação e sobre o modo como as trocas na sociedade são estabelecidas para o entendimento intersubjetivo. Assim, a formação e a competência para a comunicação na sociedade midiaticizada incluem a reformulação de todo um universo simbólico que determina uma percepção de mundo e do papel da Igreja nesse mundo, traduzida por sua linguagem. Desse modo percebe-se que formação e competência para a comunicação colaboram como mediações para que a Igreja ao entrar em contato com o universo da comunicação possa comunicar-se tanto com o mundo dos sistemas como com o mundo da vida. “A linguagem existente surge e se desenvolve a partir das formas concretas de interação e, então, ela é também expressão dos conflitos reais de interesses que se refletem

nessas formas de interação” (HERRERO, 1982: 89).

Buscando a reformulação de sua linguagem, a Igreja acrescenta a seu universo a decodificação dos mapas da sociedade midiaticizada e permite acesso dessa mesma sociedade aos mapas eclesiais, conjugando a possibilidade de diálogo entre essas duas realidades que, apesar de seus antagonismos, transitam o mesmo universo social e podem tornar-se parceiras para o diálogo que permite a compreensão da sociedade, das pessoas e dos processos intercomunicacionais que aí se desenvolvem.

2.2 Um mundo a ser conquistado: abrem-se as cortinas, a vida é um Espetáculo

O século XX, um novo mundo, grandes mudanças, grandes frustrações e uma nova sociedade. Para o universo das comunicações sociais, muitas transformações decorrentes de grandes descobertas nas ciências que permitiram o desenvolvimento de tecnologias que possibilitaram um grande impulso na multiplicação dos meios, na circulação dos conteúdos, na expansão da informação e na velocidade com que a notícia chegará a uma grande massa. Um processo que resultará na decomposição das fronteiras geográficas e imaginárias. Um novo mundo começa a ser concretizado. Uma nova sociedade, um novo homem. É o início da desterritorialização e da desumanização. Um processo que resultará no confronto da realidade com a virtualidade. Eis um desafio para a Igreja.

É importante considerar que o século XX, em suas primeiras décadas, emerge como uma grande incubadora de inovações tecnológicas e sociais. Um tempo de ebulição que tocará em diversos aspectos da sociedade e das pessoas e será o cenário da gênese de realidades que afetarão as gerações futuras. Para essa pesquisa, interessa insistir nas inovações no campo da comunicação.

Esse é o tempo do jogo entre realidade e imagem. Fortemente povoada por imagens a sociedade midiaticizada vai inaugurando um período em que a ilusão torna-se a “*pedra sagrada*” para a qual todos os passos se dirigem andando repetidamente em círculo, movendo-se para chegar a lugar nenhum. As pessoas passam da experiência de viver concretamente as coisas para gravitar em torno de representações.

A sociedade midiaticizada é também sociedade espetacularizada, na qual a imagem passa a ter uma força surpreendente, e a vida torna-se um grande espetáculo. Nesse ponto da pesquisa, julga-se oportuno tratar da temática da sociedade do espetáculo para percebermos as

razões dos argumentos que a Igreja apresenta, ao manifestar-se nesse mesmo período em relação aos meios de comunicação.

Quando se fala de sociedade do espetáculo, não se tem por objetivo traduzir o conceito de uma nova sociedade em substituição da conhecida capitalista. Mas, pretende-se abordar que numa determinada etapa do capitalismo, houve características acentuadamente fortes que corresponderam ao que será conhecido posteriormente como indústria cultural. Segundo Guy Debord,

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens (...). O espetáculo compreendido na sua totalidade, é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. É o coração da irrealidade da sociedade real. Constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o seu corolário do consumo (DEBORD, 1991: 10).

A revolução industrial evoluiu para a consolidação de uma sociedade da produção e do consumo numa relação de dependência tão estreita que uma não pode existir sem a outra. O consumo é como o estômago do capitalismo que digere bens materiais e bens simbólicos. O predomínio da mercadoria na sociedade tecerá uma relação de reificação da vida, enquanto as coisas vão se vitalizando de tal modo que as pessoas, seja em nível real ou em nível imaginário, tornam-se o campo de ampliação do mercado como propulsor do espetáculo.

Consumo e alienação do consumidor marcam fortemente a relação entre produção, mercado e alienação dos trabalhadores. A perda da subjetividade do indivíduo e de sua ação. Segundo Debord,

Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares - informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos -, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha (DEBORD, 1991:14).

Nesse cenário, a Igreja depara-se com uma multiplicidade jamais imaginada, e os meios de comunicação assumem importância singular na vida da sociedade e das pessoas. Mas é ainda nesse mesmo ambiente que emerge um novo modelo de homem.

Marcando fortemente a vida dos indivíduos e influenciando a sociedade o cinema desperta a atenção da Igreja e torna-se oportunidade especial para novos passos na

explicitação de sua progressiva insistência na formação e competência para a comunicação.

Aqui, inicia-se breve relato sobre o cinema e sua influência na vida social e propõe-se reflexão sobre o discurso da Igreja acerca do cinema. O ponto de apoio, para essa reflexão é a Carta Encíclica *Vigilanti Cura*, do Papa Pio XI que, embora tenha um caráter fortemente moralista, o que é decorrente da época em que foi elaborada, traz elementos significativos para explicitar a temática dessa pesquisa no tocante à progressiva insistência na formação e competência para a comunicação.

Verificam-se, nesse documento, dois aspectos considerados importantes: de um lado o fato de o papa incentivar a resistência aos conteúdos cinematográficos considerados então como nocivos e estimulando o episcopado católico a iniciativas alternativas aos conteúdos então postos ao público. De outro lado, porém, encontra-se claro no documento a preocupação do magistério católico com a necessidade de *formar o espectador* para que receba de modo crítico os conteúdos oferecidos.

Nessa fase da comunicação da Igreja, verifica-se, ao mesmo tempo, o uso dos meios de comunicação como mecanismo de divulgar a mensagem cristã, ainda que numa perspectiva beligerante que poderíamos classificar como *usar as mesmas armas, com o fim de difundir o bem*. Mas, nessa fase de elaboração de sua proposta de comunicação a Igreja colabora no campo da reflexão, dado que vai explicitando sua preocupação com o impacto e os efeitos que os meios podem provocar na vida da sociedade e no comportamento das pessoas.

Para alcançarmos a importância da *Vigilanti Cura*, deve-se recordar o pensamento difundido a respeito do poder dos meios de comunicação sobre as pessoas, as quais eram percebidas, naquele momento, como inertes diante do impacto que os meios provocavam. Trata-se da Teoria hipodérmica, então largamente difundida, das comunicações. Ao falar da necessidade de formar criticamente o espectador para filtrar a mensagem recebida percebe-se uma preocupação da Igreja com o receptor e sua percepção de que o mesmo é capaz de agir sobre a informação ou o conteúdo apresentado pelos meios. Nesse período, a Igreja encontra-se num ambiente de comercialização dos bens culturais. Até mesmo os valores passam a ser produtos de consumo. O mercado avança transformando tudo em mercadoria e formando um ávido público consumidor. O mercado e o consumo espetacularizam a vida e a sociedade.

Levando para as telas, a vida como espetáculo, a indústria cinematográfica situa-se no ambiente de indústria cultural, que, embora ainda não sistematizada,²⁵ já despontava

²⁵O conceito de indústria cultural foi desenvolvido especialmente por Adorno e Horkheimer, na década de 1940. Referências encontradas em Armand e Michele MATTELART, *História das Teorias da Comunicação*, p. 77.

fortemente e abastecia o mercado com produtos simbólicos que alteram significativamente a vida das pessoas, cooperando na formação de um mercado consumidor para os bens industriais, simbólicos ou materiais.

Nesse contexto, de indústria cinematográfica, a imagem passa a ser manejada e vista de forma diferente, isto é, agora trata-se da *Motion Picture*, imagem em movimento, que causa grandes e novos impactos nos espectadores. A imagem em movimento, nas telas dos cinemas, atua fortemente no imaginário das pessoas e propõe novas formas de mundo e vida. Realidade e fantasia cruzam-se e misturam-se. Mundos colidem, e a sociedade é alterada. Também astros e estrelas se tornam produtos da indústria cinematográfica a serem comercializados como produtos de consumo na indústria cultural. Arte e consumo, comunicação e mercado, parcerias conjugadas para permanecer.

Nesse ambiente absolutamente novo e desconhecido, a Igreja vê-se impelida a comunicar-se, porém percebe a necessidade de fazer-se ouvida e para tanto incrementa sua prática junto à sociedade e em relação aos meios de comunicação então utilizados para a veiculação dos conteúdos emergentes dessa mesma sociedade.

As primeiras décadas do séc. XX foram marcadas por uma efervescência comunicacional na Igreja. Em várias partes do mundo intensificou-se a fundação de editoras católicas destinadas a produzir, publicar e divulgar a mensagem cristã. Isso significou a inserção de inúmeras congregações religiosas na nova mentalidade eclesial no campo da comunicação, e uma reformulação de sua prática evangelizadora com o uso dos meios. Multiplicaram-se as organizações católicas para tratar especificamente da comunicação social. Em vários países a Igreja iniciou uma forte mobilização de inserção no ambiente dos meios de comunicação.

Foram muitas as iniciativas surgidas no campo das comunicações nessas primeiras décadas e que se tornaram de grande importância para compreensão da trajetória comunicacional na qual a Igreja progressivamente insistiria na formação e competência como eixos fundamentais da comunicação.

Dentre as inúmeras iniciativas, nesse campo, pode-se destacar a criação em 15 de dezembro de 1927, em Bruxelas do *Centro Internacional de jornalistas católicos*. Em 19 de maio de 1928, Colônia A criação da *Organização Católica Internacional de Rádio e Televisão - UNDA*. Em 1928 em Haia a criação da *Organização Católica Internacional do Cinema - OCIC*. Nos dias 1 e 2 de setembro de 1930 em Bruxelas realizava-se o *Primeiro Congresso Mundial de Imprensa Católica* que contou com a participação de 210 jornalistas de 33 países. Em 12 de fevereiro de 1931, O Papa Pio XI inaugurou a Rádio Vaticano. Em 12

de maio de 1936, no Vaticano, realizou-se a *Exposição Mundial de Imprensa Católica*, dela participaram 95 países.

Essas foram algumas, dentre tantas outras iniciativas realizadas nas primeiras três décadas do século XX, e que não somente antecederam a carta encíclica *Vigilanti Cura*, como também prepararam o caminho para os diversos pronunciamentos oficiais do magistério católico no que se refere aos meios e à comunicação

É, então, nesse turbilhão de um mundo em profundas mudanças que a Igreja publica a carta encíclica *Vigilanti Cura*, na qual tratará do cinema, destacando seus erros, suas contribuições e a percepção que o magistério católico formula a cerca do cinema e sua possibilidade de contribuição para a formação da sociedade e das pessoas.

Sem dúvida, a *Vigilanti Cura*, marca o início de um novo tempo para o relacionamento da Igreja com as comunicações e sua presença no cenário midiático da sociedade que então se processava. Embora o documento tenha um caráter moralista, o que é compreensível para a mentalidade do tempo em que foi publicado, o mesmo vai explicitando em seu conteúdo elementos indicadores de uma percepção forte da Igreja para a necessidade de formar o espectador para a recepção. Isso insere a Igreja no ambiente da reflexão teórica sobre as comunicações. Ao falar da urgência em formar o espectador, hoje reconhecido como receptor, a reflexão eclesial sobre a comunicação opõe-se ao conteúdo da teoria hipodérmica, que como foi acentuado anteriormente, propunha a impotência dos indivíduos frente ao impacto das mensagens veiculadas nos meios de comunicação.

2.3 *Vigilanti Cura* - Carta Encíclica sobre o cinema. Desconfiando, dialogando e apropriando-se do cinema

Analisando o documento *Vigilanti Cura*, do papa Pio XI com data de 29 de junho de 1936, percebe-se na trajetória da Igreja um novo pensar no que se refere aos meios de comunicação. É a primeira encíclica pontifícia que no século XX, trata dos meios de comunicação com uma atenção singular ao cinema. A importância reside no fato de essa encíclica inserir a Igreja na discussão com os meios, o que implica em buscar conhecimento tecnológico sobre os mesmos.

Ainda que insista em alertar sobre os perigos desse novo meio, não se pode negar que traz consigo a preocupação em colocar-se numa posição mais positiva. Quer seja com a oportunidade de diálogo com os envolvidos no processo de produção, direção e apresentação dos filmes, quer na percepção da necessidade de conhecimento técnico, quer ainda na popularização do cinema com a criação das salas de projeção nos centros comunitários católicos que se espalharam pelas cidades.

Embora dirigida aos bispos de todo o mundo, o papa inicia, voltando-se aos bispos dos Estados Unidos, em função da iniciativa do episcopado desse país que iniciara uma verdadeira “cruzada pela moral”, com a “Legião da Decência”, formada por padres, leigos e representantes de outras denominações cristãs e de outras religiões, da década de 1930, com o objetivo de combater a produção de filmes moralmente prejudiciais.

Ainda que tenha esse caráter moralizador, essa encíclica dirigida a toda hierarquia católica mostra-se contemporânea aos acontecimentos de sua época, ocupando-se de modo especial do cinema, uma das novas invenções que no século XX causaram impactos significativos no comportamento das pessoas. Embora tenha sido publicada em 29 de junho de 1936, o que distancia cronologicamente o envolvimento da Igreja com o novo meio de comunicação,²⁶ a *Vigilanti Cura* situa a Igreja no contexto de diálogo com o universo das comunicações que então ocupavam a sociedade do início do século XX. Verifica-se que a atenção voltava-se para esse meio durante o processo de consolidação do cinema na sociedade então marcada pela industrialização da cultura. Pode-se incluir o cinema na cronologia da indústria da cultura, e, também a encíclica *Vigilanti Cura*.

Antevê-se nessa forte preocupação moral da *Vigilanti Cura*, uma atenção para o que será mais tarde denominado espetacularização da sociedade e porque não dizer da cultura. O

²⁶A primeira exibição pública do cinema feita pelos irmãos Lumière deu-se em 28 de dezembro de 1895.

papa Pio XI assim se expressa falando do cinema,

Essa magnífica experiência oferece-nos agora uma feliz oportunidade para manifestar com maior amplitude o nosso pensamento sobre um assunto que interessa de perto a vida moral e religiosa de todo o povo cristão. Antes de tudo, manifestamos a nossa gratidão à hierarquia dos Estados Unidos e aos seus fiéis cooperadores, pela importante obra já realizada pela “Legião da Decência” sob a sua direção e guia. E o nosso reconhecimento é tanto mais vivo quanto mais importante era a angústia que sentíamos ao verificar, cada dia, os tristes progressos – *Magni Passus Extra Viam* – da arte e da indústria cinematográfica na representação do pecado e do vício (PIO XI, 1936).

A Igreja entendia o cinema como um poderoso meio de comunicação capaz de educar e, por isso, sua insistência em que não se tornasse veículo de propagação do que para a Igreja se constituía conteúdos promotores do mal, pois deseducavam as pessoas, fazendo com que comessem a ver com naturalidade práticas contrárias à formação da moral. O papa Pio XI nesse sentido assim se expressa,

Fervidamente exortamos todas as pessoas de boa vontade, não só em nome da religião, mas também em nome do verdadeiro bem-estar moral e civil dos povos, para que se esforçassem com todos os poderes e meios, que tivessem ao seu alcance, como precisamente a imprensa, a fim de que o cinema possa converter-se verdadeiramente num coeficiente precioso de instrução e de educação, e não de destruição, de ruína para as almas (PIO XI, 1936).

Vale ainda insistir que essa encíclica, ainda que expresse marcada preocupação com a moralidade cristã e em alguns trechos apresente-se com certo rigor moral em seus posicionamentos, está disposta ao diálogo com diversos sujeitos sociais. Desde o diálogo com os produtores, os diretores e, até mesmo, os que levam os filmes ao público, aqui chamado de espectador. Isso mostra forte mudança na maneira como a Igreja se faz presente na sociedade com caráter mais flexível e ciente de um mundo de diversidades que se constrói.

Ao pensar o espectador, alguém facilmente envolvido pelo conteúdo cinematográfico de caráter negativo, na perspectiva da Igreja, verifica-se também uma forte iniciativa eclesial em relação à preocupação com a formação dos espectadores, para que sejam capazes de um pensar crítico em relação ao que lhes é oferecido como lazer e diversão pelo cinema. Pio XI propõe que,

Apesar de uma tão avisada determinação, espontaneamente tomada, os responsáveis mostraram-se impotentes para a realizar e os produtores não se dispuseram a obedecer aos princípios que se tinham obrigado a observar. Tendo-se mostrado tão escassamente eficaz o empenho referido, e continuando-se no cinema a exibição do vício e do crime, parecia

definitivamente fechado o caminho para a recreação honesta por meio do cinema (PIO XI, 1936).

Emerge na *Vigilanti Cura*, uma reflexão acerca do poder que a imagem exerce sobre as pessoas, o que justifica a preocupação da Igreja com o conteúdo e as imagens então veiculadas ao cinema, que vão agir de modo significativo nos impulsos naturais, levando os expectadores a negligenciar a reflexão e o pensar crítico. Danilo Santos de Miranda afirma que,

O poder de sedução das imagens já fizera, na antiguidade, Platão expulsar de sua República Ideal o artista para evitar a proliferação das imagines-simulacros, imagines-fantasmas, imagines que substituem seus objetos e se colocam em seu lugar, fazendo-se passar pela realidade daquilo que elas confiscam, pois confundem a memória e a visão, perturbando o jogo *aleiteico* – o exercício da faculdade de bem avaliar (MIRANDA, Perspectiva: 2044:116).

Percebe-se, então, que a *Vigilante Cura* entendia que o cinema se tornava um meio eficaz para a massificação do cidadão, contrariando a percepção que o magistério católico sustentava de que o cinema deveria formar bem o cidadão. Assim, tido como mero entretenimento, o cinema preparava o cidadão para o que mais tarde será conhecido como sociedade do espetáculo ou espetacularização da realidade. De acordo com Soares, “como se vê, o primeiro e solene documento da Igreja sobre os meios de comunicação, dedicado especialmente ao cinema, enxerga o espectador, o receptor da mensagem, como pólo indefeso. E ao assimilar o conceito de comunicação como o de um processo de persuasão através da transmissão de informação e lazer, de centros produtores até núcleos receptores, admitia, com segurança, a fatalidade da influência dos comunicados sobre a sensibilidade e a vontade de cada cidadão” (SOARES,1988:122-125).

Ainda que, explicitamente, a encíclica não trate da sociedade do espetáculo, tema de reflexão posterior, nem tão pouco discuta a comunicação de massa, pode-se identificar em seu conteúdo elementos que serão refletidos por autores contemporâneos e posteriores à encíclica referindo-se ao que acaba de ser mencionado. Nesse sentido, a *Vigilanti cura* traz consigo forte apelo educacional-formativo, entendendo que o cinema possa servir para formação não exclusivamente religiosa, mas também à formação do cidadão. Pio XI assim se expressa,

Com efeito, a recreação nas suas variadas formas, tornou-se definitivamente uma necessidade para a gente que se afadiga nas ocupações da vida, mas ela deve ser digna do homem racional e, portanto, sã e moral; deve elevar-se ao grau dum fator positivo de bem e suscitador de nobres sentimentos. Um povo que nos seus momentos de repouso, se dedica a divertimentos que ofendem o

reto conceito da decência, da honra, da moral, e a recreações que constituem a ocasião de pecado, especialmente para os jovens, encontra-se em grave perigo de perder a sua grandeza e a sua própria potência nacional (PIO XI, 1936).

Sem dúvida, a *Vigilanti Cura* tem forte caráter moral, o que não poderia ser diferente, pois está vinculada a seu tempo e contexto social. Contudo, não se pode negar a presença de elementos muito significativos que revelam a sintonia da Igreja com as reflexões em curso sobre o poder que a imagem exerce sobre o imaginário. Ainda muito presente nesse documento é a preocupação com o telespectador: receptor. Essa insistência do documento na capacitação crítica dos telespectadores antecipa, no pensar da Igreja, a reflexão sobre o receptor que reage a partir de sua capacitação crítica frente aos meios e aos conteúdos veiculados. Miranda expõe que,

A indiferença moral (desresponsabilização do indivíduo) e política (passividade) mantêm relações íntimas com os meios de comunicação de massa. A democracia – como esforço conjunto de ações e deliberações – é substituída por *lobbies* e pelo monopólio das informações disponíveis na mídia. O indivíduo formado por ela e ao qual ela se destina não tem pensamento próprio, o que o exime de responsabilidades e contribui para seu bem-estar. Além disso a mídia requer e “valoriza” um leitor ou espectador por sua incapacidade de concentração (MIRANDA, 2004: 112-113).

Ao insistir numa atitude crítica frente aos conteúdos cinematográficos, verifica-se que a formação do telespectador, receptor, é fundamental para que o mesmo não assumira atitude de passividade frente ao que é apresentado como produto de consumo material e cultural, o que poderia levar a uma prática comportamental, então considerada inadequada. Essa insistência tem algo de muito significativo, posto que o ambiente hollywoodiano, nesse momento, é uma realidade e a indústria cinematográfica não é mais apenas entretenimento inocente, mas verdadeira fábrica de irrealdade e consumo,

Enquanto que a produção de imagens realmente artísticas, de atitudes humanas virtuosas, requer esforço intelectual, trabalho, habilidade e, muitas vezes, mais notável dispêndio, ao contrário é, muitas vezes, relativamente fácil provocar o consumo de certas pessoas e categorias sociais com representações que incendiam as paixões e despertam os instintos inferiores, latentes nos corações humanos (PIO XI, 1936).

A *Vigilanti Cura* surge num cenário em que a Igreja se manifesta como um apoio à Legião da Decência cuja prática era boicotar a indústria cinematográfica na tentativa de que não produzisse filmes considerados imorais. Há na encíclica um forte apelo do papa aos

bispos no sentido de abraçarem a causa da legião da Decência, num esforço de ação conjunta no interior da Igreja, visto que não somente a Igreja Católica, mas também outras denominações uniram-se na marcha pela moralidade. Uma verdadeira Legião que se levantaria na defesa da moral. A esse respeito Puntel diz que,

O boicote começou por causa do que consideravam ser uma traição dos diretores da indústria cinematográfica americana: estes não haviam cumprido o solene compromisso de março de 1930 (Código *Hays*) “de proteger no futuro a moralidade dos frequentadores do cinema” (PUNTEL,1994: 36).

Compreende-se então que a *Vigilanti Cura* tenha um forte caráter moral e traga consigo uma clara intenção de influenciar o cinema no sentido de trazê-lo para a perspectiva moral então defendida pela Igreja e outras denominações religiosas. Mas é inegável a percepção que a Igreja teve do poder do cinema e de sua influência como poderoso meio de comunicação, passando a fazer parte da vida das diversas sociedades e do efeito que exerce sobre as pessoas sem distinção de classes. Daqui poder-se-ia vislumbrar a idéia de que o cinema democratizava a assistência ao espetáculo.

Mas a reflexão da Igreja sobre o cinema constata algo muito significativo no tocante à sua percepção do poder que a imagem, e de modo especial, a imagem em movimento exerce sobre as pessoas. A *Vigilanti Cura* vislumbra o efeito poderoso da hibridização de mídias ao constatar que imagem e som não somente atraem o espectador, como também facilitam a compreensão da mensagem e mais que uma mensagem a idéia que se pretende transmitir. Ao mesmo tempo, o documento manifesta sua preocupação exatamente com essa idéia transmitida capaz de modificar comportamentos e moldar outros decorrentes de um mundo não real, mas que passa a fazer parte da vida das pessoas. Na perspectiva de Pio XI,

Não se encontra hoje meio mais potente do que o cinema para exercer influência sobre as multidões, quer pela própria natureza da imagem projetada na tela, quer, enfim, pela popularidade do espetáculo cinematográfico e pelas circunstâncias que o acompanham (*Vigilanti Cura*, 1936 n. 20)

Não é sem razão a preocupação expressa na *Vigilanti Cura* em relação ao poder que as imagens exercem na vida das pessoas. De fato, não se trata apenas de um entretenimento inocente para a diversão e o lazer, mas emerge da tela toda uma nova leitura de mundo e uma nova proposta comportamental que confronta fortemente com os princípios morais e a ética então vigentes.

Ao mesmo tempo em que alerta para o perigo do uso inadequado do cinema como

meio que pode conduzir as pessoas ao erro, a Igreja verifica que esse meio de comunicação pode servir com grande eficiência à formação do cidadão. Mas o documento traz ainda preocupação com o espectador sob a influência do cinema com sua mensagem e revela uma forte influência da percepção do receptor como alguém incapaz de reagir à mensagem veiculada, o que nos permite vislumbrar a presença forte da teoria hipodérmica nesse documento. Miranda assim se expressa sobre esse assunto,

Sociedade pós-ética é a sociedade “pós-humanista”, uma vez que nela os laços telecomunicativos entre os habitantes de uma sociedade de massa não se fazem pela leitura, como vimos, geradora na tradição greco-latina, de amizade, sociabilidade e afabilidade. Criticar a cultura contemporânea requer incluir a crítica à mídia em nome do modelo amigável da sociedade literária. Assim como na antiguidade romana o livro perdia sua luta contra os anfiteatros de gladiadores e todos os teatros da crueldade, hoje a educação formadora do espírito livre, de tolerância e compreensão do outro, está sendo vencida pelas forças indiretas das mídias padronizadoras da sensibilidade e do pensamento (MIRANDA, 204: 117).

A *Vigilante Cura* trouxe uma grande contribuição para a expansão do cinema. Desde a publicação desse documento, multiplicaram-se as iniciativas cinematográficas na Igreja. Pode-se mesmo dizer que os cineclubes, os colégios e paróquias multiplicaram as salas exibidoras de filmes. A comunicação secundária, isto é, por aparelhos eletrônicos que codificam e decodificam mensagens, entra no universo eclesial não somente em nível de promoção da expansão das salas de projeção cinematográficas, iniciativas na produção de filmes surgirão. A título de ilustração cita-se aqui o padre Tiago Alberione, fundador da Família Paulina, conjunto de congregações religiosas, sendo duas delas dedicadas à comunicação, a Pia Sociedade das Filhas de São Paulo (Paulinas) e a Pia Sociedade de São Paulo (Paulinos). O padre Alberione inclusive produziu filmes, dentre eles, destaca-se o filme *Abuna Messias*.²⁷

²⁷*Abuna Messias* de Goffredo Alessandrini pertence ao gênero histórico, tem duração de 96' e foi produzido em 1939. Evoca o período da vida do primeiro e mais notável missionário italiano na África Oriental, o cardeal Massaia (1809 – 1886). Recentemente esse filme foi publicado em Dvd na Itália.

2.4 Miranda Prorsus

Nessa parte da pesquisa, a atenção volta-se para a encíclica *Miranda Prorsus* que tratará do rádio, do cinema e da televisão, pois nesse momento histórico a Igreja classifica como comunicação social esses veículos, contudo o destaque será dado ao cinema e à televisão que privilegiam a imagem, cuja influência na vida e comportamento das pessoas foi objeto de preocupação e reflexão do magistério. Sem dúvida, o predomínio da imagem nesse período será marcante. Toma-se para esse início de reflexão o pensamento de Norval Baitello Junior, sobre o tempo da reprodutibilidade da imagem. Ainda que a reflexão desse autor não se reporte ao período histórico da encíclica *Miranda Prorsus*, julga-se que contribui para a compreensão do poder da imagem sobre o imaginário das pessoas e essa é uma preocupação presente não somente na encíclica aqui referida, com também em outros documentos da Igreja. De acordo com Baitello,

A era da reprodutibilidade técnica, contudo, muito mais abriu as portas para uma escalada das imagens visuais que começa a competir pelo espaço e pela atenção (vale dizer pelo tempo de vida) das pessoas. E o excessivo, o descontrole, muito mais conduziu a um maior esvaziamento deste valor de exposição e até mesmo pode estar levando ao seu oposto, um crescente desvalor, a uma crise da visibilidade (CF.D.Kamper 1995) próxima do grau zero da comunicabilidade, sinalizando que houve um desvio de rota, uma recidiva, no prognóstico positivo da reprodutibilidade técnica na sociedade contemporânea. Caberia aqui buscar, portanto, compreender qual terá sido a lógica de tal desvio. Ao invés de democratizar o acesso à informação e ao conhecimento, tal reprodutibilidade fez muito mais esvaziar o potencial revelador e esclarecedor das imagens por meio delas próprias e seu uso exacerbado e indiscriminado (BAITELLO, 2005: 14).

A década de 1940 foi cenário de um dos maiores desastres bélicos da recente história mundial. A Segunda Guerra Mundial dará à sociedade nova configuração ideológica, econômica, social e política. Com o mundo, então, dividido em blocos políticos que buscavam expandir e consolidar suas respectivas ideologias, e a economia bipolarizada em comunismo e capitalismo a sociedade entrava no período da Guerra Fria, um confronto ideológico que dividiu o mundo em dois grandes blocos e arrastou-se até o final do século XX. A violência nazi-fascista contra opositores políticos e particularmente dos nazistas para com os judeus, comporá esse trágico cenário de violência que marcará os anos 40.

A *Vigilanti Cura*, sem dúvida, foi um documento que causou grande impacto no pensamento e na prática comunicacional da Igreja e faz com que seu modo de pensar os meios de comunicação e os conteúdos veiculados se tornassem cada vez mais explicitador de uma

trajetória comunicacional que insiste na formação e competência para o exercício da comunicação.

As novas tecnologias aplicadas à comunicação resultaram em grandes avanços para as comunicações e profundas transformações na sociedade e na vida das pessoas. Não era mais possível à Igreja recusar-se a entender essas transformações e inserir-se nesse mesmo processo. Entender os mecanismos da sociedade em processo de midiatização tornava-se uma condição irrenunciável para a Igreja que então reformulava sua conceituação teórica e prática da comunicação. Uma nova política eclesial em relação à comunicação e às novas tecnologias marca a chegada da Igreja nas décadas de 1940 e 1950 do século XX.

Nesse ambiente de uma sociedade que se recuperava de um conflito bélico mundial e um mundo fragmentado por ideologias políticas e econômicas, a Igreja desenvolveu relação de proximidade com as comunicações sociais e assumiu nova perspectiva sobre os meios de comunicação. Não se tratava mais de opor escrito a escrito, mas reconhecer o poder das novas tecnologias de comunicação e preparar-se para as transformações delas decorrentes para a sociedade, por meio da progressiva insistência na formação e competência para a comunicação.

Nesse contexto, o papa Pio XII publica a *Miranda Prorsus*, segunda encíclica sobre a comunicação no século XX, propondo e desenvolvendo o pensamento eclesial sobre os meios eletrônicos. Além de tratar do cinema aprofundando a partir de Pio XI a reflexão sobre a importância do cinema e sua viabilidade para a formação, esse documento tratará do rádio e da televisão. Deixando para trás um longo período de confronto com a imprensa, a Igreja reconheceu o valor dos meios de comunicação voltando sua atenção para os meios eletrônicos. Pio XII foi o papa que mais se interessou pelos meios de comunicação na primeira metade do séc. XX, deixando um dos documentos mais expressivos da Igreja sobre comunicação, o *Miranda Prorsus* por seu conteúdo mostrou-se um documento muito além do seu tempo revelando a compreensão que Pio XII alcançou nesse campo. De acordo com Noemi Dariva,

Como em muitas outras ocasiões, também neste documento o papa mostra uma grande capacidade de análise e uma postura positiva com relação aos meios eletrônicos, o seu potencial e as exigências pastorais que deles derivam. Alguns críticos são de opinião que a qualidade deste documento é superior ao Decreto conciliar *Inter Mirifica* e que o seu espírito está bem próximo do espírito da Instrução pastoral *Communio et Progressio*, que seria publicada em 1971 (DARIVA,2003: 33).

A partir do papa Pio XII, a Igreja começa a aprofundar a temática da comunicação e

intensifica sua insistência para a formação como meio eficaz para o exercício competente da comunicação. Sem excluir o uso dos meios eletrônicos, nos quais a Igreja reconhece a oportunidade de expandir a mensagem cristã, a preocupação no campo conceitual da comunicação vai explicitando-se. Ao reconhecer que a informação tem papel singularmente importante na formação da opinião pública, a Igreja refaz sua percepção conceitual da comunicação optando por um caminho que privilegie a formação e a competência.

Considerando que a *Miranda Prorsus* foi publicada no ambiente da comunicação de massa, é de grande importância verificar que os olhos da Igreja estivessem voltados à formação para a comunicação. Nesse momento já é possível perceber mais explicitamente uma progressiva insistência na formação e competência para a comunicação. De acordo com Soares,

Pio XII falou sobre o valor da opinião pública e, partindo da distinção entre massa e povo, conclui que a massa é a principal inimiga da verdadeira democracia e de seu ideal de liberdade e igualdade. Para Pio XII, o povo vive e se move por si mesmo, enquanto a massa é inerte e se move a partir de forças externas a ela (SOARES, 1988: 74-75).

É precisamente com uma sociedade constituída de pessoas bem formadas que se poderá assegurar os princípios de liberdade e de justiça. Indivíduos mal formados facilmente são manipulados. O poder dos meios de comunicação fora percebido pela Igreja e a necessidade de preparar as pessoas para uma recepção crítica dos conteúdos tornava-se uma nova estratégia no universo eclesial. Já não se pensava em combater os meios de comunicação, mas em propor a formação dos espectadores como estratégia diante das mudanças conceituais e comportamentais que surgiriam pela influência que os meios eletrônicos trariam para a sociedade.

Essa nova estratégia da Igreja não significa que pretendesse projetar-se no cenário social como a libertadora das consciências oprimidas que estavam sob o jugo dominador dos meios de comunicação. Pretende-se, sim, demonstrar como a Igreja foi tomando consciência do processo de desenvolvimento da comunicação e o modo como vai elaborando e explicitando seu pensar sobre a comunicação.

Já antevendo todo o poder dos meios de comunicação, Pio XII discursa sobre o perigo que representa o seu controle por grupos, por ele denominados, “potências do dinheiro”. A hegemonia sobre os meios de comunicação facilitaria o controle social, pondo em risco os princípios de liberdade e democracia. Essa atitude do papa é facilmente compreendida quando se considera que o mundo saíra de um conflito bélico mundial no qual as perdas foram

generalizadas e a vida humana banalizada em nome de ideologias raciais. É profundamente significativa a proposta que a Igreja vai tecendo na perspectiva de formação e competência, que emerge como um grande aliado no combate ao monopólio da informação que poderia estar nas mãos do governo ou de grupos detentores do poder econômico,

Essa nova perspectiva sobre a comunicação insere o Papa Pio XII na discussão sobre a temática da opinião pública, segundo ele a democracia verdadeira é assegurada pela liberdade de imprensa e de opinião. Esse é um salto qualitativo realmente inovador na perspectiva eclesial no que se refere à comunicação e aos novos meios. Pio XII levou a discussão da liberdade de opinião também para o seio da Igreja, contudo não aprofundou o debate nesse aspecto.

Mas é preciso que se verifique que toda essa perspectiva nova no relacionamento conceitual e prático, pelo menos a nível oficial, da Igreja em sua relação com a comunicação estabelece uma perspectiva nova e explícita a progressiva insistência na formação e competência para a comunicação. Pode-se, então, compreender as inúmeras iniciativas que vão se intensificar em nível conceitual e prático no ambiente eclesial no campo das comunicações.

No pontificado de Pio XII, estava clara a mudança de rota da política eclesial no tocante ao fenômeno da comunicação social. O discurso fortemente moralista com o qual se pretendia controlar os meios de comunicação foi substituindo pela insistência do papa em destacar o poder dos meios de comunicação, sua eficácia na divulgação e visibilidade da mensagem cristã e o acentuado valor à opinião pública, que segundo ele, tem a responsabilidade de colaborar na formação para assegurar que a liberdade seja respeitada. Obviamente essa nova postura do magistério revela a sintonia da Igreja com o pós-guerra.

Quando Pio XII manifesta a convicção de que os males, mesmo aqueles advindos dos meios de comunicação, devem ser corrigidos pela opinião pública²⁸ e não pela censura²⁹, fica muito clara a mudança de perspectiva que a Igreja está construindo em sua trajetória com a comunicação e os meios. O processo de midiaticização era irreversível e entender seus mecanismos e o engendramento de sua ideologia tornava-se uma necessidade e opção. Ao contrário de impor uma conduta à sociedade, o magistério parte para uma nova perspectiva, formação e competência na sociedade midiaticizada. Pio XII assim manifesta sua percepção de que era preciso conhecer os mecanismos tecnológicos e ideológicos dos meios de

²⁸ Pio XII foi um dos papas que mais tratou da opinião pública, porém não será desenvolvida essa temática nesse trabalho por não ser objeto dessa pesquisa.

²⁹ Cf. C.J. Pinto de Oliveira, op. Cit., p.319, nota n. 63

comunicação e a necessidade de formar para criticamente recepcionar os conteúdos veiculados, ao dirigir-se aos padres católicos,

Não podemos concluir esses nossos ensinamentos, sem lembrar quão importante seja a obra do sacerdote, na ação que a Igreja deve desenvolver em favor e através das técnicas de difusão, como em todos os outros campos do apostolado. O sacerdote deve conhecer os problemas que o cinema, o rádio e a televisão, planteiam às almas. “O sacerdote que tem cura de almas – dizíamos aos Assistentes à semana de Atualização Pastoral da Itália – pode e deve saber o que afirmam a ciência, a arte e a técnica moderna, em tudo o que se refere ao fim e à vida religiosa e moral do homem”. Deve saber servir-se delas quando, a juízo da autoridade eclesial, o requerer a natureza do seu sagrado ministério e a necessidade de atingir maior número de almas. Deve, enfim, se delas usa para si, dar a todos os fiéis exemplo de prudência, de temperança e de sentido da responsabilidade (*Miranda Prorsus*, 1957 In DALE, 1973: 151).

Pode-se reconhecer que a partir de Pio XII, a Igreja se abre para um universo até então atacado, porém desconhecido. Disposta a recuperar o atraso cronológico que retardou seu encontro com a comunicação midiática, a Igreja desde meados do século XX intensificou, pelo menos a nível conceitual e teórico, uma forte reflexão sobre a comunicação, os meios, sua influência na sociedade e a formação para a compreensão desses mecanismos e posteriormente o diálogo entre fé e cultura, marcando definitivamente um novo cenário na relação entre Igreja e comunicação social. O pensamento de Pio XII foi decisivo para a emergência de um tempo novo no cenário comunicacional no seio da Igreja e desta com a sociedade midiaticizada. Pio XII assim expressou sua perspectiva sobre o comprometimento de toda a liderança da Igreja em relação aos meios de comunicação,

E é precisamente para orientar para o bem das almas estes dons da providência, que paternalmente vos exortamos não só à devida vigilância, mas também à intervenção positiva. Com efeito, a missão dos organismos nacionais, que outra vez ainda vos recomendamos, não será somente a de preservar e defender, mas também e, sobretudo, a de dirigir, coordenar e prestar assistência às numerosas obras educativas, que têm surgido nos vários países para servirem de fermento do espírito cristão, num setor tão complexo e vasto como o das técnicas difusoras. Não duvidamos, portanto, confiados como estamos na vitória da causa de Deus, que as nossas presentes disposições, cuja fiel execução confiamos à Comissão pontifícia do Cinema, Rádio e Televisão, hão de vir a despertar espírito novo de apostolado em campo tão rico de promessas (*Miranda Prorsus*, 1957 In DALE, 1973: 152).

É preciso considerar que mesmo entrando no universo da comunicação social, a Igreja tem um corpo doutrinário cujo anúncio faz parte de sua missão e isso nos permite compreender que a sua ação comunicacional prevê a abertura aos meios sem abdicar de suas convicções religiosas. Não se trata nem de condenar a comunicação e nem tão pouco de esperar da Igreja que renuncie suas convicções, mas sim do processo no qual a Igreja vai

conjugando sua prática pastoral com a nova realidade social. Nesse processo, verifica-se que a adesão eclesial à comunicação vai explicitando-se em forma de proposta comunicacional cuja atenção volta-se para a progressiva insistência na formação e competência para a comunicação.

2.5 Cinema

Na mesma perspectiva, o pontificado de Pio XII foi de grande interesse pelas conquistas das ciências sociais que permitiram interpretar o fenômeno do cinema. Aqui se verifica grande avanço na abertura do magistério para a comunicação. Não se pensava em uma interpretação a partir exclusivamente da perspectiva da fé. Sem renunciar à fé como fundamento de sua relação com os fenômenos sociais, dentre eles a comunicação, a Igreja agregou valores importantes à sua interpretação com o apoio da psicologia e da sociologia. Referindo-se a Pio XII e à sua aproximação com as ciências sociais para a interpretação de fenômenos comunicacionais: o cinema, Soares descreve que,

O papa no primeiro discurso, depois de descrever a evolução do cinema mundial e considerar o grande número de espectadores que consegue atingir, concentra sua atenção no poder de sugestão das imagens: os assistentes chegam até, a viver no lugar do protagonista, e cômico nele, em perfeita comunhão de sentimentos, e por vezes até, seduzido pela ação, a sugerir-lhe palavras e expressões... Sucede então por vezes que o espectador vê realizar-se, sob as imagens de pessoas e coisas, aquilo que na realidade nunca se verificou, mas que ele muitas vezes, no seu íntimo, pensou profundamente, desejou ou temeu. Por isso, a única explicação do poder extraordinário do filme é a estrutura íntima do fenômeno psíquico, sendo o espetáculo tanto mais empolgante quanto mais o filme estimula esse processo psicológico (SOARES, 1988: 81).

Essa abertura às ciências sociais permitiu afirmar que a preocupação da Igreja com a formação para a comunicação e sua consciência das fortes mudanças na sociedade, em acelerado processo de midiatização, privilegiou a escolha de um caminho comunicacional que, sem desprezar os meios, intensificará a reflexão sobre os conteúdos e a necessária formação crítica dos “expectadores” contribuindo para sua capacitação junto à cultura comunicacional a fim de posicionarem-se diante dos conteúdos veiculados.

A percepção de que a formação dos expectadores promoveria a sua capacitação para o diálogo com o universo comunicacional, dando a conhecer o ponto de vista daqueles que compartilham a perspectiva da Igreja, no tocante aos conteúdos veiculados, e ao fim a que se destina a comunicação, foi explicitando um novo pensar e uma nova prática da Igreja no que se refere à comunicação. Não se pensava mais em comportamentos por decretos, mas

apostava-se na eficácia da formação e competência como capacitadores de cidadãos, socialmente críticos para o discernimento dos conteúdos e habilitados às técnicas exigidas pelos novos meios eletrônicos, considerava-se ainda o desenvolvimento da prática argumentativa dos sujeitos no cotidiano como oportunidade de dialogar e interagir com os meios.

Ao analisar os impactos psicossociais que os filmes exercem sobre o imaginário e a psique do expectador, além de demonstrar sua proximidade com as ciências sociais, Pio XII assume postura de formador, ao indicar conteúdos que poderiam na perspectiva do magistério, contribuir para a formação pessoal e social. O papa alia razões espirituais e naturais que justifiquem a seleção de conteúdos a serem oferecidos. Ao criticar os filmes considerados maus, o papa propõe elementos que classifiquem um filme como sendo “bom filme”. Segundo Soares na perspectiva de Pio XII um bom filme é aquele que,

Considerado em relação ao espectador, é o que respeita a pessoa humana, compreendendo a sua condição, respondendo às suas legítimas aspirações e contribuindo para o seu desenvolvimento. Considerado com respeito ao conteúdo, é o que “se conforma, em forma perfeita e harmônica, com as primordiais e essenciais exigências do mesmo homem: a verdade, a bondade e a beleza. Pio XII, ao descer a pormenores, tratando especificamente do “filme didático”, do “filme de ação”, do “filme de argumento religioso”, se detém no problema da representação do mal, perguntando: pode-se dar forma artística ao mal? (SOARES, 1988: 82).

Aqui se pode referenciar a oposição do pensamento da Igreja em relação à indústria cinematográfica, inserida na indústria cultural. Enquanto para o magistério o cinema deve aliar entretenimento e formação, a indústria cinematográfica objetiva a comercialização espetacular dos conteúdos para o consumo.

Quando se afirma que é verificável progressiva insistência na formação e competência para a comunicação, pensa-se que a Igreja tenha uma proposta em que a comunicação não esteja a serviço do mercado, mas disposta ao homem e sua integridade espiritual, cultural, social e psicológica. Assim, pensa-se em uma comunicação que visa à pessoa integral e ao desenvolvimento de suas habilidades para o convívio social, mediante o diálogo com as diferenças. Por isso mesmo, a Igreja alcançou, a partir desse processo, a formulação da proposta de diálogo entre fé e cultura.

Mas Pio XII não se deteve ao cinema, a *Miranda Prorsus*, tratou ainda do rádio e da televisão que com o cinema constituíam os meios de comunicação mais eficientes até então.

2.6 O rádio

Em 03 de dezembro de 1944, ocorreu o primeiro pronunciamento oficial do magistério católico e explicitamente dedicado à radiodifusão, com transmissão direta do Vaticano. Revelando a nova perspectiva da Igreja sobre os meios de comunicação, o papa exaltou o desenvolvimento tecnológico do rádio, porém insistia na perspectiva de uma comunicação interessada na formação e incluiu o rádio nesse mesmo fim comunicacional. Assim sendo, a verdade, a dignidade humana, a moralidade cristã, a justiça e o amor, segundo Pio XII, devem ser metas dos radialistas como comunicadores e do rádio como meio de comunicação. O papa insiste na perspectiva educativa do rádio que deveria dedicar-se ao aperfeiçoamento dos valores do espírito, que segundo Pio XII é “a última e suprema razão de dita instrução e educação.”

Nesse sentido, o papa insiste que a audiência do rádio entre os católicos deveria ir para além do entretenimento. E para forçar uma programação de rádio qualitativa com fins de apoiar a formação, o papa sugere que os católicos apoiem as transmissões que estejam em conformidade com as orientações da Igreja. De acordo com Puntel,

Com relação ao rádio, Pio XII destaca três tarefas que deveriam ser realizadas pelos católicos que ouvem rádio: seleção cuidadosa e inteligente dos programas, levar ao conhecimento dos responsáveis pelos programas seus legítimos desejos e suas justas objeções e apoiar as boas transmissões (PUNTEL, 1994:42-43).

2.7 A televisão

Atenta às inovações da tecnologia a serviço da comunicação e persistindo na proposta de que os meios de comunicação deveriam estar a serviço da formação e competência, a Igreja, no pontificado de Pio XII, reformula consideravelmente sua relação com os meios de comunicação. Não somente assume publicamente o interesse do magistério em usar os novos meios para comunicar a mensagem religiosa, como também está determinada em conhecer os mecanismos técnicos e ideológicos que dinamizam a comunicação. Conforme aponta Soares,

O primeiro pronunciamento oficial ocorreu em abril de 1949, por ocasião de uma gravação de Pio XII para a *Radiodiffusion Française*. O título da mensagem – Eis o Dia – relembra uma passagem significativa da Bíblia: “Eis o dia que o Senhor fez: exultemos e regozijemo-nos” (SOARES, 1988: 87).

Em relação à televisão, verifica-se que a postura do pontífice foi bem significativa. Reconhecia a importância tecnológica dos mecanismos da televisão que em relação ao cinema tendia a ser muito mais próxima e íntima dos expectadores. Ainda que reconheça o grande

poder da televisão e vislumbre o seu potencial para anunciar a doutrina cristã e dar visibilidade ao papado, Pio XII está atento aos aspectos éticos e psicológicos. Nesse sentido Puntel expõe que,

Pio XII também reconhece o particular poder da televisão. Ele assinala que a televisão, além dos aspectos comuns com as duas precedentes técnicas de difusão, possui também características próprias (MP 35). Nesta parte, o papa fala uma vez mais de sua preocupação com os perigos da televisão e adverte sobre necessidade de se ter cautela em relação a este novo meio de comunicação. Referia-se sem dúvida aos aspectos ético, psicológico e mesmo técnico na preparação dos vários espetáculos, os quais, por outro lado difundidos apenas para preencher o tempo de programação. Por isso convida os católicos de cultura, ciência e arte a dominarem a nova técnica e a prestarem sua colaboração, a fim de que a televisão possa aproveitar as riquezas espirituais do passado e as de todo o autêntico progresso (MP 35) (PUNTEL, 1994:43).

O papa intuiu que ao contrário de se opor à comunicação e aos meios aperfeiçoados pelas novas tecnologias, e muito mais que usá-los, era preciso tê-los como aliados não somente para combater as mensagens contrárias à fé cristã, mas tratava-se então de associar tecnologia e comunicação para estabelecer proximidade restabelecendo laços de credibilidade em relação ao papado que poderia vir a fazer parte da vida das pessoas. Referindo-se ao interesse da Igreja pela televisão, Soares cita Pio XII num discurso televisionado,

Como será quando todo o mundo puder contemplar, no mesmo momento no qual sucede as manifestações da fé católica?... Pergunta o papa, para afirmar, entre outras coisas: “Dizia-se ao povo que o papado estava morto ou moribundo; e ao invés, esse mesmo povo verá as multidões transbordando da imensa Praça de São Pedro para receber as bênçãos do papa e para ouvir sua palavra” (SOARES, 1988: 86).

Pio XII demonstrou muito interesse pela televisão, desde os aparatos tecnológicos e ideológicos, e percebeu também o quanto a Igreja poderia se servir desse novo meio para inserir-se na sociedade midiaticizada. Não se tratava mais apenas de ser um usuário dos meios, mas um conhecedor do funcionamento técnico e ideológico e assumir papel de sujeito no processo de comunicação atuando nos meios e propondo explicitamente a progressiva insistência na formação e competência para a comunicação.

O pontífice entendeu que a televisão reúne em si o potencial de informação, formação e transformação e em quatro pontos sintetiza seu pensamento a cerca da televisão e o quanto pode ser útil para o desenvolvimento de uma comunicação a serviço da formação. Soares assim apresenta os quatro pontos de Pio XII sobre a televisão,

- 1- A televisão pode, antes de tudo, ajudar a escola a tornar mais eficaz o ensino, transformando-se em elemento complementar para a formação dos alunos.
- 2- A televisão pode tornar-se um meio eficaz para favorecer a unidade da família.
- 3- A televisão pode apresentar-se à grande família humana, à comunidade dos povos como instrumento eficaz para o conhecimento recíproco e a mútua compreensão.
- 4- A televisão pode ser instrumento de difusão dos serviços litúrgicos, em benefício dos que não podem freqüentar as igrejas (Soares,1988: 86).

A Igreja ficou tão deslumbrada com a televisão e tão interessada nessa novidade tecnológica e o modo como poderia dinamizar a promoção da fé, que não se deteve às implicações da televisão no cenário mundial no qual a indústria cultural se firmava e ao qual o novo meio de comunicação estaria atrelado. Pio XII via na televisão um excelente meio para divulgar a mensagem religiosa e conduzir a Igreja ao cenário de midiaticização que se intensificava na sociedade.

Todos esses acontecimentos explicitaram a dinâmica da Igreja para inserir-se na nova sociedade que cunhava um novo modelo de homem, de relações e de mundo. É certo que a primeira metade do século XX foi um cenário de intensa atividade para o universo das comunicações e a Igreja Católica viu-se nesse mesmo ambiente, elaborando a sua proposta de comunicação que se apóia na expectativa de que a comunicação servisse também à formação. Foi nesse ambiente e por ele preparado que o papa Pio XII apresentou à Igreja e à Sociedade a encíclica *Miranda Prorsus*, datada de 8 de setembro de 1957. Soares nos lembra que,

A Miranda Prorsus representa a primeira grande síntese da doutrina da Igreja Católica sobre a Comunicação Social. Sua novidade reside no fato de ter tratado, num mesmo documento, os três grandes meios de difusão: o cinema, o rádio e a televisão, sobre a denominação comum de “a comunicação”. A imprensa e o jornalismo permaneceram, contudo, fora do texto (SOARES, 1988:87).

De fato, a singularidade da encíclica *Miranda Prorsus* marca o início de uma nova experiência relacional entre a Igreja, a comunicação social e os meios tecnológicos que darão novo impulso ao desenvolvimento da comunicação e das relações na sociedade. Trata-se pois de uma perspectiva inovadora no cenário da Igreja. Se antes o avanço tecnológico das comunicações foi visto e combatido como inimigo mortal, agora é acolhido como oportunidade de parceria entre Deus e o homem.

Ao mesmo tempo em que a Igreja reconhece o avanço tecnológico como dom de Deus, afirma ser também resultado da engenhosidade do homem. Com isso, Deus e o homem agem, na perspectiva eclesial, em parceria na construção de uma sociedade que se destina

ao bem. Para o exercício desse bem, o homem precisa ser formado para a atuação e a recepção críticas da comunicação. Nessa nova perspectiva a Igreja pretende que sua relação com os meios seja de parceria, mas tendo ela mesma a responsabilidade de uma ação crítica diante dos conteúdos veiculados e os danos que o mau uso dos meios pode resultar na vida espiritual dos cristãos. Segundo Puntel,

A novidade deste documento é que ele condena o uso da comunicação apenas para os interesses políticos e econômicos. De acordo com a *Miranda Prorsus*, a Igreja não pode concordar em tratar esta nobre causa apenas como mero negócio (MP 35). Ao contrário, a Igreja deve encorajar o emprego das novas tecnologias de comunicação para favorecer e desenvolver a cultura humana e os valores espirituais da sociedade. No entanto, como o documento adverte, é sempre muito difícil dizer quando as finalidades das novas tecnologias de comunicação estão nelas embutidas, ou cuidam apenas de fins políticos e propagandísticos, sendo consideradas, portanto, meros negócios econômicos (MP10). (PUNTEL, 1994:43).

É nessa perspectiva que a Igreja foi percebendo na formação e competência, a prevenção para as ameaças à liberdade e à democracia. A Igreja então aposta na formação crítica como prevenção à indústria cultural e à alienação do receptor.

Pio XII reconhece o poder dos meios de comunicação e não quer condená-los, mas não é ingênuo diante deles. A atitude de acolhida faz com que perceba a urgente necessidade de formação para a reflexão crítica no exercício da comunicação a fim de evitar uma comunicação restrita ao uso dos meios e recepção acrítica dos conteúdos. Norval Baitello adverte sobre o impacto da intervenção excessiva das imagens no imaginário das pessoas ao afirmar que,

O potencial construtivo ou destrutivo das intervenções sociais e culturais por meio das imagens pode ser imenso, quando elas corporificam uma relação viva entre o homem e suas referências, seus símbolos. Quando portam valores, elas sustentam os vínculos entre o homem e suas raízes culturais e históricas. Quando se esvaziam, trazem à tona e demonstram o esvaziamento dos valores de referência de uma cultura (BAITELLO, 2005: 15).

Ainda no pontificado de Pio XII, o olhar não se descuidava da perspectiva de mercantilização e ideologização para as quais a comunicação se enveredava. O pontífice aqui mencionado exerceu o governo da Igreja numa sociedade espetacularizada o que aguçou o mercado de bens de consumo material e o mercado consumidor de bens culturais. O olhar de Pio XII estava atento a essa realidade e a progressiva insistência na formação e competência para a comunicação era mais que uma proposta, tratava-se então de uma necessidade urgente e vital aos olhos do papa. Foi, então, o momento em que pensar a comunicação para a

formação, para além do entretenimento e do mercado emergiu fortemente no cenário da Igreja.

Reconhecendo a força da comunicação, o papa insiste que a Igreja deve usar essa força para divulgar a fé cristã e para isso percebe a necessidade de formar-se e capacitar-se. Trata-se de uma organização da formação atenta ao acelerado processo de industrialização da comunicação com a percepção de formação crítica diante da mensagem produzida. Puntel aponta que,

De acordo com Pio XII, os organismos nacionais deveriam contribuir para esclarecer e educar as pessoas, especialmente quanto aos filmes, ajudando-as a exercer a responsabilidade cristã na produção e na distribuição desses filmes, e preparando listas para indicar quais produções estão de acordo com os juízos morais católicos (MP 21) (PUNTEL, 1994: 41).

Apesar da nova perspectiva da Igreja em relação aos novos meios de comunicação, é preciso entender que o tom de advertência sobre a necessidade do exercício da censura estava presente nos discursos do papa Pio XII, e refletiam a preocupação da Igreja com os danos que o mau uso desses meios poderia resultar na sociedade danificando a integridade dos indivíduos e dos valores cristãos. Essa preocupação nos discursos do pontífice é compreensível no contexto de então, quando a indústria cultural alargava-se, e o mercado absorvia não só a produção dos bens materiais e também os bens culturais. De acordo com Puntel,

O tom geral da *Miranda Prorsus*, assim como o da *Vigilanti Cura*, é cauteloso e protetor. Pio XII acentua as influências potencialmente corruptoras dos meios de comunicação social. A esse respeito, tanto as autoridades civis como as eclesiásticas são conclamadas ao exercício da censura, e os organismos nacionais são chamados a agir como vigias. Assim, pelo menos inicialmente, os organismos – uma ampla rede de organismos da Igreja Católica, comprometidos com os meios de comunicação social - são posicionados mais por razões negativas ou defensivas do que positivas, isto é, por propósitos apostólicos (PUNTEL, 1994: 42).

Compreende-se depois do exposto até aqui, que, no pontificado de Pio XII, a Igreja conseguiu dar um salto em sua reflexão sobre os meios de comunicação social. Verifica-se então certa maturidade que habilitou a Igreja ao diálogo com a sociedade midiaticizada e deu às reflexões pontifícias uma grande consistência que permitiu uma renovação conceitual na perspectiva da Igreja no universo da comunicação social.

A encíclica *Miranda Prorsus* do papa Pio XII encerrou uma fase do processo em que a Igreja formula sua perspectiva de uma progressiva insistência na formação e competência

para a comunicação como eixos fundamentais no pensamento e na prática da Igreja Católica na sociedade midiaticizada. Seguramente esse papa conseguiu sintetizar todo o processo das primeiras cinco décadas do século XX em que a Igreja foi construindo e amadurecendo sua perspectiva comunicacional. Com a encíclica *Miranda Provisus*, as bases para a pastoral da comunicação social estavam lançadas na Igreja. Essa encíclica exerceu grande influência no Concílio Vaticano II no tratamento dos meios de comunicação. De acordo com Dale,

Muito inteligente, com uma vasta cultura, Pio XII se ia valendo das múltiplas solicitações pastorais para refletir e aprofundar o pensamento a respeito da natureza, significação e importância desses meios que vieram revolucionar uma série de aspectos básicos da cultura moderna... Onde nós já encontramos, reunidas: uma análise da significação tanto geral quanto específica, dos Meios de Comunicação Social; as linhas mestras de uma ética das Comunicações Sociais, em que se destaca a exigência fundamental: a serviço do homem na sua totalidade; e algumas reflexões teológicas básicas nesse campo (DALE, 1973: 116).

Pio XII preparou o caminho para os passos que a Igreja assumiria a partir do Concílio Vaticano II no que se refere à comunicação social. A Igreja iniciou nova fase de compreensão e prática comunicacionais.

No próximo capítulo, destaca-se o período de 1960 a 2009, analisando a maturidade que alcançou a reflexão da Igreja sobre a comunicação no surpreendente e acelerado processo de desenvolvimento tecnológico. A influência das novas tecnologias sobre a vida social, a percepção da pessoa e das relações interpessoais levaram a Igreja a lançar-se no novo areópago dos tempos modernos, a comunicação. Vai-se ainda tratar do reconhecimento da comunicação como uma cultura instaurada e a partir daí as tentativas de diálogo entre fé e cultura como conquista de uma progressiva insistência na formação e competência para a comunicação. Por fim, tratar-se-á do esforço da Igreja para entrar no mundo virtual, concebendo-o como um novo continente a ser evangelizado.

Capítulo 3. Novas Linguagens. Terceira Fase 1960 – 2009

3.1 Novas linguagens para novos tempos

Passa-se, então, ao terceiro capítulo desse trabalho que pretende situar a Igreja no novo ambiente social, cultural e econômico, marcado pela consolidação da tecnologia e radicalização das rupturas de toda ordem no cenário social. A mudança conceitual e prática na perspectiva da Igreja em relação aos meios de comunicação permitirão a presença eclesial no cenário das comunicações com a apreensão, inserção e aquisição dos meios.

A segunda metade do século XX será surpreendentemente rica na produção teórica, na aquisição dos meios, estruturação de empresas comunicacionais e iniciativas de formação para a comunicação em nível eclesial. Será esse período marcado com a tentativa de estabelecer um diálogo entre fé e cultura. Não se tratará mais de opor fé e cultura como realidades antagônicas, mas aproximá-las com realidades que se complementam.

Em tempos dominados pela tecnocracia nos quais o analfabetismo tecnológico intensificará a exclusão social e digital a necessidade de formação torna-se imperativo não somente eclesial, mas de toda a sociedade. A Igreja então explicita seu pensar comunicacional: progressiva insistência na formação e competência para a comunicação como eixos fundamentais no pensamento e na prática da Igreja Católica na sociedade midiática dominada pela tecnologia.

Se no passado, a atenção estava focada nos conteúdos veiculados que promoviam o risco de alienação e danos à vida moral cristã, hoje não somente danos à moralidade cristã estão em jogo, mas a inclusão da pessoa na sociedade. Sem conhecer a tecnologia e a ideologia dos atuais meios de comunicação, os internautas navegarão por *mares nunca dantes visto*³⁰ sem a bússola que lhes permita acertar a direção. A Igreja Católica assumirá a necessidade de inserir-se no universo da cultura comunicacional propondo pontes dialogais com a sua *progressiva insistência na formação e competência para a comunicação, como eixos fundamentais no pensamento e na prática da Igreja Católica na sociedade midiática*.

O objetivo então será situar os acontecimentos sociais, as inovações tecnológicas dos meios de comunicação com sua decisiva interferência no comportamento social e pessoal e a participação da Igreja nesse processo mediante estudo de documentos oficiais da Igreja que se referem à comunicação, para verificação de sua atuação no cenário comunicacional da

³⁰Referência que o autor desse trabalho faz ao cibercultura num paralelismo às grandes navegações para ilustrar a força dos novos meios tecnológicos de comunicação.

sociedade midiaticizada

Este capítulo está organizado em duas partes: a primeira tratará do Concílio Vaticano II, a encíclica *Inter Mirifica* e a instrução pastoral *Communio et Progressio* compreendendo o período de 1959 a 1971. A segunda parte tratará dos seguintes documentos, *Evangelii Nunciandi*, *Redemptoris Missio*, *Aetatis Novae*, *Igreja e Internet*, *Ética na Internet* e *O rápido Desenvolvimento*. Documentos eclesiais oficiais promulgados entre 1960 e a primeira década do século XXI, que a partir do Concílio Vaticano II expressam a percepção e confirmação da progressiva insistência na formação e competência para a comunicação.

Embora os documentos, *Ética na Publicidade* e *Ética nas Comunicações Sociais*, sejam do mesmo período dos demais acima citados para a segunda parte do capítulo, esses dois aqui mencionados não foram usados para o desenvolvimento da pesquisa, embora tenham sido lidos. Julga-se desnecessário desenvolver reflexão específica sobre eles, pois a temática da ética foi abordada nos documentos *Igreja e Internet* e *Ética na Internet*.³¹

Nesse tempo de mudança de era, marcado por grandes contradições ideológicas e reconfiguração política e econômica a nível mundial, o pensar do homem sobre si e sobre a sociedade fará emergir novos modelos de homem e reestruturação radical dos valores, o interesse da Igreja se voltará para o conjunto dos meios de comunicação, pois sua percepção não estará mais atrelada à idéia de *mass media*, senão que a Igreja alcançará a compreensão de que se instalou na sociedade midiaticizada uma cultura comunicacional e pretende estabelecer um diálogo entre fé e cultura como possibilidade que consolide o bem das pessoas. Para tanto, a formação e competência são ratificados como eixos fundamentais para a comunicação entre as diversas comunicações dessa mesma cultura híbrida situada na diversidade da sociedade midiaticizada. Destacando a importância do Concílio Vaticano II, Puntel diz que,

O Concílio Vaticano II constitui o mais importante evento da Igreja Católica neste século (XX). Foi uma reunião solene de bispos de todo o mundo, convocados pelo papa João XXIII, para deliberar em comum sobre importantes questões. Realizado em Roma, em três importantes sessões, de outubro de 1963 a dezembro de 1965, foi o vigésimo primeiro concílio ecumênico depois de um intervalo de 92 anos (Concílio Vaticano I ocorreu em 1870). Por ter se caracterizado como uma assembléia da cúpula eclesial para deliberar sobre assuntos de doutrina e da missão da Igreja no mundo (PUNTEL, 1994:41).

³¹Os documentos: *Ética nas comunicações* e *Ética na publicidade* fazem parte dos pronunciamentos do Magistério da Igreja sobre a Comunicação e encontram-se no anexo final sobre os documentos.

3.2 Um olhar sobre a pós-modernidade

Julga-se oportuno apresentar, nesse momento, um panorama da sociedade midiaticizada que a Igreja Católica encontrou, bem como o novo modelo de homem forjado nessa sociedade e a relativização instaurada nas instituições e organizações sociais.

Comunicar-se com homens e instituições fluidas em uma sociedade midiaticizada marcada pela virtualidade, simulação da verdade e valores relativos tornou-se um grande desafio e ao mesmo tempo território propício para a progressiva insistência na formação e competência para a comunicação, como impulsionador de seu diálogo com o mundo. Ainda que o período entre 1971 a 1992, a Igreja não tenha publicado nenhum documento específico sobre a comunicação social e às grandes inovações tecnológicas aplicadas à comunicação; seu silêncio não impediu o ritmo acelerado do desenvolvimento das relações mediadas e a sociedade midiaticizada avançou estruturando novos parâmetros de conduta para o homem. Segundo Puntel,

De 1971 a 1992, a Igreja silenciou em termos de documentos sobre a comunicação. São 21 anos, numa época caracterizada por profundas transformações no campo midiático em que assistimos à passagem da era analógica para a era digital. Enfim, em 1992 veio a instrução pastoral *Aetatis Novae*, breve se comparada à *Communio et Progressio*, e que sintetiza aspectos e elementos fundamentais no campo da comunicação fazendo, emergir, sobretudo, a necessidade de uma pastoral, seja “da” como “na” comunicação. A *Aetatis Novae*, à luz dos documentos precedentes, estimula, encoraja, apresenta princípios e perspectivas pastorais e planos para uma eficiente pastoral da comunicação (PUNTEL, 2005: 129).

Diante do antagonismo da visão da Igreja e da ideologia pós-moderna, sobre o homem e os valores sociais, denota-se a ausência de valores éticos, morais e religiosos, que possam nortear a sociedade em seu processo cada vez mais técnico e acelerado de comunicação.

A mutilação da pessoa, gerando um mundo simbólico distorcido, cuja identidade é danificada pela fragmentação, constitui um agravante para a comunicação católica que propõe relação comunitária alicerçada em valores estáveis, a fim de desenvolver relações de coresponsabilidade no processo de resgate e formação das pessoas para consolidar a liberdade como instrumento estruturante do sujeito construtor de uma ordem justa e igualitária.

As relações interpessoais também têm mudado. As relações multiplicam-se, de modo virtual, por meio das tecnologias, sobretudo pela internet. Essa fratura relacional atinge, além dos laços familiares, a adesão madura à fé, que exige compromisso e resposta pessoais. Nesse processo, a prática religiosa hibridiza-se com magia e esoterismo que possibilitam a

satisfação rápida dos desejos individuais.

A progressiva insistência na formação e competência para a comunicação traz consigo uma nova perspectiva de comunicação no mundo contemporâneo, interessada em auxiliar o resgate da pessoa humana a fim de que se passe de uma sociedade de indivíduos para uma sociedade de pessoas que encontrem na comunitariedade solidária um modo de comunicação que contribua e responda às inquietações do homem nesse mesmo cenário.

3.3 Uma sociedade tecnocratizada

A sociedade contemporânea vive momento de redefinição em sua estrutura organizacional, institucional e na vida dos indivíduos. Cenário das mais incríveis invenções da tecnologia e novos enfoques da filosofia, a contemporaneidade é um tempo ou um “destempo” de efervescência inovadora e de transformação radical das estruturas de pensamento e reflexão. Assiste-se a uma mudança de era na qual as novas estruturas suplantam antigos modos de pensar, organizar, pesquisar, produzir, distribuir e consumir. Inseridas nesse ambiente as novas tecnologias da informação promovem uma verdadeira revolução, na produção mercadológica, na distribuição e consumo do pensamento e da informação.

Entrou-se na cultura da técnica, predomínio do saber científico, para muitos, como o verdadeiro saber capaz de dar soluções acertadas aos diversos problemas dos indivíduos e das sociedades. Pretensa herdeira do racionalismo iluminista, a ciência moderna, ator nesse novo cenário, propõe a superação das crenças religiosas, instaurando o predomínio das crenças científicas. As novas tecnologias ocupam lugar singular no ambiente das sociedades contemporâneas e prometem solucionar os dramas e os limites dos indivíduos.

Mas é preciso considerar que o progresso técnico-científico das sociedades não é um processo que siga o mesmo ritmo nem tão pouco o mesmo tempo nos diversos lugares. Não existe uniformidade no desenvolvimento tecnológico que permita falar de uma alteração radical nas sociedades contemporâneas ao mesmo tempo. Há uma série de processos de rupturas nas diversas sociedades em tempos igualmente diversos que promovem transformações estruturais e viabilizam o aperfeiçoamento de conhecimentos e domínios de técnicas já adquiridas que resultarão em novidades tecnológicas, cuja vantagem será a capacidade de respostas mais rápidas para problemas antigos que, alterados ou não, persistem. Nem o relógio das descobertas, nem das invenções cultuam "*cronos*", e rebelados a esse

"*deus*", prosseguem vitimados pelos mais variados fatores existentes em uma sociedade. Ao tratar desse assunto Whitehead assim se expressa,

Épocas novas emergem com relativa rapidez se considerarmos os milhares de anos ao longo dos quais a história toda se estende. Povos separados tomam de repente seus lugares na torrente principal dos eventos; descobertas tecnológicas transformam o mecanismo da vida humana; uma arte primitiva rapidamente desabrocha em completa satisfação de algum desejo estético; grandes religiões, em sua jovem cruzada, expandem pelas nações a paz do céu e a espada do Senhor (WHITEHEAD, 2006:13).

3.4 Novas tecnologias, mudanças e novas relações: Exigência de novas reflexões

As novas tecnologias promovem nova relação entre o homem e a máquina. Uma nova combinação entre cérebro e informação, que substitui a relação do corpo com a máquina. Isso é, ao mesmo tempo, um movimento de integração e exclusão, de desterritorialização e realocização.

Impõe-se nesse ambiente a necessidade de refletir sobre mudanças e rupturas, transições e recomposições que se experimentam no âmbito da comunicação social com mediações entrelaçadas com a tecnologia, que colaboram para que, mais que um tempo de mudanças, viva-se uma forte mudança de tempo.

Contudo, muitas transformações que se presencia, e que se seguirá presenciando no futuro imediato no âmbito da comunicação social se devem à extensa presença das mídias e tecnologias nascidas na modernidade. Ao que parece as mídias e tecnologias de informação geradas ao amparo da modernidade e inseridas socialmente durante o século passado, não perderam relevância diante da mudança ou conjunto de mudanças tecnológicas mais recentes. Do contrário poder-se-ia pensar que as novas tecnologias como todas as tecnologias precedentes surgiram de um universo mágico ou foram devidos ao esforço de um só indivíduo, como se esse possuísse um gênio singular que o habilitara a descobrir sozinho e por seu esforço hermeticamente solitário tal invento.

Mas as tecnologias, consideradas como resultados de um processo evolutivo, contam com muitos elementos e a participação de um sem número de indivíduos cujos esforços somados resultam na viabilidade de novos inventos. Alexandre Koyré nos auxilia nesse assunto propondo que,

Veze sem conta, ao estudar a história do pensamento científico e filosófico dos

séculos XVI e XVII - na verdade, estão de tal forma entrelaçados e vinculados que, separados, se tornam ininteligíveis - vi-me forçado a reconhecer, como muitos outros antes de mim, que durante esse período o espírito humano, ou pelo, menos o europeu, sofreu uma revolução profunda, que alterou o próprio quadro e padrões de nosso pensamento, e da qual a ciência e a filosofia modernas são, a um só tempo, raiz e fruto (KOYRÉ, 1979:7).

As pessoas que viabilizam determinadas tecnologias são resultados sociais e culturais estão inseridos em um determinado contexto e sofreram o impacto de inúmeras necessidades próprias de seu tempo. As tecnologias, por sua vez, são resultados dos esforços em busca de respostas a essas necessidades sociais. Assim que as novas tecnologias são resultados dos esforços de indivíduos que buscam, a partir de situações concretas do presente, resposta que consideram aquilo que foi esquecido ou não percebido pelos antecessores. Na perspectiva de Alfred Whitehead North,

Esse novo colorido da forma de pensar tinha ocorrido lentamente ao longo de muitas épocas entre os povos europeus. Por fim, terminou em um rápido desenvolvimento da ciência; e se tem desse modo, fortalecido graças às suas mais óbvias aplicações. A nova mentalidade é mais importante também que a nova ciência e a nova tecnologia. (WHITEHEAD, 2006: 15).

As novas tecnologias afetam radicalmente a forma de pensar, e de gerir a sociedade e os indivíduos, inauguram uma integração entre homem e máquina inserindo-o no universo das tecnologias levando-os a superar a máquina e tecnificar o pensamento.

3.5 Ecossistemas comunicativos: convivência dos velhos e novos meios

Os meios de comunicação, velhos ou novos, coexistem e constituem ecossistemas comunicativos complexos. A chegada de um novo meio ou tecnologia não implica na suplantação do anterior. Isso porque cada meio ou tecnologia envolve em sua transformação outros fatores além dos técnicos e instrumentais e, mais, cada tecnologia demanda um tempo de aprendizagem e apropriação por parte dos usuários. As tecnologias demandam uma atenção diversificada para gratificar seus usuários, e cada tecnologia atende melhor à satisfação de uma ou mais necessidades que as anteriores, mas não de todas; enfim cada nova tecnologia provoca outras mudanças que requerem reajustes e reacomodações variadas por parte dos usuários.

Há uma desconexão do rápido desenvolvimento tecnológico e sua assimilação cultural, mas existe sim uma assimilação mercadológica. Então a mudança sócio-cultural supõe mudanças na sedimentação e na produção simbólica e isso requer um tempo. No campo

da comunicação, verifica-se uma série de “destempos” que vai atropelando a vida cotidiana. Esses “destempos”, porém exigem ajustes e processos de aprendizagem por parte dos diversos atores sociais.

Se as mudanças tecnológicas tivessem ocorrido somente em nível instrumental teriam sido assimiladas com maior facilidade e rapidez. Contudo, essas mudanças trazem fortes transformações nas práticas sociais ocupando lugar importante, na sociedade.

A grande mudança que está acontecendo, agora, não é localizada em determinado seguimento da sociedade, mas trata-se de uma mudança de época, o que afeta todas as instâncias da sociedade: a tecnologia, a vida individual e coletiva. Assim, a mediação da tecnologia impacta tudo o que toca. Esse impacto não deve ser diminuído ou negado, mas precisa ser visto com a importância devida.

As determinações introduzidas pelas mudanças tecnológicas afetam de modo especial a sociabilidade. Os usuários acabam caindo na dependência da tecnologia. Para interagir precisam estar conectados às grandes redes e infra-estruturas, que eles mesmos não administram, não controlam nem criam. Assim, existe uma idéia de liberdade que na realidade amarra os indivíduos privando-os da liberdade que aparentam frente à tecnologia. Então, a dependência dos usuários em relação às velhas mídias não desapareceu, mas mudaram simplesmente seu formato. Tudo isso se apóia numa superficialidade de opções sobre as quais quem decide parece ter controle.

Há um forte jogo de mediações com destaque à midiática e a tecnológica, que provocam a fluidez das identidades. Nessa mudança de época em relação às identidades, a fragmentação é sua centralidade. Mas esse reconhecimento somente é possível devido à tecnologia midiática que permite ter visibilidade em telas e que cada vez mais se torna sinônimo dela. O resultado na vida cotidiana é uma crescente dependência da tecnologia, em particular, da midiática e digital. Dependência que está sendo explorada e enquadrada essencialmente por razões mercantilistas.

3.6 Inovações tecnológicas, Comunicação e processos sociais

Desde a reflexão sobre a tecnologia e seus impactos não somente na vida social, mas também na vida pessoal no cenário da sociedade midiaticizada, inquietantes questões passaram a indagar sobre a liberdade do homem e a verdadeira possibilidade desse indivíduo exercer sua liberdade frente ao fascínio e controle que a tecnologia exerce sobre ele.

Recorde-se, aqui, um dos conceitos de tecnologia no sentido etimológico do termo que, segundo Álvaro Pinto recorda a sua relação com o estudo e a discussão da técnica. Mas o mesmo autor aponta que tecnologia também tem relação com a técnica simplesmente, ou seja, com o *know how*. É possível aqui se perguntar sobre os traumas que essa percepção pode provocar no exercício do que se chama liberdade. Contudo Álvaro Pinto, apresenta ainda outra noção de tecnologia como sendo o conjunto de todas as técnicas de que dispõe uma determinada sociedade, em qualquer fase histórica de seu desenvolvimento. Tudo isso estaria relativamente bem se o autor citado acima não lançasse a reflexão a um universo inquietante e provocador, quando recorda que o vocábulo tecnologia traz consigo ainda a idéia de ideologização da técnica (Álvaro Pinto Vieira, 2005).

Mas, em um universo social marcadamente influenciado pela tecnologia e pela técnica, torna-se inquietante uma pergunta sobre o homem, seu papel na sociedade e a liberdade humana um dos marcos da autonomia e da subjetividade e sua produção cultural. É preciso considerar, ainda, que todo processo cultural desenvolvido pelo homem emerge no seio de sociedades concretas e esbarra sempre com os limites de competência dos sujeitos sociais que atualizam ou inviabilizam novos processos impulsionadores e dinamizadores da história. Assim considera-se dado cultural a ação e reação das diversas forças constitutivas da sociedade no processo de redesenhar o imaginário humano e de reconstruir os mapas de seu universo.

Na era de uma informação que avança em sintonia e cumplicidade com a revolução tecnológica centrada nas tecnologias digitais de informação e comunicação, concomitante com a emergência de uma estrutura social em rede e com a interdependência global dessas atividades torna-se difícil falar em comunicação sem mencionar tecnologia. É difícil falar em tecnologia sem pensar em sua presença no mundo das comunicações. Castells a esse respeito assim se expressa, “essa *era* da informação não determina um único curso para a história, tendo conseqüências e características que vão depender do poder daqueles que se beneficiam conforme as inúmeras opções que se apresentam” (CASTELLS, 2006: 226).

Embora se viva em um tempo e uma sociedade marcados pelas inovações tecnológicas cujos avanços são surpreendentes verifica-se uma grande distorção entre as conquistas tecnológicas e o acesso às tecnologias o que acentua as dicotomias sociais. A interação sociedade da informação e sociedade da tecnologia, hoje realidade, forjaram uma ideologia segundo a qual todos os problemas sociais seriam sanados à medida que o avanço científico e tecnológico fosse realidade no ambiente sócio-cultural. Junto com esse pensamento alastrou-se o equívoco de uma bondade tecnológica, de uma imparcialidade científico-tecnológica cujos benefícios seriam dirigidos a todos.

Ao contrário de tudo isso, o que se vê é uma grande orquestração entre interesses econômicos de grupos específicos na sociedade. Assim, que ciência e tecnologia mergulhadas no processo de globalização se orientam pela lei do mercado e prosseguem reforçando-se mutuamente. Castells a esse respeito assim se manifesta,

Em meio a uma das revoluções tecnológicas mais extraordinárias da história, a disparidade de conhecimento e capacidade científica se concentra cada vez mais em termos relativos, por países, por classes, por instituições e por organizações. E os efeitos desta revolução sobre a qualidade de vida são apropriados fundamentalmente pelas grandes corporações e seus circuitos de distribuição (CASTELLS, 2006: 226).

Na perspectiva de Castells, a ideologia da bondade tecnológica associada à ideologia de uma globalização fundamentalmente orientada pela lei do mercado ameaça a sociedade entendida como um processo autônomo de decisão em função dos interesses e valores de seus membros. Por isso, pode-se verificar que, embora estejam as pessoas no cenário das grandes revoluções tecnológicas, não são beneficiadas com o conhecimento dos mecanismos científico-tecnológicos e, verifica-se também que o acesso à tecnologia e aos seus benefícios não é uma realidade democratizada.

Assim entre produção tecnológica, distribuição de tecnologia e conhecimento dos mecanismos da tecnologia que dariam condição de igualdade entre os diversos pares da sociedade não constituem uma realidade concreta na sociedade. A apropriação das inovações tecnológicas pelos grupos hegemônicos da sociedade cria uma grande distância entre os benefícios tecnológicos e os indivíduos da sociedade, para os quais tais inovações são construídas, pelo menos em nível de ideal.

Castells adverte sobre a necessidade de que a criação, a inovação e acessibilidade das tecnologias não sejam propriedade de uma pessoa ou de um grupo, pois isso causa danos sociais quase irreversíveis e impedem a transformação social que poderia resultar das

inovações tecnológicas. Para Castells,

Um tratamento indevido do direito de propriedade intelectual é um obstáculo decisivo ao progresso material e à qualidade de vida na era da informação. Além disso, a propriedade intelectual restritiva, em um mundo onde a ciência e a tecnologia são as forças produtivas essenciais, é o principal obstáculo ao desenvolvimento dos dois terços da humanidade que ainda vivem na pobreza. Os pobres do mundo, os criadores e os inovadores têm um grande objetivo comum: a reforma dos direitos de propriedade para que a criatividade possa ser fonte de riqueza e de valor de uso, sem que se esgote nos estreitos canais de sua apropriação seletiva pelos financistas oligopólicos (CASTELLS, 2006: 230-231).

Sem dúvida, as inovações tecnológicas são uma grande revolução na sociedade e marcam a engenhosidade humana, de modo que não se tem por objetivo negar os benefícios materiais advindos das descobertas e inovações tecnológicas, mas ajudar na reflexão sobre os processos sociais que não são tecnológicos, não são mecânicos puramente. Mas, antes de tudo, são processos sociais resultantes das relações entre as pessoas. Renunciar a isso seria o mesmo que negar o próprio ser humano a partir de quem e para quem as inovações tecnológicas e as descobertas científicas devem estar voltadas.

A liberdade humana é, sem dúvida, um valor a ser protegido continuamente e preservado de toda e qualquer violabilidade. Pensar uma sociedade tecnocrata implicaria em difundir a idéia de uma bondade da tecnologia e seria compactuar com uma simulação da verdade, danificando os processos sociais construídos a partir das pessoas e não das máquinas. Ainda que se reconheça o valor dos avanços tecnológicos é preciso recordar a necessidade de acessibilidade a esses mesmos valores e a partir da inclusão tecnológica dismantelar a ideologia que sustenta indivíduos e grupos servindo-se da produção, distribuição e inacessibilidade à tecnologia que sustentam uma hegemonia político-econômica e tecnológico-científica.

Diante desse quadro que privilegia os processos tecnológicos com a manutenção do controle nas mãos daqueles detém os mecanismos da técnica, torna-se evidente a necessidade de formação e de competência, e isso vem justificar a progressiva insistência na formação e competência para a comunicação como eixos fundamentais no pensamento e na prática da Igreja Católica na sociedade midiaticizada.

Compreende-se, então, a insistência da Igreja Católica no sentido de que a formação seja o meio mais eficaz para prevenir a fragmentação dos que desbravam espaços virtuais para que não se percam no emaranhado das redes que desenham mapas para mundos cuja virtualidade incrementa simulações da realidade e da verdade.

3.7 E a pós-modernidade disse: façamos o Homem à nossa imagem e semelhança.

A vida *light*

Nunca se ouviu tanto a palavra *light*, uma voz de comando que vai impulsionar um comportamento novo, mas altamente focado no consumo e hedonismo e busca de satisfação pessoal imediata. Essa palavra passa a ter um grande impacto na vida das pessoas pós-modernas. Num primeiro momento, esse termo caracteriza a qualidade de certos produtos alimentícios de menor valor calórico com o fim de contribuir para forma física esbelta, com beleza. Obviamente vem inserido nesse comportamento todo o ideal pós-moderno de satisfação imediata e de forte carga de hedonismo. Enrique Rojas assim se expressa, “sua proliferação começa nos anos 80 nos Estados Unidos com a prática do *jogging* e do exercício nas academias; depois chegou à Europa e se estendeu por todo o mundo” (ROJAS, 1996:70).

Por trás dessa idéia de alimentação *light*, é possível ler a mensagem típica da cultura pós-moderna. Uma vida leve, suave, sem peso, sem exigências. Eliminar as calorias dos alimentos é uma idéia que atua no universo imaginário do indivíduo para a busca de uma vida sem calorias morais, éticas, políticas, religiosas. Há um tipo novo de pessoa forjada nessa deformação do sentido da existência humana. Rojas nos adverte que,

A palavra *light*, em princípio, tem uma conotação positiva em relação à alimentação, mas minha tese é a de que o termo, hoje, constitui um sinal dos tempos que correm, refletindo claramente um modelo de vida muito pobre. A vida *light* caracteriza-se pelo fato de que tudo está sem calorias, sem gosto ou interesse; a essência das coisas não importa, só é quente o superficial (ROJAS, 1996: 70).

A pós-modernidade gera uma vida marcada por um conjunto de verdades que para um olhar mais ingênuo poderia parecer um amadurecimento na compreensão de liberdade. Porém, trata-se de uma mistura inebriante e oscilante de simulações de verdades pessoais, relativistas e permissivas que justificam uma existência momentânea e alimentada pelo consumo. Uma existência que tudo quer e tudo busca, mas não se compromete com nada que implique abertura de si para a alteridade. Nessa perspectiva, tudo é bom desde que sirva ao interesse e satisfação individual.

O homem *light*

À medida que a sociedade foi promovendo o surgimento de produtos chamados “*lights*”, foi sendo também forjado um tipo de homem *light* que revela uma grande pobreza humanística, marcado pelo pragmatismo. Esse modo de ser e posicionar-se diante da vida e da sociedade resulta na construção de uma identidade coletiva líquida, sem consistência duradoura em detrimento daquela individual que sinaliza a especificidade de cada pessoa. Na perspectiva de Bauman,

Já que ser um indivíduo comumente se traduz por “ser diferente dos outros” e é do “eu” que se espera destaque, a tarefa parece intrinsecamente auto-referencial... Eu procuro pelo meu “verdadeiro eu” que suponho estar escondido em algum lugar da obscuridade do meu eu *prístino* não-afetado (não-poluído, não-suprimido, não-deformado) pelas pressões externas. Eu traduzo o ideal de “individualidade” como autenticidade, como “ser fiel a mim mesmo”, ser o “verdadeiro eu” (BAUMAN, 2007: 27).

Esse homem denominado *light*, massificado, revela interesse por tudo, mas de modo extremamente superficial, sem a preocupação de fazer síntese do que percebe e, como consequência torna-se trivial e leva a vida da mesma forma. O homem que é forjado a partir das estruturas pós-modernas surge marcado de superficialidade, frivolidade e permissividade.

Em meio a mudanças aceleradas, não se apercebeu que estava à sua margem, sem um referencial de suporte. Assim, no mesmo ritmo em que as mudanças foram acontecendo, o que impossibilitou a assimilação das mudanças e dos novos elementos emergentes, o referencial desse homem *light* tornou-se também um mero conjunto de tudo pode, tudo é possível. Sobre isso Rojas nos diz,

E assim encontramos um bom profissional em seu campo específico de trabalho, que conhece bem a tarefa que tem nas mãos, mas que fora desse contexto fica à deriva, sem idéias claras, preso – como está num mundo cheio de informação, que o distrai, mas que pouco a pouco o converte num homem superficial, indiferente, permissivo, que vive um enorme vazio moral (ROJAS, 1996:70).

Em uma sociedade da velocidade em que tudo é rápido e está num contínuo suceder das coisas, o homem tem características que o identificam com essa mesma sociedade, fazendo-o tão veloz quanto à sociedade e suas estruturas destituídas de valores sólidos. Surge um sujeito social voltado inteiramente para si, em torno dele gira tudo o que diz respeito ao seu comportamento e seus interesses. Movido pelo pragmatismo, a vigência social torna-se sua conduta moral, a ética estatística substituindo a consciência. Esse comportamento o

mergulha no vazio que vai se tornando uma característica bem acentuada da sociedade pós-moderna. Maffesoli recorda que,

É verdade que temos todos, uma existência pessoal, mas também somos representantes, às vezes até vítimas, de um “espírito Comum”, talvez até de um “inconsciente coletivo” que se foi constituindo de século em século. E muitas vezes, quando julgamos estar expressando nossas próprias idéias, somos apenas porta-vozes, figurantes de um vasto “*theatrum mundi*” de dimensões infinitas (MAFFESOLI, 2007: 179).

Sem enxergar um caminho e sem o desejo e decisão de construí-lo, volta-se para uma existência fugaz. A vida sem idealismo torna-se ancoragem de uma sociedade do momento cujos olhos são incapazes de vislumbrar realidades que transcendam o aqui e o agora, seguidos de um único objetivo, satisfazer-se o quanto puder. Acentuadamente vulnerável o homem pós-moderno é resultado do todo cultural da pós-modernidade. Viver torna-se um cansaço, porque não tem uma perspectiva de futuro suficientemente forte para reconduzi-lo ao eixo reflexivo da transformação pessoal e social.

Uma leveza insustentável

Outro aspecto da vulnerabilidade do homem pós-moderno é sua aparente dinamicidade, um caráter divertido que oculta a verdade de um homem cansado, desolado pela frustração resultante do hedonismo e pobre de idéias, por concentrar-se na arte de consumir. É um homem assim, *light*, sem sabor, sem ardor, sem determinação. É uma leveza dos alimentos que reflete na mesma leveza, suavidade, não exigência de valores sólidos e estáveis que proponham e suponham uma conduta reflexiva do homem sobre a sociedade, suas instituições e seus propósitos. Na perspectiva de Rojas,

O homem hodierno é frio, não acredita em quase nada, suas opiniões mudam rapidamente e deixou para trás os valores transcendentais. Por isso foi caindo numa certa vulnerabilidade. Desse modo é mais fácil manipula-lo, leva-lo daqui para ali, mas tudo sem muita paixão. Muitas concessões foram feitas sobre questões essenciais, e os desafios esforços já não indicam a formação de um indivíduo mais humano, culto e espiritual, mas sim voltado para a busca do prazer e do bem-estar a qualquer custo, além do dinheiro (ROJAS, 1996: 16).

Nesse cenário, o homem aqui vislumbrado, sem vínculos, sem compromisso no qual a indiferença une-se à desvinculação de quase tudo que o cerca. De pessoa humana emerge um

ser “reificado”; voltado ao consumo e bem-estar, cujo anseio é despertar admiração. Nesse ambiente em que o homem vai se tornando light ocorre ainda uma hibridização entre a realidade e sua representação, uma mistura do homem concreto com o homem visual, imagético. Afeta-se a percepção corporal e a relação do homem com seu próprio corpo, resultando em uma busca desenfreada por formas perfeitas de corpos que intensifiquem a vida prazerosa e busca-se com isso driblar a contingência temporal humana com sua inevitável decadência nas formas físicas. Um dos grandes resultados negativos é que o homem, na atualidade, perdeu suas referências, seu objetivo de vida e torna-se cada vez mais desorientado diante das grandes interrogações da existência. Segundo Adriana Bettencourt,

Assim, vemos no homem uma tendência à metamorfose ao mesmo tempo em que se configura o temor das modificações, pois a sensação de estranheza a partir de uma dupla imagem do corpo ameaça a “estabilidade”, gerando caos e incerteza, assinalando a dificuldade em determinar a fronteira de identificação humana. A imagem duplicada se encontra cada vez mais miscigenada, uma vez que o corpo se encontra também mais híbrido, provocando estranhezas e aspectos diversos em processos de irreversibilidade, uma vez que a natureza modificada do homem o coloca em confronto com sua própria noção de identidade (BITTENCOURT, In Norval Baitello e Luciano Guimarães, José Eugênio de Menezes e Denise Paiero (orgs). *Os símbolos vivem mais que os homens: ensaios de comunicação, cultura e mídia*.2006:139).

Sua própria perspectiva de existência reduz-se ao momento presente, cujo sentido está vinculado ao próprio indivíduo concebido como o seu fim próprio. A seriedade passa a inexistir no universo simbólico do homem pós-moderno, conduzindo-o a uma gravitação em torno de si mesmo, desconectando tudo o que venha a ameaçar essa existência voltada para si. “Quando se perde a bússola, logo se navega à deriva, não se sabe a que se agarrar nos temas-chave da vida, o que leva a uma aceitação e canonização de tudo” (ROJAS, 1996:17).

Do Código ao Consumo

Obviamente, o sujeito, antes pensante, deve ser agora sujeito consumidor, cujo pensar é descartado e desnecessário. O homem atual precisa consumir e não pensar. Esse novo modelo é necessário na lógica do capitalismo, pois sem ele o sistema naufragaria. Ao cristalizar as aspirações do homem no universo do materialismo, facilmente o mesmo será conduzido à decadência moral. Ao falar de hedonismo pensa-se no prazer como lei máxima do comportamento. E a expressão forte dessa realidade é a busca, a todo custo, do bem estar imediato. A escrita do hedonismo é a permissividade, buscar o prazer sem nenhum questionamento. Nesse processo, o homem, denominado pós-moderno, constrói dois novos pilares sobre os quais se estrutura o comportamento daqueles que submergem no universo das sensações narcisistas para as quais a vida é concebida como um gozo ilimitado. Observando essa realidade, Rojas propõe que,

Uma coisa é desfrutar a vida e saboreá-la em todas as suas vertentes e outra, muito diferente, é esse maximalismo cujo objetivo é o afã e o frenesi de diversão sem restrições. O primeiro é psicologicamente saudável e sacia uma das dimensões de nossa natureza; o segundo, ao contrário, indica a morte dos ideais (ROJAS, 1996:19).

Esse homem, fruto da sociedade pós-moderna, traz consigo a forte marca do hedonismo, consumista e relativista e encontra-se sem referenciais, movido por forças que lhe são desconhecidas porque ele mesmo não se ocupa de refletir sobre sua condição e o espaço que deve ocupar. Não aponta a direção a seguir, pois ele mesmo não vislumbra um futuro, um devir. Assim, torna-se conduzido ao sabor dos ventos pós-modernos marcados pela fragmentação, individualismo, hedonismo, indiferença entre tantos outros que mascaram a escravidão dos sentidos, travestindo-a de liberdade.

Sem grande esforço, o homem pós-moderno, permissivo, cai no relativismo, segundo o qual não há nada absoluto, nada totalmente bom nem mau. O conteúdo ético toma então uma nova configuração. O bem e o mau serão resultado do consenso. O fato em si nada diz de bom ou de mal, mas a perspectiva social dirá se tal coisa é boa ou má. Este é o homem forjado nos labirintos da pós-modernidade. Não se preocupa com a justiça nem com a razão real da existência. Imediatista é cada vez mais vulnerável, porém não é fruto do acaso, mas surge de uma sociedade que perdeu a orientação, e estrutura um sistema desumanizador que mergulha o indivíduo num poço sem fundo. Para Rojas,

Animalizar o homem em nome da liberdade é um dos maiores enganos que este pode sofrer, porque assim se favorece um tipo de conduta que escandaliza e funciona como uma amostra da evolução da sociedade. Precisamente o homem é livre porque não é um animal, porque pode se afastar de seus instintos mais primários e se elevar, aspirando a não ficar determinado por sua natureza (ROJAS, 1996: 23).

A liberdade pessoal não pode prescindir do conhecimento conceitual de verdade, pelo menos de alguns deles. É preciso então revitalizar alguns conceitos com os quais a idéia de liberdade se relaciona.

A concepção grega, *aletheia*, que significa o que está desvelado ou descoberto e que se manifesta com clareza, refere-se especialmente ao presente. Tomando a perspectiva latina, *veritas*, indica aquilo que é exato, rigoroso, refere-se ao passado, ao que aconteceu. Por fim recorde-se o hebraico, *emunah*, derivante da raiz amém. Diz respeito a assentir com confiança. Nessa perspectiva se expressa de modo especial o futuro, aquilo que virá.

A partir do enunciado acima, entende-se por verdade aquilo que conduz ao conhecimento da realidade pessoal e social. É a partir desse entrelaçamento do pessoal e do coletivo sob a perspectiva da verdade acima apresentada, nada relativista, que o homem pode saber de fato o que fazer, e em consequência do conhecimento da verdade pode refletir sobre sua existência e decidir, então, livremente sobre sua atuação no cenário cultural da pós-modernidade.

Quando não se conhece, facilmente se torna prisioneiro de si, da sociedade e da própria linguagem. O significado das palavras facilmente pode cair nas teias do relativismo, passando então a ter a significar aquilo que o indivíduo queira para justificar a sua prática permissiva. Dessa forma, torna-se possível chamar algo com o nome de outra realidade, o que justificaria uma prática ausentada da verdade, mas que se torna uma verdade pessoal que diz respeito ao interesse do indivíduo na busca de satisfação de seus desejos. Aqui então facilmente a verdade torna-se condicionada pelo indivíduo que a modela segundo seus interesses, aplicando-se segundo a concepção que tem de si, do outro e da sociedade como espaço ocupado, mas não necessariamente refletido e questionado.

Surge uma drástica realidade do homem pós-moderno. A verdade não é o elemento fundamental, mas a simulação da verdade que contenta, alenta e satisfaz o indivíduo. Viver da simulação para não confrontar-se com a realidade. Percebe-se facilmente a insustentável leveza que essa condição vai impondo à pessoa. Pretende-se, assim, sustentar-se sobre o insustentável.

Esse espaço é gravemente ocupado pelos meios de comunicação que agem como gladiadores da nova arena social. O encanto pelos personagens fictícios e a tentativa de

assumir seu comportamento no mundo real vai aceleradamente fortalecendo esse homem simulação no palco das ilusões. Segundo Mauro W. Sousa,

Há qualquer coisa fazendo com que a simulação do real passe a ser o novo real. A prótese se torna real. Aquilo que era substitutivo passa a ser efetivo. É o que se diz hoje: não importa quem você é ou quem você seja, o que importa é como você se produz para mostrar quem você é (SOUSA, 2003:23).

Apesar disso, com toda a possibilidade de ter, o homem pós-moderno não consegue, em geral, ser feliz. Conquista algumas vezes o bem-estar, que vai se tornando seu objetivo, sua meta. A felicidade torna-se inacessível, e como não se preocupa com a essência das coisas, menos ainda com a essência de sua existência, contenta-se com aquilo que lhe parece mais próximo e possível, a satisfação expressa no bem-estar. Rojas adverte que,

A felicidade consiste em ter um projeto, que se compõe de metas como amor, trabalho, cultura; supõe a realização pessoal mais completa, de acordo com as possibilidades de nossa condição. Fazer alguma coisa com a própria vida que valha realmente a pena. O bem-estar por sua parte representa para muitos a fórmula moderna da felicidade: bom nível de vida e ausência de doenças ou problemas importantes; numa palavra, sentir-se bem, e, numa linguagem mais atual, ter segurança (ROJAS, 1996: 32 e 33).

A alegria da cumplicidade relacional entre as pessoas torna-se como que desnecessária, desde que alcance seu objetivo que é o prazer, sempre visto como meio de satisfação pessoal, dispensando qualquer necessidade de relacionamento interpessoal pelo qual as pessoas encontrariam felicidade. Enquanto a alegria e a felicidade tornam-se interdependentes como valores, na pós-modernidade isso está dissociado. Quanto mais satisfaz seus desejos, menos preenche sua existência. Quanto mais cheio de coisas, mais destituído de essência. O homem pós-moderno vive uma situação de solidão frustrante.

Livres ou liberais?

A solidão é, sem dúvida, uma das grandes heranças da pós-modernidade para o homem. Os relacionamentos possibilitam não somente conhecer o outro, mas de modo singular evidenciam o próprio indivíduo na descoberta de si a partir da realidade existencial do outro. Assim, a existência não será apenas uma busca de satisfações pessoais, mas torna-se compartilhamento que transforma.

Desprestigiando a necessidade de relacionamentos estáveis para a redescoberta do próprio ser, é fácil perceber que a solidão povoa o universo cotidiano do homem pós-moderno. Rojas afirma que, “uma vez dissolvidos os laços da solidariedade e entregue a um individualismo atroz, o homem só se move ao redor de si próprio” (ROJAS, 1996: 33).

No confuso universo da pós-modernidade, e na confusa compreensão que o homem pós-moderno tem da realidade da qual faz parte verifica-se que o mau uso de valores como a liberdade, é decorrente dessa mesma confusão. Assim constata-se inúmeras vezes a confusão entre ser livre e ser liberal, como se ambas fossem a mesma coisa. Não se pode então desvincular a idéia de liberdade, daquela de responsabilidade. Para melhor compreensão dessa afirmação, é preciso recorrer a três concepções de liberdade construídas ao longo da história do pensamento.

- 1- Liberdade natural, que nos impõe um determinado tipo de ordem que está na natureza e na qual descobrimos como todos os acontecimentos se encontram estreitamente imbricados;
- 2- Liberdade política ou social, que não é outra coisa além do meio exterior no qual se desenvolve o homem;
- 3- Liberdade pessoal, que significa autonomia, independência, ser autêntico, fazer o que se quiser dentro de uma certa ordem e dirigir os próprios passos até onde pareça melhor (ROJAS, 1996: 36-37).

Nessa perspectiva, a idéia de liberdade leva o homem a assumir seu lugar: sujeito reflexivo da sociedade e construtor de novas perspectivas. Compreende-se, porque o homem pós-moderno gravita em torno de “conceitos”, relativistas. A liberdade explicita uma ação responsável do indivíduo. Seu uso pode ser dirigido tanto para o mal como para o bem. Esta é uma forte implicação na vida do homem pós-moderno que não quer se vincular a nenhuma realidade nem tão pouco a nenhuma condição que não seja sua própria satisfação e seu gravitar em torno de si mesmo. Buscar o bem e a felicidade do conjunto da sociedade é a razão maior da liberdade. Então, liberdade não é uma ação individual voltada para o próprio “Eu”, mas decisão pessoal voltada para o conjunto de indivíduos que constituem a sociedade,

objetivando a felicidade de todos.

Contrapondo-se a esse pensamento, pode-se verificar a palavra liberal. Originária do séc. XIX indica uma pessoa aberta, pluralistas, transigente, tolerante, capaz de dialogar com quem defende posturas distintas e contrárias às suas.

Na política, o termo se aplica ao Estado Liberal, que é aquele estruturado sem hierarquias nem privilégios, pois o povo regula e elege seus representantes. Assim Rojas se expressa, “do ponto de vista moral, não considera nenhuma forma de conduta como substancial; tudo é absolutamente individual e subjetivo (ROJAS, 1996: 38).

É então compreensível que, nesse universo, a própria pessoa se torne o referencial de sua existência e de seu comportamento. O que é uma forte marca do pós-moderno, como subjetivismo, segundo o qual o ponto de vista pessoal é a única norma de conduta. Nasce aqui uma perspectiva deformada da verdade que passa a ser então aquilo que é útil e prático. Nesse pensamento, inexistem valores ou princípios absolutos e definitivos.

Nesse contexto, pretende-se situar as contribuições da Igreja Católica que imerge no cenário da pós-modernidade com uma séria reflexão sobre a comunicação social e os meios tecnológicos de comunicação cujo potencial pode contribuir para a formação de uma sociedade constituída de pessoas capazes de dialogar e livremente opinar. A progressiva insistência na formação e competência para a comunicação como eixos fundamentais no pensamento e na prática da Igreja Católica na sociedade midiaticizada, revela-se com singular importância e contribuição na formação social e aperfeiçoamento da comunicação como riqueza a serviço e ao alcance de todos.

Através dos documentos oficiais pós-conciliares, escolhidos para esse capítulo, pretende-se apontar a contribuição do magistério na reflexão conceitual acerca da cultura comunicacional e seu insistente convite para que a Igreja assumira papel de sujeito no universo das comunicações. O convite para que as lideranças da Igreja busquem conhecer, dialogar e atuar no cenário das comunicações será temática presente nos documentos que a hierarquia católica vai promulgar a partir do Concílio Vaticano II.

3.8 Repensando um conceito

Julga-se oportuno refletir sobre o conceito de comunicação dado que não somente a Igreja evoluiu em sua compreensão acerca dessa temática, mas a sociedade também evoluiu em sua compreensão.

Retomando o termo comunicação, *communicare*, do latim que vincula-se à idéia de partilha ou colocar em comum, verifica-se sua insuficiência para expressar ou explicar a complexidade que assumiu o conceito de comunicação. Ainda que a idéia de *communicare* tenha servido para ajudar a compreensão da comunicação, foi somente a partir do séc. XVII que esse termo foi enriquecido e recebeu sentido novo. Segundo Puntel,

O desenvolvimento do conceito de comunicação começa a emergir no inglês moderno e aparece na obra de grandes personalidades da ciência inglesa do século XVII, como Bacon, Glanvill, Wildins e Newton. Origina-se de uma aplicação de processos físicos como magnetismo, convenção e gravitação, a ocorrência entre as mentes (PUNTEL, 2005: 25-26).

Para alcançarmos a complexidade da comunicação, é útil recordar que seu processo, inúmeras vezes, tornou-se confuso dado que cada vez mais foi sendo distanciado das pessoas comuns, passando por sua vez a tornar-se, segundo Peters J. Durham, “propriedade de intelectuais, políticos, burocratas, tecnólogos e terapeutas, todos ansiosos por demonstrar sua virtude de bons comunicadores.”³²

Dentre todos os significados que o termo comunicação assumiu ao longo dos séculos, é importante apontar aquele que fala das várias interações simbólicas. Desde essa compreensão a comunicação é então vista como um processo cujos mecanismos promovem o desenvolvimento das relações humanas. A ação de pessoas que transmitem e recebem diretamente ou por meio de instrumentos que realizam a combinação e transmissão de símbolos com sua interferência na vida das pessoas e da sociedade. Esse processo chamado comunicação transmite além de idéias e símbolos combinados, informações e atitudes numa reciprocidade entre transmissores e receptores que devem agir em colaboração. Na perspectiva de Peters J. Durham,

Os pensadores contemporâneos que tiveram a maior influência sobre a comunicação são, provavelmente, Jürgen Habermas e Emmanuel Levinas. Habermas, como Dewey, considera a comunicação, um tipo de ação que não só implica um eu moralmente autônomo, mas é também um processo que, se generalizado, envolve a criação de uma

³² Peters J. Durham. *Speaking into the air – a history of the idea of Communication*. In Puntel. *Cultura midiática e Igreja*. Paulinas, 2005: 25.

comunidade democrática. Ele sublinha o fato de que a comunicação não é um partilhar de consciência, e, sim, a coordenação de ação orientada para a deliberação sobre a justiça. Para Habermas, a comunicação tem um inegável tom normativo. Por outro lado, Levinas baseia-se na herança fenomenológica de Husserl e Heidegger, que compreende a comunicação não como fusão, troca de informações ou atividade conjunta, mas como empatia. Vê a comunicação como uma obrigação ética para com a alteridade do outro (PETERS, In PUNTEL, 2005: 31).

Com essa reflexão sobre a complexidade da comunicação e sua determinante influência na vida e nas atitudes das pessoas e das organizações sociais, insere-se o pensar comunicacional da Igreja no ambiente social do final da década de 1970 até o pontificado de João Paulo II, cujo legado comunicacional sintetiza-se na carta apostólica *O rápido desenvolvimento*, dirigida aos responsáveis pelas comunicações sociais.

A partir daqui, inicia-se o estudo da exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* do papa Paulo VI, na qual o pontífice afirma a indispensabilidade dos meios de comunicação social para a evangelização na contemporaneidade.

3.9 O Concílio Vaticano II. 1962- 1965

Mesmo antes do Concílio Vaticano II, havia forte desejo entre grande número de católicos, que aspiravam a mudanças por entenderem que a Igreja estava deslocada dos tempos modernos. No pontificado de Pio XII, a Igreja estava marcada pela pompa romana e o fechamento eclesial nas duras posições do Vaticano que apresentava rígida verdade fechada em si mesma que dificultava o encaminhamento do diálogo.

Pio XII era figura rígida, que, embora tivesse demonstrado interesse pelas novidades tecnológicas da comunicação, permaneceu apegado às rígidas posturas tradicionais da Cúria Roma que manteve a Igreja com o olhar para seus próprios problemas internos ocupando-se consigo mesma, o que a distanciou do tempo e das pessoas ocasionando a perda crescente de fiéis.

O Vaticano II foi decisivo na tentativa de a Igreja reconhecer e entender o mundo no qual vivemos, com expectativas, anseios e características. Foi assim que o documento *Gaudium et spes* (sobre a Igreja no mundo de hoje) chamou a atenção a respeito da nova postura da Igreja sobre a justiça e da transformação da sociedade como uma dimensão fundamental da evangelização (PUNTEL, 2005: 121).

A Igreja encontrava-se distante da Modernidade e, cada vez mais, perdendo a influência no cenário social. O fechamento da Igreja voltada para si mesma criou rupturas

entre a linguagem da Igreja e a linguagem da sociedade, ocasionando a dificuldade do diálogo entre fé e cultura. A necessidade de uma renovação eclesial era então fundamental para incrementar o processo de formação e competência para a comunicação. Mas desde os últimos anos do pontificado de Pio XII o imobilismo em que o catolicismo havia caído foi tornando-se sufocante e clamoroso. Circulava entre os católicos o forte desejo de renovação, de mudança na estrutura da Igreja. Conforme o depoimento de Giuseppe Alberigo,

Eu assisti, ainda, à manifestação de uma necessidade de renovação em centenas de bispos de idade e idioma diversificados, procedentes de culturas, situações sociais e experiências muito diversas. Eram diferenças que se revelavam mais como complementos do que como alternativas (ALBERIGO, 2006: 10).

Na verdade, o séc. XX havia chegado numa grande velocidade e a Igreja ainda percorria um longo caminho para alcançar esse novo tempo, a modernidade. No final do pontificado de Pio XII e o pontificado de João XXIII a Igreja estava situada num mundo política e ideologicamente dividido em dois blocos e vivia sob o medo de um conflito atômico. A luta pela expansão do capitalismo e do socialismo dividia a sociedade em dois blocos. O clima de disputa era uma realidade que acompanhava a vida das pessoas.

Junto com o avanço tecnológico e científico o crescimento de conflitos ideológicos e por vezes bélicos, característicos da Guerra Fria, acompanhado do distanciamento moral e ético, foi o cenário em que a Igreja se encontrava e passava inesperadamente do silêncio a um bravo grito. Assim em 1958, ano da morte de Pio XII, pode-se verificar as mudanças provocadas pelo progresso da tecnologia e da medicina. O materialismo ateu dava sinais de êxito com a conquista espacial pelos soviéticos que lançaram uma nave ao espaço. O espaço estava sendo conquistado e o homem poderia usá-lo tanto para o bem como para o mal. Chegava o momento em que a Igreja precisava escutar esse mundo dividido e afastado da religião e da espiritualidade.

O século XX, com suas inovações tecnológicas e científicas, chegara e se consolidava. A Igreja, porém, mantinha-se distante das suas inovações científicas, tecnológicas, sociais e ideológicas presentes nesse século de contradições e em acelerada transformação.

Pensando em pontificado de transição, o colégio de cardeais elege um papa de idade avançada para na tranqüilidade fazer a transição de pontífices. Assim no dia 28 de outubro de 1958, com a morte de Pio XII foi eleito o novo papa conhecido como João XXIII. Surpreendendo a todos, a eleição desse papa abre expectativas de um novo tempo para os católicos. João XXIII muda a imagem do pontífice romano e apresenta-se ao mundo como um homem de mentalidade aberta e muito popular. Um papa perto do povo. Com um efeito

bombástico, apenas 3 meses após sua eleição João XXIII convoca, sem o conhecimento de nenhuma das congregações da Cúria Romana, um Concílio³³ para adequação da Igreja Católica ao tempo histórico em que vivia. Alberico diz que,

O papa João XXIII assim anuncia dia 25 de janeiro de 1959 a decisão de convocar um novo concílio, há menos de 90 dias de sua eleição para sucessor de Pio XII, durante o discurso a um pequeno grupo de cardeais, reunidos para a celebração do encerramento da semana de orações pela unidade das igrejas, em Roma, na Basílica de São Paulo Fora dos Muros. O papa acrescenta que o sínodo e o concílio conduzirão de maneira feliz à auspiciosa e esperada atualização do Código de Direito Canônico (ALBERIGO, 2006: 10).

Surpreendentemente, pela primeira vez a Igreja convoca um Concílio que não trataria de sua própria defesa ou da condenação de alguma heresia. Um Concílio para que a Igreja olhasse para si mesma a partir da realidade dos tempos modernos. A única preocupação do Concílio devia ser colocar a Igreja de acordo com tempo em que se encontrava.

Com décadas de atraso, a Igreja reconhece a necessidade de conhecer, admitir e dialogar com a cultura e a sociedade modernas. Nas primeiras seis décadas do século XX o mundo havia rapidamente se transformado e o diálogo entre fé e cultura tornara-se uma realidade distante. Já a partir dessa realidade pode-se compreender a importância capital do Concílio Vaticano II para reconduzir a Igreja aos trilhos da modernidade a fim de que pudesse transitar no cenário do mundo novo que se consolidava sem a necessidade da fé na constituição de sua cultura.

Circulava a idéia de um *aggiornamento*, na Igreja. A adesão à fé católica não devia então significar ruptura com o mundo, nem com a cultura e nem com as pessoas que vivem nos tempos em que a Igreja está inserida. A nova perspectiva é de singular importância, pois revelava a passagem de uma visão pessimista acerca da modernidade para uma nova percepção de valorização das conquistas da sociedade no campo científico, tecnológico e social. Um abrir-se ao mundo moderno a fim de decodificar suas estruturas, conhecê-las, tornar-se parceira na construção do diálogo e colaborar com a construção das suas estruturas, e inserindo-se no ambiente da modernidade estabelecer vínculos dialogais entre a fé e a nova cultura.

Verifica-se que o concílio dará visibilidade maior à progressiva insistência na formação e competência para a comunicação, dada a importância e necessidade de formação para a compreensão dos processos comunicacionais e para a sua inserção na cultura que então

³³ Reunião de autoridades eclesiais com o objetivo de discutir e deliberar sobre questões pastorais, doutrinárias, fé e costumes morais. Os concílios podem ser ecumênicos, plenários, diocesanos segundo a sua abrangência.

se estruturava na sociedade. O magistério estava tão convencido disso que o Papa João XXIII aceitou a inclusão da temática comunicação social na pauta de discussão do concílio. Foi a primeira vez na história da Igreja um concílio inseriu em suas discussões e deliberações a comunicação social. Seguramente para entrar nesse novo mundo, nessa nova sociedade era necessário reestruturar o modo de pensar não somente da hierarquia, mas do corpo católico, seja das lideranças e também dos fiéis. Formar aqueles que deveriam liderar os fiéis, mas numa percepção maior formar os cidadãos para posicionar-se criticamente diante da recepção. Conforme Puntel,

Pela primeira vez, um documento universal da Igreja assegura a obrigação e o direito de ela (Igreja) utilizar os instrumentos de comunicação social. Além disso, o *Inter Mirifica* também apresenta a primeira orientação geral da Igreja para o clero e para os leigos sobre o emprego dos meios de comunicação social. Havia agora uma posição oficial da Igreja Católica Romana sobre o assunto (PUNTEL, 1994: 53-54).

Desde João XXIII, com o Concílio Vaticano II, a Igreja mudou seu enfoque diante das realidades sociais. Os acontecimentos da sociedade passam a ser assumidos como inseridas na missão da Igreja. Soares propõe que,

É precisamente a partir desse Concílio que as condições de renovação da Igreja serão criadas para que possa redescobrir e tomar a defesa dos valores autóctones e alertando o risco de uma sociedade em que a homogeneização e universalização cultural operada através do uso dos meios massivos de comunicação (SOARES, 1988: 9).

De fato no Vaticano II, a Igreja retoma a questão da formação crítica dos expectadores expondo-a aos padres conciliares e se dispõe a tratar o assunto com aprofundamento, destacando a importância da formação. A temática da formação crítica para a comunicação é assumida pela primeira vez em um concílio. A Igreja manifesta aqui solenemente sua atenção para o assunto e sua disposição para formar-se a fim de habilitar-se no cenário do mundo moderno em que a comunicação já conquistara lugar decisivo.

Uma boa diferença entre a encíclica *Miranda Prorsus* e o tratamento do Concílio sobre o tema das comunicações é que esse último lançou um olhar comunicacional para além das estruturas internas da Igreja e do uso dos meios. É certo que a *Miranda Prorsus* realmente abriu largos caminhos do olhar da Igreja para as comunicações e graças a ela o avanço encontrado no Vaticano II foi possível. Mas o olhar da Igreja para a necessidade de uma formação que não fosse defensiva, mas disposta a capacitar e estabelecer diálogo a partir da compreensão do universo comunicacional com a possibilidade de apresentar um modo de

fazer comunicação sem massificar, isso se dá desde o Concílio que chama a uma séria reflexão eclesial acerca da recepção, tema tão caro para a discussão comunicacional.

O início do Concílio, novembro de 1962, coincidiu com a crise dos mísseis de Cuba, envolvendo o bloco capitalista e o bloco comunista. João XXIII, contrariando a prática política anterior ao seu pontificado, não se posicionou em apoio nenhum dos blocos. O Vaticano apoiava, durante os conflitos, o bloco capitalista liderado pelos Estados Unidos. A postura de João XXIII é rezar pela paz e exortar os dirigentes dos dois blocos ao diálogo em prol da paz. Agindo assim João XXIII não se pronunciava com um discurso de condenação ao comunismo, que começara seu processo de modernização desde 1956 com desestabilização do regime soviético.

Numa atitude claramente não tendenciosa de apoio ao capitalismo nem ao comunismo, a Encíclica *Pacem in Terris*, de João XXIII agradou aos soviéticos, e Khrushchov, líder da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, premiou o papa com o prêmio da paz.

João XXIII iniciou as atividades do Concílio com um discurso inicial que durou 37 minutos, e a partir daquelas palavras do pontífice ficou claro que a Igreja Católica iniciava um caminho de grandes transformações que não lhe permitiriam mais sair do Concílio com a mesma estrutura em que nele entrou. O papa lança os três grandes e fundamentais pontos para orientar os trabalhos dos padres conciliares:

- A Igreja deve buscar novas palavras para anunciar a substância antiga da mensagem cristã ao homem moderno.
- Deve abrir-se ao tempo moderno, e dialogar. Não deve constituir-se uma fortaleza fora do mundo, mas tornar-se uma cidade aberta a todo o mundo.
- a Igreja deve superar as divisões e as incompreensões com os irmãos separados, ortodoxos, anglicanos ou luteranos. Deve buscar o que une e não o que separa.

Em 1963, o mundo recebe estupefocado a notícia da morte de João XXIII e com a morte do papa teme-se que o Concílio seja enterrado com o seu idealizador, visto que na Cúria Romana enfrentava grande resistência por parte de vários cardeais que se opunham ao Concílio. Alberigo diz que,

O desaparecimento do papa dia 13 de junho de 1963, no dia de Pentecostes, constituiu um acontecimento espiritual que abalou inesperadamente grande parte da humanidade. Ele tinha inaugurado um tempo novo na Igreja, tinha reproposto os temas essenciais da caridade e da unidade, estreitamente ligados com os da renovação da atitude do

espírito, das estruturas eclesiais, mas também da reformulação da doutrina. Juntamente com a dor pelo desaparecimento de um homem que desempenhou profundamente seu papel de pai e de mestre, nascia uma pergunta inquieta sobre o prosseguimento ou não do concílio: o concílio também morre com João? O que faria o sucessor? Não podia esconder que o Concílio tinha numerosos e autorizados opositores, sobretudo nos ambientes romanos, e ninguém poderia constranger o papa a continuá-lo se ele não quisesse (ALBERIGO, 2006: 70).

Com a morte de João XXIII, foi eleito papa Paulo VI. O novo papa precisaria então usar de toda a sua habilidade e experiência para conseguir levar adiante o Concílio e recuperar a sua credibilidade. A principal preocupação do novo papa era reunificar os seguimentos da Igreja que naquele momento estavam faccionados em grupos distintos e antagônicos. De um lado os que assumiram uma atitude conservadora que se opunham as renovações do Concílio e de outro aqueles que eram favoráveis às mudanças.

Avançando sob o pontificado de Paulo VI o Concílio Vaticano II seguia levando a Igreja para uma nova realidade. Em suas últimas sessões o Concílio se ocupou de refletir sobre a Igreja no cenário do mundo moderno que apregoava o homem como centro de tudo. O Concílio Vaticano II é considerado uma renovação da Igreja Católica em fidelidade à sua identidade, à tradição e a sua missão no mundo e ao Evangelho. O Concílio congregou 2450 bispos de todo o mundo e foi presidido por dois pontífices, João XXIII que iniciou o Concílio em 1962 e Paulo VI que o concluiu em 1965. Alguns membros da Igreja não entenderam o concílio negando seus ensinamentos e sua adequada aplicação. Com o concílio Vaticano II a Igreja iniciava o diálogo com a cultura e a mentalidade do século XX.

Nessa parte da pesquisa, privilegia-se o decreto conciliar *Inter Mirifica*, que trata especificamente da relação da Igreja com os meios de comunicação. Avançando em seguida na década de 1970 com a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*. Esses dois documentos encerram a primeira parte desse capítulo e reserva-se uma segunda parte para que se trate do pontificado do Papa João Paulo II que marcou a reflexão e a prática comunicacionais da Igreja na sociedade midiaticizada.

3.10 *Inter Mirifica*

Com a aprovação do decreto *Inter Mirifica* em 04 de dezembro de 1963 a Igreja manifestou publicamente que dirige seu olhar para a realidade da comunicação social e para sua defasada comunicação com o mundo moderno. Esse documento deu um impulso significativo para toda a reflexão e ação pastorais da Igreja a partir do Concílio Vaticano II e permitiu a explicitação da consciência urgente de formar e habilitar-se formando e habilitando os seus para a comunicação. De fato na *Inter Mirifica* a percepção eclesiástica sobre a realidade midiaticizada da cultura comunicacional impulsionou um conjunto de iniciativas por parte da hierarquia que ratificará a progressiva insistência na formação e competência para a comunicação.

Na *Inter Mirifica* fica claro que a Igreja não somente aceita a presença dos meios e da comunicação social como fato consolidado na sociedade como elementos que não podem ser mais ignorados, mas reconhece que interferem mesmo no comportamento e afetam a percepção de mundo. Não só entende isso, como assume em sua missão a necessidade de formar. Não quer mais uma atitude de impor aos seus fiéis o que devem acolher na cultura da comunicação, mas insiste em que a formação é o caminho mais eficaz para que possam livremente estabelecer sua relação com os meios e seus conteúdos. Segundo Puntel,

De fato esse documento tem grande importância, muito mais por sua forma do que por seu conteúdo. Pela primeira vez, um documento universal da Igreja assegura a obrigação e o direito de ela utilizar os instrumentos de comunicação social. Além disso, o *Inter Mirifica* também apresenta a primeira orientação geral da Igreja para o clero e para os leigos sobre o emprego dos meios de comunicação social. Havia agora uma posição oficial da Igreja Católica Romana sobre o assunto (PUNTEL, 1994: 53-54).

Ainda que a *Inter Mirifica* tenha sido muito contestado dentro e fora do Concílio, por não corresponder a todas as expectativas, cabe ressaltar sua importância para despertar uma prática comunicacional que vise a formar de modo crítico as pessoas, para que não sejam meros receptores indefesos diante dos meios. Essa formação deverá conduzir à interação com os meios. Isso é possível afirmar desde que a Igreja vai solicitar que os espectadores manifestem sua preferência e informem aos produtores, veiculadores e proprietários dos meios, acerca do conteúdo que preferem e que buscam. Nesse campo, entendemos que uma consciência bem formada permite a interferência do receptor fazendo-o também sujeito do processo de produção e veiculação. É precisamente um receptor formado que pode interferir, de modo que a comunicação não esteja apenas a serviço do lucro, do capital e do monopólio.

O próprio fato desse documento despertar tanto debate externo ao ambiente do Concílio, por si já faz com que alcance uma grande importância, levar a sociedade a manifestar-se em discussão com a Igreja num evento de vulto como um concílio. Essa manifestação de bispos, padres e profissionais da comunicação torna-se a explicitação de que a formação é mesmo o mecanismo singularmente adequado para o diálogo construtivo. E mesmo que a intervenção dos profissionais não tenha sido atendida pelo Concílio, fez com que os padres conciliares entendessem que a formação era necessária mesmo para a hierarquia que em sua maioria não tinha conhecimento do mundo das comunicações.

Pode-se caracterizar a oposição ao *Inter Mirifica* em três grupos bem específicos³⁴ que seguramente influenciaram os padres conciliares no tocante à necessidade de formação para a comunicação, pois grandes veículos de comunicação da época envolveram-se na discussão promovendo a presença da comunicação com o ambiente do Concílio. O fato de o *Inter Mirifica* ter sido o documento conciliar aprovado com o maior número de votos negativos³⁵, é visto aqui de modo positivo. Esse resultado decorre da influência que a movimentação contrária ao documento exerceu sobre inúmeros padres conciliares que não concordaram com o documento no modelo em que foi apresentado. Assim, verifica-se o poder de atuação de consciências formadas e capacitadas para o envolvimento com a comunicação social. O movimento de crítica ao *Inter Mirifica* pode ser caracterizado por três grandes correntes:

- a francesa iniciada por um bispo católico que se opôs ao esquema do decreto ainda na assembléia dos bispos franceses ocorrida em St. Louis no dia 13 de novembro de 1963;
- a corrente americana, que começou sua ação na Agência Conciliar de Imprensa em 14 de novembro de 1963. Segundo os críticos dessa corrente o documento não trazia novidades consistentes e não promoveria mudanças significativas;
- A corrente alemã assinada por 97 padres manifestou-se no dia 18 de novembro de 1963. Insuflava os padres conciliares a dar ao documento o voto negativo, indicando que não satisfazia. Sobre essa ação crítica dos jornalistas franceses, americanos e alemães, Puntel indica que,

A manifestação pública dos jornalistas franceses, americanos e alemães teve forte influência sobre os bispos participantes do Vaticano II. Como mencionamos previamente, o *Inter Mirifica* foi aprovado com o maior número de votos negativos dado a um documento do Vaticano II (PUNTEL, 1994: 57).

Apesar de todas as críticas recebidas por parte de profissionais da comunicação e de

³⁴ SOARES. *Do Santo ofício à libertação*. São Paulo, Paulinas 1988: 93

³⁵ Puntel. *A Igreja e a democratização da comunicação*. São Paulo, Paulinas 1994: 54-55

membros da hierarquia católica, não resta dúvidas de que o *Inter Mirifica* trouxe avanços em relação às manifestações oficiais da Igreja anteriores ao Concílio Vaticano II. A percepção da Igreja sobre a realidade da comunicação como um fato social vai-se explicitando no modo como esta se pronuncia sobre o assunto. Uma mudança conceitual é verificada no documento quando ao referir-se à comunicação a Igreja fala de instrumentos de comunicação ampliando o universo dos meios de comunicação que no pensar anterior estava restrito ao referir-se a eles como meios audiovisuais, técnicas de difusão, meios de informação, *mass media*. A mudança de termos para referir-se à comunicação trazia consigo a intenção de ampliar a compreensão e o alcance da comunicação. Não se tratava apenas de meios técnicos, mas de um agir social fortemente influenciado pela comunicação. “Ao optar por Instrumentos de Comunicação Social”, o documento conciliar, sem esquecer a presença do fator técnico, queria conotar também o agente que dele faz uso, “justamente em função da comunicação” (SOARES, 1988: 95).

Ainda que os padres conciliares não fossem homens formados no conhecimento da comunicação social, era claro para eles que essa era a realidade concreta e complexa e que exercia uma forte influência no comportamento humano e social. Essa percepção, é claro, instiga ainda mais a necessidade de formação e competência. Mas uma formação que gere competência para atuar no campo da tecnologia e na reflexão capaz de interferir na produção e veiculação. Não se trata apenas de formação pastoral para atuar no ambiente interno da Igreja. Ao contrário é uma proposta que pretende atuar em todos os campos da comunicação. Soares propõe que,

Os receptores, em síntese, devem informar-se a respeito dos juízos formulados sobre os programas dos instrumentos da comunicação pela autoridade competente (pais, educadores, órgãos da Igreja, Estado, entre outros) e, segundo sua própria consciência, retamente formada, fazer opções pessoais e livres em favor do que for melhor... Quanto aos promotores da comunicação, o *Inter Mirifica*, fazendo eco a Pio XII, simplifica e supervaloriza sua capacidade de intervenção: “seus poderes levam o gênero humano para o caminho certo ou para o abismo” (SOARES, 1988: 102-103).

Desde as mudanças no discurso e na forma de discurso da Igreja a partir do Vaticano II, com a reelaboração da linguagem litúrgica, do uso dos símbolos, da proximidade dos ministros da Igreja em relação ao corpo de fiéis e à nova percepção da Igreja sobre si mesma que pretendia desfazer a imagem de uma Igreja cercada de muralhas e isolada do mundo, reconstruindo sobre si a idéia de uma cidade aberta ao mundo, a todo o mundo; o que restabelecia a comunicação primária entre a Igreja e seus fiéis possibilitada por um contato

mais próximo e direto sem separar o profano e o sagrado representados entre o mundo e a Igreja. O mundo nessa nova perspectiva trazia consigo o sagrado. A vida das pessoas trazia consigo o sagrado a ser então compartilhado e celebrado nos rituais, ambientes da comunicação entre Deus e seu povo.

A Igreja avança e intensifica a percepção da necessidade do uso dos meios para ampliar o alcance de sua voz, visto que pretende se comunicar com todo o mundo. Os meios de comunicação passam a ser acolhidos como aliados à missão da Igreja para cujo êxito serão compreendidos como comunhão entre os dons de Deus e a engenhosidade do homem. O uso dos meios viabilizaria uma comunicação para fora, superando a perspectiva de uma comunicação voltada para dentro, que mantinha o diálogo da Igreja com a modernidade uma irreabilidade.

Toda essa nova perspectiva exige formação e competência e essa será a tônica acentuada no *Inter Mirifica* e que se prolongará na prática comunicacional da Igreja nas décadas seguintes. A comunicação adquire aos olhos da Igreja uma importância singular no processo social e por isso mesmo deve se revestir também de um caráter formativo, o que evitaria o exercício comunicacional voltado para o mercado. Segundo Soares,

Incentivando todos os católicos a que promovam e sustentem a boa imprensa, produzam e exibam excelentes filmes; dêem eficaz ajuda à boa transmissão de rádio e televisão. Para tanto, urge formar os autores, atores, e críticos bem como os usuários. Para que a motivação se mantenha, institui-se o Dia Mundial da Comunicação (única comemoração instituída pelo Concílio) e criou-se junto ao papa um secretariado especial para tratar dos assuntos referentes aos Instrumentos da Comunicação social. O documento lembra a oportunidade de se organizar associações católicas nacionais, continentais e internacionais para implementar o uso dos meios na pastoral (SOARES, 1998:103).

Embora o *Inter Mirifica* não tenha correspondido de todo às expectativas do momento no tocante à comunicação social, é necessário reconhecer que esse documento representou uma virada de página na percepção conceitual e prática da Igreja em relação ao seu discurso sobre a temática da comunicação. Uma nova perspectiva acerca da comunicação foi fundamental para que o pensar e o agir comunicacionais da Igreja privilegiassem a formação e a competência como eixos fundamentais de sua prática comunicacional na sociedade midiaticizada. Negar os avanços nessa questão implicaria numa leitura simplista do processo que este trabalho visa refletir. Dentre as inúmeras contribuições do *Inter Mirifica*, destaca-se as que mais privilegiam a formação e competência como eixos fundamentais da comunicação na Igreja:

- reconhecimento do direito que a sociedade tem à informação (art. 5º.);
- reconhecimento de que é dever de todos contribuir para a formação das retas opiniões públicas (art. 8º.);
- incluiu, no campo da pastoral dos meios, o dever da formação pessoal do receptor (art. 9º.), com a indicação das formas necessárias para consegui-la (art.16º.). Dale comentando a encíclica destaca que,

Com o reto uso dos meios de comunicação social, utilizados por usuários das mais diversas idades e graus de cultura, requer deles uma instrução e um exercício acomodados e próprios, sejam favorecidas, multiplicadas e orientadas de acordo com os princípios da moral cristã, nas escolas católicas, de qualquer grau, nos seminários e nas reuniões do apostolado leigo, as iniciativas aptas para lograr este objetivo, principalmente as que se destinam aos jovens. Para que mais prontamente se ponham em prática, seja inserida no catecismo a apresentação e explicação da doutrina e disciplina católica sobre este assunto (*Inter Mirifica* n.16. In DALE, 1973: 173).

A Igreja quer inserir-se na realidade sócio-cultural em que se encontra. Tudo o que diz respeito à sociedade e à pessoa humanas estão no interesse da Igreja e essa deve encontrar formas de comunicar-se com a cultura e a pessoa. Assim reconhece a dinamicidade da cultura e entende que a comunicação social está inserida nessa cultura, e não raras vezes a redefine.

Uma nova perspectiva acerca da relação da Igreja com a comunicação social é formulada. Se no passado, essa relação foi marcada de conflitos e condenações com a busca do controle eclesiástico sobre os meios, a partir do concílio opta pela formação crítica como caminho adequado para que a comunicação social esteja a serviço da pessoa humana visando o seu desenvolvimento social, cultural e espiritual. Por isso insiste com veemência na responsabilidade dos líderes católicos incluindo no múnus episcopal de ensinar, a tarefa de formação e competência para a comunicação com os novos meios.

A Igreja entende a necessidade de inserir-se no ambiente da comunicação social cuja força afeta e pode alterar a percepção de mundo e de valores, modificando o comportamento social. Porém, torna-se claro ao magistério católico que essa inserção não pode dar-se de modo amadorístico, mas exige séria formação e segura competência nesse campo das comunicações. A Igreja quer ser ouvida no mundo das comunicações e, para tanto, quer profissionalizar-se de modo competente a fim de que o diálogo entre fé e cultura seja viabilizado na sociedade midiaticizada. Sobre isso Paulo VI insiste,

Empenhem-se os pastores, sem demora, nesse setor, tão intimamente conexo com o dever de pregar. Os leigos que participam do uso desses meios procurem dar testemunho de Cristo, em primeiro lugar, exercendo suas funções com competência e

ardor apostólico, mas também ajudando diretamente na ação pastoral da Igreja, do ponto de vista de suas capacidades técnicas, econômicas, culturais e artísticas (*InterMirífica* n. 13).

No processo de imersão da Igreja no cenário da comunicação social, o magistério continua aprofundando e insistindo na prática formativa para a comunicação. As décadas seguintes ao Concílio Vaticano II seguirá num ritmo acelerado e muitas iniciativas no campo teórico e prático surgirão como resultado da abertura à comunicação que foi se consolidando na comunidade eclesial.

3.11 Communio et Progressio

A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja deu um salto para o futuro e acelerou sua inserção no século XX e o diálogo com a cultura emergente da sociedade midiaticizada. No campo da comunicação, a reflexão da Igreja se desenvolveu de modo processual para uma significativa maturidade a nível conceitual influenciando a sua prática comunicacional. A percepção eclesial na compreensão do potencial da comunicação e dos meios e sua acelerada concentração nas mãos de alguns grupos que monopolizavam a comunicação a serviço de ideologias e cúmplice do mercado levou a Igreja a ratificar a necessidade de uma comunicação livre, mas atenta ao bem da pessoa e não do mercado de produção e consumo.

Nesse contexto, o Magistério promulgou a Instrução Pastoral *Communio et Progressio* no dia 23 de maio de 1971, e que é considerada dentre os documentos oficiais da Igreja apresentados à sociedade, o que trouxe o maior avanço em relação às comunicações³⁶.

O documento não somente abriu novos caminhos para a reflexão eclesial sobre a comunicação propondo o uso dos meios na pastoral, como ainda trouxe uma perspectiva inovadora de otimismo e esperança em substituição à predominância dogmática e moralizadora dos documentos anteriores. De acordo com Puntel, esse documento traz uma grande abertura dialogal com a sociedade contemporânea levantando uma grande discussão sobre a presença das tecnologias da comunicação na sociedade. O interesse da Igreja é alcançar o modo como seus fiéis reagem ao pensar circulante do mundo atual. É preciso conhecer o envolvimento dos católicos com esse cenário cada vez mais consolidado na

³⁶ *Encíclicas* são cartas públicas e formais do Sumo Pontífice que expressam o seu ensino em matéria de grande importância. *Decretos* são documentos de significado prático, expondo disposições disciplinares. *Instrução pastoral* refere-se às orientações pastorais. *Declarações* são definições de princípios particulares para determinadas ocasiões. (T. Burke "Communications". *The documents of Vatican II*, New York: Association Press, 1966, p.137).

sociedade. Dentre tantas outras características desse documento, merece destaque a percepção explícita da Igreja acerca da função social que a comunicação exerce na formação da opinião pública. “Finalmente, a *Communio et Progressio* afirma que a comunicação social é um elemento que articula qualquer atividade da Igreja, reconhecendo a legitimidade da formação da opinião pública” (PUNTEL, 1994:64).

Na percepção da Igreja, a comunicação não deve focar-se apenas em entretenimento e menos ainda deve servir ao mercado ou a ideologias. A liberdade de comunicação é necessária para que a opinião pública possa exercer sua função dialogal de modo a que no ambiente social a voz de todos seja ouvida. Para que isso se concretize os meios de comunicação devem colaborar para bem formar as consciências habilitando-as à discussão social. Não se trata somente de um falar sobre alguma coisa, mas uma capacidade de argumentação que possibilite ao indivíduo ser ouvido na esfera pública. Nessa perspectiva o magistério católico dialoga com a Ética habermasiana que propõe a necessidade de os cidadãos serem competentes na argumentação sobre os seus interesses pessoais e sobre os interesses coletivos.

A Igreja entende que a formação dará às pessoas a oportunidade de serem ouvidas, pois lhes vai conferir a solidez argumentativa de que tanto Habermas nos adverte. É então justificável que o olhar da Igreja se volte para a formação que leve em conta as pessoas e instituições que estão inseridas, segundo a reflexão de Habermas, no “mundo da vida”.³⁷ É precisamente nele que o diálogo é construído a partir das diversidades que o habitam. É igualmente razoável afirmar que essa mesma Igreja foi constituindo uma proposta comunicacional explicitada de modo processual na progressiva insistência na formação e competência para a comunicação. Puntel nos adverte que,

O documento também reforça o direito de ser informado e de informar, dizendo que os meios de comunicação deveriam ser instrumentos para a educação, a cultura e o lazer. A fim de conseguir as condições ideais para a ação da mídia na sociedade, a instrução lembra “a importância do fator humano, recomendando a capacitação de “comunicadores e de ouvintes, ou espectadores e a cooperação entre os cidadãos e as autoridades (PUNTEL, 1994: 65).

³⁷ O mundo da vida é estruturado por tradições culturais e ordens institucionais assim como pelas identidades que originam-se dos processos de socialização. Por esta razão, o mundo da vida não se constitui em uma organização à qual os indivíduos pertencem como membros, nem uma associação à qual os indivíduos se encontram, nem um coletivo composto por participantes individuais. Ao invés disso, práticas comunicativas cotidianas nas quais o mundo da vida está centrado são nutridas pelos modos de interação da reprodução cultural, da integração social e da socialização. Tais práticas estão, por sua vez, enraizadas nesses modos de interação (Habermas, 1998: 251).

Torna-se clara a percepção de que sem uma devida formação que englobe todo o universo da comunicação, a dicotomia entre produtores, receptores e proprietários dos meios não pode ser superada. Tal superação é fundamental para que a comunicação cumpra seu papel de formar pessoas capazes de intervir nos processos comunicacionais incluindo os processos políticos da sociedade. Sem a formação crítica também do expectador, a comunicação pode tornar-se uma arma nociva nas mãos do capital e do mercado.

Concretamente do ponto de vista pastoral, o documento sugere que haja uma adequada ação pastoral da Igreja no campo das comunicações. Essa ação pastoral propõe o diálogo com a cultura midiática, mas também na cultura midiática de modo a que o seu agir pastoral não se desenvolva num processo paralelo ao da própria cultura, o que asseguraria a continuidade da ruptura do diálogo entre a fé e a cultura. Ao propor uma ação pastoral na comunicação a Igreja abre o leque do diálogo para atuar como parceira no processo da cultura midiática e leva para o âmbito das empresas de comunicação, para a produção de conteúdos e para a veiculação desses mesmos conteúdos sua percepção sobre o papel da comunicação como agente formador e transformador na cultura da sociedade midiaticizada. De acordo com Puntel,

Um trabalho sério hoje, na pastoral da comunicação, não pode desvincular-se de um caráter científico que leva à análise do mundo da comunicação e, portanto, à qualificação da própria pastoral, ou seja, o cristão dialogando com a cultura de hoje, demonstrando a sua fé, mas numa linguagem atualizada (Puntel, entrevista: 2010).

Não se trata mais de olhar para a comunicação como uma realidade alheia à Igreja, algo para o qual deva olhar e examinar. Trata-se, agora, de uma assimilação dos processos comunicacionais, uma “metamorfose comunicante”, pois a comunicação é incorporada à ação da Igreja no mundo, nesse mundo contemporâneo fragmentado, híbrido e líquido. Essa conjunção faz com que se perceba uma Igreja comunicante. De acordo com Soares, “um dado alentador para a Igreja, nesta instrução, está contido na declaração de que o empenho de responsabilidades na Igreja e na própria vida exige uma corrente contínua de informação entre as autoridades eclesiais – de qualquer grau que seja – e os fiéis, e vice-versa, para o que são necessários diversos organismos dotados dos meios indispensáveis: conselhos pastorais, secretariados de imprensa, serviços de informação”.

Tudo isso exige que as pessoas sejam adequadamente formadas e habilitadas de modo crítico para que saibam usar os meios sem deixarem-se usar por eles. Manusear a tecnologia sem deixar-se programar por ela. É a formação o suporte necessário para que a comunicação seja de fato um processo social de todos e não de alguns para os outros. Segundo Soares,

O documento, ao levar em consideração dados sobre a natureza do fenômeno comunicacional, as peculiaridades de cada veículo e a situação psicossocial dos usuários, atribui decidida importância ao trabalho de formação do público receptor, para que se torne sujeito ativo, possivelmente organizado (SOARES, 1998: 114).

Houve quem entendesse que a Igreja estava sendo ingênua ao falar da formação do receptor como capacitador de sua participação no diálogo com os meios de comunicação fazendo-o exigente quanto à informação. Embora não seja o foco dessa pesquisa, cabe mencionar a grande revolução nas relações entre sujeito produtor, sujeito emissor e sujeito receptor prestes a acontecer com o advento da TV digital, que seguramente não se tratará apenas do uso de uma tecnologia, mas do modo como essa mesma tecnologia permitirá interferir nos conteúdos e nos processos comunicacionais.

3.12 *Evangelii Nuntiandi*

Comemorando o décimo aniversário do Concílio Vaticano II em 1975, o papa Paulo VI promulgou a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, após a terceira assembleia geral do Sínodo dos Bispos sobre a evangelização. Através desse documento é possível verificar o particular interesse de Paulo VI pelos desafios da evangelização, e está situada no espírito da ação missionária da Igreja refletida no documento conciliar *Ad gentes*. A *Evangelii Nuntiandi* lança um olhar para o mundo contemporâneo e chama a Igreja a conhecer esse mesmo mundo preparando-se para estabelecer com ele fecundo diálogo. O papa Paulo VI expressou sua convicção da necessária proximidade da Igreja com os meios de comunicação. Assim se pronunciou o papa,

A evidente importância do conteúdo da evangelização não deve esconder a importância das vias e dos meios da mesma evangelização. Este problema de “como evangelizar” apresenta-se sempre atual, porque as maneiras de o fazer variam em conformidade com as diversas circunstâncias de tempo, de lugar e de cultura, e, por isso mesmo, lançam, de certo modo, um desafio à nossa capacidade de descobrir e adaptar (*Evangelii Nuntiandi*, n. 40).

Já é possível vislumbrar, nesse pensamento do pontífice, a abertura de perspectiva da Igreja em relação aos meios de comunicação e à própria comunicação como processo capaz de definir mentalidades e comportamentos individuais e sociais. A *Evangelii Nuntiandi* convida à retomada e fidelidade às propostas do documento conciliar *Inter Mirifica* e aviva a necessidade de novos meios para a evangelização e isso exige formação e competência por parte da Igreja no âmbito interno da instituição e no cenário da ação evangelizadora no qual

essa mesma instituição atua. A progressiva insistência na formação e competência para a comunicação, se tornou plataforma comunicacional para a Igreja na sociedade e na cultura midiaticizadas. Na perspectiva de Puntel,

Embora a *Communio et Progressio* represente um avanço positivo e vá além da *Inter Mirifica*, coloca-se em outra posição: a mídia não é mais vista como um perigo, mas como uma força benéfica; e também foge de um discurso moralista, atenuando a maneira dogmática de abordar a mídia e criando condições e espaços para levar em consideração as diferentes tendências da sociedade moderna (PUNTEL, 2005: 128).

A *Evangelii Nuntiandi* chama claramente a atenção da Igreja para uma nova reflexão sobre os meios de comunicação, sobre uma nova prática comunicacional e uma nova modalidade de evangelização que leve em consideração a realidade da comunicação social e uso dos meios de comunicação, o respeito, a valorização e o uso das inovações tecnológicas aplicadas à comunicação. Tudo isso supõe e impõe à Igreja uma séria formação voltada para esse novo ambiente.

A possibilidade de ampliar o alcance da evangelização, na perspectiva da *Evangelii Nuntiandi*, não se limita ao simples uso das tecnologias, mas trata-se mesmo de dialogar com as tecnologias no sentido de compreender os processos técnicos e as estruturas ideológicas dos *mass media*. Ao integrar-se à comunicação assumindo as novas tecnologias da comunicação em sua missão no mundo a Igreja entende os meios de comunicação como oportunidade para dialogar com o homem e a sociedade midiaticizada, visto que ambos estão inseridos na dinâmica dos meios. Renunciar a essa realidade seria o mesmo que negligenciar sua fidelidade à missão. Assim se expressou o pontífice,

A Igreja viria a sentir-se culpável diante do seu Senhor, se não lançasse mão destes meios potentes que a inteligência humana torna cada dia mais aperfeiçoados. É servindo-se deles que ela “proclama sobre os telhados” a mensagem de que é depositária. Neles ela encontra uma versão moderna e eficaz do púlpito (*Evangelii Nuntiandi* n. 45).

Nessa expressão do papa, entende-se que esteja clara a necessidade da formação e competência para a comunicação. A Igreja não pretende apenas veicular a sua mensagem, o que a reduziria à condição de mero usuário, mas pretende que essa ao chegar ao receptor, ainda que por meios de massa o atinja em sua singularidade ajudando-o à adesão comprometida com a mesma mensagem. Essa dinâmica exige formação dos agentes da evangelização, pois os meios por si não são suficientes para tocar na singularidade das pessoas.

Ainda que pretenda usar os meios de comunicação servindo-se positivamente das inovações tecnológicas para veicular sua mensagem com um alcance maior, a Igreja pretende que a pessoa seja o foco e, por isso mesmo, não abre mão da singularidade do receptor que deve ser considerado no processo de comunicação. Essa é uma maneira de entender a comunicação a serviço da pessoa e não do capital nem do mercado. Sem negar o precioso contributo das tecnologias da comunicação, a Igreja recorda que a comunicação não é exclusivamente mediada, pode ser direta, primária, presencial e dialogal. Formar a ação de comunicadores que conheçam os mecanismos ideológicos e tecnológicos da comunicação, sem desprezar o contato pessoal torna-se verdadeiro desafio em uma sociedade midiaticizada que se apóia na tecnologia e alimenta certa negligência no tocante à proximidade dialogal entre as pessoas. Por isso, a insistência da Igreja para formar os seus no sentido de habilitá-los à competência para a comunicação num mundo em que impera a midiaticização. Paulo VI assim expõe seu pensar sobre esse assunto,

E é por isso que, ao lado da proclamação geral do Evangelho para todos, uma outra forma de sua transmissão, de pessoa a pessoa, continua a ser válida e importante... Importaria, pois, que a urgência de anunciar a Boa-Nova às multidões de homens, nunca fizesse esquecer esta forma de anúncio, pela qual a consciência pessoal de um homem é atingida, tocada por uma palavra realmente extraordinária que ele recebe de outro (*Evangelii Nuntiandi*, n.46).

É um grande desafio não reduzir sua prática comunicacional aos meios de massa e, por isso, a comunicação da Igreja pretende não desfigurar o contato pessoal como elemento necessário para que a comunicação alcance seu objetivo que é também incrementar a proximidade das pessoas. Em uma sociedade de passantes na qual o diálogo torna-se cada vez menos presente no quotidiano das pessoas, o que marginaliza a cultura do ouvir, hoje absolutamente necessária nos processos de comunicação, uma prática comunicacional que propõe a proximidade sem negar o valor dos meios tecnológicos da comunicação é uma resposta às inquietações da sociedade midiaticizada.

Para tanto, a formação e a competência em todos os níveis do processo de comunicação é fundamental a fim de que se possa atuar no cenário das comunicações no âmbito conceitual e na prática comunicacional concreta da Igreja na sociedade midiaticizada. Enquanto a *Evangelii Nuntiandi* assume os meios de comunicação como indispensáveis no processo de evangelização dialogal com a sociedade atual, o mesmo documento entende que o contato pessoal no mesmo processo é fundamental.

De Paulo VI a João Paulo II a Igreja amadureceu muito seu pensar a comunicação, sua

prática comunicacional e intensificou sua insistência na formação e competência para a comunicação. Nesse sentido, toma-se a partir desse momento alguns documentos de João Paulo II que explicitam a compreensão que a Igreja adquire acerca da comunicação e da necessidade de entrar nessa nova ambiência em que as relações sociais e pessoais vão tomando consistência.

3.13 *Redemptoris Missio*: entrar na nova cultura

A *Redemptoris Missio* é uma carta encíclica sobre o mandato missionário da Igreja escrita pelo papa João Paulo II datada de 07 de dezembro de 1990. Com esse documento, a Igreja dá uma reviravolta em seu olhar para a comunicação e mais que reconhecer a constituição de uma nova cultura na sociedade, decide entrar nessa nova cultura, e isso definitivamente exige da Igreja não somente a opção pela formação e competência como eixos estruturais que lhe permitirão atuar como sujeito cultural que aponta processos formativos para inserir-se no cenário da comunicação com um conteúdo a ser proposto; mas uma linguagem que lhe permita ser ouvida, vista, e presente na cultura digital.

O papa João Paulo II convocou a Igreja a atuar no que ele intitulou *moderno areópago* ao referir-se à comunicação como setor de grande importância da cultura moderna, com isso o papa pretendia dar uma perspectiva mais global da comunicação social para a Igreja. É importante recordar que ao tomar a figura do areópago para indicar o lugar da comunicação, o papa recorda que o areópago ateniense era o lugar dos que detinham o conhecimento e tinham a competência para discutir os destinos do cidadão e da *Pólis*. Ainda mais, recorda que o anúncio ali realizado buscou uma linguagem adequada àquele meio cultural e àquelas pessoas.

Para entrar no mundo dos que detêm o conhecimento dos dias de hoje, é preciso formação e competência, o *know how* da produção de conteúdos, da veiculação dos conteúdos e da tecnologia que possibilita sua difusão. A progressiva insistência na formação e competência para a comunicação é realidade concreta exigida da Igreja para fazer-se ouvida, mas também para possibilitar uma comunicação que não esteja entregue à dominação ideológica. É certo que o aparato tecnológico da comunicação sob o controle ideológico de grupos específicos na sociedade logra uma permissiva negligência da verdade e do bem dos indivíduos para beneficiar os interesses econômicos das elites sociais. Nas palavras do papa João Paulo II,

O primeiro areópago dos tempos modernos é o mundo das comunicações, que está unificando a humanidade, transformando-a – como se costuma dizer – na “aldeia global”. Os meios de comunicação social alcançaram tamanha importância que são para muitos o principal instrumento de informação e formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais. Principalmente as novas gerações crescem num mundo condicionado pelos *mass media*. Talvez se tenha descuidado, um pouco, este areópago: deu-se preferência a outros instrumentos para o anúncio evangélico e para a formação, enquanto os *mass media* foram deixados à iniciativa de particulares ou de pequenos grupos (JOÃO Paulo II, *Redemptoris Missio* no. 37c).

A *Redemptoris Missio* permite verificar mudança estrutural no modo como a Igreja percebe a comunicação, sua função e implicações sociais e a irrenunciável resposta da Igreja no sentido de abrir-se a um diálogo que ultrapasse o confronto de conceitos. Desde o pontificado de Paulo VI o magistério católico verificou a ruptura entre a cultura moderna e o Evangelho, conteúdo do anúncio da Igreja. Promover o reatamento entre essas duas instâncias tornou-se, então, esforço essencial para que a fé e a cultura midiática possam dialogar. É uma formação nova e definitivamente irreversível para que a cultura moderna não siga servindo aos interesses de grupos específicos e do capital. O papa refere-se, assim, ao destacar a importância e a necessidade da formação para a comunicação como responsabilidade de todos os líderes e organismos católicos,

A formação missionária é obra da Igreja local, com a ajuda dos missionários e de seus Institutos, bem como dos cristãos das jovens Igrejas. Este trabalho não deve ser visto como marginal, mas central na vida cristã. Mesmo para a “nova evangelização” dos povos cristãos, o tema missionário mantém, efetivamente, seu fascínio sobre os que se afastaram e os descrentes, e transmite valores cristãos. (*Redemptoris Missio* no. 37c).

A insistência dessa encíclica na necessidade de nova linguagem que possa ser assimilada pela cultura moderna e na cultura moderna reforça a urgência de formação e competência. Entendendo-se competência como a habilidade de transitar na cultura mediada da sociedade moderna, conhecendo o modo como essa mesma cultura é produzida, manipulada e aliada aos interesses do mercado. Não se pensa aqui em competência enquanto habilidade de manusear os meios, mas decodificar sua linguagem e a ideologia ou ideologias a que servem. Decodificar, na linguagem de Vilém Flusser *O mundo codificado*. É precisamente essa competência, que insiste-se, deve acompanhar a formação para a comunicação. Formação e competência são eixos que permitirão a inserção dialogal, mas não ingênua da Igreja com a sociedade mediada.

A Igreja tem um conteúdo a ser comunicado, mas desafiador é o processo de comunicação desse conteúdo, pois a “cultura moderna nasce mais dos novos modos de

comunicar com novas linguagens do que dos conteúdos propriamente.”³⁸ A insistência, então, não recai sobre o uso dos meios. Não se discutindo isso, embora não se tenha descartado servir-se deles para a evangelização. A questão então é muito mais amadurecida, é o reconhecimento de uma cultura absolutamente nova, diferente, fragmentada, hibridizada, complexa, que exige uma resposta igualmente complexa. Diante dessa complexidade da cultura moderna a Igreja reafirma sua proposta de focar a formação e a competência como eixos que possibilitam a comunicação na sociedade midiaticizada. O papa, assim, expressa essa percepção sobre o uso dos meios de comunicação,

O uso dos *mass media*, no entanto, não tem somente a finalidade de multiplicar o anúncio do Evangelho: trata-se de um fato muito mais profundo, porque a própria evangelização da cultura moderna depende, em grande parte, da sua influência. Não é suficiente, portanto, usá-los para difundir a mensagem nesta “nova cultura”, criada pelas modernas comunicações (*Redemptoris Missio no. 37c*).

Nessa fase de compreensão que a Igreja formula sobre a comunicação, fica claro que a idéia de associar ou limitar a comunicação aos meios técnicos já constituem uma conceituação e uma prática superadas por ela. A novidade é que a comunicação na percepção da Igreja não é mais instrumentalização da palavra pelos meios, mas a compreensão da comunicação como, nas palavras de Puntel, “um ambiente no qual todos estamos imersos e do qual participamos. Trata-se de uma cultura, *A cultura midiática*”(Puntel,2005; 131).

Trata-se de uma ação pela mídia, mas também uma ação na mídia. Não basta atuar por meio da mídia, mas nela, influenciando-a de modo a fazer com que a verdade veiculada não seja um *avatar*, um *second life*, ou uma simulação. Nesse sentido muitos serão os esforços da Igreja para viabilizar cursos de formação para pensar e usar os *new media*. É o cenário da formação como exigência e não mais como proposta, uma necessidade sem a qual a ruptura entre fé e cultura continuará existindo. Nas palavras de Puntel,

Chegou o momento de adquirir mais profundamente a cultura e a linguagem dos *media*. Portanto, a novidade dos últimos documentos da Igreja consiste em compreender os *media* como uma *cultura* dos nossos tempos. De fato vivermos em uma nova “mídia-esfera,” “onicompreensiva” e global, que representa “a nova infraestrutura no interior da qual a humanidade está criando novas redes de comunicação e relação, e ao mesmo tempo está lutando para conservar certo senso de dignidade humana (PUNTEL, 2005: 132).

Acredita-se que essa nova percepção da Igreja sobre o ambiente comunicacional no qual todos se encontram imersos dará grande impulso, não somente à progressiva insistência

³⁸ *Redemptoris Missio 37c*.

na formação, mas impulsionará o surgimento de muitos organismos eclesiais dedicados à formação para a comunicação. A formação, mais que uma proposta torna-se realidade concreta na vida da Igreja. Inclusive a formação para o clero terá elementos mais concretos que viabilizem a preparação das lideranças católicas no sentido de atualizarem sua prática dialogal no ambiente midiático em que se encontram e do qual se comunga.

A Igreja encontra-se, diante de uma opção irrenunciável, pois está imersa no mundo que vive os impactos dos *new media*. A dinâmica dessa nova sociedade desenha um cenário absolutamente novo e exige a construção de novos sujeitos que compactuem com a lógica capitalista do mercado. A atuação das novas tecnologias de comunicação na vida das pessoas é assombrosa e promove uma intervenção não somente nas escolhas e ações das pessoas, mas atua na percepção conceitual acerca da vida, do mundo e das pessoas. Ao referir-se à novidade das novas mídias, Puntel recorda que, “novas são as tecnologias que apareceram nos últimos anos (como digital, mas não só); fazem coisas novas. Dão-nos novas capacidades. Criam novas conseqüências para nós enquanto seres humanos. Influenciam cabeças; transformam instituições. Liberam. Oprimem”(PUNTEL, 2005: 81).

Na perspectiva de João Paulo II, a Igreja precisa estar pronta para essa nova realidade e deve atuar nesse novo cenário. A irreversibilidade de uma cultura comunicacional acompanha também irreversibilidade da compreensão que o magistério católico assume diante do novo cenário que se compõe na sociedade da informação. Ao contrário de combater esse novo ambiente, o papa insiste em que seja perceptível aos líderes católicos a verdadeira necessidade de preparar as pessoas de modo a que através de uma formação crítica, possam fazer-se ouvidas no universo comunicacional manifestando-se sobre os conteúdos, a veiculação e o fim a que se destinam os meios de comunicação. Na perspectiva da Igreja, isso é possível através da formação e competência. Com o apoio de Habermans, entende-se que essa percepção conceitual que a Igreja alcança sobre a comunicação social como instrumento de formação e para a formação que deve identificar a comunicação eclesial num mundo deslumbrado com os contínuos e sedutores encantos das novas tecnologias, a comunicação não pode ser apenas um instrumento tecnológico para expandir a possibilidade de ouvir o som de uma voz social ou pessoal; mais que isso a comunicação deve ser o espaço no qual a opinião do indivíduo seja expressa de modo competente a partir de argumentação sólida e seja ouvida de modo convincente, na esfera pública.

As pessoas estão imersas nesse ambiente no qual a atuação das novas tecnologias atuam de modo decisivo. Todos são expectadores de um novo que se constrói. Uma mudança de época que exige a capacidade de novos leitores sociais que saibam decodificar o livro

impresso e a virtualidade, o espaço físico e a desespacialização virtual. Realidade e virtualidade são elementos presentes na sociedade mediatizada. De acordo com Puntel,

Há uma profunda e intensiva mudança acontecendo na sociedade. Encontramo-nos em uma nova fase da história. Vivemos uma época da história com sinais evidentes de transição. Em tais momentos, o ser humano passa sempre por uma sensação de vazio, de falta de senso e de normas, de incertezas e de crises permanentes (PUNTEL, 2005: 85).

Nesse tecido social, permeado de mutações que promovem a emergência de um modo novo de vida, de acordo com Puntel, “a comunicação e as novas tecnologias de comunicação atuam como elemento organizador de todas as idéias que se difundem nas várias dimensões e no desenrolar da atividade humana” (Puntel, 2005: 88). Daí a progressiva insistência na formação e competência para a comunicação como eixos fundamentais no pensamento e na prática da Igreja Católica na sociedade mediatizada. É precisamente a inserção dos indivíduos, criticamente formados e competentes, na cultura comunicacional da sociedade mediatizada que viabilizará uma comunicação a serviço das pessoas e não do mercado e do consumo.

A Igreja compreende que a comunicação alcançou o patamar de elemento articulador na sociedade e entende que para atuar nesse novo areópago dos tempos modernos é preciso formação e competência como os eixos que lhe permitirão restabelecer o diálogo entre fé e cultura. Se no passado, a tentativa era deter o avanço dos *mass media*, hoje pretende-se avançar na reflexão e na prática comunicacionais. Na perspectiva de Puntel, a Igreja ao tratar de comunicação social não quer privilegiar apenas o campo técnico da comunicação, mas insiste no elemento humano e relacional. Dialogar com o sujeito que atua sobre a técnica e não apenas com as técnicas que atuam sobre os indivíduos.

Assim que a Igreja não desconhece o tecido social ao qual a comunicação se integra e sobre o qual atua modificando o imaginário dos indivíduos e formulando novos parâmetros de comportamento afetando os relacionamentos. Os avanços tecnológicos entraram em ritmo tão acelerado que mal permitem a reflexão sobre os verdadeiros benefícios e os danos que podem resultar para a compreensão e a vivência interpessoal.

A insistência da Igreja no sentido de formar e dar competência aos agentes católicos que atuam nesse novo ambiente social, não se restringe às lideranças católicas, nem tão pouco as exclui. A comunicação social é um novo “território” que precisa ser cuidadosamente investigado, conhecido e assimilado a fim de que a construção do diálogo seja viável.

Não se trata apenas de usar os meios técnicos da comunicação, mas sem excluí-los da prática comunicacional da Igreja e habilitando os fiéis ao universo da tecnologia, inserir nessa

cultura o espírito da mensagem cristã cujo objetivo é levar o homem à intercomunicação que viabilize a fraternidade universal. Paulo VI assim se expressa ao tratar desse assunto,

Tudo isso requer pessoal especializado no uso dos meios para o apostolado. É indispensável pensar em formar desde cedo sacerdotes, religiosos e leigos que desempenhem tais tarefas... O uso correto dos meios de comunicação social à disposição dos receptores de diversas culturas e díades exige que estes sejam formados e treinados para tirar o devido proveito, especialmente quando se trata de jovens (*Inter Mirifica*. 1963, n. 15-16).

Desde essa perspectiva, entende-se que a progressiva insistência na formação e competência para a comunicação, vai assumindo um caráter decisivo e as iniciativas concretas vão se explicitando a nível teórico, mediante o qual vai-se tornando público o pensamento da Igreja acerca da cultura comunicacional que permeia o tecido social, bem como as iniciativas de ordem prática que permitiram o contato dos agentes de pastoral católicos com o universo das teorias e das tecnologias da comunicação. Não se trata aqui de elencar essas iniciativas, mas destacar que a preocupação com a formação tem sido uma realidade primordial para a Igreja no tocante à comunicação.

É nesse sentido que se pretende tratar a seguir a insistência da Igreja na formação e competência de seu clero para a comunicação social.

Considerando o Concílio Vaticano II a grande plataforma que norteou a formação e prática dos agentes evangelizadores da Igreja Católica: sacerdotes, religiosos e leigos, a partir dele as novas diretrizes foram elaboradas e as propostas de ação pastoral apresentadas de modo reestruturado a fim de desenvolver uma linguagem adequada à atualidade.

Um dos grandes desafios para a Igreja, pós-conciliar, é a formação dos novos sacerdotes que deverão ser preparados para um novo panorama social em que a competência não somente no campo teológico, mas também no ambiente das outras ciências torna-se fundamental para o desenvolvimento do diálogo com as novas formas de organização na sociedade.

Sendo assim, com base nos documentos do Concílio Vaticano II, a Congregação para a Educação Católica elaborou e publicou em 1971 um documento orientador para a formação dos sacerdotes católicos, intitulado *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, que devia servir de base para a elaboração dos planos de formação dos sacerdotes considerando sempre nesses planos de formação a aplicação dos documentos conciliares. E a partir de sua publicação, a *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, tornou-se uma plataforma de fundamental referência para todos os programas formativos nos seminários e demais institutos

católicos devotados à formação.

Contudo, esse documento não esgota a reflexão sobre a necessidade de uma formação sacerdotal mais adequada à atualidade. Assim, a Congregação publica uma série de documentos de caráter similar sobre aquilo que considera áreas de particular atenção na formação dos sacerdotes a partir do Concílio Vaticano II. Sobre o estudo da filosofia em 1972, a formação ao celibato sacerdotal em 1974, a formação jurídica em 1975, a formação teológica em 1976, a formação litúrgica em 1979, a formação espiritual em 1980, o estudo e o ensino da doutrina social da Igreja, o estudo dos Padres da Igreja e as orientações para a formação dos futuros sacerdotes sobre os meios de comunicação social 1986.

A *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* deixa clara a noção de que as informações e as convicções circulam na sociedade de modo diferente daquele até então conhecido, superando a quase exclusividade de livros e professores como meios de informação e transmissão de conhecimento. Reconhece a presença decisiva dos meios de comunicação como elementos que não podem ser desconsiderados na sociedade. Atenta a isso a Congregação para a Educação Católica destaca a fundamental importância de preparar os sacerdotes para usar novos métodos na comunicação. Mas, a Congregação atenta para o fato de que essa preparação, para ser autêntica, não deve levar os sacerdotes a serem meros espectadores ou ouvintes passivos dos meios, e a não assumirem uma postura de meros espectadores ou ouvinte passivos.

Ainda que as *orientações* sejam uma resposta aos insistentes apelos do Vaticano II, no que se refere à formação dos novos sacerdotes com acento à necessária valorização da nova cultura que a Igreja reconhece presente e cuja adequação da Igreja se faz necessária, verifica-se nas Orientações para a Formação dos futuros sacerdotes sobre os meios de comunicação social de 1986, certo retrocesso na compreensão do Decreto Conciliar *Inter Mirifica*. Enquanto o decreto conciliar usa a expressão “comunicação social”, que segundo sua compreensão, iria para além dos *mass media*, pensando com essa expressão incluir em sua reflexão todos os meios de comunicação da sociedade humana. Já nas Orientações, o interesse se mostra de modo acentuado antes de tudo nos *mass media*, ainda que o texto revele a percepção de que as necessidades pastorais exigem o interesse também pelos estudos e pela prática de outros meios e instrumentos de expressão e comunicação.

Em 1993, a Congregação para a Educação Católica retoma, nas *Orientações sobre a preparação dos educadores nos seminários*, de 24 de novembro de 1993 número 38, o assunto sobre a formação dos novos sacerdotes, trazendo desta feita um novo elemento: a preparação dos formadores dos seminários. A Congregação recomenda que os educadores dos

novos sacerdotes estejam preparados para formar sacerdotes que possam dialogar com a cultura comunicacional, mas que estejam também capacitados para inserir-se na ambiência das comunicações. Para isso, os mesmos formadores precisam conhecer mais que teologia e filosofia, buscando então, formação pessoal para a comunicação interpessoal e da dinâmica das decisões humanas.

Esse novo elemento na formação dos novos sacerdotes está em coerência com as Orientações de 1986, que concebe os seminários como “escolas de comunicação”, que leva à superação da orientação do passado acentuada nos *mass media*.

Fica claro nas Orientações a necessidade de imprimir a cultura e a prática comunicacionais no ambiente formativo denominado seminário, o qual se tornaria como uma espécie de laboratório de comunicação interpessoal na comunicação entre os alunos e destes com os professores. Essa percepção vislumbrava então, que a partir desta prática os novos sacerdotes seriam preparados para o diálogo pessoal e social, além do aprimoramento da linguagem, e o desenvolvimento da habilidade de se expressar com clareza e eficaz argumentação para integrar o discurso da Igreja no ambiente das comunicações sociais.

Mas, a formação para os novos sacerdotes continua sendo uma constante no pensamento da Igreja e, por isso, continua insistindo para que a formação sacerdotal tenha em conta a pós-modernidade e, ao tratar dela, entende-se abraçar o universo da internet que é o mundo do ciberespaço. E, desde essa perspectiva, a Igreja reforça sua insistência na formação para a comunicação que inclui o contato com a cibercultura com a qual interagem as pessoas que vivem na pós-modernidade.

O atual papa, Bento XVI, insere nessa perspectiva a mensagem para o dia mundial das comunicações de 2010, cujo tema «*O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos media ao serviço da Palavra*». Abre-se, nessa perspectiva, um grande portal, um grande desafio e uma inusitada ação evangelizadora para a prática pastoral da Igreja. A fé navegando no ciberespaço rompe grande fronteira para o diálogo entre a própria fé e a cibercultura, expressão da sociedade midiaticizada.

Numa perspectiva nova sobre a comunicação tomada como um ambiente no qual as relações são afetadas e modificadas e sobre os meios novos de comunicação, a Igreja entende que lidar com o mundo das comunicações exige entrar em seu “território” para isso a necessidade de formação é inegociável, sob risco de ficar à margem de todo o processo comunicacional que vai para além de um uso mecânico dos meios alcançando um uso dialogal no sentido de que esses meios são promotores de uma cultura que não conhece limites nem fronteiras. O papa Bento XVI, assim expressa a importância dos novos meios tecnológicos

para a ação evangelizadora da Igreja,

Hoje, para dar respostas adequadas a estas questões no âmbito das grandes mudanças culturais, particularmente sentidas no mundo juvenil, tornaram-se um instrumento útil as vias de comunicação abertas pelas conquistas tecnológicas. De fato, pondo à nossa disposição meios que permitem uma capacidade de expressão praticamente ilimitada, o mundo digital abre perspectivas e concretizações notáveis ao incitamento paulino: «Ai de mim se não anunciar o Evangelho!» (44^a. Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações).

Na percepção da Igreja as modernas tecnologias da comunicação são capazes de estabelecer relações que são ampliadas através do universo digital de modo a não conhecerem fronteiras e essa realidade caracteriza-se como um grande desafio à ação da Igreja na sociedade midiaticizada. Ciente disso a insistência da Igreja na formação para a comunicação inclui o ciberespaço e a adequada formação para dar respostas às exigências dos tempos atuais, conhecidos como pós-modernidade.

A Igreja tem ciência de que essa nova cultura está escrevendo uma nova história para a humanidade e esse período de composição da nova história fortemente marcada de virtualidade é cenário no qual todos devem estar prontos a atuar como sujeitos capazes de interagir na cibercultura e integrando os valores do cristianismo lançar as bases do diálogo entre a fé e a cultura midiática na sociedade da informação. Contudo entrar no ciberespaço e interagir nesse território exige formação e competência como um processo contínuo que deve acompanhar o mesmo ritmo do desenvolvimento das tecnologias da comunicação.

A Igreja não quer, apenas, usuários e navegadores da cibercultura, mas homens aptos a transitar no ciberespaço como agentes capazes de contribuir para o processo de comunicação que tenha como objetivo a promoção da pessoa e a construção da sociedade como ambiente de comunicação de fraternidade e solidariedade. Bento XVI, expressa essa percepção da Igreja nesse campo afirmando que,

Através dos meios modernos de comunicação, o sacerdote poderá dar a conhecer a vida da Igreja e ajudar os homens de hoje a descobrirem o rosto de Cristo, conjugando o uso oportuno e competente de tais meios – adquirido já no período de formação – com uma sólida preparação teológica e uma espiritualidade sacerdotal forte, alimentada pelo diálogo contínuo com o Senhor. No impacto com o mundo digital, mais do que a mão do operador dos media, o presbítero deve fazer transparecer o seu coração de consagrado, para dar uma alma não só ao seu serviço pastoral, mas também ao fluxo comunicativo ininterrupto da «rede» (44^a. Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações).

Nasce, para a Igreja, um grande desafio e grande exigência, formar sacerdotes capazes de entrar e estar no mundo digital como elos conectores da cultura digital do ciberespaço à

realidade de indivíduos concretos cujas relações advindas de uma formação crítica devem re-conectar a cultura digital aos valores e princípios que permitem a constituição de uma sociedade justa e fraterna. A formação é fundamental para que o universo do ciberespaço seja cenário para anúncio e conhecimento da mensagem cristã. Mas o anúncio deve ser acompanhado de uma linguagem adequada, capaz à percepção da pós- modernidade a fim de que seja superada a idéia de que a mensagem cristã traz consigo um conteúdo inadequado à pós-modernidade. Assim a insistência da Igreja para a formação exige a adequação da linguagem e a competência para os meios e a cultura. Bento XVI insiste que,

Também no mundo digital deve ficar patente que a amorosa atenção de Deus em Cristo por nós não é algo do passado nem uma teoria erudita, mas uma realidade absolutamente concreta e atual. De fato, a pastoral no mundo digital há de conseguir mostrar, aos homens do nosso tempo e à humanidade desorientada de hoje, que «Deus está próximo, que, em Cristo, somos todos parte uns dos outros» (BENTO XVI, Discurso à Cúria Romana: 2009).

Entrar na cibercultura é, para a Igreja, oportunidade de serviço à cultura nova, sendo a ação evangelizadora espaço de diálogo que coopere com a cultura midiática na assimilação dos valores e princípio da fé cristã. Isso, porém não exclui o contato com a diversidade das crenças que expressam a própria diversidade característica da sociedade pós-moderna. Assim que formação e competência para a comunicação na sociedade midiática exigem a habilidade de diálogo com a diversidade.

Desse modo, o ciberespaço que pode levar a relações superficiais e à indiferença para com as realidades individuais e sociais, torna-se, na percepção da Igreja, um continente digital no qual os valores e princípios cristãos podem contribuir para que todo o potencial dos atuais meios eletrônicos de comunicação volte-se ao bem das pessoas e não aos interesses do capital e do lucrativo mercado de consumo de toda ordem. Nesse sentido, a formação e competência são exigências gritantes na cibercultura. A formação para a cultura midiática é exigência irrenunciável para restabelecer o diálogo entre fé e cultura.

É possível afirmar que a Igreja, considerados os condicionantes de cada tempo, ocupou-se com a formação para o ambiente da comunicação. O olhar da Igreja voltou-se logo para a formação do receptor, que habilitado para atuar no ambiente da cultura comunicacional seria catalisador de transformação no universo da sociedade da informação. Referindo-se à atenção da Igreja com a formação para a comunicação Puntel afirma que,

[A Igreja] ela tem se preocupado com o receptor --mesmo mediante o incentivo para que se criassem em todos os países, órgãos nacionais que se ocupassem da “boa

indicação” de filmes para os telespectadores. Naturalmente que, dentro da pedagogia da época, (e também terminologia) a consideração atual poderia ver o interesse da Igreja sob a forma de censura. Entretanto, a leitura aprofundada de todo o documento leva a perceber que a Igreja, no contexto de início da indústria cinematográfica, ela valorizava o cinema, mas desejava “proteger” a moral. Por isso, já com a preocupação do espectador, ela se dirige aos bispos para que criem “juntas” (departamentos) que se ocupem da formação do receptor (PUNTEL, 2010: 195).

Nesse processo de progressiva insistência na formação e competência para a comunicação, a Igreja inculturou seu discurso e sua prática ao novo ambiente das comunicações através de uma ação pastoral atenta à cultura midiática, o que caracteriza um salto significativo e determinante na inserção da Igreja na sociedade midiaticizada. Admitindo que não tenha dedicado a atenção necessária para o processo de formação da cultura comunicacional que foi se consolidando na sociedade midiaticizada, a Igreja então, compreende a necessidade de incrementar a formação e competência como oportunidade de atualizar-se na compreensão conceitual sobre a comunicação e sua prática comunicacional na sociedade da informação.

Portanto, a preocupação da Igreja com a formação e competência para a comunicação na sociedade midiaticizada está atenta à realidade da internet e pretende ingressar no ciberespaço em esforço grande para integrar sua ação pastoral à realidade da pós modernidade.

3.14 A comunicação humana, dom de Deus

A Igreja reconhecendo ser próprio da natureza do homem comunicar-se, comunicando-se aos seus semelhantes, fazendo como processo o desenvolvimento da construção e transmissão comunicacional. A Igreja reconhece no desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação uma manifestação da grande capacidade humana que viabiliza o alargamento da comunicação do homem com o homem, para além das contingências territoriais. O magistério da Igreja assim se expressa a esse respeito,

Portanto, com o tempo, aos poucos, inventou meios e veículos de comunicação sempre mais aptos a superar os limites originais de espaço e de tempo, até empregar, com o sempre rápido desenvolvimento tecnológico, uma comunicação mundial e instantânea de toda a humanidade pelos meios de comunicação social, que hoje se integram numa muito abrangente tele(infor)mática (Congregação para Educação Católica: 1986, n.1).

O desenvolvimento da comunicação passa a interessar à Igreja, que percebe então a

possibilidade de usar os meios para alargar sua ação de comunicadora da “Revelação”. É possível verificar então que a Igreja torna-se usuária dos meios de comunicação e começa a acompanhar o desenvolvimento tecnológico dos meios para ampliar sua atuação e para agilizar o envio e a recepção da mensagem.

É importante salientar que o interesse da Igreja pelos meios de comunicação não se restringiu à transmissão dos conteúdos dogmáticos de sua doutrina, mas demonstra interesse acentuado em promover a formação e a proteção integral do homem. Há uma transformação admirável na percepção que a Igreja passa a ter dos meios de comunicação, que a partir do Concílio Vaticano II, passam a ser vistos como maravilhas da engenhosidade do homem.

Nesse momento, associando a comunicação social e os meios desenvolvidos para a transmissão e recepção da mensagem, à dimensão da fé, a Igreja vislumbra uma reflexão sobre a comunicação, a recepção, o emissor e o receptor. Uma comunicação que leva em conta a realidade concreta do receptor. Isso de fato é algo novo no mundo eclesial e comunicacional. Ainda nesse ambiente de diálogo entre fé e cultura, a Igreja vai associando os elementos de sua tradição religiosa ao fenômeno comunicacional, ao propor mais que uma comunicação, uma intercomunicação, tomando como referencial o elemento Trinitário de sua crença. Essa intercomunicação a ninguém exclui, mas a todos integra. Uma comunicação feita por todos e para todos. Daí percebe-se o enfoque da Igreja no que toca à formação para a comunicação objetivando restabelecer o diálogo entre fé e cultura, incluindo significativamente a cultura comunicacional.

3.15 Meios de comunicação social e sacerdócio ministerial

Atenta à influência inegável e, cada vez mais ampla que os meios de comunicação exercem na sociedade tocando em todos os setores, e por conseqüência os novos problemas que daí decorrem, a Igreja se faz presente a essa nova realidade social insistindo no campo da formação para a sociedade midiaticizada e a cultura comunicacional. São inúmeras as orientações eclesiais nesse sentido, dirigindo-se não somente aos homens e mulheres do ambiente católico, mas a todos, inclusive não cristãos, dada a percepção da Igreja em relação ao alcance das mídias que rompe territórios, tempos e ideologias. Dariva resgatando a orientação da Igreja nesse campo expõe que.

A influência sempre mais vasta e profunda que, nos últimos decênios, os meios de comunicação social exerceram em quase todos os aspectos, setores e encontros da

sociedade criando novos problemas, fez com que o magistério multiplicasse ensinamentos, exortações e normas, para defesa e vantagem, não só dos fiéis e de todo homem de boa vontade, mas de quantos, no mundo de hoje, são chamados a exercer o sacerdócio ministerial... Dispunha que nos seminários os futuros sacerdotes fossem formados no uso correto desses meios, com um tríplice objetivo: criar uma disciplina pessoal poder formar os fiéis e poder usá-los eficazmente no apostolado (Congregação para Educação Católica: 1986, n. 4).

Então, a preocupação da Igreja não está centrada no uso dos meios, ainda que não descarte essa prática, mas a insistência se dá na formação, na preparação de seus agentes no sentido de conhecerem a cultura comunicacional, o desenvolvimento dos meios técnicos e sua influência decisiva na estrutura da sociedade e no comportamento das pessoas com o estabelecimento de novos paradigmas relacionais e ainda o modo como esta cultura e esses meios podem ser manipulados por determinados grupos constituindo uma nova hegemonia de poder.

A formação de seus agentes, pensa a Igreja, evitará que entrem nessa sociedade concreta, das comunicações, despreparados e alheios ao processo irreversível de influência da cultura comunicacional na estruturação da sociedade e na vida dos indivíduos.

A Igreja reconhece, nesse momento, como objeto próprio da educação específica para a atuação na sociedade midiaticizada, em primeiro lugar os meios modernos de comunicação, chamados *mass media*, que a Igreja chamou de “Meios de Comunicação Social”, quais sejam imprensa, o cinema, o rádio, a televisão e todos os outros existentes na sociedade. Neles a Igreja reconhece a alta tecnologia e o poder comunicacional.

Nessa perspectiva de formação, de acordo com o documento de orientação para a formação dos sacerdotes católicos, *Ratio Fundamentlis Institutionis Sacerdotalis*, a Igreja distingue e propõe o desenvolvimento da formação dos novos sacerdotes em três níveis:

- a) Básico, no qual a atenção se volta para a formação própria e específica dos receptores, entendidos aqui como leitores, espectadores e ouvintes dos *mass media*, e por isso essa etapa de formação deve ser dirigida a todos os alunos dos seminários, pois todos estão aqui situados no âmbito da recepção.
- b) Pastoral, cujo objetivo é tratar das atividades pastorais que os futuros sacerdotes, sobretudo no sentido de formarem os fiéis para o uso correto dos *mass media*, como também para poderem os mesmos sacerdotes fazer bom uso dos meios.

- c) Especializado, inclui aqui todos os que já estão envolvidos em trabalhos com o *mass media*, ou mesmo aqueles que se sentem inclinados a esse trabalho possibilitando-lhes prepararem-se para trabalhar nesse campo (Congregação para Educação Católica: 1986 n. 9).

A formação e a competência que a Igreja, conforme se vê nesta pesquisa, apregoa como eixos fundamentais da comunicação na sociedade midiaticizada estão situadas para além do uso dos meios, como insistentemente tem-se afirmado nesse trabalho. Ao dizer que a comunicação é um ambiente cultural, a Igreja não exclui desse universo cultural a cibercultura, a cultura do virtual.

O próprio universo virtual torna-se campo desterritorializado para a ação evangelizadora da Igreja. Ao pensar em formação e competência, entende-se, nesse trabalho, muito mais do que leitura de manuais de operação de determinadas tecnologias, mas bem além disso pensa-se na elaboração de uma linguagem adequada ao ambiente virtual que povoa o imaginário das pessoas de hoje e afeta verticalmente as relações estabelecidas entre imaginário pessoal e vida social.

O imperativo tecnocrático da sociedade atual que faz com que as relações interpessoais estejam imersas na cultura midiática, impõem à Igreja a necessidade de uma formação consistente que ultrapasse o âmbito dos conhecimentos tradicionalmente reservados ao universo eclesial para a compreensão da fé e explicação da sociedade a partir da fé. Atenta-se então que a formação e competência para a comunicação passem por conhecer a natureza mesma da cultura chamada midiaticizada alargando a discussão à virtualidade, espaço irreal que afeta a realidade concreta das pessoas. Nesse sentido ao entrar no mundo virtual a Igreja interpela sobre o grande desafio ético no universo da cibercultura. Segundo Puntel,

Atualmente, o que parece constituir centralidade nas discussões, ou escassez de debates, são os desafios da cultura midiática que, no contexto das tecnologias de comunicação, giram ao redor de dois pontos centrais: o desafio cultural e o desafio ético, campos que, a nosso ver, poderiam constituir temas de interesse e aprofundamento para uma teologia católica (PUNTEL, 2005: 134).

Nos últimos documentos da Igreja sobre a comunicação, é insistente a presença da temática da ética no universo das comunicações. Vivendo em uma sociedade fragmentada, hibridizada e flutuante na estrutura de valores e princípios universais, é compreensível que a crise ética seja elemento concreto também no universo das comunicações. Daí que a Igreja

entende ser necessário incluir no processo de formação para a comunicação a reflexão sobre a ética, dentre outros campos, nas comunicações sociais e na internet.

Embora as novas mídias tenham grande poder de intervenção e transformação, não são sujeitos transformadores, mas são meios nas mãos de pessoas que podem promover interferências tanto benéficas como maléficas para os indivíduos. Mais uma vez a formação crítica dos indivíduos para a cultura comunicacional é o caminho proposto pela Igreja para que as tecnologias da comunicação estejam a serviço dos indivíduos e não do mercado. No tocante à ética na comunicação, Puntel apresenta a percepção da Igreja da seguinte forma,

Com firmeza a Igreja aponta que a ética na comunicação social não se reduz às imagens do cinema e da televisão, às transmissões radiofônicas, às páginas impressas e à Internet, mas “a dimensão ética está relacionada não só ao conteúdo da comunicação e ao processo de comunicação, mas às questões fundamentais das estruturas e sistemas que, com frequência, incluem grandes problemas de política... Nesse sentido o documento é enfático em ressaltar que o princípio ético fundamental é: “a pessoa e a comunidade humana são a finalidade e a medida do uso dos meios de comunicação social” (PUNTEL, 2005: 137-138).

Atentando para o processo que a Igreja fez, especialmente a partir da década de 1930, cenário da encíclica *Vigilanti Cura*, e passando pelos papas desde esse momento até os dias atuais, verifica-se de fato uma insistência progressiva numa dinâmica de aprofundamento na reflexão eclesial sobre a comunicação. Identificados os devidos limites dos paradigmas sociais de cada momento histórico, percebe-se o modo como a Igreja foi superando seus próprios preconceitos comunicacionais e ao mesmo tempo foi elaborando uma proposta de comunicação social segundo a qual a comunicação não deve servir aos interesses do capital, mas ao progresso das pessoas para a construção de uma sociedade edificada na justiça e na fraternidade.

É possível verificar esforço verdadeiro por parte da Igreja para alcançar não somente o tempo, mas também a cultura pós-moderna, e o seu empenho no sentido de colaborar com a cultura midiática em que nos encontramos. Foi precisamente graças a esse aprofundamento e progresso que a Igreja superou a idéia de comunicação reduzida aos meios ou a percepção de uma comunicação instrumental. Esse é o primeiro grande sinal e fruto da progressiva insistência na formação e competência para a comunicação. O próprio modo de compreensão da Igreja sobre a comunicação já demonstra por si o efeito de uma formação séria para a comunicação. Sobre a superação de uma concepção instrumental da comunicação por parte da Igreja, assim se expressa Puntel,

[O documento *Redemptoris Missio*] Incentiva a própria Igreja a entrar nos processos comunicativos atuais, quando diz que “não é suficiente, portanto, usá-los para difundir a mensagem cristã e o magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta “nova cultura”, criada pelas modernas comunicações” (PUNTEL, 2005: 140).

Seguindo seu processo de formação e competência para a comunicação a Igreja não se detém diante dos novos desafios como é o caso do ciberespaço, uma nova modalidade de lugar, de tempo, e de representação da vida. Ao falar da internet, a Igreja insiste na necessidade de uma pastoral que considere esse novo *continente* a ser conhecido e evangelizado. Puntel assim se expressa sobre esse assunto,

Ao valorizar e entrar na cultura do ciberespaço, a Igreja também se preocupa com a sua incidência sobre a fé, a educação, a verdade, a ética, a moral entre outros aspectos. É nesse sentido que a própria Igreja convida e incentiva, de muitas maneiras, a reflexão, a formação, a educação para a comunicação, ultrapassando o simples exercício técnico, distinguindo as vantagens e desvantagens que a própria Internet apresenta (PUNTEL, 2005: 144).

Seguindo a linha de outros tempos recentes, a Igreja posiciona-se diante da internet de modo positivo, acolhendo-a e aproximando-se dela. O potencial da internet para bem formar pode ajudar em muito a concretizar a proposta da Igreja de uma comunicação que voltada à pessoa atenda a formação e competência como eixos que ajudem a redesenhar a sociedade e restabelecer relações.

3.16 Aetatis Novae

O desenvolvimento tecnológico não parou na sociedade, as transformações científicas seguiram avançando e modificando o tratamento da vida e alterando as relações com a vida. Não foi diferente com as tecnologias da comunicação que foram avançando e tornando a informação cada vez menos limitada pelo tempo e pelo espaço.

Com o novo elemento, a virtualidade, as tecnologias de comunicação vão inaugurando e avançando em um mundo paralelo, o ciberespaço, que vai interferir na percepção de vida, de realidade e inaugurará novas modalidades de relação e de comportamento individual e social.

A conexão homem e máquina vai tomando concretude e estabelecendo novas relações que modificam a percepção do homem sobre si mesmo, sua vida e as relações com a alteridade. A substituição da pessoa pela máquina, da realidade pela virtualidade, da verdade pela simulação, da singularidade pela pluralidade, vão hibridizando o universo individual e social de um modo surpreendentemente acelerado

Nesse período de 1971 a 1992, a Igreja desacelerou a publicação de documentos que tratassem especificamente da comunicação. Isso seguramente resultou em dificuldades para a compreensão dos fenômenos pelos quais a comunicação social vinha aceleradamente passando. Enquanto esse período foi marcado de mudanças estruturais na sociedade, dava-se a passagem do tempo analógico para o digital, e a instituição eclesial timidamente ficou silenciada o que a deixou numa certa marginalidade em relação ao rápido desenvolvimento e transformações da e na cultura midiática.

Após praticamente 21 anos de silêncio, a Igreja publicou a instrução pastoral *Aetatis Novae*, em 1992. Embora tenha sido um documento breve faz a síntese dos componentes fundamentais no universo da comunicação social e discorre particularmente sobre as exigências de uma ação pastoral “da” comunicação e “na” comunicação. Não somente fala o documento da necessidade de uma pastoral adequada à comunicação, mas além de estimular e encorajar iniciativas nesse campo apresenta os princípios e as perspectivas pastorais. Sobre a inovação desse documento no campo da pastoral da comunicação assim se expressa Puntel,

Uma das grandes riquezas contidas neste documento é o seu anexo, fornecendo elementos de plano pastoral, e sugerindo questões que possam integrar planos pastorais existentes. Tais elementos foram extraídos das propostas de Conferências episcopais ou de profissionais dos *mass media*, e podemos afirmar que, especialmente neste aspecto, a América Latina muito tem contribuído (PUNTEL, 2010: 57).

Esse documento não traz grandes novidades no pensar eclesial sobre a comunicação, mas rompe um silêncio de 21 anos, trazendo a Igreja de volta à discussão no cenário da cultura midiática. Com esse documento se retoma a questão das grandes inovações ou revoluções da tecnologia e a percepção da onipresença dos *mass media* não somente em lugares geográficos, mas também no imaginário individual e social, incluindo a religião e todos os setores da ordem social. A instrução pastoral *Aetatis Novae*, resgata a doutrina dos documentos conciliares e pós-conciliares e pretende sua aplicabilidade às novas realidades que emergem na sociedade da informação e da mídia.

É importante ainda verificar que nesse documento reserva-se uma especial atenção aos profissionais da comunicação que devem ser integrados às preocupações da pastoral da comunicação. Nesse sentido, é possível verificar no documento a presença da progressiva insistência na formação e competência para a comunicação como eixos fundamentais no pensamento e na prática da Igreja Católica na sociedade midiaticizada.

A pastoral da comunicação é um universo que inclui a formação dos agentes de pastoral da comunicação, mas também oportunidade de viabilizar formação na comunicação,

uma vez que não somente os agentes de pastoral fazem parte da ação da Igreja no mundo da comunicação social, que inclui ainda os profissionais e as empresas de comunicação. Não por acaso, esse documento insiste na necessidade de que toda a Igreja aprofunde no conhecimento da comunicação e assumam concretamente ações nesse campo. A esse respeito Puntel assim se expressa,

Dentre as prioridades pastorais apontadas pelo documento, figura, ainda, a *Pastoral dos responsáveis da comunicação*. Na verdade, isto requer da Igreja grande responsabilidade, isto é, não somente usar os meios de comunicação, mas “é necessário que ela elabore e proponha programas pastorais que respondam exatamente às condições particulares de trabalho e aos desafios éticos, com os quais se defrontam os profissionais da comunicação”. Daí a necessidade de elaborar programas pastorais que comportem uma formação permanente, que ajude as pessoas [principalmente os profissionais de comunicação] a estarem cada vez mais impregnados de critérios ético-morais, tanto no sector profissional como a nível privado (PUNTEL, 2010: 57).

Por fim, o documento retomada a mesma concepção dos documentos anteriores que entendem os meios de comunicação: “dons de Deus”, e reconhece que podem criar laços entre as pessoas e estabelecer proximidade entre as diversas culturas. Essa perspectiva de que os meios podem atuar de modo a restabelecer laços de convivência pacífica com vínculos de fraternidade em uma sociedade da diversidade, é sem dúvida inquietante e enriquece o universo da reflexão sobre a sociedade midiaticizada. O documento conjuga o querer de Deus acerca do bem das pessoas e a responsabilidade das mesmas pessoas no sentido de se empenharem para a concretização do bem de todos. Nesse sentido reafirma-se a percepção da Igreja acerca da comunicação como especial caminho da consolidação de uma sociedade pautada na fraternidade e na justiça. Formar para isso é um imperativo irrenunciável.

3.17 Igreja e internet

Atenta às grandes inovações da comunicação a Igreja volta sua atenção para esse novo continente digital, a internet e o ciberespaço, o mundo da internet nos quais novas relações vão se estabelecendo e forjando novo tipo de pessoa e de sociedade. Nesse campo a Igreja promulgou alguns documentos que a inserem no universo do ciberespaço, podendo-se, pois citar aqui, Igreja e internet, Ética na internet, Ética na publicidade, Ética nas comunicações, Internet e pornografia. Nesse trabalho, porém buscou-se apoio nos documentos *Igreja e Internet* e *Ética na Internet*. Assim os outros dois *Ética na Publicidade* e *Internet e Pornografia* não constarão nessa pesquisa por entender-se que os dois primeiros atendem melhor à reflexão da temática da reflexão em desenvolvimento.

De fato, a sociedade midiaticizada traz possibilidades novas que permitem o deslocamento virtual das pessoas, estabelecendo relações de diversas ordens sem a necessidade da presença física do outro. À semelhança de uma cápsula hermética através da qual cada indivíduo pode transitar na diversidade das culturas, dos espaços e dos mundos sem sair do lugar em que se encontra. Ao mesmo tempo em que as fronteiras geográficas são superadas mediante a navegação na rede, novas fronteiras são estabelecidas possibilitando o distanciamento dos indivíduos e a formação de mundos individuais nos quais a convivência, a integração pessoa a pessoa é superada pela integração do homem com computador

A Igreja está atenta a essa situação nova da comunicação e entende que sua ação não pode mais limitar-se ao universo concreto, mas é necessário entrar nesse continente digital e decodificar o ciberespaço, mundo no qual se desenvolvem as relações da pós- modernidade na sociedade midiaticizada. Desse modo, pensar a progressiva insistência na formação e competência para a comunicação inclui adequar essa formação para a nova realidade que movimentava a sociedade midiaticizada. É uma formação dinâmica que considere o modo de pensar e de agir, muitas vezes determinado mais pela virtualidade do que pela realidade das coisas.

A Igreja, pois assume a decisão de integrar ao seu campo de ação o mundo virtual a fim de povoá-lo como os valores e princípio da fé e navegando nesse continente digital provocar o diálogo entre fé e cultura. Superada a idéia de combate, trata-se agora de entender os mapas desse novo continente e decodificar os fios que tecem as redes do ciberespaço. Nessa perspectiva Puntel afirma que,

Decidida a entrar no Novo Milênio buscando desenvolver um diálogo com a nova cultura midiática que vive a sociedade contemporânea, a Igreja avança empreendendo novos caminhos para a evangelização, traçando diretrizes renovadas que orientam suas pastorais eclesiais. Iniciando pela escuta aos “sinais dos tempos”, pela valorização da continuidade da obra da criação através das invenções da inteligência humana e atenta à mudança de paradigmas, especialmente no que concerne o caráter relacional das novas tecnologias e do ser humano, a Igreja oferece sua reflexão atualizada com dois documentos da cultura digital: *Igreja e Internet e Ética na Internet*. Ambos publicados em 2002, pelo Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais (PUNTEL, 2010: 58).

Um dos elementos novos desse documento é a percepção que a Igreja assume da comunicação como um processo social histórico-científico e os engloba no universo da ação de Deus no mundo, e disso resulta que na percepção da Igreja a comunicação e os meios de comunicação devem estar ordenados ao estabelecimento de vínculos sólidos e convivência pacífica e solidariedade entre as pessoas.

Reconhecendo a historicidade da comunicação, a Igreja insiste que os meios não devem destinar-se apenas ao entretenimento, e muito menos ao serviço do lucro e do consumo. Mas atribui aos mesmos responsabilidade social na construção da história e formação de pessoas capazes da cultura da convivência pacífica.

Na história em que estão situadas as novas tecnologias de comunicação, está presente a internet, e a Igreja reconhece o valor e potência desse novo ambiente de comunicação que conjuga imagem, som, movimento, interação, emissão, recepção e conexão entre homem e máquina. Não somente reconhece esse valor, mas assume tal ambiente, cenário de evangelização formadora para o bem e o progresso das pessoas e da sociedade com o estreitamento dos laços de fraternidade. O diálogo inclui ainda aqueles que são responsáveis pelas técnicas da virtualidade de modo que a própria ação da Igreja seja integradora não somente com os meios, mas também com aqueles que detêm o seu conhecimento.

Nesse sentido, retoma a discussão sobre a formação entendendo que não pretende deter-se em uma comunicação que seja apenas o exercício técnico no uso dos meios, afirma a necessidade de uma educação midiática que habilite não somente para o uso dos meios, mas para a compreensão de seu dinamismo. Com relação à insistência da Igreja na formação para a comunicação no ciberespaço, Puntel declara que,

Especificamente com referência à Internet, com frequência o documento insiste que “a educação e o treinamento devem constituir uma parte dos programas compreensivos de formação a respeito dos meios de comunicação, disponíveis para os membros da Igreja” (7). E a insistência vai além, isto é, afirma explicitamente que possivelmente, “os programas pastorais para as comunicações sociais deveriam prever esta preparação no contexto da formação dos seminaristas, sacerdotes, religiosos e pessoal leigo comprometidos na pastoral, assim como dos professores, dos pais e dos estudantes” (7) (PUNTEL, 2010: 59).

Embora a Igreja seja otimista em relação ao potencial da internet para a disseminação do bem, está atenta ao uso inadequado e nocivo à dignidade da pessoa quando aponta a presença de ações no mundo virtual que disseminam o ódio, a violência e o preconceito contra grupos religiosos e étnicos. Ainda adverte para o dano que os sites pornográficos causam à dignidade da pessoa.

A Igreja insiste para que os seus membros se façam presentes na internet para povoar o ciberespaço com os valores cristãos e a autêntica mensagem da Igreja. Mais que um convite torna-se uma missão a fim de influencia para o bem este tão singular meio de comunicação. Para isso, é preciso formação séria e em todos os níveis que prepare os católicos para atuarem no mundo digital. Sobre isso encontramos no documento,

[Igreja e Internet]. Na era da Internet, com o seu alcance e impacto surpreendentes, hoje a necessidade é mais urgente do que nunca. As universidades, os colégios, as escolas e os programas educativos católicos, a todos os níveis, deveriam oferecer cursos para os vários grupos — «seminaristas, sacerdotes, religiosos, religiosas ou animadores leigos... professores, pais e estudantes» — assim como uma formação mais avançada em tecnologia das comunicações, administração, ética e questões políticas, destinados aos indivíduos que se estão a preparar para o trabalho profissional no campo dos *mass media* ou para cargos decisórios, e inclusivamente às pessoas que, pela Igreja, desempenham várias funções nas comunicações sociais. Além disso, recomendamos os temas e os assuntos acima mencionados à atenção dos estudiosos e dos investigadores em disciplinas relevantes nos institutos católicos de ensino superior (Igreja e Internet n.11. In PUNTEL, 2010: 62).

A preocupação da Igreja com a internet intensifica a reflexão sobre os processos éticos no ciberespaço dado que nele as relações se estabelecem e influenciam o comportamento pessoal e social. Um universo destituído do elemento ético pode tornar-se uma grande ameaça à convivência social e inviabilizar as relações de cooperação solidária.

3.18 Ética na internet

Contemporâneo ao documento *Igreja e Internet*, esse documento reflete sobre os princípios éticos no mundo digital propondo regulamentos que visem ao bem comum. De modo bem respeitoso, pautado na liberdade das pessoas a Igreja apresenta princípios éticos usando uma linguagem destituída de caráter impositivo.

A realidade da comunicação hoje vai além de inovações técnicas, para os diversos lugares do planeta os quais estão interligados graças às modalidades de transmissões viabilizadas pelos meios eletrônicos.

Diante de todas as possibilidades viabilizadas no mundo digital, a Igreja propõe uma questão: “*se a Internet está contribuindo para um desenvolvimento humano autêntico e ajudando os indivíduos e os povos a corresponder à verdade do seu destino transcendente*” (*Ética na Internet*, n.1).

A Igreja reconhece os *new media*: realidade poderosa para contribuir na formação cultural e espiritual das pessoas e ainda sua possibilidade de dinamizar as atividades comerciais e participação nas instâncias da sociedade estimulando o comprometimento das pessoas com as necessidades sociais. Mas é ainda valorizado o fato de a internet incrementar relações interculturais com uma dinâmica surpreendente.

A Igreja, porém, adverte que os meios de comunicação podem ser usados para explorar, manipular, dominar e corromper. Diante dessa diversidade de possibilidades de uso dos meios de comunicação e de modo singular a internet, a Igreja recorda o princípio fundamental da ética nas comunicações: *a pessoa e a comunidade humanas são a finalidade e*

a medida do uso dos meios de comunicação social (Ética na Internet, n. 3).

A partir daqui então a Igreja propõe que os meios de comunicação não podem isentar-se de sua responsabilidade quanto aos conteúdos e os propósitos desses conteúdos em relação ao bem da pessoa e da coletividade.

Atenta à internet, a Igreja reconhece suas potencialidades de instantaneidade, imediatismo, alcance mundial, descentralização, interatividade, expansividade em conteúdos e alcance, flexível e adaptável a um nível jamais visto. Além disso, a possibilidade de qualquer pessoa poder entrar no ciberespaço e fazer-se ouvido. Isso ainda acompanhado do anonimato individual e da constituição de comunidades anônimas. Disso pode resultar a formação tanto de participação ativa ou o isolamento das pessoas.

Esse isolamento pode corromper a co-responsabilidade dos sujeitos na construção da sociedade e no comprometimento com o bem uns dos outros. Assim, pode-se estar diante de um indivíduo centrado em si e para si, rompendo os laços de convivência social.

A cultura digital potencializa a ocultação de uma situação grave de divisão social entre os que podem e os que não podem mediante o acesso ou não aos meios e às tecnologias da informação. É preciso conjugar o avanço da economia global com o acesso de todos aos benefícios da globalização econômica, interrompendo o ciclo beneficiador de uma pequena elite detentora dos meios, da produção e veiculação dos conteúdos e dos benefícios sociais.

Para tudo isso é indispensável a formação e a competência para a comunicação no universo dos *new media*. Com relação à internet e formação, Puntel recorda,

Outra área de preocupação está relacionada com as dimensões culturais. Isto porque “as novas tecnologias de informação e a Internet transmitem e contribuem para formar uma série de valores culturais — modos de pensar acerca dos relacionamentos sociais, da família, da religião e das condições humanas” (11). E isto, pode desafiar como também ultrapassar as culturas tradicionais. É preciso fazer atenção, diz o documento, com o domínio cultural; pelo contrário, deve-se incentivar o diálogo entre as culturas, e o respeito pelos valores e credos dos outros povos (PUNTEL, 2010:65).

Mas a Igreja recorda a necessidade de se ter em consideração no âmbito da internet o cuidado com a privacidade, e os direitos inerentes à pessoa humana. Conservando uma perspectiva positiva da internet o documento encerra confirmando sua esperança de que a internet contribua para promover o bem.

3.19 O Rápido Desenvolvimento

No ano de falecimento do papa João Paulo II, ele fez publicar a carta apostólica *O Rápido Desenvolvimento*, publicada o dia 24 de janeiro de 2005. O documento foi dedicado, de modo especial, aos responsáveis pelas comunicações sociais. Foi a última manifestação oficial do papa sobre a comunicação, e assume caráter de legado deixado pelo pontífice para a sociedade moderna.

Demonstrando estar atento ao modo acelerado do desenvolvimento das tecnologias midiáticas, o documento traz tonalidade positiva em relação à comunicação. Retomando o pensamento da Igreja sobre a comunicação social a partir do Vaticano II, João Paulo II considera que a Igreja percorreu um caminho fecundo no sentido de amadurecer sua reflexão acerca da comunicação como também intensificou sua prática nesse campo.

João Paulo II insiste no desafio de fazer com que a Igreja compreenda que sua imersão no campo das comunicações vai para além do uso dos meios, tem a responsabilidade de integrar a mensagem do evangelho à nova cultura instalada na sociedade, a cultura midiática. É a necessidade de estabelecer no ambiente do ciberespaço o diálogo entre fé e cultura. O papa João Paulo II assim se expressa,

O primeiro areópago dos tempos modernos é o *mundo das comunicações*... Os meios de comunicação social alcançaram tamanha importância que são para muitos o principal instrumento de informação e formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais... O uso dos *mass-media*, no entanto, não tem somente a finalidade de multiplicar o anúncio do Evangelho: trata-se de um fato muito mais profundo porque a própria evangelização da cultura moderna depende, em grande parte, da sua influência. Não é suficiente, portanto, usá-los para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta « *nova cultura* », criada pelas modernas comunicações. É um problema complexo, pois esta cultura nasce menos dos conteúdos do que do próprio fato de existirem novos modos de comunicar com novas linguagens, novas técnicas, novas atitudes psicológicas (*Redemptoris Missio* 37, c).

A partir desse documento, faz-se preciso entender que o mundo ao qual o papa se refere é habitado pelas pessoas às quais se destina o anúncio da Igreja. Assim que o papa instiga ao debate no âmbito da Igreja acerca dessa nova realidade e o modo acelerado como vai se consolidando. A exigência da formação e competência para a comunicação é ratificada nesse documento. Contudo, agora se trata de uma formação permanente que permita acompanhar o desenvolvimento das tecnologias da comunicação. Formar é fundamental para que o diálogo entre fé e cultura deixe de ser um ideal e torne-se experiência concreta na vida da Igreja e da sociedade. A esse respeito Puntel diz,

Oxalá os vários grupos de estudos, os seminários, enfim a Teologia e a Pastoral da Comunicação possam levar em conta o estudo da cultura da comunicação e a necessidade de uma deontologia no campo da mídia. A Igreja, em primeiro lugar, deve promover o debate sobre tais assuntos (PUNTEL, 2010: 68).

João Paulo II traz, nesse documento, a insistência para a mudança de mentalidade em relação ao universo da comunicação. Não se deve prender ao uso mecânico dos meios de informação, mas ir além, imergindo e dialogando com a cibercultura na sociedade midiaticizada. Na perspectiva de Puntel,

No contexto contemporâneo, afirma o pontífice, tal missão se constitui numa tarefa difícil e desafiante, sobretudo aos responsáveis pela educação das pessoas: pais, famílias, educadores. É justamente a atual cultura midiática que impulsiona a Igreja "a fazer uma espécie de revisão pastoral e cultural" para "ser capaz de enfrentar de maneira apropriada" e adequada a transição pela qual passamos neste início de milênio (PUNTEL, 2010; 69).

Até aqui, desenvolveu-se a reflexão sobre o pensar e a prática comunicacionais da Igreja Católica. Avaliando o caminho percorrido por ela nos períodos abordados nesse trabalho, julga-se fundamentada a afirmação de que a Igreja ao optar pela formação e competência para a comunicação como eixos fundamentais no pensamento e na prática da Igreja Católica na sociedade midiaticizada, formulou uma proposta de comunicação disposta a contribuir na reflexão sobre a cultura comunicacional dos dias atuais. Não é a intenção desta pesquisa esgotar a discussão sobre esse assunto, o qual permanece aberto para novas reflexões. Intenciona-se abrir o debate sobre a temática da comunicação na Igreja, com o recorte da formação e competência como eixos da comunicação, tendo por protagonista dessa proposta a Igreja Católica.

No capítulo seguinte, será abordado o estudo de caso escolhido para esse trabalho, o SEPAC - Serviço à Pastoral da Comunicação como uma resposta concreta à progressiva insistência na formação e competência para a comunicação como eixos fundamentais no pensamento e na prática da Igreja Católica na sociedade midiaticizada.

Parte IV. SEPAC - Serviço à Pastoral da Comunicação

O objetivo dessa pesquisa é contribuir para melhor compreensão do processo de inserção da Igreja Católica na sociedade midiaticizada e seu esforço para promover o diálogo entre a fé e a cultura, mediante a oportunidade de refletir com a Igreja o seu próprio processo comunicacional.

Depois de percorrer longo caminho de estudo e análise dos documentos oficiais da Igreja no tocante à comunicação e de apreciar o rápido processo de desenvolvimento das tecnologias e seus impactos na sociedade, cenário no qual todas as ações humanas são desenvolvidas e no qual os sujeitos sociais atuam, modificando e sendo modificados pela história que escrevem ou que sofrem, chega-se ao último capítulo de nossa pesquisa. Nele, pretende-se demonstrar a viabilidade de uma comunicação alternativa no conjunto da sociedade da informação.

Essa proposta leva em consideração a importância da comunicação percebida para além da exclusividade dos meios, e entende como parte desse processo, as pessoas que atuam no mundo das comunicações, as empresas comunicacionais, os produtores de conteúdos, e os interesses econômicos e ideológicos protegidos e protetores da comunicação no cenário da sociedade midiaticizada. Tudo isso percebido como comunicação social. A proposta que pretende-se demonstrar tem sua gênese no pensar da Igreja e toma concretude em sua prática, sustentando-se na percepção da formação e competência como eixos fundamentais para a comunicação nessa mesma sociedade midiaticizada.

Esse capítulo dedica-se, como estudo de caso, ao SEPAC – Serviço à Pastoral da Comunicação e constará da seguinte estrutura: verificará a trajetória histórica do Centro de Formação, com sua proposta, objetivos e desenvolvimento através dos seus 28 anos de existência. Ainda nesse capítulo, apresentam-se as entrevistas feitas com a diretora e coordenadora de cursos, bem como a demonstração da sondagem através de questionários a 50 alunos escolhidos aleatoriamente e o depoimento de um ex-aluno que já atua na prática comunicacional. Propõe-se, ainda, o depoimento de dois professores do SEPAC, tendo por critério escolher um que participou do início de SEPAC e um que atua hoje. Dentre os seis laboratórios oferecidos pelo SEPAC, a saber: rádio, internet, jornal impresso, vídeo, publicidade/propaganda e teatro, escolheu-se um para o presente trabalho que, no seu todo, explicita melhor o amadurecimento da compreensão dos processos e meios de comunicação por parte da Igreja.

Com isso, busca-se verificar se o SEPAC é de fato resposta à progressiva insistência na formação e competência para a comunicação como eixos fundamentais no pensamento e na prática da Igreja Católica na sociedade midiaticizada, isto é, uma proposta concreta da Igreja no campo da comunicação.

4.1 Contextualização histórica

Em 1915 na Itália, o padre Tiago Alberione situado no cenário da Igreja no tocante ao processo de sua interação com a comunicação, lendo o espírito de seu tempo e os novos desafios para a ação evangelizadora da Igreja, fundou a Congregação da Pia Sociedade Filhas de São Paulo, cujo carisma ou proposta era evangelizar pela literatura, que naquele momento traduzia o que hoje se denomina evangelizar pela comunicação. Isso situa o padre Tiago Alberione no contexto das preocupações e reflexões do magistério católico sobre a temática da comunicação. Apenas 16 anos depois, em 1931, três religiosas, Ir. Dolores Baldi, Ir. Stefania Cillario e Ir. Marcelina Bertero, que integravam a Congregação das Filhas de São Paulo, chegavam ao Brasil trazendo consigo os ideais e as perspectivas apostólicas do padre Alberione.

No Brasil, os meios de Comunicação foram ocupando lugar na sociedade e ampliando sua importância a partir de 1950 e 1960, acompanhando a crescente expansão da indústria, da urbanização e das migrações. Isso alterou significativamente o quadro sócio-econômico do país e, com a presença do rádio e da televisão, a comunicação de massa passaria mais tarde a consolidar-se.

Embora a Igreja se movimentasse no sentido de dialogar com a comunicação e inserir-se nesse universo, verificava-se a ineficácia e ineficiência dos agentes de evangelização que atuavam na comunicação. Grande parte deles atuava sem a formação adequada para isso. Nesse contexto, destaca-se a Congregação das Paulinas que, desde então, dedicou maior atenção à temática da comunicação assumindo um papel de vanguarda na atuação comunicacional.

O SEPAC ³⁹ esteve inserido, em seus primórdios, no contexto de formação para a

³⁹ Serviço à Pastoral da Comunicação, conhecido pela sigla SEPAC, que será usada, de ora em diante, neste texto. É um Centro de Comunicação, criado e gerenciado pela Congregação das Filhas de São Paulo, Paulinas, cujo carisma está voltado para a comunicação social.

comunicação com a perspectiva libertadora, imerso no paradigma de comunicação alternativa. Com a atenção voltada para o receptor, no sentido de formá-lo criticamente a fim de auxiliar na leitura do contexto social então presente no Brasil. Esse olhar direcionado à formação do receptor situa o SEPAC na perspectiva da Igreja desde a *Vigilanti Cura*, que insistia na necessidade de formação do receptor como caminho de prevenção às mudanças comportamentais que supostamente os meios de comunicação promoveriam nas pessoas. A mesma preocupação ocupa lugar nos diversos documentos da Igreja que sucederam à *Vigilanti Cura*. Segundo a Ir. Helena Corazza,

O SEPAC capacita multiplicadores que sejam capazes de atuar em seu contexto. Percebemos que a experiência aqui vivida é muito forte e marca a vida das pessoas. O SEPAC já pensou em projetos de continuidade e maior vinculação das pessoas que aqui passam. Nos 25 anos fez um encontro com os ex-alunos. Mas não há um projeto sistemático para manter essa continuidade na proposta formativa. Muitas vezes, os cursistas pedem assessoria do SEPAC para projetos pontuais. Há lugares em que nos dizem claramente que os cursistas é que estão sendo os formadores locais. E isso nos faz pensar que formamos para o mundo e para a Igreja e não para nós. O que constatamos também é que grande parte dos agentes pastorais que fazem cursos no SEPAC assumem postos de liderança na área da comunicação em suas instituições (CORAZZA, 2010).

Ainda que o SEPAC tenha sido criado em 1982, período de decadência do regime militar ditatorial no Brasil, seu discurso foi marcado pelo contexto da teologia da libertação⁴⁰ no sentido de ser uma oportunidade para a formação de lideranças das classes populares. Formar agentes pastorais capazes de promover uma leitura crítica do quadro social e dispostos a atuar no cenário político e econômico a fim de contribuir para sua transformação.

Embora seja uma resposta concreta às solicitações do magistério católico no tocante à formação para a comunicação, é inegável que o SEPAC navega nesse encontro de águas: o apelo da Igreja no sentido de promover formação e competência para a comunicação na sociedade midiaticizada e microfonar a voz dos chamados oprimidos, oportunizando a audição das vozes silenciadas pelo sistema sócio-político-econômico então vigente. Nas palavras de Soares,

⁴⁰ Durante a ditadura militar nasciam as CEBs – Comunidades Eclesiais de Base, os bispos que dirigiam a CNBB incentivavam a participação cidadã nos movimentos sociais como uma prática de fé e os teólogos trabalhavam com os elementos chamados “libertadores” da fé cristã. Assim a predominância dessa perspectiva de interação da fé com a vida numa ação de transformação social, entende a libertação das opressões sociais como elemento constitutivo da evangelização, foi classificado como teologia da libertação, cujo principal expoente brasileiro foi o teólogo Leonardo Boff.

No que me diz respeito, o mais significativo desse início foi, na verdade, a constatação da existência de uma convergência de interesses entre, de um lado, a decisão tomada pelas Filhas de São Paulo de ampliar seus serviços à Igreja no campo da comunicação e, de outro, o interesse da UCBC – União Cristã Brasileira de Comunicação Social, entidade ecumênica que eu presidia, de encontrar parceiros que viessem fortalecer seu programa de formação para a “leitura crítica da comunicação”, iniciado no final dos anos de 1970. É importante notar que na diretoria da UCBC encontrava-se, nesse período, uma irmã paulina, a jornalista Joana Puntel (SOARES, depoimento - 2010).

É importante ainda ressaltar que, em sua origem, o SEPAC está inserido em um contexto de respostas da Igreja Católica ao momento histórico então vivido na sociedade brasileira. Notadamente a década de 1970 marca um atormentado período de endurecimento do regime militar ditatorial, marcado pelo uso da violência, repressão, tortura e não raras vezes, a morte dos opositores ao regime. Nesse quadro a Igreja promoveu e apoiou a criação de centros populares para a formação e capacitação popular. O SEPAC, objeto desse trabalho, situa-se historicamente nesse momento e insere-se nesse quadro, com a proposta de oferecer repostas e ações voltadas à pessoa e revelam seu espírito combativo frente às estruturas de dominação promovidas por um Estado autoritário.

Ao falar do SEPAC, é preciso compreendê-lo no ambiente das alternativas pastorais propostas pela Igreja como novas ações voltadas para a formação crítica das classes populares. Desse modo, o SEPAC pode ser integrado à ação de resistência ao regime autoritário militar no Brasil, como uma comunicação alternativa. Por conseguinte, esse centro de formação popular tem papel fundamental na recriação de uma educação popular mais comprometida com a consciência das classes excluídas dos processos sociais. De acordo com Soares,

Ao conceber para o SEPAC este projeto de assessoria de comunicação às escolas, alimentava, pessoalmente, a hipótese de que uma nova metodologia estava sendo requerida quando o propósito fosse levar o tema da “educação para a comunicação” para o ensino formal. Imaginava que melhor que promover uma prática linear de leitura crítica dos meios de comunicação no âmbito de alguma disciplina da grade curricular seria mais adequado propiciar aos estudantes que procedessem a um mergulho no mundo da comunicação a partir de algum problema relevante para suas vidas, presente no próprio currículo das disciplinas regulares do currículo (SOARES, depoimento - 2010).

As raízes desta postura do SEPAC estão no Concílio Vaticano II ocorrido entre os anos 1962 a 1965, que marca um momento singular na história da Igreja Católica no séc. XX, mudando o seu eixo pastoral e influenciando significativamente sua prática comunicacional. Na perspectiva desse Concílio, em 1968 a conferência de *Medellín* e posteriormente em 1979

a conferência de *Puebla*, grandes reuniões dos bispos latino-americanos, intensificaram o comprometimento dos bispos católicos com as propostas do Concílio Vaticano II. Era então, o ambiente das ditaduras latino-americanas no qual estava inserido o Brasil. O episcopado brasileiro assumiu atitude forte frente à ditadura militar brasileira e iniciou a prática pastoral mesclada com a necessidade de novas propostas para a formação e comunicação alternativas.

O documento final das conclusões da Conferência de Puebla, realizada no México em 1979, reconhece “o valor e a importância da comunicação proclamando que a evangelização, que consiste no anúncio do Reino, é comunicação” (Puebla, 1979: 260). Porém, emerge um questionamento acerca do tipo de comunicação, com quem a Igreja deve estar comprometida, a partir de quais interesses político-ideológicos deve conduzir-se e ainda sobre quem deve ser o verdadeiro sujeito da comunicação. Soares afirma que,

A UCBC entendia que a meta de formar especialistas na disseminação da “leitura crítica da comunicação” poderia ser otimizada caso uma organização reconhecida por sua capacidade de articulação decidisse introduzir o tema da formação em comunicação entre seus objetivos institucionais. Em outras palavras, cruzaram-se interesses em se criar condições para se estabelecer programas regulares voltados à formação de agentes da pastoral da comunicação dedicados, entre outros campos, à educação para os meios (SOARES, depoimento - 2010).

A percepção de que era necessário formar lideranças no campo da comunicação habilitando-as para a produção de conteúdos e preparando o público receptor para uma atitude crítica diante dos meios e conteúdos oficiais então oferecidos à sociedade tornaram-se uma premissa na ação evangelizadora da Igreja Católica. As organizações católicas foram assumindo as propostas da NOMIC⁴¹ (Nova Ordem Mundial da Comunicação e da Informação) com uma clara consciência da necessidade de democratizar a comunicação.

⁴¹A nova ordem no campo da comunicação foi chamada de diferentes maneiras: “nova ordem de informação”, “nova ordem internacional de informação”, “nova ordem internacional de informação e comunicação”. Na Conferência Geral da UNESCO e na Assembléia Geral das Nações Unidas (1978), chegou-se a um consenso em torno de “uma ordem mundial de informação e comunicação mais justa e eficiente” (Relatório MacBride, p. 38, n.3). Cf PUNTEL, Joana. *A Igreja e a democratização da comunicação*, p. 293.

4.2 SEPAC: nasce uma resposta

O SEPAC - Serviço à Pastoral da Comunicação é um centro de capacitação criado em 18 de outubro de 1982, data escolhida aleatoriamente depois de um intenso período de gestação da idéia desse organismo e sua efetiva concretização, para refletir sobre os processos comunicacionais e formar agentes sociais e pastorais na área da comunicação e cultura. Nasceu num contexto social, cultural e político em que as discussões sobre comunicação buscavam uma nova ordem mundial e latino-americana para a comunicação democrática e participativa.

Uma longa trajetória em que o SEPAC foi construindo sua proposta, quer interna como externamente, isto é, a formação de agentes cidadãos, no campo cultural, especificamente agentes de pastoral. E o SEPAC tem caracterizado a formação dos estudantes, além dos conteúdos, insistindo e mantendo uma organização séria, disciplinada, competente que qualifique a pastoral levando em conta a cientificidade (PUNTEL, entrevista - 2010).

O contexto eclesial também desejava encontrar um caminho para a reflexão crítica da comunicação voltada para a transformação da realidade. Pioneiro no serviço à pastoral da comunicação, o SEPAC é hoje uma referência e se propõe ser espaço de reflexão e educação para a comunicação, ousando ser porta de entrada para um jeito novo e criativo de evangelizar, capacitando os cidadãos com qualidade, competência e espiritualidade. Nesse sentido há uma preocupação desse centro de formação para não se transformar em um curso de uso da tecnologia, mas, sem diminuir a importância das novas tecnologias da comunicação, manter-se no seu objetivo central, promover formação crítica que viabilize o discurso competente na sociedade midiaticizada como possibilitador do diálogo entre fé e cultura. De acordo com Helena Corazza,

As pessoas que procuram o SEPAC têm objetivos próprios e pontuais. Alguns para iniciarem-se na comunicação, outros para aprimorar seus conhecimentos e qualificá-los. O curso favorece a capacitação prática de produção da comunicação em laboratórios e um ponto forte é que o SEPAC precisa, a todo o momento reafirmar sua identidade, objetivos e adequar-se sim à sociedade, mas sem perder sua “cor”, a sua filosofia (CORAZZA, entrevista – 2010).

Nesse cenário sócio-político em que a Igreja encontrava-se inserida no Brasil, e em outros países latino-americanos, localiza-se o SEPAC, com um projeto/resposta ao universo das comunicações, cujas empresas representavam a ordem governamental de então e serviam aos seus interesses. A história do SEPAC pode ser destacada em três momentos importantes que permitem compreender sua singularidade no ambiente da sociedade brasileira, da Igreja e

no universo das comunicações:

1- O processo de transição do período militar, com toda a expectativa de retorno ao Estado de direito e à democracia;

2- O processo de mudanças apontadas pelo Concílio Vaticano II para toda a Igreja. A experiência de ditadura militar instaurada em quase a totalidade do continente latino-americano;

3- As mudanças tecnológicas da década de 1980 que deram à comunicação um alcance extraordinário que provocou grandes modificações nas relações interpessoais e das pessoas com as instituições sociais.

Com o objetivo de colaborar com as exigências desse contexto sócio-político, a Igreja, na expressão da Congregação das Filhas de São Paulo (Irmãs Paulinas), funda o SEPAC com o objetivo de formar e capacitar pessoas e grupos preparados para articular idéias e ações que ajudem a remodelar a sociedade e as relações interpessoais e entre indivíduos e instituições. Assim, incentivando a formação das pessoas numa perspectiva crítica e proporcionando-lhes ocupar espaços na sociedade como agentes de transformação, mas especialmente para que atuem no universo da comunicação popular alternativa, o SEPAC vai prosseguindo em sua proposta. O ex-aluno Grimário Reis Neto, que em 2010 prossegue seus estudos em comunicação em Roma, destaca que, “pensar a comunicação sem a ética é pensar o meio sem a pessoa. A diferença na comunicação é a ética. O curso do SEPAC leva o aluno a pensar a comunicação a partir da ética. Sem ética não há comunicação” (GRIMÁRIO R. NETO, depoimento – 2010).

Num primeiro momento o SEPAC atuou na produção de subsídios populares e na capacitação crítica da comunicação, disponibilizando ainda material audiovisual, buscando assessorar “atividades de ação-reflexão que permitissem avanços em direção à desmistificação do sistema de comunicação social e do próprio sistema de educação, motivando e facilitando a realização de práticas democráticas de comunicação libertadora”⁴².

Nasceu com uma ousada proposta de trabalho em três linhas básicas, que se poderia chamar de três objetivos práticos a cumprir:

⁴² Conforme material histórico do SEPAC, oferecido pelo próprio Centro de Comunicação.

- formação de agentes de pastoral da comunicação (agentes multiplicadores), através da realização de cursos em diversas dimensões, sendo o mais específico deles o Teórico e Prático da Comunicação;
- A produção de livros e cadernos populares, em linguagem simples e direta, voltando seus temas às demandas básicas em comunicação das comunidades.⁴³
- O empréstimo de audiovisuais e vídeos para comunidades, grupos paroquiais, escolas e entidades com interesses populares.

Avançando na compreensão do universo da cultura comunicacional que se consolidava na sociedade, o SEPAC se aprofunda em sua própria estruturação e missão. Assim que foi redefinindo sua ação numa perspectiva metodológica teórico-prática que visava dar sólida formação teórica para o domínio conceitual da comunicação e domínio das técnicas de produção e ainda promovendo o contato com as novas tecnologias da comunicação. Sobre isso Puntel diz que, “nesta ambiência é que os estudantes são encorajados a delinear e construir os diversos laboratórios (a sua prática), baseados em referenciais atuais, distinguindo o que realmente muda e o que permanece como princípio fundamental” (PUNTEL, entrevista - 2010).

Tornou-se preocupação do SEPAC aliar o domínio conceitual e teórico de comunicação social, associando a reflexão ao domínio crítico da técnica e contato com as novas tecnologias. Ricardo Lulai, professor que atua há mais de dez anos no SEPAC, assim explicita a questão:

Em virtude de o curso buscar a melhor adaptação desse aluno para atuar em seu respectivo meio, ele dá grande importância às tecnologias da informação. Em termos gerais, não só tecnologias são abordadas, mas também se dá grande ênfase aos aspectos comportamentais, pois se considera também a capacidade do indivíduo exercer influência por meio do desempenho em sua comunidade. Na disciplina de teatro, por exemplo, o aluno encontra os mais atuais conceitos de comunicação interpessoal, indispensáveis na formação de um líder (LULAI, depoimento – 2010).

Hoje, muito mais que produzir material popular, o SEPAC tornou-se um centro de formação e competência que vem possibilitando o diálogo entre fé e cultura. É um espaço-cultural aberto ao pesquisador em comunicação social. Pela seriedade com que desenvolve seus objetivos, conquista respeito e credibilidade junto às instituições educacionais e comunicacionais. Esse centro de formação pode ser adjetivado como um espaço mediador

⁴³ Ver depoimento do prof. Ismar O. Soares para esse trabalho, no que se refere às publicações.

entre a universidade e os grupos populares, colaborando para a democratização e socialização do conhecimento, desenvolvendo, hoje, três grandes Projetos:

1. Cursos sistemáticos (parcerias com a PUC/SP, ITESP, Studium Theologicum/Curitiba); e cursos livres (aos sábados) sobre a Educação para a Comunicação, Curso de comunicação para presbíteros e diáconos; Comunicação e consciência do corpo; Oratória e técnicas para falar em público; Pastoral da Comunicação; Comunicação e catequese; comunicação na liturgia; liderança na gestão comunicacional; oficinas de rádio, vídeo, internet, entre outras. O SEPAC presta assessoria fora da sede, também a instituições eclesiais, rádios, escolas, congregações religiosas, institutos de formação para leigos(as), seminários e comunidades que solicitam seus serviços.⁴⁴ Nas palavras de LULAI,

O SEPAC aprimora as capacidades comunicacionais de seus alunos, imergindo-os nesses paradigmas, mas não de forma inconsequente. Para sua formação a conscientização, teorização e prática devem estar em consonância a um plano educacional preciso, pois trata-se de uma oportunidade única que não pode ser desperdiçada, até pelo motivo de ser a comunicação, uma área de estudos extremamente complexa (LULAI, depoimento – 2010).

2. O segundo Projeto que o SEPAC desenvolve é o das Publicações.

Com a finalidade de dar suporte aos cursos teórico-práticos, ministrados no Centro, o SEPAC criou a *Coleção Pastoral da Comunicação: teoria e prática* com três séries – Série dos *Manuais* – a prática dos conteúdos dos laboratórios no SEPAC; a Série *Dinamizando a Comunicação* – para formar agentes de comunicação; a Série *Comunicação e Cultura* – suporte cultural para o aprofundamento dos temas comunicacionais.

A Coleção destina-se aos estudantes de comunicação e ao público que se interessa ou busca atualizar-se nessa área.⁴⁵

3. O Projeto *Comunicação & Educação*.

O Projeto *Educação para a Comunicação: leitura crítica* tem o objetivo de favorecer o conhecimento e a reflexão sobre as mudanças culturais que acontecem na sociedade e nas pessoas, sobretudo, pelo avanço das novas tecnologias da comunicação. Soares recorda que,

⁴⁴ Verificar anexo de cursos do SEPAC

⁴⁵ Ver anexo das publicações do SEPAC

A primeira coleção de livros do SEPAC apareceu no momento em que o tema da “leitura crítica da comunicação” ganhava espaço junto ao movimento popular e dava seus primeiros passos na educação formal. Os textos captaram as mudanças de perspectivas que já se anunciava e de nenhum modo eram apocalípticos. É importante lembrar que o mesmo pensador responsável pelo início da revisão do projeto LCC, da UCBC, João Luiz van Tilburg⁴⁶, foi autor de um dos livros da coleção (SOARES, depoimento – 2010).

Neste contexto, o Projeto se propõe buscar, com o grupo, novos canais de interação e diálogo com o interlocutor no campo educacional, abordando, em cada módulo, temáticas diferentes dessa mudança cultural, como a análise e mediação de produtos culturais e das novas tecnologias, despertando novos hábitos de vida que interferem nos valores humanos e de cidadania. Os módulos, mensais, seguem metodologia teórico-prática, envolvendo discussões e análise de produtos culturais midiáticos e destinam-se a educadores, gestores, estudantes, professores, pais, mães e interessados.

4.3 Um especial destaque

Com especial destaque para o curso de pós-graduação *lato sensu* e seu reconhecimento acadêmico, o SEPAC iniciou uma parceria com a Universidade de São Francisco (USF), firmando convênio de extensão universitária em nível de *latu sensu*, em 12 de janeiro de 1990 para o Curso teórico e prático da Comunicação. Entretanto, a partir de 1º. de julho de 2002 o SEPAC recebeu nova e significativa parceria: a Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, assegurando aos alunos a certificação de pós-graduação *lato sensu*. Ao mesmo tempo em que isso dá qualificação profissional ao SEPAC, assegura um currículo que em nada deixa a desejar em relação às outras instituições acadêmicas destinadas à formação em comunicação. Hoje o curso denomina-se *Cultura e meios de comunicação: uma abordagem teórico-prática*. De acordo com Puntel,

O curso acadêmico que o SEPAC realiza é conveniado com uma universidade que possui o reconhecimento por parte do MEC, a PUC/SP. O SEPAC, como tal, não pode emitir certificado oficial de formação acadêmica, por não ser uma escola formal, mas um centro de comunicação. Entretanto para que os estudantes do curso de Especialização *lato sensu* possam receber reconhecimento do MEC e, portanto, prosseguir em seus estudos em qualquer universidade, achamos justo conceder aos alunos um certificado reconhecido pela entidade que o outorga. Por isso é que, mesmo que toda a estrutura é do SEPAC, o curso é conveniado com a PUC de São Paulo que emite o devido certificado (PUNTEL, entrevista – 2010).

⁴⁶ Ver depoimento do prof. Ismar O. Soares em anexo para esse trabalho, no que se refere ao processo de fundação do SEPAC.

O SEPAC organizou esse curso para oferecer aos estudantes a oportunidade de envolvimento como agentes sociais em um processo de comunicação que está marcado e dinamizado pelas novas tecnologias, abordando com profundidade os elementos conceituais e oportunizando atividades práticas. Desse modo, o SEPAC permite aos agentes sociais multiplicarem e articularem, de modo interativo, novas experiências nas comunidades a que pertencem e na vida profissional, objetivando elaborar e implementar estratégias de intervenção nos processos de gestão da comunicação nas comunidades em que atuam.

O curso é organizado de modo a possibilitar o acesso dos estudantes das mais diversas realidades sociais e regionais, assim não importa o momento em que o candidato seja matriculado no SEPAC, ele acompanhará o desenvolvimento do curso, pois está estruturado de modo ordenado tendo sempre um fio condutor que mantém a sua unidade curricular e pedagógica, apesar de sua dinâmica rotativa que flexibiliza o desenvolvimento do curso, organizado em três módulos distintos: História, Teorias e Políticas de Comunicação. Os módulos transcorrem em tempo integral durante 15 dias com aulas teóricas pela manhã, práticas laboratoriais à tarde e disciplinas metodológicas de pesquisa científica aos sábados. Grimário R. Neto assim fala desse aspecto, “por conta disso, gostaria de destacar algumas das contribuições do curso: sério; super-organizado; adequado para nossa realidade do dia-a-dia; professores extremamente capacitados; ambiente excelente; acolhida perfeita; bem montado; caráter cristão do curso etc. Parabéns!” (GRIMÁRIO R. NETO, depoimento – 2010).

As disciplinas práticas estão dispostas em seis laboratórios: jornal impresso, rádio, televisão, teatro, vídeo e internet ou publicidade,⁴⁷ possibilitando ao cursista maior interação e domínio das técnicas com a produção. O curso traz ainda a integração de diversos seguimentos da sociedade, agentes sociais, profissionais da área de comunicação, estudantes, sacerdotes, seminaristas, leigos engajados nas diversas comunidades, religiosos, agentes de pastoral e integrantes de ONGs. De modo que o SEPAC torna-se palco de integração de diversos modos de pensar e o diálogo de uma grande diversidade cultural advinda das distintas regiões do país.

4.4 Parceria com o ITESP- Instituto São Paulo de Estudos Superiores

Outro importante curso que integra o SEPAC é o Curso Educação para a Comunicação do ITESP que tem por objetivo desenvolver um programa abrangente em nível teórico e

⁴⁷ Ver Anexo sobre os laboratórios do SEPAC.

prático, propiciando aos estudantes de teologia uma interação qualificada e competente com os meios de comunicação, capacitando-os para o processo comunicacional e para uma atuação mais eficiente nas práticas pastorais da era audiovisual.

Essa parceria se firma a partir das indicações da Igreja Católica no Brasil, que espera uma formação consistente e adequada dos futuros sacerdotes em relação à comunicação social contemporânea.

O curso está estruturado em duas etapas distintas:

- A primeira é desenvolvida no ITESP, para estudantes do primeiro ano de teologia, durante o 2º semestre, com carga horária de 2 horas-aula semanais.

- A segunda etapa, para estudantes do segundo ano de teologia. É realizada na sede do SEPAC, no período de uma semana, tempo integral, com aulas teóricas pela manhã e laboratórios no período da tarde.

4.5 Parceria com o *Studium Theologicum* de Curitiba

O processo da comunicação e o pensamento da Igreja sobre comunicação são o conteúdo do curso oferecido em duas etapas para seminaristas do 1º. ano de Teologia do *Studium Theologicum* da Sociedade Claretiana com a Universidade Católica do Paraná, em Curitiba. Tem como objetivo oportunizar referenciais importantes sobre o mundo da comunicação, no contexto da modernidade e pós-modernidade e suas diversas implicações no campo cultural, teórico-ecclesial, de modo que os seminaristas possam agregar conhecimentos e valores para o exercício do sacerdócio.

4.6 SEPAC, uma experiência de comunicação em progresso

Com a variedade dos cursos realizados no SEPAC e as assessorias realizadas fora de sua sede o número de alunos que receberam formação para a comunicação revela a seriedade metodológica e qualidade acadêmica características desse centro de formação para o qual cada vez mais as dioceses e arquidioceses do Brasil vão encaminhando seminaristas, padres e agentes de pastoral. Além das igrejas locais,⁴⁸ muitas congregações religiosas encaminham seus membros para receberem formação no campo da comunicação segundo a perspectiva da Igreja.

Com isso o SEPAC atualiza a insistência progressiva da Igreja no sentido de formar clérigos, religiosos e leigos para a comunicação a fim de concretizar o diálogo entre fé e cultura. Segundo a Ir. Helena Corazza, o número de alunos atendidos pelo SEPAC revela uma progressiva tomada de consciência por parte das lideranças católicas sobre a necessidade de investir na formação para a comunicação,

Na sede do SEPAC, desde 1988, em São Paulo – 9.446 participantes. Fora da sede – em diferentes locais – 30.207 participantes. Curso de Especialização Teórico-prático em Comunicação Social Convênio: USF - Universidade São Francisco -Período 1990 a 2002 – Pós-graduação *lato sensu* 224; Extensão Acadêmica 226 Curso Cultura e Meios de Comunicação: uma abordagem teórico-prática Convênio PUC-SP/COGEAE – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Período – 2000 – 2010 – Pós-graduação: 256; Extensão: 141 (CORAZZA, entrevista – 2010).

A preocupação do SEPAC volta-se sempre mais, na atualidade, à sua proposta fundamental de despertar e desenvolver a capacidade de reflexão e de produção na linha pastoral e acadêmica, com enfoque na área da comunicação e cultura. Por isso, o centro preza fortemente pela qualidade de seus estudantes oferecendo ferramentas básicas e metodológicas sérias, no campo da comunicação. De acordo com Puntel,

O SEPAC tem caracterizado a formação dos estudantes, além dos conteúdos, insistindo e mantendo uma organização séria, disciplinada, competente que qualifique a pastoral levando em conta a cientificidade. Como dizia padre Gustavo Gutierrez, “a pastoral precisa de cientificidade”. Isto é, ela não é basismo (PUNTEL, entrevista – 2010).

Desenvolvendo metodologia teórico-prática, o SEPAC propõe a formação integral ao

⁴⁸ Denomina-se como Igreja local as dioceses entendidas como uma porção do povo de Deus confiada ao pastoreio do Bispo com a cooperação do presbitério. (Código de Direito Canônico: 1983 n.369)

comunicador. Esse ambiente de formação integral possibilita a conexão entre a comunicação primária, a comunicação secundária e a comunicação terciária.⁴⁹ O contato direto do face a face entre os formandos que possibilita a troca de experiência e o contato com a diversidade cultural de inúmeras regiões do país, faz do SEPAC um ambiente privilegiado para a experiência de uma comunicação interpessoal permitindo a recuperação do ouvir, do ver, do falar e do tocar, possibilitando trocas de riquezas preciosas para a formação do comunicador.

Ainda que seja esse ambiente propiciador de uma comunicação primária, na sua trajetória, o SEPAC proporciona uma formação integral no campo da comunicação e por isso oferece aos alunos a possibilidade de domínio conceitual e teórico da comunicação e ainda viabiliza a interação prática dos alunos com os três grandes modelos pelos quais a comunicação é praticada pelas sociedades, conhecidos como *Comunicação Primária*, *Comunicação Secundária* e *Comunicação terciária*. Sobre esse assunto Corazza diz que,

Pela sua prática e filosofia, o SEPAC dá muita importância ao relacionamento face a face, à convivência e à possibilidade da experiência, na metodologia dos seus cursos. O exercício da comunicação é informal, há trabalho em equipe, o que desafia a produção coletiva, e a atenção é personalizada com o cursista desde seus primeiros contatos. E mesmo fazendo-a de forma mediada, esta característica da vinculação, da atenção ao ser humano permanece.

O curso favorece a capacitação prática de produção da comunicação em laboratórios, com praticamente 50% da carga horária. De forma que o aluno também se capacita para atuar no nível secundário, mediante meios de comunicação. Alguns, ao procurar o SEPAC já atuam, outros se capacitam e se qualificam no curso. Com essa bagagem, acreditamos que o aluno faz o caminho a partir dos contatos existentes e a abertura a novas possibilidades que lhe são proporcionadas no curso e nos contatos (CORAZZA, entrevista - 2010).

Considerando então, que a comunicação primária ocorre, quando não há utilização de meios de comunicação, ou seja, utiliza-se apenas o corpo para transmitir informação: Conversas, gritos, choro, mímicas e gestos são exemplos disso. A comunicação sensorial se inclui na comunicação primária e esta se dá por meio do uso dos cinco sentidos: visão, audição, paladar, tato e olfato.

Já a comunicação secundária ocorre quando apenas um dos sujeitos necessita utilizar meios distintos de si para comunicar-se. Por exemplo, quando se utiliza uma apostila ou livro para ampliar a voz.

O que se convencionou chamar comunicação terciária ocorre quando ambos

⁴⁹ Esta classificação da comunicação foi organizada por Harry Pross. Está disponível em: PROSS, Harry; BETH, Hanno. *Introducción a la Ciencia de la Comunicación*. Tradução de Vicente Romano. Barcelona: Anthrops, 1976.

necessitam de algum meio de comunicação eletrônica, por exemplo, ao enviar e receber um e-mail as duas pessoas necessitam do computador; ao falar ao celular, ambas as partes devem utilizar o aparelho. Televisão, rádio e internet também são exemplos disso, a eletricidade possibilita a mediação terciária, pois há a necessidade de se emitir e depois receber a mensagem em equipamentos próprios. Sobre isso Puntel diz que,

Levando em consideração o seu contexto, isto é, o SEPAC vive a realidade de hoje e não dos anos em que foi fundado, respirando, então, o clima da época. A proposta é a mesma, mas a maneira de concretizá-la vai se modificando segundo as realidades atuais. Para isso, temos um corpo docente, que é também de pesquisadores, pessoas que estão sempre se atualizando os mais diversos paradigmas da comunicação, nas diferentes áreas. Por exemplo, na cultura, na imagética, na Igreja, na cultura digital ou pós-massiva (Puntel, entrevista - 2010).

Na sua trajetória, e levando em consideração o que alguns autores, a partir de Harry Pross (1976), convencionaram chamar de comunicação primária, comunicação secundária e comunicação terciária, o que na realidade corresponde aos três grandes modelos pelos quais se desenvolve a comunicação, na sua trajetória através dos séculos: comunicação face-a-face, comunicação de massa e comunicação eletrônica (hoje dialógica não presencial na cultura digital), o SEPAC, na sua finalidade de “formar”, “educar”, considera a comunicação na sua totalidade. Nisto reside uma das especificidades do SEPAC: trabalhar a comunicação no seu sentido amplo, isto é, integrando as diversas fases que permitem à pessoa humana viver integrada na sociedade contemporânea.

Assim, desde as aulas teóricas, até os laboratórios: teatro – especificamente a comunicação sensorial, primária; jornal impresso – comunicação secundária; rádio, internet – comunicação terciária, os estudantes têm a possibilidade de viver e se “educar” para e na comunicação, na sua totalidade, desenvolvendo e interagindo.

4.7 Desafios a vencer

Assumindo como missão a formação de agentes culturais e sociais na área da comunicação, qualificando a atuação profissional, cultural e pastoral, numa perspectiva integradora do ser humano, o SEPAC propõe educar para a comunicação à luz de discussões teóricas e exercícios práticos (laboratoriais), tendo em vista a formação humana e cristã na sociedade tecnológica. Trazendo uma proposta voltada para a reflexão, produção e educação para o uso dos meios, promove a abertura ao diálogo, à espiritualidade, à interação e à participação nos processos comunicacionais contemporâneos (como já mencionado neste

Capítulo) e, por isso, responde à abertura que a Igreja pede.

Os inúmeros desafios que o SEPAC enfrenta no cumprimento de suas metas e execuções de seus objetivos podem ser classificados em três grandes vertentes:

- As dificuldades internas de setores da própria instituição eclesial na compreensão dos processos comunicacionais como uma realidade que transcenda o uso dos meios técnicos de transmitir mensagens. Pensar a comunicação como oportunidade de formação e competência como eixos fundamentais para a ação da Igreja. Mas essa, no entanto, cada vez mais inserida numa sociedade midiaticizada e heterogênea.

- O estrangulamento que as grandes empresas de comunicação promovem através do monopólio da produção e veiculação dos conteúdos. Se de um lado o SEPAC trabalha na perspectiva de democratização da comunicação, enfrenta os mecanismos que se travestem de democracia para assegurar o monopólio comunicacional. Tudo isso aliado à falta de incentivo governamental, somado à grande oferta no mercado de cursos voltados para os meios tecnológicos, enquanto o SEPAC prima pela formação cultural, reflexiva, crítica (e pastoral) da comunicação;

- A instituição não dispõe de número suficiente de pessoal interno qualificado, o que acarreta elevado investimento com professores de outras instituições para o desenvolvimento dos trabalhos. Embora não disponha de um corpo docente próprio, compõe uma equipe de profissionais qualificados que assume a missão e o compromisso do SEPAC. São professores doutores e mestres provenientes das melhores universidades, especialistas e técnicos que formam a equipe do SEPAC. Profissionais assim qualificados garantem as linhas de pesquisa em sintonia com as demandas atuais do exercício da comunicação.

O SEPAC propõe-se a ser um ambiente que oportuniza a conjugação entre a reflexão eclesial acerca da comunicação e o contato com as novas tecnologias, integrando formação e competência para a atuação no cenário da sociedade midiaticizada; um ambiente desafiador no qual se gesta o diálogo entre fé e cultura.

4.8 Concretização na prática e perspectiva dos alunos sobre o SEPAC

Após a apreciação de todo o processo de criação e consolidação do SEPAC, tendo por suporte também os relatos de profissionais que atuam nesse Centro de Formação, apresenta-se agora a análise da pesquisa de campo efetuada aleatoriamente com 50 alunos do SEPAC,

cujas respostas obtiveram totalidade. Passa-se ao parecer dos alunos que buscam este Centro de Formação tanto para um primeiro contato com o universo da Comunicação e para aprimorar seus conhecimentos e sua prática mediante as aulas teóricas e o contato com os novos meios tecnológicos da comunicação.

Após aplicação do questionário, verificou-se através dos gráficos presentes no anexo 9, que o Centro de Formação SEPAC, de fato atua como uma resposta concreta à progressiva insistência na formação e competência para a comunicação como eixos fundamentais no pensamento e na prática da Igreja Católica na sociedade midiaticizada.

Analisando os gráficos do anexo 9 em relação ao item 1 do questionário aplicado sobre as dimensões da vida que progrediram a partir da experiência vivida no SEPAC, somando-se as respostas obteve-se o total de 100% assim distribuídos:

20% indicam progresso na rede de relações;

24% indicam progresso intercultural;

24% indicam progresso dialogal;

32% indicam progresso cultural-acadêmico.

Quando se tratou da mudança qualitativa no desenvolvimento da atuação profissional-pastoral e o campo de comunicação no qual se está aplicando a experiência, a partir do ingresso no SEPAC, os gráficos indicaram que:

2% indicam a Escrita e Oralidade;

4% nada indicaram;

16% indicam a comunicação em geral;

8% Fé, Comunicação e Cultura;

8% Metodologia e Educação;

16% Palestras e Cursos;

4% Ética na Comunicação;

42% Rádio, Jornal, TV, Publicações e Sites.

Ao serem questionados, se o SEPAC se classifica como resposta concreta sobre o desafio proposto pela Igreja Católica para formar com competência as pessoas para o diálogo entre a Fé e a Cultura, atualizando a reflexão e a prática comunicacionais da Igreja Católica em nossos dias, os gráficos indicaram que:

8% dos alunos responderam que não;

92% dos alunos responderam que sim.

Quando os alunos foram questionados sobre a contribuição do SEPAC para a experiência de contato concreto com as tecnologias de comunicações e suas respectivas linguagens, mediante as práticas laboratoriais, os dados apresentado pelos gráficos revelam que:

44% diz ser suficiente para aprimoramento posterior;

16% diz que permitiu um contato com a tecnologia pela primeira vez;

40% diz ter contribuído para o diálogo amadurecido e crítico com relação ao uso dos meios e a compreensão dos processos comunicacionais.

Ao serem questionados sobre o propósito e concretização do SEPAC, no sentido de formar agentes de pastoral com competência para atuar na evangelização da Igreja em meio à cultura comunicacional, os alunos afirmaram, segundo os gráficos, que:

20% A Igreja deve preparar-se com competência reflexiva e técnica para atuar mais concretamente no moderno areópago da comunicação;

16% Diante da progressiva insistência da igreja para a formação e competência, esteja priorizando a qualificação de seus agentes de pastoral

32% Considera que há uma ruptura entre as orientações oficiais e a prática da Igreja Católica no campo da Comunicação;

32% O SEPAC atua como agente catalisador do processo de reflexão e prática comunicacionais no cenário da cultura midiática.

Numa apreciação qualitativa dos questionários respondidos pelos alunos do SEPAC que foram selecionados chega-se às seguintes informações:

O SEPAC atende aos apelos do Magistério Católico no que se refere à concretização de uma proposta comunicacional atenta à formação de agentes de pastoral capazes de dialogar com a cultura midiática na sociedade da informação e atuarem como sujeitos no processo de restabelecimento do diálogo entre Fé e Cultura a partir do aprofundamento teórico-conceitual e as práticas laboratoriais, integrando a reflexão teórica e o contato com as novas tecnologias da comunicação.

Essa afirmação pode ser ratificada, como segue abaixo, pela análise qualitativa das questões respondidas pelos alunos.

1) Os alunos que responderam as questões afirmaram que o SEPAC:

- Capacita o estabelecimento de relações com diversos grupos da sociedade organizada, pessoas em geral e Instituições para a obtenção do diálogo sobre tecnologia e valores humanos e cristãos;
- Possui excelente metodologia;
- Permite a interação entre as mais diferentes experiências e culturas dos estudantes;
- Aprimora o diálogo com os mais diversos tipos de pessoas;
- Expõe o fato de que Fé, Religião, Cultura e Comunicação estão interligadas;
- Informa que a Cultura Comunicacional é campo de atuação para a fé;
- Aprimora o profissional para ter um olhar mais crítico e abrangente sobre o tema da comunicação;
- Propõe uma mudança no modo de visualizar, entender, utilizar e pensar sobre os meios de comunicação.

2) Ao tratar do uso da mídia como elemento dinamizador da ação profissional e pastoral, a partir do ingresso no SEPAC os alunos responderam que passaram a utilizar com maior frequência o aprendizado em:

- Artigos escritos;
- Contato acadêmico (Network);

- Workshops, Palestras e Cursos;
- Trabalhos na comunidade;
- Ações Sociais;
- Diálogo com a comunidade;
- Homilia (no caso dos seminaristas e padres);
- DVDs com documentários, testemunhos e com conteúdo informativo;
- Novenas missionárias para o Natal.

3) Dentre as necessidades de atualização da reflexão e prática comunicacionais da Igreja, nos dias atuais, os alunos que responderam o questionário, destacam como pontos fortes do SEPAC:

- Método teórico-prático;
- Corpo docente extremamente qualificado;
- Processo adotado para comunicação entre as culturas, as redes sociais;
- Qualidade da formação oferecida;
- Incentivo ao diálogo;
- Motivação para o diálogo entre Fé e Cultura;
- Contribui para a evangelização e humanização da sociedade de forma prática, ética, acadêmica e bastante aprofundada;
- Experiência das Irmãs Paulinas em Comunicação;
- Utilização da Multimídia a serviço da Palavra;
- O SEPAC como Centro de excelência na reflexão, espaço aberto, de conhecimento e de prática comunicacional;
- No Brasil, o SEPAC se apresenta como a melhor instituição de estudos em Comunicação para o diálogo entre Fé e Cultura;
- Promove debate atualizado e fundamentado sobre os pensadores hodiernos;
- Propõe valores que respeitam a pessoa e a coloca em relevo a verdade.

As questões respondidas por esses alunos do SEPAC apóiam a afirmação, desta pesquisa, de que esse Centro de Formação é uma resposta à progressiva insistência da Igreja Católica na formação e competência como eixos fundamentais da comunicação na sociedade midiaticizada. Indica ainda que de fato a Igreja Católica desenvolveu uma reflexão e uma prática comunicacionais que privilegiam a formação crítica e a competência como elementos fundamentais para a sua atuação no cenário da cultura midiática, dando passos significativos no restabelecimento do diálogo entre a fé e a cultura.

V. Considerações Finais

Verificou-se, por meio do estudo dos documentos oficiais do magistério católico sobre a comunicação e outros autores que tratam da temática comunicacional no universo da Igreja Católica, e ainda considerando as entrevistas, questionários e depoimentos de diretor, coordenador, professores, ex-alunos e alunos do SEPAC, que de fato a Igreja, em seu processo de imersão no universo da comunicação, foi tomando contato e assimilando os mecanismos de ordem tecnológica e ideológica da comunicação.

Refletindo sobre a cultura comunicacional que se estabeleceu nas sociedades atuais, entre conflitos e avanços, o magistério eclesial admite ter ocorrido ruptura entre o modo de pensar eclesial na apresentação de seus princípios e valores contidos no Evangelho, e o desenvolvimento sócio-cultural, o que provocou lacunas na convivência entre os valores de ordem religiosa defendidos pela Igreja e o desenvolvimento técnico-científico-ideológico que vêm norteando a sociedade da informação promotora da chamada cultura comunicacional.

É perceptível, porém, que a Igreja, ao verificar essa ruptura inicia um grande esforço no sentido de reverter a situação e empenha-se no desenvolvimento de um pensar e uma prática comunicacionais que atualizem o seu discurso e viabilizem o diálogo eclesial com a sociedade da informação. Nesse sentido, ocupa-se a Igreja na construção de caminhos que possam restabelecer o diálogo entre a fé e a cultura cuja ruptura, segundo o magistério eclesial, resultou no distanciamento entre o Evangelho e a nova ordem social.

Analisando a reflexão do magistério⁵⁰ sobre a comunicação, desde o pensar os meios até a compreensão da emergência de uma cultura comunicacional, chegou-se à conclusão de que os documentos oficiais da Igreja Católica referentes à Comunicação vem progressivamente insistindo na atuação da Igreja no novo areópago dos tempos modernos, a comunicação, e a partir daí compreende-se sua insistência na formação e competência como eixos que permitirão seu ingresso no mundo das comunicações tanto em nível de competência técnica e tecnológica como ainda na reflexão conceitual sobre a comunicação. O magistério católico compreende que a presença da Igreja, no cenário das comunicações, não seja apenas oportunidade de engrossar as fileiras de receptores, não raras vezes alheios aos processos comunicacionais, que são fortemente influenciados pelos conteúdos veiculados e dispostos

⁵⁰ Magistério Católico refere-se ao conjunto de doutrinas, ensinamentos pastorais e posicionamentos eclesiais advindo do colégio formado pelo papa e os bispos a ele unidos.

aos interesses econômicos e ideológicos de determinados seguimentos sociais.

Não obstante a verificação feita pelo magistério católico acerca da ruptura entre o Evangelho e a Cultura moderna, registra-se o empenho da Igreja no sentido de restabelecer pontes de diálogo, o que é possível verificar nas inúmeras iniciativas eclesiais tanto em nível teórico conceitual que constitui o conteúdo dos documentos oficiais da Igreja sobre a comunicação, e ainda nos diversos trabalhos acadêmicos desenvolvidos, a partir dessa reflexão do magistério sobre a comunicação.

A prática comunicacional da Igreja vai, mesmo que com certa lentidão, mostrando-se interessada a fazer parte do cenário comunicacional integrando sua reflexão a presença concreta não somente no uso dos meios, mas ainda na compreensão dos mecanismos tecnológicos modernos. Desde a gestão de empresas católicas de comunicação, atuação de religiosos em meios de comunicação de iniciativa privada, as inúmeras editoras e gravadoras, até a compreensão da internet como um continente virtual a ser ocupado e evangelizado. Tudo isso revela o interesse que a Igreja vem manifestando pela comunicação, e pode-se, a partir disso, entender que, de fato, vem dando passos significativos no sentido de dar concretude a iniciativas que viabilizem o restabelecimento do diálogo entre a Fé e a Cultura.

Essa prática da Igreja no universo da comunicação exige, de fato, formação e competência para que a presença eclesial no cenário das comunicações não seja amadorística, mas, ao contrário, seja oportunidade de contribuição crítica no sentido da comunicação promotora de transformação social pela formação das pessoas, incluindo o aspecto fundamental para esse diálogo: a linguagem. É precisamente mediante a necessidade de sólida e crítica formação para a comunicação que podemos verificar a concretização da ação formativa por parte da Igreja oferecida aos que queiram comungar com uma prática comunicacional devotada à formação crítica e atenta à pessoa e não aos interesses financeiros de grupos privilegiados na sociedade que controlam os meios e a produção de conteúdos.

Cabe, então, destacar o centro de formação SEPAC, estudo de caso dessa dissertação, dentre outras iniciativas, como uma resposta concreta à progressiva insistência na formação e competência para a comunicação: eixos fundamentais no pensamento e na prática da Igreja Católica na sociedade midiaticizada. Sendo um centro de formação para a comunicação, o SEPAC atua tanto em sua sede com diversos cursos correlatos à comunicação, e também, fora da sede, o que amplia o alcance de sua atuação. Ainda que tenha um trabalho de excelência,

pode-se apontar, aqui, como possível falha o fato de esse centro não ter se multiplicado em outras cidades ou dioceses com a constituição de centros de formação locais que dessem continuidade ao trabalho desenvolvido pelo SEPAC, o que poderia colocar em risco todo o projeto de formação para a comunicação incentivado pelos documentos oficiais da Igreja Católica.

Recomenda-se ao SEPAC viabilizar uma reflexão interna sobre o fator multiplicador para a concretização de centros de formação inspirados nos mesmos princípios, nas dioceses mais distantes, o que possibilitaria maior acesso à formação similar a que esse centro oferece. Ainda é sugerido inserir na proposta formativa do SEPAC, um curso de gestores de comunicação, para ações similares em outras localidades a fim de assegurar em futuras extensões a mesma qualidade e seriedade notórias no Serviço à Pastoral da Comunicação promovido por esse centro de formação aqui tomado como estudo de caso.

No panorama da sociedade midiaticizada, percebeu-se, no decorrer da pesquisa, que a Igreja Católica assume postura de diálogo com a cultura midiática e atua como sujeito que dialoga e produz no universo das mediações. Volta sua prática para a formação de sujeitos capazes de pensar a cultura comunicacional e de atuar como elemento de transformação, promovendo abertura para o diálogo com a cultura midiática. A prática proposta pelo magistério católico nos documentos oficiais não se restringe ao mero uso dos meios e não limita sua atuação no universo das comunicações com fins exclusivamente proselitistas.

Acredita-se ainda que todo esse processo analisado, a partir dos documentos oficiais da Igreja sobre a comunicação e com o apoio de outros autores que se interessam pela temática dessa pesquisa, e tendo em conta as entrevistas, depoimentos e questionários respondidos pela direção, coordenação, professores, alunos e ex-alunos do SEPAC, pode-se concluir que a Igreja reelaborou seu pensar, seu discurso e sua prática no tocante à comunicação no esforço de constituir uma linguagem aberta e devotada ao diálogo com a cultura comunicacional. Assim posto, entende-se que a reflexão oficial da Igreja Católica e a prática do SEPAC, como um centro de formação para a comunicação, constituem uma resposta concreta à progressiva insistência na formação e competência para a comunicação: eixos fundamentais no pensamento e na prática comunicacionais da Igreja Católica na sociedade midiaticizada.

REFERÊNCIAS

ALBERIGO, Giuseppe. *Breve história do Concílio Vaticano II: (1959-1965)* – Tradução de Clóvis Bovo. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2006.

ARAÚJO, Denise Correa (Org.). *Imagem (ir) realidade: comunicação e cibermídia*. Porto alegre: Sulina, 2006.

BAITELLO, Noval Junior. *A era da iconofagia. Ensaios de Comunicação e Cultura*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

----- Org.; Gumimarães, Luciano, Org.; José Eugênio de Oliveira, Org.; Paiero, Denise, Org. *Os símbolos vivem mais que os homens – ensaios de comunicação, cultura e mídia* / Organizado por Norval Baitello Junior, Luciano Guimarães, José Eugênio de Oliveria Menezes e Denise Paiero. São Paulo: Annablume, 2006.

BAUMAN, Zygmund. *Vida Líquida*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BARBOSA, Filho André. *Comunicação digital: educação, tecnologia e novos comportamentos*. São Paulo: Paulinas, 2008.

BERLO, David K. *O Processo da Comunicação*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editores, 1979.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BIBLIA SAGRADA. S. Paulo: Editora Ave-Maria, 1971.

BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006.

BRITO, Rovilson Robbi. *Cibercultura sob o olhar dos estudos culturais*. São Paulo: Paulinas, 2009.

CAPRINO, Mônica Pegurer. Org. *Comunicação e inovação: reflexões contemporâneas*. São Paulo: Paulus, 2008.

CASTELLS, Manuel. Inovação, liberdade e poder na era da informação. In: MORAES, Dênis de (org). *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, pp. 225- 231

COELHO, Cláudio Novaes Pinto, Valdir José de Castro, (orgs.). *Comunicação e sociedade do espetáculo*. São Paulo: Paulus, 2006.

CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

CONSELHO Episcopal latino-americano. Departamento de comunicação Social. Tradução Roque Frangiotti. São Paulo: Paulinas, 1988.

CORAZZA, Helena. Entrevista com Fábio Gleiser Vieira Silva, concedida em outubro. São Paulo, 2010.

COSTA, Rogério da. *A cultura digital*. São Paulo: Publifolha, 2003.

COSTELLA, Antônio F. *Comunicação – Do grito ao satélite*. São Paulo: Ed. Mantiqueira, 2002

DALE, Romeu. *Igreja e comunicação social*. São Paulo: Paulinas, 1973

DARIVA, Noemi (org.). *Comunicação social na Igreja- documentos fundamentais*. São Paulo: Paulinas, 2003.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOCUMENTO DE PUEBLA. São Paulo: Paulinas, 1979.

DOCUMENTOS CNBB: *Igreja e Comunicação Rumo ao Novo Milênio* – CNBB, n. 59. S. Paulo :Paulinas, 2005.

EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia*. S. Paulo: Paulus, 1993.

ELISIO, Roberto dos Santos. *Mutações da Cultura Midiática*. São Paulo: Paulinas, 2009.

FERREIRA, Ricardo Lulai. Depoimento concedido no dia 16 de outubro de 2010. São Paulo.

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado. Por uma filosofia do design e da comunicação.* Organziado por Rafael Cardoso. Tradução Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac naify, 2007.

GÓES, Lúcia Pimentel, ALENCAR, Jakson de (orgs.). *A alma da imagem: a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores.* São Paulo: Paulus, 2009.

GÓMES, Guilherme Orozco. *Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos.* In: MORAES, Dênis de (org.). *Sociedade Midiatizada.* Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

------. *Da diáspora: identidades e mediações culturais.* Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *A ética da discussão e a questão da verdade.* Org. Patrick Savidan. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 2ª. Ed. São Paulo: Marins Fontes, 2007.

------. *Comentários à ética do discurso.* Tradução Gilda Lopes Encarnação. Lisboa Portugal: Instituto Piaget, 1991.

------. *Actions, Speech acts, Linguistically Mediated Interactions, and the lifeworld.* In: Cooke, Maeve (ed.). *On the Pragmatics of Communication.* Cambridge: MIT Press, 1998.

HERRERO, Xavier. *O homem como ser de linguagem.* In: PALÁCIO, Carlos (org.). *Cristianismo e história.* Rio de Janeiro: Loyola, 1982.

KELLNER, Douglas. *Acultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.* São Paulo: Edusc, 2001.

KOYRÉ, Alexandre. *Do mundo fechado ao universo infinito.* / tradução de Donaldson M. Garschagen/ São Paulo:Ed. da Unviersidade de São Paulo,1979.

LEVY, Pierre. *Cibercultura.* / tradução de Carlos Irineu da Costa /. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARCONDES, Ciro Filho. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009.

MAFFESOLI, Michel. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARTÍN, Barbero, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

----- . *Ofício de cartógrafo, travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MATTELART, Armand e Michele Matelart. *Historia de las teorías de la comunicación*. Barcelona: Paidós, 1997

MELO, José Marques de. *Comunicação eclesial: utopia e realidade*. São Paulo: Paulinas, 2005.

MIRANDA, Danilo Santos de. (org). *Ética e cultura*. São Paulo: Perspectiva: SESC São Paulo, 2004.

MORAES, Denis de – Org. *Sociedade midiaticizada*. Traduções de Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes, Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1969.

MORO, Celito. *Fé e cultura, desafios de um diálogo em comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2010.

NASCIMENTO CUNHA, Magali do. *A Explosão Gospel, um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad Editora/ Instituto Mysterium, 2007.

NETO, Grimário Reis. Depoimento concedido no dia 1º. de outubro. Roma Itália: 2010.

OLIVEIRA, Carlos Josaphat Pinto de. *Information ET propagande*. Paris: Ed. Cerf, 1968.

PESSINATTI, Nivaldo Luiz. Políticas de Comunicação da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Editora Vozes, 1998.

PIERINI, Franco. *A idade média, curso de história da Igreja vol. II*. São Paulo: Paulus, 1997.
PINTO, Álvaro Vieira. *O conceito de tecnologia*. São Paulo: Editora Contratempo, 2005.

PROSS, Harry; BETH, Hanno. *Introducción a la Ciencia de la Comunicación*. Tradução de Vicente Romano. Barcelona: Anthropos, 1976.

PUNTEL, Joana T. *A Igreja e a democratização da comunicação*. S. Paulo: Paulinas, 1994.

----- *Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência*. São Paulo: Paulinas, 2005.

PUNTEL, Joana T.; Helena Corazza. *Pastoral da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2007.

----- *Comunicação, diálogo dos saberes na cultura midiática*. São Paulo: Paulinas, 2010

----- *Entrevista com Fábio Gleiser Vieira Silva, concedida em outubro*. São Paulo: 2010.

REGO, Antonio da Silva. *Lições de Missionologia*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1961.

ROJAS, Enrique. *O homem moderno*. São Paulo: Ed Mandarim, 1996.

SANCHEZ, Wagner Lopes. *Pluralismo Religioso. As religiões no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2005.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Roberto Elísio dos. *Mutações da cultura midiática*. 1ª. Ed. São Paulo: Paulinas,

2009.

SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. *The Structures of the Life-World*. Evanston: Northwestern University Press, 1973.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Do santo ofício à libertação*. São Paulo: Paulinas, 1988

----- Depoimento concedido no dia 15 de outubro. São Paulo: 2010.

SOUSA, Mauro W. *Novas linguagens*. S. Paulo: Ed. Salesiana, 2003.

TERRA, João Evangelista Martins. *Catequese de índios e negros no Brasil colonial*. São Paulo: Ed. Santuário, 2000.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2001

WALLERSTEIN, Immanuel. *¿El fin de que modernidad?.* San José: Revista Pasos DEI n.64, 1995.

WHITEHEAD, Alfred North. *A ciência e o mundo moderno*. Tradução de Hermann Herbert Watzlawick. São Paulo: Paulus, 2006.

WOLTON, Dominique. *É preciso salvar a comunicação*. Tradução Vanise Pereira Dreschj. São Paulo: Paulus, 2006.

FIDES. Disponível em: < <http://www.fides.org/ita/index.html>>. Acesso em: 24 fev. 2010.

SEPAC. Disponível em: < <http://www.sepac.org.br> >. Acesso em: 24 set. 2010

ANEXOS

ANEXO A – Quadro de Costela: instalação de oficinas tipográficas no mundo:

ANEXO B – Relação dos documentos da Igreja sobre a Comunicação

ANEXO C – Resumo dos documentos eclesiais sobre a Comunicação Social

ANEXO D – Mensagens papais: Dia Mundial das Comunicações Sociais

ANEXO E – Primeira publicação do jornal *L'Osservatore Romano*

ANEXO F - Publicações o SEPAC.

ANEXO G – Laboratórios do SEPAC

ANEXO H – Cursos do SEPAC

ANEXO I - Questionário enviado a 50 alunos do SEPAC

ANEXO J – Gráficos e tabelas do questionário enviado aos alunos.

ANEXO K – Depoimentos

ANEXO L – Entrevistas

ANEXO A. Quadro de Costela: instalação de oficinas tipográficas no mundo:

Ano	Cidade	País
1445	Mainz	Alemanha
1465	Mosteiro de Subiáco	Itália
1468	Basiléia	Suíça
1470	Paris	França
1471- 1474	Utrcht	Holanda
1473	Alost	Bélgica
1473	Buda	Hungria
1473	Cracóvia	Polônia
1474	Valência	Espanha
1476	Pilsen	Checoslováquia
1477	Westminster	Inglaterra
1482	Viena	Áustria
1482	Odense	Dinamarca
1483	Estocolmo	Suécia
1483	Kosinj	Iugoslávia
1487	Faro	Portugal
1503	Istambul	Turquia
1508	-	Romênia
1515	Salônica	Grécia
1539	Cidade do México	México
1550	Dublin	Irlanda
1553	Moscou	Rússia
1556	Goa (colônia portuguesa)	Índia
1563	Safed (Lado Tiberíades)	Israel
1584	Lima	Peru
1590	Kazusa	Japão
1602	Manila	Filipinas
1610	Mosteiro de Chuzaja	Líbano
1610	Juli (junto a La Paz)	Bolívia
1639	Cambridge Mass	Estados Unidos da América
1640	Isfahan	Irã
1642	Turku	Finlândia
1643	Oslo	Noruega
1644	Shangai	China
1660	-	Guatemala
1700	Território da Missões	Paraguai
1706	Aleppo	Síria
1724	Havana	Cuba
1738	Bogotá	Colônia

1752	Halifax	Canadá
1760	Quito	Equador
1776	Santiago	Chile
1780	Buenos Aires	Argentina
1782	-	São Domingos
1784	Capetown	África do Sul
1799	Cairo	Egito
1802	Sydney	Austrália
1807	Montevideu	Uruguai
1808	Rio de Janeiro (houve tentativas de implantar tipografia no Brasil em 1706, no Recife, e em 1746, no Rio de Janeiro, mas foram proibidas);	Brasil
1827	Moulmein	Burna
1843	Nigéria	Badagri
1864	Massawa	Etiópia
1869	Bagdá	Iraque
1870	Kabul	Afeganistão
1895	Taveta	Quênia
1900	Monróvia	Libéria

(Costella, 2002: 59-60).

ANEXO B. Relação dos documentos da Igreja sobre a Comunicação

Vigilanti Cura. Papa Pio XI em 1936.

Miranda Prorsus. Papa Pio XII em 1957.

Inter Mirifica. O Concílio Vaticano II, 1963.

Communio et Progressio. Comissão Pontifícia para as Comunicações Sociais 1971.

Redemptoris Missio. Papa João Paulo II, 1990.

Aetatis Novae. Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais, 1992.

Orientações para a formação dos futuros sacerdotes sobre os meios de comunicação social. Congregação para a Educação Católica em 1986.

Ética na publicidade. Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais em 1997.

Ética nas comunicações sociais. Elaborado pelo Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais em 2000.

Igreja e Internet. Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais em 2002.

Ética na Internet. Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais em 2002.

Carta Apostólica: O Rápido desenvolvimento. João Paulo II, Vaticano 2005.

Os Meios de comunicação social: na encruzilhada entre protagonismo e serviço. Buscar a verdade para partilhá-la. Bento XVI para o 42º. Dia Mundial das Comunicações Sociais. Vaticano 2008.

ANEXO C. Resumo dos documentos eclesiais sobre a Comunicação Social

Vigilanti Cura.

Resumo: Primeira encíclica pontifícia que trata dos meios de comunicação do séc. XX. Escrita pelo papa Pio XI em 1936. Trata do cinema. Não se limita unicamente a defender-se dos supostos perigos desse meio, mas preocupa-se em colocar-se numa posição mais positiva em relação ao cinema, contrariando as perspectivas anteriores da Igreja. Dirigida inicialmente à hierarquia norte americana e depois a toda hierarquia da Igreja. Faz um forte elogio à Legião da Decência. Essa encíclica tem um forte apelo moral.

Palavras-chave: Vigilância, solicitude, moral, Legião da decência, indústria cinematográfica, imagem, espectador, lazer, cinema, educação,

Miranda Prorsus.

Resumo: Segunda encíclica sobre as comunicações sociais do século XX, escrita pelo papa Pio XII em 1957, propõe e desenvolve o pensamento da Igreja sobre os meios eletrônicos. Essa encíclica é dirigida aos meios eletrônicos: cinema, rádio e televisão. Propõe os princípios de uma pastoral da comunicação. Revela o forte interesse de Pio XII no campo das comunicações. Apresenta postura positiva com relação aos meios eletrônicos e o seu potencial. Elogia o progresso técnico e nele valoriza o trabalho do homem, visto nesse aspecto da técnica, de modo positivo. Reconhece a superioridade dos novos meios de difusão.

Palavras-chaves: cooperação, meios eletrônicos, cinema, rádio, televisão, técnica, comunicação, liberdade, linguagem.

Inter Mirifica.

Resumo: Decreto conciliar. O Concílio Vaticano II, 1963. Primeira vez que um Concílio ecumênico discute os meios de comunicação social publicando um documento oficial. A Igreja cria uma terminologia nova para referir-se à comunicação social, superando a idéia de meios simplesmente. A comunicação concebida como um processo entre os homens. Propõe a expressão: “instrumentos da comunicação social”, indo além dos “*mass media*” (imprensa, rádio, televisão ou cinema). Criou também um Dia Mundial da Comunicação. Propõe a criação de um secretariado mundial especializado nos meios de comunicação social. Instituíram-se secretariados nacionais, de imprensa, cinema, rádio e televisão, com a função principal de unificar os esforços, formar as consciências, orientar e proteger tudo o que fosse feito nesse setor pelos católicos. Destaca importância à formação profissional do clero através duma cuidadosa educação e o envolvimento de profissionais leigos de maneira a enfrentar adequadamente os desafios dos tempos modernos.

Palavras-chave: meios de comunicação, mensagem, informação, opinião pública, receptores, formação.

Communio et Progressio.

Resumo: Instrução pastoral sobre os meios de comunicação social 1971, Comissão Pontifícia para as Comunicações Sociais. Resultado de uma disposição do Concílio Vaticano II. Considerada um dos documentos mais positivos da Igreja sobre os meios de comunicação social. Começa considerando as contribuições dos meios de comunicação para o progresso da humanidade. Baseia-se, sobretudo na responsabilidade pessoal. Apresenta Cristo como o comunicador perfeito e a Eucaristia como a comunicação que leva à comunhão. É resultado de um trabalho em equipe. Contudo o Papa Paulo VI assinou o documento, que é apresentado como verdadeiro e real documento da Igreja. É considerada a *Magna Carta* da comunicação cristã, caracterizada por uma aproximação mais positiva entre a comunicação e a Igreja, aproximação profissional e concreta.

Palavras-chave: comunhão, progresso, comunicação, desenvolvimento, técnica, solidariedade, cooperação, opinião pública, receptores, publicidade, liberdade de comunicação.

Redemptoris Missio

Resumo: Carta encíclica do Papa João Paulo II, publicada em 1990, sobre a validade permanente do mandato missionário da Igreja. Segue o exemplo dos papas Bento XV, Pio XI e Pio XII. João Paulo II, falando na *Redemptoris Missio* da promoção da missão e da formação do povo de Deus, refere-se à necessidade de fazer-se uso dos subsídios audiovisuais. Mas esse documento vai além do uso dos meios, procurando dar uma perspectiva mais global; refere-se ao mundo das comunicações como moderno “areópago” para a Igreja e como setor importante da cultura moderna.

Palavras-chave: cultura, *mass media*, comunicações, aldeia global, informação, formação, linguagem, técnicas, política, economia, pesquisa.

Aetatis Novae.

Resumo: Segunda instrução pastoral sobre as comunicações sociais elaborada pelo Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais, no XX aniversário da *Communio et progressio* 1992. Reflete sobre as conseqüências pastorais das modernas revoluções tecnológicas e sobre o fato de que os impactos dos meios de comunicação social atingem todos os lugares. Destaca especial interesse pelo planejamento pastoral. Muitos elementos dessa instrução são transcritos de documentos anteriores. Reconhece a importância de todos os meios de comunicação da sociedade humana. Propõe a necessidade de visão de conjunto do impacto que as novas tecnologias da informação e dos meios exercem sobre os indivíduos e sobre a sociedade. Propõe atenção ao trabalho pastoral com os profissionais das comunicações sociais.

Palavras-chave: Revoluções tecnológicas, *mass media*, areópago, aldeia global, Sociedade de informação, cultura dos *mass media*, geração dos *mass media*, técnicas digitais.

Orientações para a formação dos futuros sacerdotes sobre os meios de comunicação social.

Resumo: Elaboradas pela Congregação para a Educação Católica em 1986, as *orientações* são uma resposta aos insistentes apelos do Vaticano II, no que se refere à formação dos novos sacerdotes com um acento à necessária valorização da nova cultura que a Igreja reconhece presente e cuja adequação da Igreja se faz necessária. Verifica-se nas *Orientações*, certo retrocesso na compreensão do Decreto Conciliar *Inter Mirifica*. Enquanto o decreto conciliar usa a expressão “comunicação social”, que segundo sua compreensão, iria para além dos *mass media*, pensando com essa expressão incluir em sua reflexão todos os meios de comunicação da sociedade humana, as *Orientações* mostram interesse de modo acentuado antes de tudo nos *mass media*, ainda que o texto revele a percepção de que as necessidades pastorais exigem o interesse também pelos estudos e pela prática de outros meios e instrumentos de expressão e comunicação.

Palavras-chave: veículos de comunicação, *mass media*, comunicação instantânea, comunicação, comunhão, ambivalência cultural, intercomunicação.

Ética na publicidade

Resumo: Elaborado Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais em 1997. Esse documento chama a atenção para as contribuições positivas que a publicidade pode oferecer, e para os problemas éticos e morais que a publicidade apresenta indicando alguns princípios deontológicos que podem ser aplicados nessa matéria. Sugere algumas iniciativas a serem submetidas à atenção dos profissionais da publicidade e aponta que o interesse pelo tema da publicidade é devido ao fato da publicidade influenciar profundamente as pessoas e a sua maneira de compreender a vida, o mundo e a sua própria existência, sobretudo no que se refere às suas motivações e aos seus critérios de escolha e de comportamento.

Palavras-chave: publicidade, *marketing*, *mass media*, técnicas, cultura, agentes publicitários, meios de comunicação, bem-estar, tolerância, benefícios, danos.

Ética nas comunicações sociais

Resumo: Elaborado pelo Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais em 2000, esse documento traz uma reflexão sobre os meios de comunicação e a responsabilidade quanto à escolha dos fins a que se destina seu uso por parte das pessoas. Opções feitas não só por aqueles que recebem as comunicações, mas especialmente por aqueles que os controlam e determinam suas estruturas, linhas de conduta e conteúdo. Atenta ao novo modelo de contato inaugurado pelos meios de comunicação em que as pessoas não só transmitem e recebem informações mas identificam a própria vida com a experiência mediática. A sociedade da informação é uma revolução cultural. As inovações do séc. XX são apenas prólogo do que virá. O uso dos *mass media* podem despertar simpatia ou compaixão, ou isolar-se num mundo narcisista, que tem a si mesmo como ponto de referência, feito de estímulos cujos efeitos são semelhantes aos dos narcóticos. Faz um forte questionamento de como os progressos tecnológicos dos meios de comunicação social colaboram para tornar o ser humano melhor.

Palavras-chave: *mass media*, moral, ética, bem, mal, informações, experiência mediática, revolução cultural, redes, política, economia, educação, religião, tecnologia mediática.

Igreja e Internet

Resumo: Elaborado pelo Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais em 2002, esse documento revela o interesse da Igreja pela internet como uma particular expressão do seu interesse pelos meios de comunicação social. A internet está contribuindo para promover transformações revolucionárias no comércio, na educação, na política, no jornalismo e nas relações transnacionais e interculturais. Essas mudanças se manifestam na forma como as pessoas se comunicam e no modo como compreendem a sua própria vida. Propõe-se a encorajar o progresso dos meios de comunicação e a sua justa utilização para o desenvolvimento, a justiça e a paz da humanidade. Busca um diálogo com as pessoas responsáveis pelos meios de comunicação, em primeiro lugar à formação da política das comunicações. Como a experiência vem acontecendo no mundo das comunicações sociais é preciso integrar o evangelho a essa cultura. A internet rompe as barreiras e viabiliza a comunicação mundial.

Palavras-chave: Internet, rede, *web sites*, comunicação unilateral, comunicação vertical, usuários, interculturalismo, tecnologia mediática, *mass media*.

Ética na Internet

Resumo: Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais em 2002, o documento expõe uma perspectiva católica a respeito da Internet, como ponto de partida para a participação da Igreja no diálogo com os outros setores da sociedade, especialmente com os outros grupos religiosos, no que se refere ao desenvolvimento e à utilização deste maravilhoso instrumento tecnológico. Atualmente a Internet está sendo usada de várias formas positivas, com a promessa de muitas mais, mas a sua utilização imprópria pode causar também um grande prejuízo. Qual será o seu uso, positivo ou negativo, é, em grande medida, uma questão de escolha, uma opção em relação à qual a Igreja contribui com dois elementos de enorme importância: o seu compromisso em benefício da dignidade da pessoa humana e a sua longa tradição de sabedoria moral. A questão ética consiste em saber se isto está contribuindo para um desenvolvimento humano autêntico e ajudando os indivíduos e os povos a corresponder à verdade do seu destino transcendente.

Palavras-chave: Ética, Internet, imagem, transmissões eletrônicas, globalização, interação, *world wide web*, *cibernética*, *sites*, informática.

Carta Apostólica: O Rápido Desenvolvimento. João Paulo II, Vaticano 2005.

Resumo: Dirigido aos responsáveis pelas comunicações sociais e trata do rápido desenvolvimento das tecnologias no campo da mídia concebido como um dos sinais do progresso da sociedade de hoje. Reflete sobre os desafios que as comunicações sociais constituem para a Igreja que não está chamada unicamente a usar os *mass media*, mas, também a integrar a mensagem salvífica na "nova cultura" que os poderosos instrumentos da comunicação criam e amplificam. Assume que o uso das técnicas e das tecnologias da comunicação contemporânea é parte integrante da missão da Igreja no terceiro milênio. Avalia a época em que vivemos, marcada por uma comunicação global, onde muitos momentos da existência humana se desenrolam através de processos midiáticos, ou pelo menos, se devem confrontar com eles. Diante do atual fenômeno das comunicações sociais a Igreja fazer uma espécie de revisão pastoral e cultural, a fim de ser capaz de enfrentar de maneira apropriada a passagem de época que estamos a viver.

Palavras-chave: Tecnologias, *mass media*, nova cultura, processo, renovação, mudança de mentalidade.

ANEXO D. Mensagens papais: Dia Mundial das Comunicações Sociais

Mensagem do Papa Paulo VI, para o 1º dia mundial das Comunicações Sociais 1967.

Tema: Os Meios de Comunicação Social

Cidade do Vaticano, 12 de maio de 1967

Mensagem do Papa Paulo VI para o 2º Dia Mundial das Comunicações Sociais 1968.

Tema: A Imprensa, o Rádio, a Televisão e o Cinema para o Progresso dos Povos

Cidade do Vaticano, 26 de março de 1968.

Mensagem do Papa Paulo VI para o 3º Dia Mundial das Comunicações Sociais 1969.

Tema: Comunicações Sociais e Família

Cidade do Vaticano, 7 de abril de 1969.

Mensagem do Papa Paulo VI para o 4º Dia Mundial das Comunicações Sociais 1970

Tema: As Comunicações Sociais e a Juventude

Cidade do Vaticano, 6 de abril de 1970.

Mensagem do Papa Paulo VI para o 5º Dia Mundial das Comunicações Sociais 1971

Tema: os Meios de Comunicação Social a Serviço da Unidade dos Homens

Cidade do Vaticano, 25 de março de 1971.

Mensagem do Papa Paulo VI para o 6º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1972

Temas: As Comunicações Sociais a Serviço da Verdade.

Cidade do Vaticano, 21 de abril de 1972.

Mensagem Papa Paulo VI para o 7º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1973

Tema: As Comunicações Sociais e a Afirmação e Promoção dos Valores Espirituais Cidade do Vaticano, 12 de maio de 1973.

Mensagem do Papa Paulo VI para o 8º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1974

Tema: As Comunicações Sociais e a Evangelização no Mundo Contemporâneo

Cidade do Vaticano, 16 de maio de 1974.

Mensagem do Paulo VI para o 9º. Dia Mundial das Comunicações sociais 1975

Tema: Comunicação Social e Reconciliação

Cidade do Vaticano, 19 de abril de 1975.

Mensagem do Papa Paulo VI para o 11º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1977

Tema: A Publicidade nas Comunicações Sociais: vantagens, Perigos, Responsabilidades.

Cidade do Vaticano, 12 de maio de 1977.

Mensagem do Papa Paulo VI para o 12º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1978

Tema: O Receptor da comunicação Social: Expectativas, Direitos e Deveres

Cidade do Vaticano, 23 de abril de 1978.

Mensagem do Papa João Paulo II para o 13º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1979

Tema: Comunicação Social e Desenvolvimento da Criança

Vaticano, 23 de Maio do ano de 1979

Mensagem do Papa João Paulo II para o 14º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1980

Tema: «Comportamento Ativo das famílias perante os Meios de comunicação Social»
Do Vaticano, 1 de Maio de 1980

Mensagem do Papa João Paulo II para o 15º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1981

Tema: "As Comunicações Sociais a Serviço da Liberdade responsável do Homem."
Cidade do Vaticano, 10 de maio de 1981

Mensagem do Papa João Paulo II para o 16º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1982

Tema: "As Comunicações sociais e os Problemas dos Idosos"
Cidade do Vaticano, 10 de maio de 1982.

Mensagem do Papa João Paulo II para o 17º. Dia Mundial para as Comunicações 1983

Tema: Comunicações Sociais e Promoção da Paz
Cidade do Vaticano, 25 de março de 1983.

Mensagem do Papa João Paulo II para o 18º. Dia Mundial das Comunicações sociais 1984

Temas: As Comunicações Sociais, Instrumento de Encontro Entre Fé e Cultura
Cidade do Vaticano, 24 de maio de 1984.

Mensagem do Papa João Paulo II para o 19º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1985

Tema: As comunicações Sociais e a Promoção cristã da Juventude
Cidade do Vaticano, 15 de abril de 1985.

Discurso do Papa João Paulo II para o 20º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1986

Tema: Comunicações Sociais e Formação Cristã da Opinião Pública
Cidade do Vaticano, 24 de janeiro de 1986

Mensagem do Papa João Paulo II para o 21º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1987

Tema: Comunicações Sociais e Promoção da Justiça e da Paz
Cidade do Vaticano, 24 de janeiro de 1987.

Mensagem do Papa João Paulo II para o 22º. Dia mundial das Comunicações Sociais 1988

Tema: Comunicações Sociais e Promoção da solidariedade e Fraternidade entre os Homens e os Povos
Cidade do Vaticano, 24 de janeiro de 1988

Mensagem do Papa João Paulo II para o 23º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1989

Tema: A Religião nos Mass Media
Cidade do Vaticano, 24 de janeiro de 1989.

Mensagem do Papa João Paulo II para o 24º. Dia Mundial das Comunicações sociais 1990

Tema: A Mensagem Cristã na cultura Informática Atual

Cidade do Vaticano, 24 de janeiro de 1990.

Mensagem do Papa João Paulo II para o 25º dia Mundial das Comunicações Sociais 1991

Tema: Os Meios de Comunicação para a Unidade e o Progresso da família Humana

Cidade do Vaticano, 24 de janeiro de 1991

Mensagem do Papa João Paulo II para o 26º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1992

Tema: A Proclamação da Mensagem de Cristo nos Meios de Comunicação

Cidade do Vaticano, 24 de janeiro de 1992

Mensagem do Papa João Paulo II para o 27º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1993

Tema: Vídeo Cassete e audiocassete na formação da cultura e da Consciência

Cidade do Vaticano, 24 de janeiro de 1993.

Mensagem do Papa João Paulo II para o 28º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1994

Tema: Televisão e Família: Critérios para Saber Ver

Cidade do Vaticano, 24 de janeiro de 1994.

Mensagem do Papa João Paulo II para o 29º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1995

Tema: Cinema, Veículo de Cultura e Proposta de Valores

Cidade do Vaticano, 6 de janeiro de 1995

Mensagem do Papa João Paulo II para o 30º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1996

Temas: "Os mass-media: areópago moderno para a promoção da mulher na sociedade"

Cidade do Vaticano, 24 de Janeiro de 1996.

Mensagem do Papa João Paulo II para o 31º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1997

Tema: Comunicar o Evangelho de Cristo: Caminho, Verdade e Vida"

Cidade do Vaticano, 24 de Janeiro de 1997.

Mensagem do Papa João Paulo II para o 32º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1998

Tema: Sustentados pelo Espírito, comunicar a esperança

Cidade do Vaticano, 24 de Janeiro de 1998

Mensagem do Papa João Paulo II para o 33º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 1999

Tema: Mass media: presença amiga ao lado de quem procura o Pai

Cidade do Vaticano 24 de Janeiro de 1999

Mensagem do Papa João Paulo II para o 34º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 2000

Tema: Proclamar Cristo nos Meios de Comunicação Social no alvorecer do novo Milênio
Cidade do Vaticano 24 de janeiro de 2000

Mensagem do Papa João Paulo II para o 35º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 2001

Tema: “Anunciai-o do cimo dos telhados”: o Evangelho na era da comunicação global
Cidade do Vaticano, 24 de Janeiro de 2001,

Mensagem do Papa João Paulo II para o 36º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 2002

Tema: Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho
Vaticano, 24 de Janeiro de 2002,

Mensagem do Papa João Paulo II para o 37º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 2003

Tema: Os meios de comunicação social ao serviço da paz autêntica, à luz da "*Pacem in terris*"
Vaticano, 24 de Janeiro de 2003,

Mensagem do Papa João Paulo II para o 38º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 2004

Tema: Os mass media na família: um risco e uma riqueza
Vaticano, 24 de Janeiro de 2004,

Mensagem do Papa João Paulo II para o 39º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 2005

Tema: Os meios de comunicação: ao serviço da compreensão entre os povos
Cidade do Vaticano, 24 de janeiro de 2005

Mensagem do Papa Bento XVI para o 40º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 2006

Tema: Os Mídia: rede de comunicação, comunhão e cooperação
Cidade do Vaticano, 24 de Janeiro de 2006,

Mensagem do Papa Bento XVI para o 41º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 2007

Tema: As crianças e os meios de comunicação social: um desafio para a educação
Cidade do Vaticano, 24 de Janeiro de 2007,

Mensagem do Papa Bento XVI para o 42º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 2008

Tema: Os meios de comunicação social: na encruzilhada entre protagonismo e serviço.
Buscar a verdade para partilhá-la
Cidade do Vaticano, 24 de Janeiro de 2008.

Mensagem do Papa Bento XVI para o 43º. Dia Mundial das Comunicações Sociais 2009

Tema: Novas tecnologias, novas relações. “Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade.”

Cidade do Vaticano, 24 de Janeiro de 2009.

Mensagem do Papa Bento XVI para o 44º. Dia Mundial das Comunicações sociais 2010

Tema: O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos media ao serviço da Palavra.
Cidade do Vaticano, 24 de Janeiro de 2010

ANEXO E. Primeira publicação do jornal *L'Osservatore Romano*

ANEXO F. Publicações do SEPAC.

ANEXO G. Laboratórios do SEPAC

ANEXO H. Cursos do SEPAC

ANEXO I. Questionário enviado a 50 alunos do SEPAC

Nome:

RG:

Cidade:

UF:

Escolaridade:

Módulo em curso:

Conclusão:

Pelos objetivos do SEPAC, deduz-se que este não visa capacitar e formar as pessoas para obter mais adeptos para a Igreja, e sim, incentivar os participantes dos cursos a estabelecer uma linguagem com a sociedade, isto é, realizar o diálogo entre fé e cultura.

1. A experiência vivida no SEPAC acrescentou-lhe progresso em quais dimensões:

Rede de relações

Dialogal

Intercultural

Cultural/acadêmico

1.1 Algo específico que queira redigir. (Máximo 4 linhas)

2. No desenvolvimento de sua atuação profissional/pastoral que mudança qualitativa você percebe desde seu ingresso no SEPAC ? Em que área de comunicação você está aplicando o conhecimento adquirido?

3. Diante do desafio proposto pela Igreja para formar com competência as pessoas para o diálogo com a cultura comunicacional, você diria que o SEPAC se classifica como resposta concreta às necessidades de atualização da reflexão e prática comunicacionais da Igreja em nossos dias? Por que?

4. A partir de sua prática nos laboratórios cursados nos três módulos, você diria que o SEPAC contribuiu para uma experiência de contato concreto com as tecnologias de comunicação e suas respectivas linguagens de modo:

Suficiente para aprimoramento posterior;

Permitiu um contato com a tecnologia pela primeira vez,

Insuficiente para despertar interesse pelas novas tecnologias,

Contribuiu para um diálogo mais amadurecido e crítico com relação ao uso dos meios e a compreensão da comunicação em sua globalidade.

5. O SEPAC se propõe a formar agentes de pastoral de modo competente para atuar na evangelização da Igreja em meio à cultura comunicacional. Após o seu ingresso nesse curso você considera que:

A Igreja deve preparar-se com competência reflexiva e técnica para atuar mais concretamente no areópago da comunicação.

Diante da progressiva insistência da Igreja em seus documentos oficiais para a formação e competência como articuladores para o diálogo com a cultura midiática, você entende que a Igreja esteja priorizando a qualificação de seus agentes de pastoral nesse campo?

Você considera que haja uma ruptura entre as orientações oficiais e a prática da Igreja no campo da comunicação.

O SEPAC atua como agente catalisador do processo de reflexão e prática comunicacionais no cenário da cultura midiática.

ANEXO J. Gráficos e tabelas do questionário enviado aos alunos.

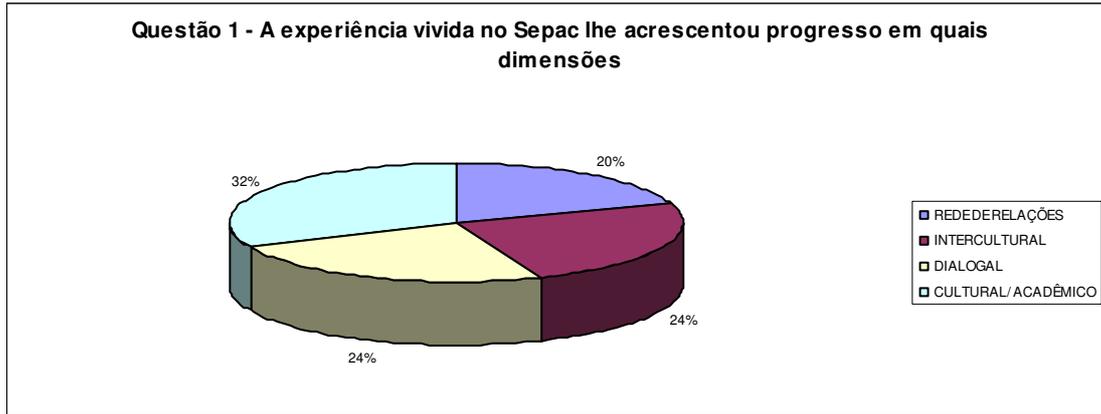
REDE DE
RELAÇÕES INTERCULTURAL DIALOGAL CULTURAL/ACADÊMICO

10

12

12

16



Escrita e Oralidade ND Comunicação em geral Fé, Comunicação e Cultura Metodologia e Educação Palestras e Cursos Ética na Comunicação Rádio, Jornal, TV, Publicações e Sites

1

2

8

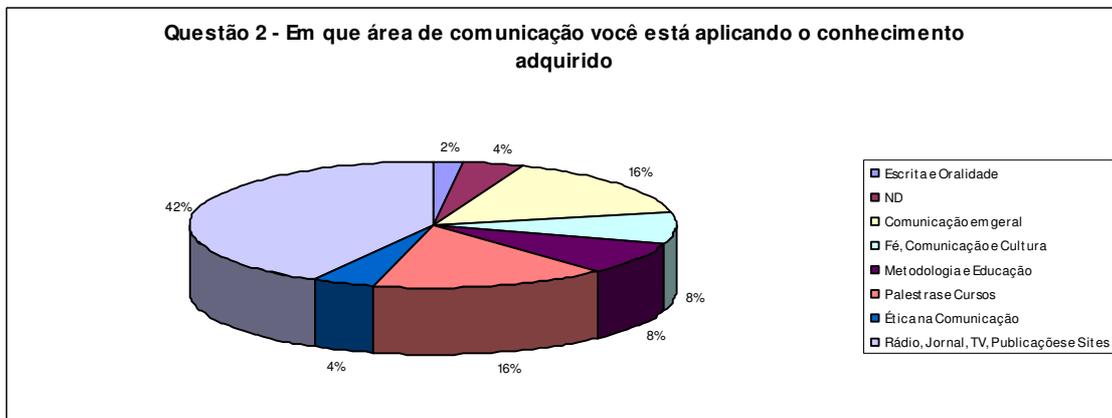
4

4

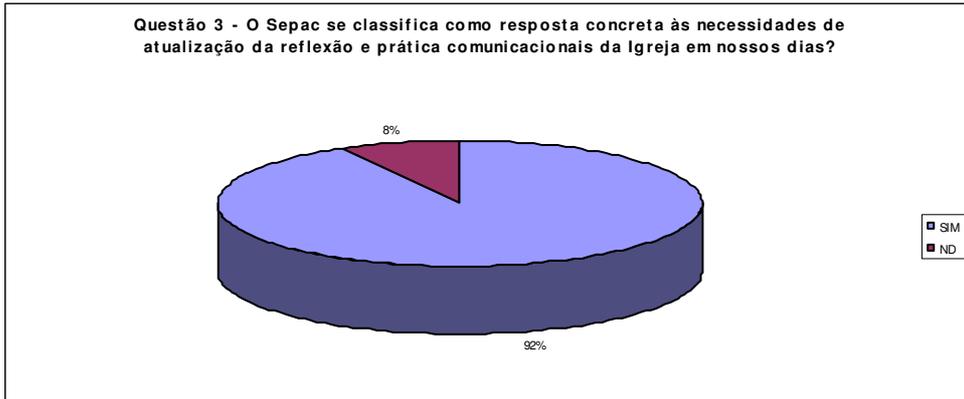
8

2

21

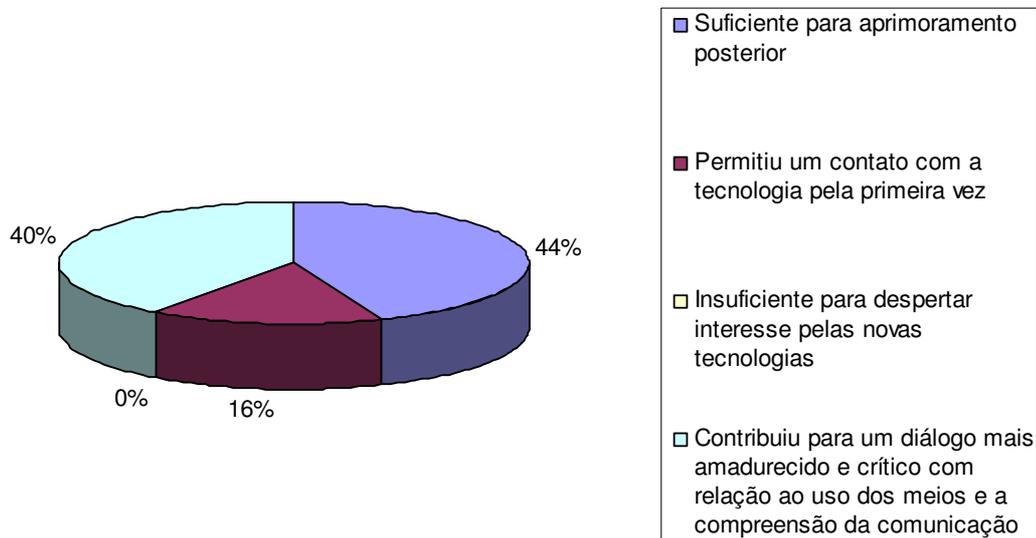


SIM ND
 46 4



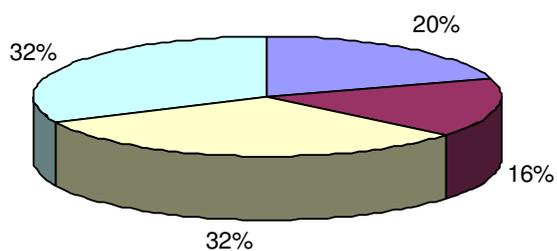
Suficiente aprimoramento posterior	para	Permitiu um contato com a tecnologia pela primeira vez	Insuficiente despertar pelas tecnologias	para interesse novas	Contribuiu para um diálogo mais amadurecido e crítico com relação ao uso dos meios e a compreensão da comunicação em sua globalidade
	22	8		0	20

Questão 4 - A partir de sua prática nos laboratórios cursados nos três módulos, você diria que o Sepac contribuiu para uma experiência de contato concreto com as tecnologias de comunicação e suas respectivas linguagens de modo



<p>A Igreja deve preparar-se com competência reflexiva e técnica para atuar concretamente no areópago da comunicação</p>	<p>Diante da progressiva insistência da Igreja em seus documentos oficiais para a formação e competência como articuladores para o diálogo com a cultura midiática, você entende que a Igreja esteja priorizando a qualificação de seus agentes de pastoral nesse campo</p>	<p>Você considera que haja uma ruptura entre as orientações oficiais e a prática da Igreja no campo da comunicação</p>	<p>O Sepac atua como agente catalisador do processo de reflexão e prática comunicacionais no cenário da cultura midiática.</p>
10	8	16	16

Questão 5 - O Sepac se propõe a formar agentes de pastoral de modo competente para atuar na evangelização da Igreja em meio à cultura comunicacional. Após o seu ingresso nesse curso você considera que:



- A Igreja deve preparar-se com competência reflexiva e técnica para atuar mais concretamente no areópago da comunicação
- Diante da progressiva insistência da Igreja em seus documentos oficiais para a formação e competência como articuladores para o diálogo com a cultura midiática, você entende que a Igreja esteja priorizando a qualificação de seus agentes de pastoral nesse
- Você considera que haja uma ruptura entre as orientações oficiais e a prática da Igreja no campo da comunicação
- O Sepac atua como agente catalisador do processo de reflexão e prática comunicacionais no cenário da cultura midiática.

ANEXO K. Depoimentos

Nome: Grimário Reis Neto

Cidade: Porto de Moz

Escolaridade: superior

Módulo em curso:

RG:2540711

UF: PA

Conclusão:

Agradecer é pouco diante de um tesouro oferecido pelo SEPAC. O curso de pós-graduação oferecido por esta renomada entidade abriu espetaculares horizontes para muitas pessoas que gostariam de aprimorar seus conhecimentos. O curso não só proporcionou conhecimento intelectual, mas acima de tudo, relações humanas entre pessoas de todos os estados desta federação. Falar do SEPAC é falar do Brasil. Lá o povo brasileiro, de fato, está representado. Do Norte ao Sul desse imenso país, as pessoas se deslocam para aprender os grandes “mistérios” da comunicação.

Inúmeras vezes, perguntei-me se não era apenas um sonho. De fato era um sonho, mas um sonho realizando-se. Uma oportunidade ímpar que estava recebendo, e acima de tudo, fazendo acontecer no meu trabalho pastoral. A minha preocupação não era apenas o que iria aprender, mas como iria repassar todos os conhecimentos adquiridos para as pessoas da paróquia a que sirvo. Pensar-me numa sala de aula, após cinco anos de sacerdócio, deixando os trabalhos pastorais e abdicando de minhas merecidas férias, não foi fácil. Mas a oportunidade a mim oferecida era muito mais importante.

A motivação e a graça das Irmãs Paulinas fizeram a diferença. Não obstante, a bolsa de estudo foi outro milagre. Moro no Norte do país, no estado do Pará, na Amazônia no município de Altamira. O deslocamento de onde estou para São Paulo é tudo tão difícil, muito embora, consegui romper também esse desafio.

Entretanto essa carta não é apenas para apresentar os desafios superados, mas agradecer esta inesquecível oportunidade a mim dedicada. Agradecer primeiramente a nosso bondoso e generoso Deus. Agradeço de coração às Irmãs Paulinas e a todos os colaboradores e colaboradoras por terem montado este valiosíssimo curso de Comunicação.

Por conta disso, gostaria de destacar algumas das contribuições do curso: sério; super-organizado; adequado para nossa realidade do dia-a-dia; professores extremamente capacitados; ambiente excelente; acolhida perfeita; bem montado; caráter cristão do curso etc. Parabéns! Desse modo, não poderia deixar de agradecer também os benfeitores da bolsa de estudo. Pessoas e não conheci, muito menos sei quem são. A elas devo este imenso favor. Obrigado por fazer parte da minha história acadêmica! Sem vocês tudo seria mais difícil.

O curso teve resultados práticos como também pessoais. A partir do laboratório de

Jornal impresso, montei um jornal para a paróquia denominado *A voz da Imaculada*. O perfil do jornal é informativo e educativo, com assuntos referentes à vida pastoral das lideranças. A impressão é trimestral. Estamos caminhando para a terceira edição.

No laboratório de Publicidade aprendi como fazer propaganda do mesmo objeto em diversas mídias. Esse segundo laboratório ajudou-me a perceber a especificidade de cada mídia e sua importância para a propagação de produtos e paradigmas sociais.

Chegando ao último módulo do curso, preferi o laboratório de Internet. É um meio de comunicação relativamente novo e imprescindível para a comunicação da pós-modernidade. Por conta disso, estou montando uma *Home page* para divulgar os trabalhos pastorais, e colocar a paróquia na rede mundial de computadores. Está em fase de construção. Estou fazendo consultas às pessoas, recebendo idéias e formas para que a página seja simples, porém com qualidade.

Diante disso, manusear aparelhos e máquinas de comunicação não é o principal objetivo do SEPAC. Dessa forma, após a última etapa do curso, concluí que pensar políticas de comunicação é muito mais importante do que aprender a fazer a comunicação. Discutir e propor políticas de comunicação que estejam de acordo com ética, é a nossa principal função como comunicadores e como cristãos.

Pensar a comunicação sem a ética é pensar o meio sem a pessoa. A diferença na comunicação é a ética. O curso do SEPAC leva o aluno a pensar a comunicação a partir da ética. Sem ética não há comunicação. Nosso país precisa urgentemente de comunicadores e meios de comunicação pautados pela ética. A comunicação não pode ser vista simplesmente como comércio, mas como serviço à população. A comunicação pós-moderna necessita da ética. Os “donos” da comunicação têm que trilhar pelo caminho da ética ou deixarão de ser “donos” da comunicação.

Por fim, agradeço, mais uma vez, às Irmãs Paulinas que compõem o SEPAC. Foram três etapas inesquecíveis na minha vida. Sempre farei a memória deste curso. Ando com o SEPAC no coração e na bolsa, divulgando e mostrando que vale a pena fazer o Serviço à Pastoral da Comunicação. Muito obrigado! E que Deus abençoe sempre todas as pessoas que formam esta instituição.

Depoimentos dos professores
Prof. Ms. Ricardo Lulai Ferreira.
Prof. da Faculdade Anhembi e SEPAC

Como eu percebo a importância da formação dos alunos no laboratório de internet e publicidade?

Os laboratórios de publicidade e de internet no SEPAC concentram seu público-alvo em líderes que atuam em comunidades, não de forma exclusiva, pois, alguns alunos não têm essa característica, como o caso dos que tomam conhecimento dos cursos por meio do site da PUC.

Em virtude do curso buscar a melhor adaptação desse aluno para atuar em seu respectivo meio, ele dá grande importância às tecnologias da informação. Em termos gerais, não só tecnologias são abordadas, mas também dá-se grande ênfase aos aspectos comportamentais, pois considera-se também a capacidade do indivíduo exercer influência por meio do desempenho em sua comunidade. Na disciplina de teatro, por exemplo, o aluno encontra os mais atuais conceitos de comunicação interpessoal, indispensáveis na formação de um líder.

No que diz respeito aos laboratórios de publicidade e internet, leva-se em consideração a grande audiência desses meios conscientizando os alunos que estes constituem importantes formas de transmissão de mensagens e conteúdo. A publicidade, utilizando os meios tradicionais, como tv, rádio, revista, etc, há décadas comprova sua eficiência e a internet deixou de ser um meio emergente para rapidamente tornar-se o meio tecnológico mais completo na transmissão de informação. Só no Brasil há 68 milhões de computadores conectados a internet, o que demonstra a expressividade do meio.

O SEPAC aprimora as capacidades comunicacionais de seus alunos, imergindo-os nesses paradigmas, mas não de forma inconsequente. Para sua formação a conscientização, teorização e prática devem estar em consonância a um plano educacional preciso, pois trata-se de uma oportunidade única que não pode ser desperdiçada, até pelo motivo de ser a comunicação, uma área de estudos extremamente complexa. E o aluno deve ter uma experiência positiva, percebendo que o conteúdo enriqueceu seu repertório e sua dinâmica para atuar como um gerador de opinião.

A percepção que temos, na formação de nosso aluno, é de que por mais que ele esteja inserido nas tecnologias da informação e consciente de seu potencial, não é possível o domínio dos métodos de construção de uma comunicação eficiente. Tal fato ocorre em virtude da extrema dificuldade na associação dos aspectos que envolvem uma produção e estão muito além da criação de um texto coerente, por exemplo. Estamos falando de adequação tecnológica, capacidade de explorar o meio e principalmente, entender a audiência.

Se não for por meio de um curso, o aluno deverá obter tais conhecimentos por autodidatismo o que pode nunca se encerrar, pois, ele deverá buscar domínios específicos em áreas extremamente abrangentes como a comunicação, tecnologia e psicologia e que poderá se tornar facilmente o esforço de uma vida. Seria praticamente como ele tentar “reinventar a roda”.

Uma abordagem direta, suficientemente abrangente, incitada pela prática desafiadora e coordenada por pessoas que usam seus conhecimentos profissionais e de vida, produzem uma experimentação que evolui o desempenho do indivíduo nos âmbitos comunicacionais e pessoais, de forma perceptível e altamente gratificante tanto para os alunos como para os docentes.

Essa é a minha percepção. Considero o ambiente de imersão, com os procedimentos planejados e controlados no sentido de produzir conhecimento, experiência e satisfação, o mais importante na formação dos alunos do SEPAC.

Prof. Ismar de Oliveira Soares
Professor da ECA/USP
Coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE)

O SURGIMENTO DO SEPAC: Memórias do Prof. Ismar O. Soares

Convivi com as Irmãs Paulinas o cotidiano do SEPAC, de sua fundação, em 1982, até meu ingresso na USP, em tempo integral, em 1988. A partir desta data, minha presença na vida da organização tem sido pontual, mas sempre intensa.

Se me fosse perguntado que momentos vividos no espaço do SEPAC ou em função de seus projetos permanecem mais vivos em minha memória, responderia que muito provavelmente quatro conjuntos de ações representados pela a fundação, pelos livros sobre leitura crítica, pelo curso teórico-prático de especialização e pela assessoria às escolas da AEC.

Didaticamente, seguirei o caminho da descrição dessas ações, em dois tópicos: a memória que me ficou o contexto em que ocorreram.

1. A fundação

1.1 - Memória

Na minha memória, o SEPAC foi gestado na Rua Piassanguaba, 2703, no Planalto Paulista, nas cercanias do Santuário de São Judas, em São Paulo, onde se localizava a casa provincial da Pia Sociedade Filhas de São Paulo. Era ali que a Irmã Élide Pulita, provincial, solicitou que eu permanecesse, a partir dos primeiros meses de 1982, prestando uma assessoria para a elaboração dos planos de trabalho do futuro centro. Era o tempo que a Irmã Ivani Pulga necessitava para preparar no andar superior da livraria localizada na Rua XV de Novembro, no coração da cidade, um espaço para o escritório, as reuniões e o programa de formação. De fato, em 18 de outubro, já tudo preparado, o Serviço à Pastoral da Comunicação foi inaugurado. No que me diz respeito, o mais significativo desse início foi, na verdade, a constatação da existência de uma convergência de interesses entre, de um lado, a decisão tomada pelas Filhas de São Paulo de ampliar seus serviços à Igreja no campo da comunicação e, de outro, o interesse da UCBC – União Cristã Brasileira de Comunicação Social, entidade ecumênica que eu presidia, de encontrar parceiros que viessem fortalecer seu programa de formação para a “leitura crítica da comunicação”, iniciado no final dos anos de 1970. É importante notar que na diretoria da UCBC encontrava-se, nesse período, uma irmã paulina, a jornalista Joana Puntel.

Da parte das paulinas, o interesse por um serviço à comunicação estava na pauta das reflexões das irmãs que participaram, no início da década, de um curso superior de filosofia ministrado especialmente para elas por professores da PUC/SP, entre os quais o Prof. Reinaldo Marias Fleuri, e do Instituto Metodista de Ensino Superior, entre os quais me encontrava. Por seu turno, a UCBC entendia que a meta de formar especialistas na disseminação da “leitura crítica da comunicação” poderia ser otimizada caso uma organização reconhecida por sua capacidade de articulação decidisse introduzir o tema da formação em comunicação entre seus objetivos institucionais. Em outras palavras, cruzaram-se interesses em se criar condições para se estabelecer programas regulares voltados à formação de agentes da pastoral da comunicação dedicados, entre outros campos, à educação para os meios. Estava em jogo, na verdade, a manutenção e atualização, em espaços adequados, de uma herança cultural que vinha sendo forjada no seio do movimento social.

A aproximação entre a UCBC e a irmã provincial das Filhas de São Paulo teve início

com o encaminhamento de uma carta de intenções, propondo a criação de uma entidade conjunta. A opção do conselho provincial foi em outra direção: o SEPAC nasceria como uma instituição exclusivamente paulina, contando, em seus inícios, com a assessoria da UCBC, representada, no momento, pelo Prof. Reinaldo e por mim mesmo. Reinaldo manteve-se até o ano de 1984, sendo o responsável pelo lançamento do primeiro trabalho impresso do centro: uma cartilha denominada *Tramas da Comunicação*, em quadrinhos, de autoria da jornalista Regina Festa. Da minha parte, mantive-me na equipe até 1988, quando fui admitido na USP em tempo integral, por concurso público.

1.2 - O contexto

A cartilha *Tramas da Comunicação* e o primeiro projeto de formação, a distância, sobre teorias e práticas da comunicação, destinado às próprias irmãs, traduziam, cada um a seu modo, a preocupação do SEPAC de estar sintonizado com o que havia de mais atual, no momento: o debate internacional sobre uma nova ordem mundial da informação e da comunicação, capitaneado pela UNESCO, ao que se associava a intenção de levar o debate para o seio da própria Igreja, na tentativa de movê-la a compreender que as opções pastorais – na época, a opção preferencial pelos pobres – deveriam estar se servindo de um modelo adequado de comunicação. No caso, como se afirmava nos seminários sobre teologia e comunicação coordenados pela Irmã Joana e pelo Pe. Gilberto Gomes, no espaço da UCBC, era preciso, primeira e definitivamente, “libertar a própria comunicação”. Não há dúvida que um forte cunho ideológico dava substrato a esta postura. Nada, contudo, que fechasse o SEPAC ao diálogo com a reflexão que ganhava impulso a partir dos meados dos anos 80, quando, por estas bandas do sul, passou-se a considerar a hipótese de que não eram os meios de comunicação que contavam, mas a própria cultura na qual estavam mergulhados os produtores e os consumidores midiáticos. No caso da UCBC, um seminário ocorrido em 1984 e que contou com a liderança de João Luis van Tilburg, marcou uma virada histórica. Já não se falava mais em “educação para os meios”, mas em “educação para a comunicação”, não mais a partir do que a academia afirmava ser o sistema de informação, mas a partir de como as pessoas para as quais os cursos se destinavam viam e se relacionavam com a mídia. A assim chamada “perspectiva dialética” de educação para a comunicação passou também a dar sustentação para os projetos do SEPAC, com destaque para a assessoria oferecida às escolas filiadas à AEC – Associação de Educação Católica, em 1984, objeto de tópico específico deste recorrido memorialista.

2. Os livros sobre leitura crítica

2.1 - Memória

Além da cartilha *Tramas da Comunicação*, o SEPAC produziu, entre sua fundação e o ano de 1988, quatro outros livros: *Para um Leitura Crítica do Jornal* (de Ismar de Oliveira Soares) *Para um Leitura Crítica da Televisão* (de João Luis van Tilburg), *Para uma Leitura Crítica dos Quadrinhos* (coordenado por Sonia Luyten) e *Para uma Leitura Crítica da Publicidade* (de Ismar de Oliveira Soares). Todos tiveram várias reimpressões.

2.2- O contexto

A primeira coleção de livros do SEPAC apareceu no momento em que o tema da “leitura crítica da comunicação” ganhava espaço junto ao movimento popular e dava seus primeiros passos na educação formal. Os textos captaram as mudanças de perspectivas que já

se anunciava e de nenhum modo eram apocalípticos. É importante lembrar que o mesmo pensador responsável pelo início da revisão do projeto LCC, da UCBC, João Luiz van Tilburg, foi autor de um dos livros da coleção. João Luiz trabalhava, na época, na FASE, uma organização sediada no Rio de Janeiro, especializada em avaliação e recuperação de organizações do movimento social, de cunho popular, e que em seus trabalhos adotava um ponto de vista dialético, na linha de Paulo Freire. Para ele, o importante não era o estudo sobre a mídia, mas a análise da relação que os receptores mantêm com os meios massivos. Foi certamente graças à coleção de livros do SEPAC que o tema se difundiu e ganhou legitimidade, chegando a ocupar lugar de destaque no texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, elaborado pela Câmara dos Deputados, no início dos anos 90.

3. O curso teórico-prático

3.1- Memória

Depois do curso a distância para o público interno, o SEPAC promoveu, em 1986, um ciclo de palestras e debates destinado ao público externo, realizado no salão da Igreja de São Judas, por onde passaram autoridades eclesiais, como Dom Cândido Padim, e pesquisadores da comunicação, como Carlos Eduardo Lins da Silva, na época editor do jornal Folha de São Paulo. O sucesso da experiência motivou à elaboração de uma nova proposta, concebida como um curso teórico-prático de especialização em comunicação, com duração de três semestres.

Desde o início, o curso foi pensado como um conjunto de atividades modulares, a serem cumpridas nas férias de julho e janeiro, somando à reflexão compartilhada por especialistas em três módulos teóricos (história da comunicação, teorias da comunicação e políticas da comunicação) o exercício das linguagens midiáticas, mediante práticas laboratoriais.

Uma tentativa de diálogo com a ECA/USP, no começo dos anos de 1990, no sentido de promover o curso com a certificação da USP não obteve êxito, levando em conta a intenção do SEPAC em manter a coerência epistemológica do projeto em relação às razões de sua origem, o que significava dizer que pretendia manter o controle sobre o conteúdo e a metodologia do programa acadêmico.

Somente depois de minha saída do SEPAC é que o curso ganhou o valor acadêmico correspondente a uma pós-graduação *lato sensu*, com a exigência da apresentação de uma monografia, inicialmente em parceria com a Universidade São Francisco, e, num segundo momento, numa colaboração com a PUC de São Paulo, onde se encontra até a presente data.

3.2- O contexto

O curso teórico-prático permitiu ao SEPAC ir além do público que o circundava na cidade de São Paulo, atendendo dioceses, agentes culturais e pastorais de outros estados, oferecendo ao Brasil uma visão alternativa aos pressupostos tradicionais que regiam as práticas comunicativas da Igreja. O SEPAC encontrava, assim, um caminho legitimado para inserir-se na pauta dos debates em torno da pastoral da comunicação no Brasil.

Na verdade, a proposta não era uma novidade absoluta. O braço masculino da família paulina mantinha um bem equipado centro de formação em comunicação aberto aos leigos, em Roma, e, no Brasil, o Regional Sul 3 da CNBB desenvolvia, já no início dos anos 80, um curso semelhante, em Porto Alegre, denominado ECOS - Escola de Comunicação Social, oferecendo oficinas de rádio, vídeo e jornal. No Nordeste, Irmã Armia Escobar mobilizava artistas e comunicadores para garantir formação aos agentes de pastoral de Recife e arredores.

Ao somar-se a estas experiências, o SEPAC trazia como novidade uma orientação teórica sedimentada numa parceria com as áreas de pesquisa da universidade. Desde o início, o Instituto Metodista de Ensino Superior (hoje, Universidade Metodista de São Paulo) e a Escola de Comunicações e Artes da USP representaram os espaços privilegiados onde o SEPAC encontrava seus colaboradores. Alguns nomes se destacaram, nesse processo, entre os quais o Prof. Dr. Mauro Wilton de Sousa, hoje diretor da ECA/USP. Para mim, pessoalmente, a experiência de ter podido estar no início do desenho do curso, ao lado especialmente da Irmã Élide Fogolari, e de ter sido convidado para ministrar aulas para as primeiras turmas, representou a concretização de um sonho, pois viabilizou a institucionalização de um processo formativo permanente, que primou e continua primando pela coerência entre teoria e prática.

4. A assessoria às escolas (ações educacionais, por excelência)

4.1- Memória

Nos anos de 1984 e 1985, uma experiência pioneira colocou a jovem e ainda pouco conhecida organização em contato com a Associação de Escolas Católicas de São Paulo. O projeto oferecia assessoria a um grupo de escolas vinculado à AEC. Um total de 12 colégios aceitou o desafio que consistia em substituir a tradicional “Feira de Ciências” por uma “Feira de Comunicação”. O objetivo era permitir que os alunos (do infantil ao colegial), seus professores e a comunidade escolar vivenciassem um contato com o mundo dos meios de informação, realizando, em grupos, o trabalho de identificar como a ciência e a mídia trabalhavam determinados temas julgados relevantes no currículo das diferentes disciplinas.

A assessoria teve início, em março de 1984, com uma reunião com diretores e professores desse conjunto de escolas, momento em que foram estabelecidas as regras básicas da experiência: cada escola faria um trabalho motivacional em seus respectivos espaços, reunindo um grupo de professores, que por sua vez convidariam e mobilizariam grupos de alunos para a realização, ao longo do ano, de trabalhos escolares extraclasse centrados na comunicação, mediante uma assistência acadêmica a ser oferecida pelo assessor do SEPAC.

Uma vez na escola, cabia-me fazer rodadas sucessivas de reuniões com os diferentes grupos de alunos (segmentados em equipes com crianças de 8 ou 10 anos; pré-adolescentes de 11 a 14 anos, ou adolescentes de 15 a 17 anos). Cada grupo com seu tema e suas expectativas. Em colégios como o *Regina Mundi*, o *Emilie Villeneuve*, o *Madre Mazarello* ou o Nossa Senhora Aparecida foram organizados grupos em todas as séries, dos pequenos, no fundamental, aos adolescentes do final do colegial, hoje chamado de ensino médio. Cabia a cada grupo escolher uma disciplina e no programa dessa disciplina, eleger algum fato de interesse “vital” para o grupo. Recordo-me que na disciplina da física, um dos “temas vitais” eleito por diversos grupos de diferentes escolas foi o referente à contaminação radioativa pelo césio 137, em Goiás.

No caso, o grupo promovia pesquisas sobre o tema da energia nuclear nos livros didáticos e nas enciclopédias (o Google ainda não existia!) para, em seguida, observar a forma como os jornais, o rádio e as TVs abordavam o tema. Elaborados os relatórios das duas pesquisas, cabia ao grupo comparar o que haviam descrito e elaborar um material de exposição para explicitar a natureza do tratamento dado a um mesmo objeto pela ciência e pela mídia. Processo seguinte: socializar os resultados obtidos com os colegas, utilizando, para tanto, um estande na “Feira da Comunicação”. Ao todo, os grupos despenderam sete meses de trabalhos com reuniões mensais com o assessor do SEPAC.

Lembro-me bem de uma turma de 20 alunos da 7ª série de uma das escolas que havia escolhido como objeto de estudo as “Histórias em Quadrinhos”, no contexto das aulas de

comunicação e expressão. Usando a mesma metodologia, o grupo foi pesquisar a “linguagem dos quadrinhos” na literatura especializada, dividindo entre os membros da equipe a leitura dos seriados vendidos nas bancas de jornais. Do estudo, resultou um estande com exposição de exemplares do trabalho dos mais conhecidos desenhistas de quadrinhos do exterior e do Brasil, somando-se a isso, o desafio proposto aos visitantes de darem prosseguimento a um das histórias em quadrinhos iniciadas pelo grupo e que deveria estar terminada ao final de 8 dias de feira. O Programa de auditório da Hebe Camargo foi objeto de estudo e exposição, assim como temas que envolviam as histórias infantis, as embalagens na venda de medicamentos, ou, ainda, a relação a publicidade com as crianças.

O teatro e a prática esportiva fizeram parte da feira. Cada escola produziu uma peça que era apresentada, em forma rotativa, nas 12 escolas parceiras. Quanto aos esportes, vencendo a resistência dos professores de educação física, foram abolidas as premiações e as medalhas, pois o tema da solidariedade passou a reger os exercícios físicos.

As “Feiras da Comunicação” ocorreram ao longo de dois anos, tendo sido interrompidas bruscamente em decorrência de uma crise econômica no final de 2005, momento em que as tensões de natureza financeira entre as mantenedoras dos colégios e os professores – muitos deles demitidos - passaram a dificultar os relacionamentos, quebrando a necessário espírito de colaboração que se fazia necessário para que a prática ocorresse.

4.2- O contexto

Ao conceber para o SEPAC este o projeto de assessoria de comunicação às escolas, alimentava, pessoalmente, a hipótese de que uma nova metodologia estava sendo requerida quando o propósito fosse levar o tema da “educação para a comunicação” para o ensino formal. Imaginava que melhor que promover uma prática linear de leitura crítica dos meios de comunicação no âmbito de alguma disciplina da grade curricular seria mais adequado propiciar aos estudantes que procedessem a um mergulho no mundo da comunicação a partir de algum problema relevante para suas vidas, presente no próprio currículo das disciplinas regulares do currículo.

A experiência das “Feiras de Comunicação” do SEPAC antecipou em 17 anos o trabalho que o Núcleo de Comunicação e Educação - por mim fundado na USP, em 1996 - passou a propor às escolas públicas municipais de São Paulo, através do *Educom.rádio*, em 2001: o emprego de uma metodologia de educação para a comunicação de forma problematizadora, mediante a pedagogia de projetos, numa perspectiva construtivista e dialética. Afinal, uma experiência nitidamente educomunicativa!

5. Conclusão

Como deixei entender no início de meu testemunho, cada pessoa que mantém ou manteve algum contato com o SEPAC, nesses 28 anos de trabalho contínuo, tem o que dizer, e muito. Não é diferente no meu caso. Se possuo uma história a compartilhar, tenho, igualmente, um dever de gratidão a expressar: Sou profundamente agradecido às Irmãs Paulinas pelo testemunho de fidelidade às razões filosóficas, teológicas e pastorais que estiveram na origem da criação do SEPAC. Uma fidelidade que certamente está fazendo a Igreja Católica no Brasil rediscutir suas opções por maneiras de fazer comunicação e de se relacionar com a cultura midiática. É o que se vislumbra no texto do estudo que o Setor de Comunicação da CNBB acaba de finalizar e que já obteve uma simpática aprovação por parte da presidência da entidade. Tenho certeza de que muito do que ali está escrito é fruto do testemunho de fidelidade do SEPAC a uma perspectiva renovada de ver e viver a comunicação.

ANEXO L. ENTREVISTAS

Profa. Dra. Ir. Joana T. Puntel
Jornalista. Doutorado na Simon Fraser University (Canadá)
Coordenadora de Cursos do SEPAC
20/10/2010

Fábio Gleiser: Dentre os pesquisadores de comunicação o seu nome é lembrado com respeito graças a seriedade com que a senhora atua no meio acadêmico. Olhando a trajetória do SEPAC e como coordenadora de cursos, como a senhora percebe que o SEPAC faz a conexão entre a ação pastoral da Igreja e a pesquisa científica no mundo da comunicação?

Profa. Joana: Bem, a resposta para essa pergunta reside na proposta do próprio Sepac, como um centro de comunicação, e, portanto, estando na igreja católica, uma proposta que se propõe a formar o cidadão humana-cristã e culturalmente na sociedade em que ele vive. Um trabalho sério hoje, na pastoral da comunicação, não pode desvincular-se de um caráter científico que leva à análise do mundo da comunicação e, portanto, à qualificação da própria pastoral, ou seja, o cristão dialogando com a cultura de hoje, demonstrando a sua fé, mas numa linguagem atualizada. Além do mais, é a pesquisa científica que ajudará o estudante do sepac a realizar um estudo em profundidade, formando convicções e tendo competência nos mais diversos campos onde ele deve atuar.

Fábio Gleiser: O SEPAC é considerado hoje um centro de formação de qualidade, além de ser referência no que diz respeito à formação para comunicação na Igreja. Qual a explicação para o fato de esse centro não ter se multiplicado em outras dioceses para que a sua experiência fosse repetida para além de São Paulo.

Profa. Joana: Acredito que esta pergunta pode ser desdobrada em duas respostas.

- 1- No SEPAC, nós não temos somente cursos acadêmicos. E o SEPAC, na verdade, vai às dioceses e às paróquias, inclusive universidades que solicitam seu serviço e os conteúdos que o próprio SEPAC pode oferecer, seja na atualização de padres, até bispos, leigos em geral, nos mais diversos Estados do Brasil.
- 2- A outra resposta é que o curso acadêmico que o SEPAC realiza é conveniado com uma universidade que possui o reconhecimento por parte do MEC, a PUC/SP. O SEPAC, como tal, não pode emitir certificado oficial de formação acadêmica, por não ser uma escola formal, mas um centro de comunicação. Entretanto para que os estudantes do curso de Especialização *lato sensu* possam receber reconhecimento do MEC e, portanto, prosseguir em seus estudos em qualquer universidade, achamos justo conceder aos alunos um certificado reconhecido pela entidade que o outorga. Por isso é que, mesmo que toda a estrutura é do SEPAC, o curso é conveniado com a PUC de São Paulo que emite o devido certificado.

Fábio Gleiser: Como coordenadora de curso e orientadora pedagógica cabe à senhora manter a formação acadêmica de qualidade e o vínculo com a ação pastoral da Igreja. Como o SEPAC tem concretizado essa relação entre pastoral e exigência acadêmica?

Profa. Joana: É uma longa trajetória em que o SEPAC foi construindo sua proposta, quer interna como externamente, isto é, a formação de agentes cidadãos, no campo cultural, especificamente agentes de pastoral. E o SEPAC tem caracterizado a formação dos estudantes, além dos conteúdos, insistindo e mantendo uma organização séria, disciplinada,

competente que qualifique a pastoral levando em conta a cientificidade. Como dizia padre Gustavo Gutierrez, “a pastoral precisa de cientificidade”. Isto é, ela não é basismo.

Fábio Gleiser: A cibercultura hoje é uma realidade e sua interferência no comportamento cultural é visível nas sociedades modernas. O SEPAC como centro que privilegia a reflexão teórico-conceitual acerca da comunicação não pode esquivar-se dessa realidade cultural. Como o SEPAC está se preparando para situar sua proposta de formação a esse novo cenário social?

Profa. Joana: Levando em consideração o seu contexto, isto é, o SEPAC vive a realidade de hoje e não dos anos em que foi fundado, respirando, então, o clima da época. A proposta é a mesma, mas a maneira de concretizá-la vai se modificando segundo as realidades atuais. Para isso, temos um corpo docente, que é também de pesquisadores, pessoas que estão sempre se atualizando os mais diversos paradigmas da comunicação, nas diferentes áreas. Por exemplo, na cultura, na imagética, na Igreja, na cultura digital ou pós-massiva.

Nesse contexto conteudístico discute-se, reflete-se sobre os possíveis caminhos a serem empreendidos nas exigências atuais, seja de mercado, seja de cultura, preservando sempre os aspectos fundamentais da ética e os princípios cristãos que constituem a filosofia do SEPAC.

Nesta ambiência é que os estudantes são encorajados a delinear e construir os diversos laboratórios (a sua prática), baseados em referenciais atuais, distinguindo o que realmente muda e o que permanece como princípio fundamental.

Profa. Ms. Ir. Helena Corazza.
Jornalista, Mestre em Ciências da Comunicação pela USP.
Diretora do SEPAC
21-10-10

Fábio Gleiser: De que maneira o SEPAC consegue conectar o pensamento comunicacional da Igreja com a cultura comunicacional a fim de que a formação não enverede por uma visão estritamente religiosa?

Profa. Helena: Entendemos que a Igreja está inserida no mundo e precisa dar uma resposta às questões atuais e, ao mesmo tempo, conversar com o interlocutor de hoje, desta sociedade contemporânea em constante mudança.

Da mesma forma, o SEPAC como uma instituição de comunicação e com uma missão clara, está inserido nesta cultura e busca sustentação teórica para suas práticas no contexto acadêmico e nas discussões atuais de comunicação. O SEPAC em sintonia com a orientação eclesial na área da comunicação procura discutir as questões a partir da sociedade o que resulta numa visão de filosofia cristã-católica, mas não fechada numa visão estritamente religiosa. Esta é uma orientação do fundador das Paulinas, o bem-aventurado Tiago Alberione: “não precisamos falar só de Deus, mas falar cristamente de todas as coisas”.

Fábio Gleiser: O SEPAC hoje é considerado um centro de formação de grande qualidade acadêmica e ocupa um lugar de referência para muitas dioceses. De que maneira vocês conseguem estabelecer uma continuidade da proposta formativa desse centro nas localidades para as quais se dirigem os que receberam formação?

Profa. Helena: O SEPAC capacita multiplicadores que sejam capazes de atuar em seu contexto. Percebemos que a experiência aqui vivida é muito forte e marca a vida das pessoas. O SEPAC já pensou em projetos de continuidade e maior vinculação das pessoas que aqui passam. Nos 25 anos fez um encontro com os ex-alunos. Mas não há um projeto sistemático para manter essa continuidade na proposta formativa. Muitas vezes, os cursistas pedem assessoria do SEPAC para projetos pontuais. Há lugares em que nos dizem claramente que os cursistas é que estão sendo os formadores locais. E isso nos faz pensar que formamos para o mundo e para a Igreja e não para nós. O que constatamos também é que grande parte dos agentes pastorais que fazem cursos no SEPAC assumem postos de liderança na área da comunicação em suas instituições.

Fábio Gleiser: Quantos alunos já passaram pelo SEPAC, e que retorno vocês recebem dos alunos em nível de continuidade da formação e na produção no campo da comunicação?

Profa. Helena: O SEPAC trabalha com cursos livres, tanto na sede quanto fora dela por meio de assessorias, e cursos sistemáticos conveniados com universidades.

Uma estimativa de participação a **cursos livres**, tanto desde 1988 é de:

Na sede do SEPAC, em São Paulo – 9.446 participantes

Fora da sede – em diferentes locais – 30.207 participantes (o número maior também se explica por que em muitos lugares onde o SEPAC vai para assessorar).

- Curso de Especialização Teórico-prático em Comunicação Social

Convênio: USF - Universidade São Francisco -
Período 1990 a 2002 – Pós-graduação *lato sensu* 224; Extensão Acadêmica 226

- Curso Cultura e Meios de Comunicação: uma abordagem teórico-prática
Convênio PUC-SP/COGEAE – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Período – 2002 – 2010 – Pós-graduação: 256; Extensão: 141

Fábio Gleiser: Quais são as dificuldades que o SEPAC precisa superar no mercado de comunicação que segue propostas antagônicas no campo da formação para a comunicação?

Profa. Helena: Um ponto forte é que o SEPAC precisa, a todo o momento reafirmar sua identidade, objetivos e adequar-se sim ao mercado, mas sem perder sua “cor”, a sua filosofia.

Fábio Gleiser: Como o SEPAC consegue estabelecer relação entre os três níveis de comunicação, primária, secundária e terciária para que o aluno possa atuar no mercado?

Profa. Helena: As pessoas que procuram o SEPAC têm objetivos próprios e pontuais. Alguns para iniciar-se na comunicação, outros para aprimorar seus conhecimentos e qualificá-los. Consideramos que há saberes diferenciados em nosso interlocutor. Pela sua prática e filosofia, o SEPAC dá muita importância ao relacionamento face a face, à convivência e à possibilidade da experiência, na metodologia dos seus cursos. O exercício da comunicação é informal, há trabalho em equipe, o que desafia a produção coletiva, e a atenção é personalizada com o cursista desde seus primeiros contatos. E mesmo fazendo-a de forma mediada, esta característica da vinculação, da atenção ao ser humano permanece.

- O curso favorece a capacitação prática de produção da comunicação em laboratórios, com praticamente 50% da carga horária. De forma que o aluno também se capacita para atuar no nível secundário, mediante meios de comunicação. Alguns, ao procurar o SEPAC já atuam, outros se capacitam e se qualificam no curso.

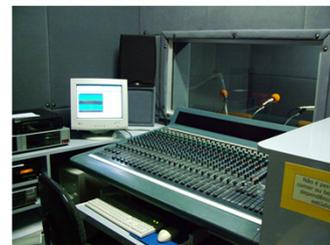
Com essa bagagem, acreditamos que o aluno faz o caminho a partir dos contatos existentes e a abertura a novas possibilidades que lhe são proporcionadas no curso e nos contatos.

Fábio Gleiser: O SEPAC tem projetos para alcançar sua autonomia financeira ou de que maneira pretende manter-se economicamente?

Profa. Helena: O SEPAC é um departamento inserido na Instituição Paulinas, não é isolado. De alguma forma ele tem sua autonomia financeira. Sempre trabalhou com projetos e parcerias para ajudar – dar bolsas – aos alunos que solicitam e/ou vêm de situações carentes. A nossa prática é viver do nosso trabalho. Neste momento, não há projetos especiais, mas isso poderá acontecer quando for oportuno.

SEPAC

ESPAÇO PARA *reflexão, eventos, simpósios,*
 cursos sobre a comunicação



É um Centro de Comunicação de Paulinas, que há 21 anos presta serviço à Igreja e à sociedade. SUA MISSÃO consiste em qualificar pessoas para evangelizar através da comunicação. Ou seja,

O SEPAC é um centro de comunicação que tem como objetivo a formação de agentes pastorais e sociais, que possam ser, depois, multiplicadores do estudo da comunicação, dos meios e processos.

Nós poderíamos dizer, que o SEPAC é o espaço aonde acontece a reflexão, eventos, simpósios, e, sobretudo, cursos de comunicação, sempre com a finalidade pastoral-formativa das pessoas, na área da comunicação.

Nós estamos cientes de que o mundo atual está vivendo a cultura da comunicação que exige mudança de paradigmas. É por isso que, a partir dessa realidade, o SEPAC qualifica as pessoas, através de seus cursos, para atuarem como sujeitos criativos, a serviço de uma comunicação comprometida com a cidadania, a promoção e a solidariedade humanas.

De maneira que, atento aos desafios da evangelização e da educação, na era digital, o SEPAC se preocupa e projeta a sua atividade para a educação da e na comunicação. Por isso, a reflexão, e, sobretudo, os Cursos de comunicação.

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
CULTURA E MEIOS DE COM.:
 uma abordagem teórico-prática

CURSOS LIVRES
 ➤ NA SEDE
 ➤ FORA DA SEDE

**EDUCAÇÃO PARA A
 COMUNICAÇÃO**
 ITESP
 STUDIUM THEOLOGICUM

Pois, então, o que é que o SEPAC oferece?

GOSTARIA de ênfatisar que, uma vez que o cerne da nossa proposta é a pastoral, o SEPAC entende que a Pastoral precisa ser qualificada, especialmente no mundo, na cultura da comunicação. Portanto, para que uma PASTORAL DA COMUNICAÇÃO seja bem articulada, sobretudo com competência e espírito cristão, é preciso conhecer o mundo da da comunicação, desenvolver uma leitura e discussão crítica da comunicação e ATUAR com competência, qualidade e um substrato cultural, a Igreja precisa se preparar. A pessoa humana precisa se localizar, buscar referenciais que apresentem valores de vida, de cultura, de humanidade.



LABORATÓRIOS

JORNAL



RÁDIO

TEATRO



VÍDEO



INTERNET
PUBLICIDADE



NESTA EDIÇÃO

Inaugurado novo espaço cultural	Pág. 8	Religião/Comunicação	3	Estação da Língua Portuguesa	Pág. 2
		Meio Ambiente	5		
		Esporte	6		
		Educação & Tecnologia	7		

Jean Paul Goussier

SÍNTESE SÍNTESE

Boletim Informativo do Laboratório de Jornal do Sepac ... Ano XVII ... nº 64 ... Julho de 2010
 Curso Cultura e Meios de Comunicação: uma abordagem teórico-prática ... Distribuição Gratuita

ELEIÇÕES



Está na hora de colocar o voto na urna

Pág. 4

SÍNTESE

Boletim Informativo do Laboratório de Jornal do Sepac ... Ano XV ... nº 59 ... Janeiro de 2008
 Curso Cultura e Meios de Comunicação: uma abordagem teórico-prática ... Distribuição Gratuita

ESCOLHE, POIS, A VIDA (Dt 30,19)



CNBB convoca a reflexão sobre Fraternidade e vida
 pág. 5

RELIGIÃO

Aumenta a visibilidade de padres na mídia
 Pág. 2

EDUCAÇÃO

Ed Dampila, saberes nas faculdades católicas
 Pág. 5

CULTURA

Nipo-brasileiros comemoram centenário
 Pág. 7

SÍNTESE

Boletim Informativo do Laboratório de Jornal do Sepac ... Ano XV ... nº 60 ... Maio de 2008
 Curso Cultura e Meios de Comunicação: uma abordagem teórico-prática ... Distribuição Gratuita

Você tem fome de quê?

Escassez de alimentos reacende o debate sobre a fome no mundo



EDUCAÇÃO

Políticas educacionais estimulam o acesso ao ensino superior
 Pág. 8

COMUNICAÇÃO

Protagonismo e serviço, são temas do dia mundial das comunicações
 Pág. 6

CULTURA

Brasil celebra 120 anos da abolição da escravidão e 200 da imprensa
 Pág. 8

LABORATÓRIO DE JORNAL IMPRESSO

L'OSSERVATORE ROMANO

PATTI DELL'ASSOCIAZIONE

Il prezzo d'associazione da pagarsi anticipatamente è fissato: Per Roma — Un anno Sc. 6. — Un semestre Sc. 3. 20. — Un trimestre Sc. 1. 60. — Fuori di Roma con il pagamento relativo all'accomodare delle tasse postali-gabitate per diversi Stati. Un foglio separato costa baj. 5. — Chi vorrà in Roma il Giornale a domicilio pagherà baj. 15 mensili. Il Giornale si pubblicherà tutti i giorni meno le Feste di Precezio alle ore 5 pomeridiane.

GIORNALE POLITICO-MORALE

LE ASSOCIAZIONI SI RICEVONO

Palazzo de' SS. XII a' postoli Num. 56 alla Trincerina S. Vincenz. — La distribuzione si farà all'ora indicata. 1919a Piazza stessa al Num. 56. Le lettere e i gruppi debbono essere diretti conchi alla Direzione e Amministrazione dell'Osservatore Romano Piazza de' SS. XII a' postoli Num. 56. Ogni gruppo porterà il nome e cognome del sottoscrittore. Per le inserzioni si pagherà in ragione di baj. 3 per linea e 1 manoscritto ogni settimana.

Lunedì 1 Luglio 1861.

AVVISO

Quei Signori a cui si spedisce il presente numero, s'intenderanno come associati per un trimestre, qualora non lo restituiscano indicando il rispettivo loro nome.

L'OSSERVATORE ROMANO A' SUOI LETTORI

In quale momento l'Osservatore Romano viene anch'esso a prender posto fra l'immenso numero dei giornali italiani?

È questa una domanda che nascerà senza dubbio all'annuncio del nostro Osservatore, domanda che noi medesimi abbiamo sentita in tutta la sua forza, e alla quale ci è stato mestieri rispondere, prima di determinarci all'impresa, in cui ci mettiamo.

L'Italia è omai divisa in due campi contrari, ognuno de' quali avendo francamente innalzata la propria bandiera, tutti coloro che parteggiano per uno de' combattenti, sono di necessità in un'opposizione irconciliabile rispetto all'altro. Ogni dubbio, ogni illusione tornano impossibili, e conviene saper grado alla Provvidenza d'aver condotte le cose a tal punto, che ogni uomo ragionevole non possa esitare un istante solo sotto quale stendardo egli debba schierarsi.

Noi ascoltiamo iteratamente l'Augusto Capo della Chiesa Cattolica dichiarare, che gli attuali rivolgimenti d'Italia iniziati cogli auspicj d'una falsa indipendenza e d'una menzognera libertà, non hanno altro scopo che di abbattere, se fosse possibile, la Religione, e con essa tutti i principj, che da questa Chiesa unicamente derivano, e senza de' quali si dissolve ogni comunanza sociale. Lo abbiamo sentito, nella sua Allocuzione del 18 Marzo passato, ripudiare ogni partecipazione. « a quell' » rito e la giustizia, che eccita e fomenta » la licenza, che cammina al suo fine colla » frode e colla violenza, e tenta di distrug- » gere la Chiesa di Cristo ». E quale consorzio (ha detto il Pontefice) può esistere fra la giu-

stizia e l'iniquità? Quale società fra la luce e le tenebre? Quale accordo fra Cristo e Belial?

Ebbene, tosto dopo l'Allocuzione del Vicario di Gesù Cristo, anche i rivoluzionari manifestarono apertamente i loro propositi, le loro ferme intenzioni. Sotto il pretesto di far guerra al potere temporale della Chiesa, come ostacolo alla chimera unità dell'Italia, e coonestando la brama di rapir Roma al Pontefice per farne la Capitale del nuovo regno, essi hanno decretata la ruina della religione Cattolica, per surrogarle la servitù delle coscienze, e il trionfo dell'arbitrio, o della forza materiale.

Lasciamo parlare il Conte di Cavour al Parlamento italiano nella seduta del 25 Marzo. —

« È impossibile di concepire un'Italia costitu- » ta, senza Roma per Capitale. Il potere tem- » porale del Papa non può più esistere. Estraneo al movimento dei secoli, il Papa è ob- » bligato per dovere religioso d'apparsi alle ri- » forme socialmente necessarie; bisogna dun- » que rispettare i suoi scrupoli e spogliarlo. » Il Potere temporale non è una garanzia per » la sua indipendenza spirituale, è piuttosto » un ostacolo. L'unione del potere temporale » collo spirituale è un flagello in Roma come » a Costantinopoli: toglierne il peso al Papa » è renderlo libero; e per renderlo libero noi » dobbiamo andare a Roma, ove giunti, pro- » clamiamo la separazione della Chiesa dallo » Stato, la libertà della Chiesa, e ne scri- » veremo i principj nello statuto fondamentale » del regno ».

I cattolici, del pari che i rivoluzionari italiani conoscono troppo bene qual senso convenga attribuire a quel detto — Separazione della Chiesa dallo Stato, e libertà della Chiesa: ma dove la questione si fa nitida e chiara, dove l'intento degli avversari si palesa in tutta la sua evidenza, egli è là in quelle altre memorande parole. Estraneo al movimento dei secoli, il Papa è obbligato per dovere religioso di opporsi alle riforme socialmente necessarie. Noi non desideriamo di più. Vi è dunque un movimento del secolo in opposizione al movimento della Chiesa di Cristo; vi è un dovere religioso contrario ai doveri della setta rivoluzionaria; vi sono riforme socialmente necessarie, ma religiosamente vietate.

Noi eravamo, e abbiamo la sorte di credere ancora che non vi abbia se non una sola verità, e per conseguenza una sola necessità morale e sociale, la necessità della giustizia, la necessità del rispetto dovuto al diritto. Una dunque delle due assertive dev'essere assolu-

tamente falsa ne' suoi principj, fanesta nelle sue applicazioni e ne' suoi effetti, come l'altra per ragion dei contrari dev'esser santa e infallibile nelle sue massime, utile e benefica nelle sue pratiche effettuazioni.

Che il Pontefice parli in nome di Dio, la fede ce lo insegna, e la civiltà evangelica diffusa pel mondo ce ne offre da diciannove secoli la riconferma. Chi sono pertanto questi uomini che si ribellano alla voce del Vicario di Gesù Cristo, che spargono dottrine avverse alle sue, e che contristano di tanti mali la nostra povera patria? Sono uomini trasportati da immensa ambizione di dominio e di prepotenza, uomini che rinnegano ogni idea la più elementare di religione, e di buon senso: e voi li udite difatti pareggiare la potestà Spirituale del Romano Pontefice a quella del successore di Maometto; dar nome di scrupolo alla sublimata fermezza onde Pio IX resiste alle violenze rivoluzionarie; osteggiare il dominio temporale della S. Sede come ostacolo alla sua spirituale indipendenza, nell'atto stesso che la voce del Supremo Gerarca, e la storia di dodici secoli attestano che la Provvidenza ha voluto appunto di quel dominio temporale costituire una forte garanzia all'indipendenza della cattolica religione e dell'Augusto suo Capo: e sono giunti per fino a proclamare che il Dio di Pio IX non è il Dio di Vittorio Emanuele.

Compiangiamo la loro cecità, o per dir meglio, la loro scelleraggine, ma ralleghiamoci della loro franchezza. Se da principio, i semplici e gl'inesperti potevano cadere in inganno, perchè la rivoluzione non aveva ancora smascherati i suoi progetti, comechè la Chiesa li avesse già presentiti e denunziati al mondo cattolico; oggi la luce è manifesta e l'inganno non può essere che volontario. In una lotta in cui si cimentano interessi di tanto momento, quali sono gl'interessi della fede, della civiltà della stessa esistenza sociale, nessuno può restarsi spettatore inerte, ma dee combattere con una delle due parti.

Noi seguimmo finora colla massima ansietà cotesta pugna, ed affrettammo coi nostri voti il trionfo di quella parte, verso la quale ci sospingevano le convinzioni dell'animo; le voci della coscienza, e gli stessi affetti dell'onore. Ed oggi in cui tutto sembra indicare l'appressarsi di quell'istante supremo, dal quale dovrà dipendere la vittoria della fede o dello spirito irreligioso, quella della giustizia e della iniquità: oggi che, onestamente parlando, tutte le speranze di un fortunato successo sembrano

L'OSSERVATORE
ROMANO

N.1 — 1º de julho 1861

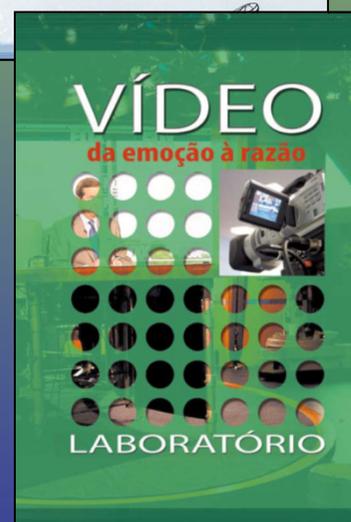
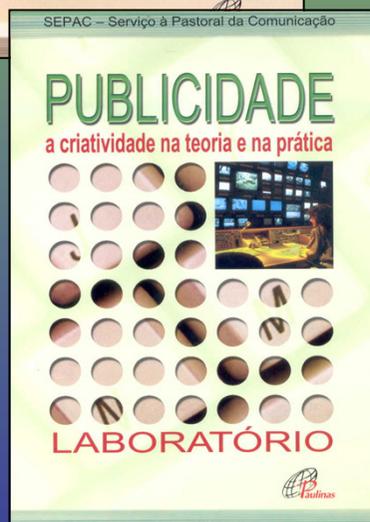
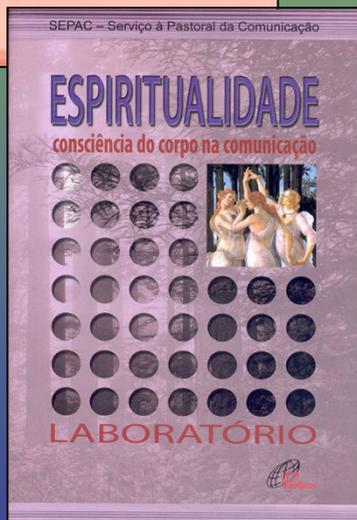
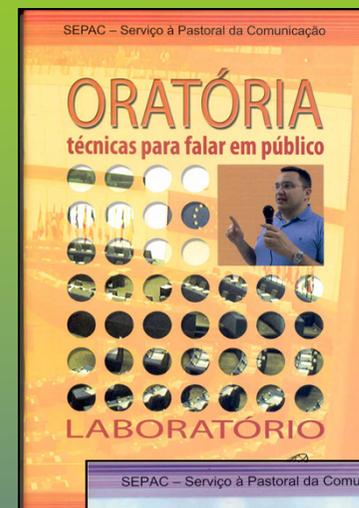
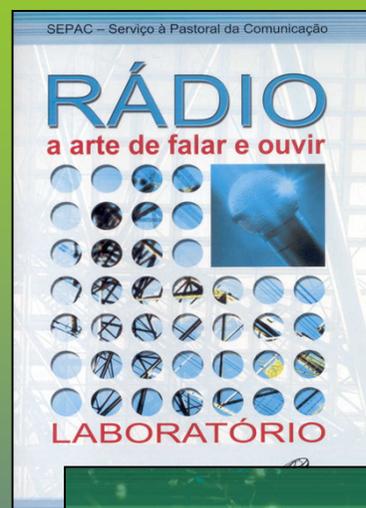
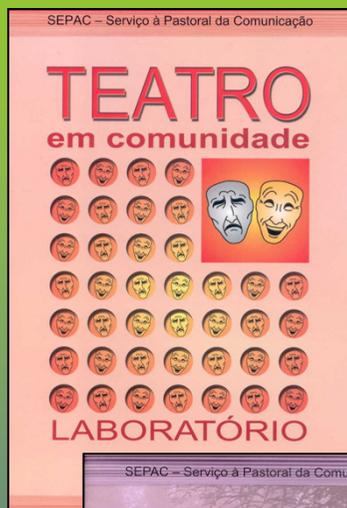
SEPAC

PUBLICAÇÕES

**Coleção Pastoral da
Comunicação: teoria e prática**

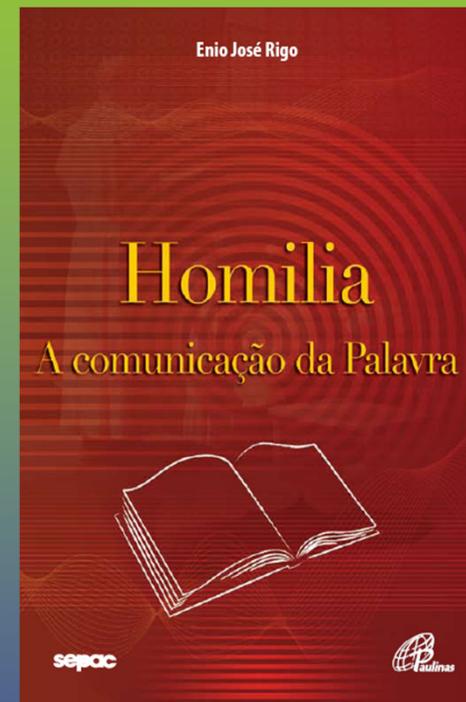
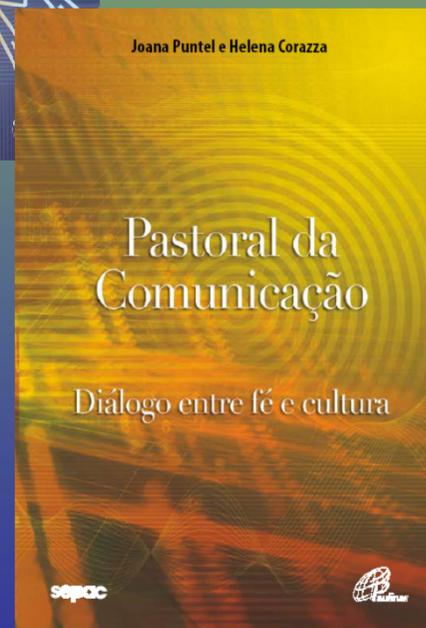
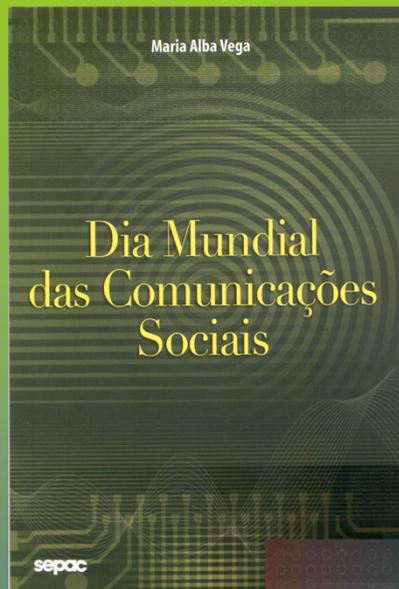
SÉRIE MANUAIS

a prática dos conteúdos dos laboratórios realizados no
SEPAC



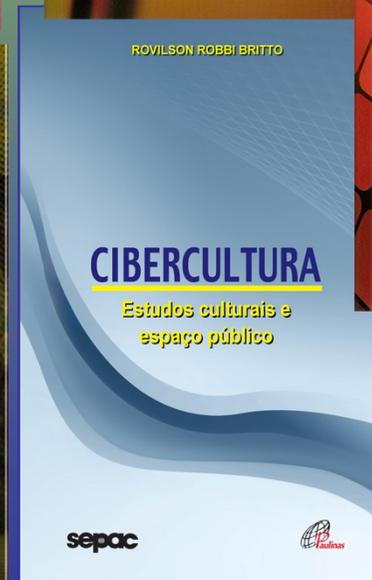
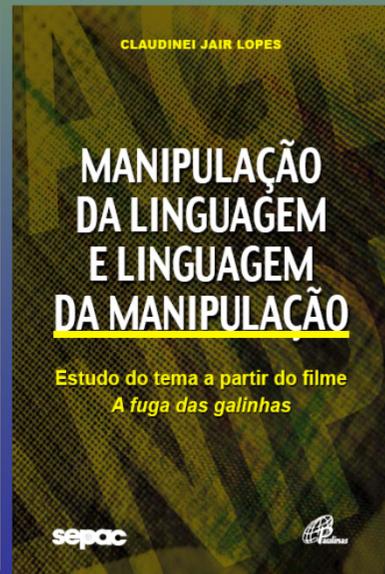
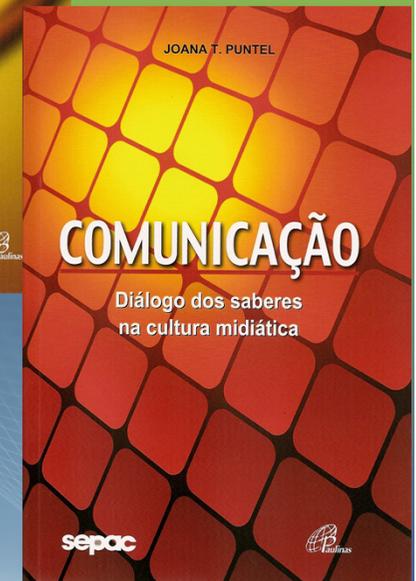
SÉRIE DINAMIZANDO A COMUNICAÇÃO

para formar agentes comunicadores



SÉRIE COMUNICAÇÃO E CULTURA

suporte cultural para o aprofundamento de temas comunicacionais





**Coleção Pastoral da
Comunicação: teoria e prática**